

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE:
HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Col-
legio de Alcobaga.*

TOMO OITAVO.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXIX.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Historia Testis temporum ; Lux veritatis ;
Vita memoriae : Magistra vitæ ; Nuntia
vetustatis.

Cicero.

FOI taxado este Livro a quatrocentos e quarenta
réis em papel : Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.



HISTORIA UNIVERSAL.



DUODECIMA ÉPOCA.

HENRIQUE IV.

AS INFELICIDADES DA FRANÇA REPARADAS
POR HUM BOM REI.

*Des do anno de 1589 até o ministerio do
Cardeal de Richelieu em 1624.*

CAPITULO I.

*Guerra de Henrique IV. contra os conspi-
radores. --- Abjura Henrique o Calvi-
nismo, e affrouxa-se a Liga.*

R EINÁRAÕ successivamente hum
depois do outro, tres filhos de Henri-
que II., e não deixáraõ successão. O ra-
mo da casa de Valois achava-se extincto:
Henrique de Borbon, Rei de Navarra,
descendente de S. Luiz, era parente do
ultimo Rei em vigesimo segundo grão.

Direito
de Henri-
que IV. á
Coroa.

TOM. VIII.

A

Com

Com tudo pertencia-lhe a Coroa, como primeiro Principe de sangue. Parecia que o Ceo tinha disposto os successos, formado o seu coração, e o seu animo, para o constituir o exemplar dos Reis de França. Os seus defeitos, os quaes não dissimularemos, eraõ defeitos de huma alma terna, e sublime.

Suas excellentes qualidades.

Valor heroico, sagacidade admiravel, bondade generosa, amor da gloria, e da Pátria, sinceridade, rectidão, economia, talentos para os negocios, habitação ao trabalho, amavel, e nobre simplicidade; tudo lhe devia attrahir a voluntaria homenagem dos Póvos obrigados a obedecer-lhe por causa do direito do seu nascimento. Porém a sua religião, posto que fosse Calvinista sem ser obstinado, escurecia á vista da maior parte do Reino as suas excellentes qualidades, até chegar a fazer violar o seu respeito huma lei fundamental, que ter-se-hia respeitado a favor de hum Principe minino, e pussilanime, ou tambem de hum Principe malvado, se o fanatismo não fosse a causa dos delirios dos Francezes.

Obstaculos na sua religião.

1599
O Duque de Mayenna Chêfe da Liga.

O Duque de Mayenna, Chêfe da Liga, depois da morte de seus irmãos, dos quaes não possuia nem a actividade, nem a audacia, teria podido intitular-se Rei; mas preferio antes dar este titulo ao velho

lho Cardeal de Borbon, sempre prisioneiro. Henrique IV., abandonado pelo maior número, reduzido a seis mil homens, de trinta mil que tinhaõ principiado o sitio de Pariz, retira-se para Dieppe. Perseguiu Mayenna a Henrique com hum Exercito tres, ou quatro vezes mais poderoso, e perdeu a batalha de Arques. O vencedor alcança no anno seguinte huma victoria completa em Ivry; onde antes da acção fez esta admiravel falla ás trópas: *Filhos, se vos faltarem as cornetas, juntai-vos ao meu penacho branco; que sempre o encontrareis no caminho da honra, e da gloria. Deos he por nós.* Com effeito, despresando Henrique mil perigos, deo o exemplo do valor, e o da humanidade, clamando, quando se perseguiaõ os fugitivos: *Salvai os Francezes.* E por ventura os Francezes podiaõ ser seus inimigos!

Batalhas
d'Arques,
e d'Ivry.

Foi Pariz em breve tempo bloqueada. Quanto mais digno de amor se mostrava o Rei, tanto mais se manifestou o odio dos conspiradores em Pariz contra elle. O Cardeal de Borbon pouco havia que era morto. Com esta noticia, decide-se em Sorbona (porque os Theologos tudo decidiaõ) que Henrique, herege relapso, e excommungado, não póde ser reconhecido, *ainda quando fosse absolvido das censuras.* Privado o Parlamento dos

1590
Bloqueio
de Pariz.

Excesso
da Sorbona,
do Parlamento,
&c.

melhores membros, que tinha, approva hum decreto tão horroroso, e prohibe sob pena de morte toda, e qualquer proposição de ajuste com Henrique. Hum regimento de Clerigos, e Monges, armados com coirassas, e mosquetes, corre pelas ruas a fim de animar a plebe, já muito furiosa. A fome chega a ser insupportavel: faz-se pão dos ossos dos mortos, reduzidos a pó. A palma do martyrio, promettida pela Sorbona, anima huns infelizes entusiasmados; ao mesmo tempo que os Monges, que a prégaõ, apenas sentem necessidades. Visitaõ-se os Conventos, em que se achão provimentos, que aliviaõ hum pouco a miseria de huma plebe faminta.

Bondade
excessiva
do Rei pa-
ra com os
Parisienses.

Se Henrique não usasse de compaixão com semelhantes furiosos, seguro estava de tomar a Capital, onde duzentos mil homens desfalleciaõ á pura necessidade. Porém, *mais estimaria eu não possuir Paris*, dizia Henrique, *do que arruinalla de todo com a morte de tanta gente*. Deixa passagem livre ás boccas inuteis, e permite aos seus Officiaes, e soldados, que mandem entrar refrescos para os seus amigos, e por meio desta bondade de Pai, que o rigor das armas não permite em taes circumstancias, expõe-se a perder o fructo dos seus trabalhos, e a prolongar a guerra civil.

Tinha Philippe II. suas intenções sobre a Corôa de França. He certo que elle protegia a Liga; mas só lhe mandava mediocres soccorros, a fim de a ter sujeita aos seus intentos: e receando perder tudo com a tomada de Pariz, ordenou ao Duque de Parma que fizesse marchar o seu exercito para esta Cidade. Este grande General deixa os Paizes-Baixos, onde Mauricio, filho, e successor do Principe de Orange assassinado, defendia por meio dos seus esforços a República Hollandeza. Com a sua chegada levanta Henrique o sitio, para ir combater. Ficou Pariz libertada: Farneze, que nada mais devia desejar, evita sábia, e prudentemente o combate, e torna aos negocios urgentes do seu Governo dos Paizes-Baixos. Foi então deploravel a situação do Rei; o qual, falto de dinheiro, vê as suas tropas abatidas, e prestes á abandonar os estandartes; e até se vê hum dia reduzido a ir jantar á meza do seu Superintendente, Francisco de O, mais occupado com a sua commodidade, do que com as necessidades do Soberano.

Pariz libertada
por Alexandre Farneze.

Triste situação de Henrique.

A esta desgraça se seguirão outras infelicidades. Não satisfeito o Duque de Saboya com o Marquezado de Saluces, pretendeo invadir o Delfinado, e a Provença.

Invasão do Duque de Saboya.

vença. Lesdiguières , grande Capitão , salvou o Delfinado ; porém o Duque foi recebido em Provença com grandes demonstrações de jubilo , e o Parlamento de Aix , seguindo a commum loucura , o nomeou *Tenente General* , *sujeito á Corôa de França..*

1591
Gregorio
XIV. de-
fendeo os
conspira-
dores.

Gregorio XIV. pela sua parte ordenou , sob pena de excommunhaõ , que todos abandonassem o partido de hum Principe *herege* , *e privado de todos os seus Dominios*. Ainda fez mais ; mandou trópas , e dinheiro aos conspiradores. Dinheiro remettido de Roma para França ! Não he o menor phenomeno d'aquelle tempo. Já Filipe tinha grandes esperanças da Corôa , ou para si mesmo , ou para sua filha. Se a maneira de proceder dos Dezasseis fosse igual á sua audacia , talvez que Filipe chegasse a alcançar a Corôa , pelo menos de passagem , até que a nação viesse no conhecimento de toda a ignominia do jugo estrangeiro.

Os De-
zasseis á
força de
attentados
alcançaõ o
castigo.

Não conhecendo estes impetuosos rebeldes freio algum , e pretendendo dar leis ao Duque de Mayenna , assim como aos outros , precipitavaõ-se por meio dos seus proprios excessos. Não tendo o Parlamento condemnado á mórte hum homem , que elles pretendiaõ perder , mandáraõ enforçar tres magistrados , e particular-
men-

mente a Brissou , que exercia o emprego de primeiro Presidente. Chega Mayenna enojado , toma occultamente sábias , e prudentes medidas , entrega aos algos alguns dos mais furiosos , expulsa a Bussi le Clerc da Bastilha , e deste modo soffrea huma facção abominavel , cuja força provinha toda da demencia do fanatismo.

Os negocios do Rei nem por isso se adiantavaõ mais. Vários soccorros de Inglaterra , e Alemanha o pozeraõ em estado de sitiar Ruaõ ; onde porém encontrou huma resistencia obstinada , e quando esperava triumphar , teve o dissabor de vêr o Duque de Parma roubar-lhe segunda vez a preza. Levantou o sitio , arden- do em desejos de vingar-se por meio de huma batalha. Perseguido Farneze , e opprimido em a Normandia , escapou-lhe , passando de noite o Sena por huma ponte de barcos. A sua retirada foi tão gloriosa , quanto Henrique a tinha julgado impossivel. Pouco tempo depois morreo em Flandres este grande General , na idade de quarenta e sete annos. As suas virtudes exaltavaõ o esplendor dos seus talentos militares. Ninguem teria sido mais proprio para reduzir as Provincias unidas debaixo do dominio de Hespanha , se hou- vera remedio para as desgraças , que ti-
nhaõ

Ruaõ si-
tiada por
Henrique.

O Duque
de Parma
obriga
Henrique
a levantar
o sitio.

Môrte
deste gran-
de Gene-
ral.

nhaõ causado o dispotismo, e a perseguição.

Perdeo o Duque de Saboya em breve tempo a Provença; e Lesdiguières dissipou as tropas do Papa, sem que parecesse affrouxar-se a grande paixão dos conspiradores. Certo lance mostra também a loucura do seculo. Tendo o Conde de Bouchage, irmão do Duque de Joyosa, entrado na Religião dos Capuchinhos em 1587, foi obrigado, sob pena de peccado mortal, a largar o habito monastico, para pôr-se á frente do Exercito. A sua vocação para os Capuchinhos (cujo habito tornou depois a tomar) bem prôva que elle não era hum Alexandre Farneze; mas era propria, sem dúvida, para inspirar confiança, e enthuziasmo aos conspiradores.

Bouchage, duas vezes Capuchinho.

1593
A Corte de Roma, e Philippe II. empenhãõ-se em fazer eleger hum Rei de França.

Este partido recebe sempre a impressão da Corte de Roma. Seguindo Clemente VIII. (Aldobrandino) as pisadas de Gregorio XIV. tinha em Pariz hum Legado, que dirigia os movimentos. Hum Bulla exhorta os Francezes para a eleição de hum Rei: Mayenna convoca os Estados Geraes; nesta Junta, onde os conspiradores julgaõ representar a nação, requer o Legado (*) hum juramento de nun-

(*) O Legado presidia a esta Junta.

nunca já mais receber Henrique , ainda quando abjurasse a herezia ; do que já vimos que a mesma Sorbona constituia huma obrigação. O Duque de Faria , Embaixador de Filippe II. pede , que se colloque no Throno a Infanta de Hespanha , que casaria com o Duque de Guiza. As Leis do Reino eraõ pisadas aos pés : tudo se preparava para se entregarem a hum Senhor Estrangeiro. Sahindo o Parlamento por felicidade do seu infame lethargo , deo huma sentença conforme a Lei Salica , que nenhum pretexto de Religião podia aniquilar. Quanto mais desvairáraõ aquelles magistrados , tanto mais confundio os sediciosos a sentença.

Porém , se Henrique IV. persistisse na sua Religião , huma barreira invencivel se oppunha aos seus direitos , e esforços. Isto conhecia elle. Continuamente tinha declarado que desejava sinceramente instruir-se ; que estava prompto para abraçar o partido da verdade , assim que o desenganassem do erro ; e que a guerra implacavel , que se lhe fazia , era a unica causa , que o impedia de occupar-se neste grande objecto. Não havia cousa mais justa , do que as suas queixas. O Legado , os Hespanhoes , e os entusiastados tinham chegado a tanto com a sua obstinação , que reprováraõ hum projecto de

Henri-
que quei-
xa se que o
impedem
de se con-
verter.

con-

conferencias entre os Catholicos de ambos os partidos. Estas conferencias todavia se tinhaõ tido em Surene, sem produzir cousa, que util fosse.

Determina-se Henrique repentinamente, e abjura o Calvinismo.

Os Catholicos apaixonados pelo Rei principiavaõ a queixar-se da sua perseverança no Calvinismo. Representaõ-lhe os Calvinistas moderados (*) a necessidade de huma mudança; diziaõ elles que o *Canon* da Missa era necessario para triunfar dos rebeldes. Entre os proprios ministros da refôrma alguns vencião as difficuldades, confessando que cada hum se podia salvar na Igreja Romana. Finalmente conferio Henrique hum ou dous dias com vários Bispos; resolveo-se, e abjurou em S. Diniz na presença de infinitos Parisienses. Nesta cerimonia foi grande o concurso, posto que o Legado, augmentando os excessos da Corte de Roma, tivesse prohibido assistir a ella, sob pena de excommunhaõ.

Com tudo o fanatismo ainda o perturbava.

Se a politica, como não se pôde duvidar, teve grande parte na conversão do Monarca, nunca ella talvez fez maior bem ao Reino. Que esperança podia haver de acabar de outro modo a guerra civil, pois que huns conspiradores desenfreados se aproveitáraõ d'aquelle instante pa-

(*) Entre outros o Duque de Sully.

para redobrar os seus esforços? Hum Cura de Pariz prégou nove vezes contra a absolvição concedida ao Rei pelo Arcebispo de Burges. Hum Franciscano Saboyardo, tratando do mesmo assumpto, exhortou os seus ouvintes que rogassem a Deos, para que o Papa fosse insensível ás instancias do *Bearnez*, e lhe negasse a absolvição. Hum Bispo de Senlis, prégador, prometteo no pulpito provar que o *Bearnez* era bastardo, e indigno da Corôa. Hum barqueiro, por nome Barriere, foi convencido de ter querido assassinar este bom Principe, e nomeou quatro clérigos, ou religiosos, como instigadores do parricidio.

Tendo Henrique sido recebido na Capital em 1594, mostrando nella a sua bondade, e o seu zelo, recebeu huma facada na garganta por João Chatel, moço fanatico. O assassino no interrogatorio, que se lhe fez, allegou a doutrina do tyrannicidio, que aprendêra com os Jesuitas seus mestres, e que tinha ouvido prégar em outras muitas partes. Os Jesuitas, e os Capuchinhos eraõ os unicos, que se tinhaõ obstinado ao principio na rebelião, em quanto não chegava a sentença do Papa. Novo motivo para os julgar mais perigosos. O Parlamento os desterrou, e mandou enforçar Guignard, seu

1594
Crime do
João Cha-
tel.

Desterro
dos Jesui-
tas.

bi-

bibliothecario, a quem se acháraõ libellos contra o Rei, escritos de sua propria maõ. Esta Sociedade, exposta ao odio, naõ só dos Religiosarios, mas tambem de hum grande número de Catholicos, já experimentava todos os dias, quaõ difficuloso era conciliar o espirito nacional com o seu espirito de corporaçãõ.

A razãõ,
e o ridicu-
lo empregados util-
mente cõ-
tra a Liga.

Observemos neste lugar, ou para honra das letras, ou para a geral utilidade, que a decadencia da Liga se attribue em grande parte a alguns escritos engenhosos, especialmente a *Satira Menippea*. A razãõ, e o ridiculo manifestáraõ a sua absurda superstição, e a sua abominavel politica. O ridiculo penetra, a razãõ illumina: cedo, ou tarde tudo lhes cede. Deste modo he que se desvanecce insensivelmente huma grande multidaõ de abusos. Todos os que se interessavaõ em mantellos, ou que se julgavaõ obrigados a defendellos empenháraõ-se debalde em ir á maõ aos Authores, e fechar os olhos dos Leitores. Sem destruir o gosto da leitura, naõ podiaõ elles deixar de excitar, por meio das suas opposições, a liberdade de huns, e a curiosidade de outros. A maior parte das Obras, cuja utilidade he hoje reconhecida, e das quaes os governos adoptaõ os principios, passavaõ por condemnações ignominiosas.

Quaõ

Quão importante não he logo o favorecer a nobre, e valerosa paixão de instruir os homens, do mesmo modo que he importante enfrear a criminosa mania de corrompellos?

CAPITULO II.

Absolvição do Rei em Roma. --- Tratado de Wervins. --- Fim de Filippe II. --- Estado da Hespanha, e do Imperio.

DOUS annos havia que o Rei era Catholico, e solicitava sempre a sua absolvição em Roma: sem huma absolvição do Papa, nenhum Soberano excomungado podia desarmar o fanatismo. Das pretensões Romanas, e da politica Hespanhola, procediaõ mil, e mil difficuldades em huma materia tão simples. Peron, e Oslat (depois Cardeaes), Embaixadores de França, necessitáraõ de infinita destreza, para defender a honra, e os direitos da Coroa, a qual ter-se-hia pretendido que parecesse ser dadiva do Pontifice. Clemente VIII., cujas negativas em outra qualquer circumstancia teriaõ sido funestas para a Santa Sé, cingio-se finalmente a condições menos odiosas.

1595
Henrique
IV. absolvido finalmente por Clemente VIII.

Com que condições,

Hu-

Huma das principaes foi a publicação do Concilio de Trento, e a observancia dos Decretos, exceptuando os Artigos que poderiaõ perturbar a tranquillidade pública, *supposto que os houvesse para este fim.* He cousa affás singular vêr a Henrique IV. obrigado, por penitencia, a rezar todos os dias pelas contas, todas as quartas feiras a Ladainha, todos os sabbados o Rosario, &c. No tempo da cerimonia da absolvição, póstos os Embaixadores de joelhos, foraõ, segundo o uso, agoitados com varinhas pela mão do Papa, a cada verso do *Miserere*. He isto huma imitação allegorica do modo como os Romanos libertavaõ os seus escravos.

Os prin-
cipaes da
Liga sob-
mettidos
depois de
novos ef-
forços.

Estas humildes formalidades parecêraõ sem dúvida absolutamente necessarias, pois que o Rei deo móstras de muita satisfacção. Os pretextos de rebelião faltavaõ aos conspiradores: a Liga não podia deixar de descahir. Com tudo Mayenna, patrocinado por Filippe II., differia o sobmetter-se, a fim de obter todas as vantagens, que desejava. Declarou-se a guerra á Hespanha, posto que não houvessem muitos meios de a sustentar, e Henrique foi combater Mayenna no seu governo de Borgonha. Ahi encontrou hum Exercito Hespanhol, e o derrotou em Fontene-Franceza, onde com hum peque-
no

no número de combatentes encarou nos maiores perigos. Mais de huma vez tinha Henrique sahido bem de semelhante temeridade, que era todavia condemnada, e com razão, pelos melhores Officiaes, porque as suas consequencias podiaõ ser horrorosas. Sujeitando-se Mayenna em 1596, obteve tres lugares de segurança, e o generoso Monarca mais se mostrou seu amigo, do que seu vencedor. O Duque de Mercœur, outro Principe da Casa de Lorena, Governador de Bretanha, teimon na rebelião até 1598.

Todos os principaes da Liga vendêraõ caro a sua sujeição. Porém as guerras civis tinhaõ de tal sorte arruinado o Reino, que de nenhum modo se podia comprar o fim das discordias. Tudo quanto o Rei prometteo, tudo fielmente cumprio, ainda quando a sua firme authoridade parecia permittir-lhe saltar á sua palavra. Exemplo de probidade tão digno de admiração, que satisfazendo Henrique humas promessas tão onerosas soube ainda aliviar os seus Póvos, e fazer florescer o seu Reino.

Henrique
fiel a todas
as suas pro-
messas.

Tratemos agora dos successos da guerra, a fim de demorar-nos depois no espectáculo da felicidade pública. Hum Official Francez, alistado no serviço dos Hespanhoes, faz com que estes alcancem

Successos
da guerra
com a Hes-
panha.

Sujeição
de Mercœur.

1598
Os Calvi-
nistas in-
quietao o
Rei.

Decreto
de Nantes.

a conquista de Calais , a que ajuntão a de Amiens , por culpa dos Cidadãos , que querendo defender-se , se deixavao forprehender. Mas tendo Henrique achado com trabalho o meio de pagar tropas , restaura como Heróe aquella Praça , reduz á obediencia a Bretanha , e o Duque de Mercœur , e em breve tempo foca-ga os temores dos bons Francezes.

Causavao-lhe entao os Protestantes quasi tanta inquietação , como os inimigos. Posto que elle lhes tivesse concedido o que os mesmos Catholicos prudentes julgavao necessario , a liberdade de consciencia ; ou por paixão da sua abjuração , ou por fervor do espirito de seita , ou por descontentamento de não serem favorecidos , o importunavao com requerimentos sediciosos , até chegar ao ponto de fazer recear huma rebelião. Na viagem , que fez á Bretanha , julgou Henrique que os devia satisfazer , a fim de evitar maiores infellicidades. Este foi o motivo do famoso Edicto de Nantes , por meio do qual lhes foi permittido , além do exercicio público da sua Religião em diversas Cidades , a faculdade de possuir todo o genero de empregos , lugares de segurança por oito annos , e tenças para os seus Ministros. Os clamores do Clero , dos Doutores , e Prégadores forao inu-

teis,

reis. A resistencia do Parlamento cedeo ás razões do Principe ; o qual fez comprehender aos Magistrados , que a paz do Estado era o bem da Igreja ; e que o principal objecto do governo devia ser o inspirar a todos, Catholicos, ou não Catholicos , os sentimentos de Cidadão , compatíveis com a differença de culto.

Com tudo o Rei de Hespanha , velho , e enfermo , já se enfadava de huma guerra , que lhe absorvia immenso cabedal : e posto que Isabel estivesse descontente da conversão de Henrique , continuava-lhe os seus soccorros , do mesmo modo que ás Provincias unidas. A marinha Ingleza cada vez se fazia mais tremenda. O Almirante Effingham , acompanhado do Conde de Effex , novo valido da Rainha , acometteo , e derrotou os Hespanhoes até dentro da enseada de Cadiz. Esta Cidade foi saqueada , e a perda dos inimigos avaliada em mais de vinte milhões de ducados. A ambição de Filippe não adquiria cousa alguma em perturbar a Europa ; não esperava elle já reinar em França , ou fazer reinar nella sua filha ; o Papa exhortava as Potencias a desarmar , e as negociações estavam patentes.

Filippe
II. enfadado de hũa guerra prejudicial.

Naõ querendo a Corte de Hespanha reconhecer a República de Hollanda , nem

Henrique
trata separadamente.

Paz de
Vervins.

Isabel separar-se dos Hollandezes, a necessidade obrigava a Henrique a tratar separadamente. Expôz as suas razões aos alliados, sem fingimento, sem subtileza; e resoluta por causa das necessidades do Estado, concluiu o vantajoso Tratado de Vervins, pelo qual entrou na posse de tudo o que os Hespanhoes tinhaõ tomado na Picardia.

Mórte de
Filippe II.

Seu cara-
cter.

Filippe II. morreu pouco tempo depois, com setenta e dous annos de idade. Melancolico, cioso, desconfiado, vingativo, dissimulado, suspeito, cruel, confundindo a hipocrisia com o zelo, e a maldade com a ambição; se elle teve vastos talentos politicos; incansavel applicação para os negocios, profundo conhecimento dos homens, hum poder, e riquezas prodigiosas, não teve certamente o verdadeiro merecimento de hum Rei. Com effeito, o seu reinado de quarenta e dous annos produziu calamidades innumeraveis, das quaes participáraõ os seus proprios vassallos com as outras nações.

Sua ty-
rannia.

Tyranno feróz, e implacavel, pretendia reinar por meio do terror. Os Grandes da sua Corte, e os seus Ministros, não eraõ senão huns escravos aos seus pés. Hum dia que o Duque de Alva se atreveo a entrar no seu gabinete sem dar parte: *Que atrevimento!* (disse Filippe em alta voz,

voz , e com hum modo severo) *mere-*
cieis ser asgado.

Para julgar da falsa politica deste Prin- Suas vastas empre-
cipe , basta examinar suas empresas , meios , zas , sem
e successos. Pretende Filippe II. sujeitar successo
os Paizes Baixos , destruir Inglaterra , sob- feliz.
jugar França , e obrigar os sectarios a re-
ceber o jugo da antiga Religiaõ , e para o
conseguir gasta prodigamente , como elle
mesmo confessou , 564 milhões de ducados.
Com tudo a República Hollandeza
se estabelece , contra os esforços do seu
despotismo ; Inglaterra triunfa dos seus
armamentos , e causa-lhe perigosos con-
tratemplos ; França , a pesar das suas guer-
ras , e dissensões , se une de baixo das
Leis do legitimo Soberano.

O Reino de Hespanha , favorecido pe- Como a
la natureza , cahe em hum estado de frou- Hespanha
xidaõ , o qual não admira , quando se re- se acha ar-
flecte. Parece á primeira vista que a con- ruinada
quista da America devia abrir-lhe huma pelos the-
origem inexaurivel de prosperidades: idéa souros da
falsa. Attrahindo os Thesouros do novo America.
mundo a avareza dos Hespanhoes , deser-
taõ estes da sua Pátria , abandonão a agri-
cultura , as manufacturas ; esquecem-se de
que os verdadeiros bens são as produções
da terra , e os fructos de huma industria
laboriosa. Huma opulencia passageira os
sepulta no abyssmo do luxo , e da molle-

za. Corrompem-se os costumes, e hum altivez muitas vezes ridicula extingue o amor do trabalho. E que resulta daqui? A porporção, que o ouro, e a prata chegaõ a ser communs, os fructos, e o trabalho augmentaõ o seu valor. O necessario, que falta a cada hum na sua casa, he preciso procurallo em outra parte; he preciso pagallo a outros, pagallo á satisfação dos que o vendem. Estas riquezas correm arrebatadamente para fóra do Estado, onde não deixaõ mais do que os vicios, a esterilidade, e a miséria. Filippe II. a quem estas mesmas riquezas pozeraõ ao principio em situação de emprender tudo, achou-se reduzido a não poder pagar as suas dividas.

A Hespanha declina sensivelmente em o tempo de Filippe III.

A Monarquia Hespanhola foi sempre declinando no tempo de Filippe III., seu filho, Principe incapaz. Os validos reináraõ: o Duque de Lerma, primeiro Ministro, incapaz de sopportar o peso do governo, desencarregou-se delle a favor de Caldeiron, homem plebêo. O Clero, que já tinha grande poder, adquirio outro muito maior. Quasi todo o governo envolveo principios falsos; e da ultima grandeza para a decadencia não houve para a Hespanha senão hum passo. A fortuna dos Imperios póde comparar-se com a fortuna dos particulares: passando

do esta de certo ponto de elevação , caminha para a sua ruina , quando a prudência , e a sabedoria não liga os seus fundamentos. Taõ difficuloso he porém unir a sabedoria com a fortuna!

Se não era felicidade para Alemanha , era ao menos para o resto da Europa , que o ramo imperial de Austria tivesse afrouxado depois de muitos annos. Occupava-se o Imperador Rodolfo II. em astronomia , chimica , experiencias , e em cavallos ; ao mesmo tempo que Filippe II. queimava tudo por meio da sua politica : motivo porque o Imperio nos offerece poucos successos notaveis. Só a competencia das Religiões excitava tumultos em Alemanha. Vêmos Gebhardo , Eleitor de Colonia , abraçar o Calvinismo , e casar-se em 1583. O Capitulo , e a Cidade se soblevaõ contra elle ; Gregorio XIII. o excomunga , e depõe ; os Protestantes não lhe dão soccorro algum , porque se fez Calvinista , e não Lutherano ; e elle fica vencido , abandonado , e vai morrer em Estrasburgo.

Qualquer Imperador , que tivesse intentado a conquista de Italia , não teria talvez consentido na união do Estado de Ferrara com o Estado Ecclesiastico. Depois da morte de Affonso II. Duque de Ferrara , e de Modena , Cesar de Est , seu pri-

O ramo imperial frouxo no tempo de Rodolfo II.

Gebhardo Eleitor de Colonia , Calvinista, deposto.

Clemente VIII. apropriou-se de Ferrara , e de Coma maquio.

mo coirmaõ , era seu legitimo herdeiro. Clemente VIII. apoderou-se todavia do Estado de Ferrara, e de Commaquio , com o pretexto de que não sendo a Mãe de Cesar , senão filha de hum Cidadão , devia elle passar por filho bastardo. O Principe , muito fraco para resistir ao Pontifice , renunciou por ajuste este Ducado , e contentou-se com Modena , Regio , e Carpi , cuja investidura lhe foi concedida por Rodolfo em 1598.

C A P I T U L O III.

Principia França a prosperar. --- Fim do reinado da Rainha Isabel. --- Seu governo sábio , e prudente.

Sully, digno Ministro de Henrique IV.

POR muito capaz que Henrique IV. fosse de vêr , e governar bem por si mesmo , necessitava de hum amigo virtuoso , e de hum grande Ministro , a fim de executar os vastos designios , que lhe inspirava o zelo do bem nacional. Hum , e outro tinha Henrique achado no célebre Duque de Sully (então Marquez de Rosni) , homem de extraordinario engenho , de huma alma muito superior ao engenho , costumado quasi des da infancia a

todos os generos de heroísmo ; e que sendo encarregado da administração em 1596, mostrou-se em breve tempo hum Ministro consummado. Em outro lugar fallaremos dos seus trabalhos em beneficos erarios, e do successo com que curou as chagas do Estado. Talvez o devemos admirar tanto como amigo do Rei, quanto como Ministro.

Sendo Henrique muito sensível aos attractivos da sensualidade, podia esquecer-se das suas obrigações no seio do amor. A formosa Gabriela de Estrées lhe cativava o coração. Era seu intento casar com ella ; esperando huma licença de Roma, para repudiar a Rainha Margarida de Valois, da qual vivia separado, havia muito tempo. Morreo Gabriela, e em seu lugar succedeo Henriqueta de Entraques, industriosa, intrigante, e ambiciosa ; que inflammou os desejos do Rei por meio de repudios, até que obteve promessa de casamento. Mostra o Rei a Sulli a promessa assignada, e este cheio de indignação a rasga. *Cuido que estais louco*, diz Henrique colerico ! *Affim he : sou hum louco*, responde o Ministro, *e desejára ser o unico louco, que houvesse em França*. Quando Sulli julgava ter decahido sem remedio da graça do Rei, depois de huma scena tão forte ; recebeu a patente de Gene- Amores do Rei.

Expõe-se o Ministro por zelo a huma desgraça.

ne.

neral da Artilharia. Feliz o Principe, que sabe grangear hum tal amigo! Se alguma vez succede desviar-se do caminho da razão, pelo menos a verdade o illustra, e reencaminha: Foi concedida a sentença do divorcio, que se solicitava; e o Rei casou com Maria de Medicis, da qual nasceu Luiz XIII. em 1601, casamento aliás infeliz.

1600
Guerra, e
paz com o
Duque de
Saboya,
usurpador
de Saluce.

Já era tempo de castigar o Duque de Saboya das suas usurpações. Obriga-o Henrique a entregar o Marquezado de Saluce. Veio o Duque a Pariz a tratar, ou para melhor dizer a enredar, enganar, e suscitár cabalas: prometteo, e faltou á palavra: declarárao-lhe guerra: tomárao-lhe Saboya, e Bressa em tres mezes, principalmente pelas incançaveis vigilancias de Sulli. Feita depois a paz, cedeo o Duque de Saboya Bressa, e Bugei pelo Marquezado de Saluce. Alguns estranhárao este Tratado. Mas o Rei, menos ambicioso de conquistas, do que de tudo quanto tendia para o bem do Estado, não necessitava de passagem para Italia, mas sim de tranquillidade para a execução dos seus intentos.

O Marechal de Biron criminoso obstinado, e castigado.

Além de que o Duque tinha deixado sementes de rebelião no Reino; pois tinha enganado o proprio Marechal de Biron, a quem os seus serviços, e os de seu

seu Pai teriaõ constituido infinitamente respeitavel , se huma altivez , e várias pretensões insolentes não tivessem desdourado o seu merecimento. Este Cavalheiro tinha-se unido , por meio de hum tratado , com o Saboyardo , e com a Corte de Hespanha. Certificado o Rei do seu crime , não pretendia outra cousa , senão huma consiliaõ para perdoar. Não querendo Biron confessar , nem dar mostras de arrependimento algum , o entregou por fim á justiça : exemplo absolutamente necessario. Condemnado o culpado a ser degollado , morreo como furioso , depois de ter hum cento de vezes despresado a morte nos combates. Taõ grande he a distancia , que ha da affouteza para o valor de espirito , sem o qual não se dá heroismo verdadeiro.

Tinha Isabel experimentado ultimamente hum dissabor da mesma natureza , porém mais cruel. Quiz o Conde de Essex , seu valido , ser encarregado de reduzir os Irlandezes , selvaticos , e igualmente fanaticos , excitados á rebeliaõ , assim por meio das Bullas de Roma , como das dexteridades da Corte de Hespanha. O Conde com forças muito consideraveis , não teve feliz exito nesta empreza , que executou gloriosamente depois delle o Lord Mountjoy. A Rainha mostrou-se in-

Desgra-
ça , e mór-
te do Con-
de de Essex,
valido de
Isabel.

dis-

differente a seu respeito, e ordenou que não tornasse mais á sua presença ; mas não se duvida que ella lhe teria perdoado , se o Conde soubesse esperar sifudamente o instante para isso. Mas como era ardente , impetuoso , e desesperado , conspira , e sobleva-se ; prendem-o ; faz-se-lhe o processo summariamente , e morre degollado em 1601. Amava-o ainda Isabel , e elle podia obter o perdão ; mas não quiz proceder , como os que supplicação. A Rainha não fez mais do que deixar-se ir finando de huma triste melancolia , procedida ou pela morte do Conde de Essex , ou pelo pezar de vêr que o Rei de Escossia , Jacques VI. herdeiro presumptivo da Coroa , levava as atenções , e homenagens dos Cortezãos.

1603
Morte de
Isabel.

Nenhu-
mas guer-
ras civis no
tempo do
seu reina-
do.

Esta illustre Princeza , cuja vida particular dá materia para a censura , mas que governou sempre como hum grande Rei , morreo aos setenta annos de idade. O seu reinado de quarenta e quatro annos não experimentou guerras civis , ao mesmo tempo que o fanatismo armava tantos Povos contra os seus Reis. Posto que Isabel não concedesse a liberdade de consciencia , e reprimisse de tempos em tempos com rigor , assim os Catholicos suspeitos , como os Puritanos , os quaes veremos tão perigosos em o reinado dos

Stuar-

Stuarts; a vigilancia, a actividade, a sabedoria, e prudencia do seu governo, extinguirão toda a sentelha de rebelião. Portanto admiravel, mórmente se reflectirmos no caracter da Nação, e na infelicidade dos reinados seguintes.

He verdade que a prerogativa real era quasi illimitada no tempo dos Tudors. No fim deste reinado, o abuso dos monopolios, e dos privilegios exclusivos, tendo sido fortemente acomettido em hum Parlamento; o famoso Bacon, que depois foi Chanceler, estabeleceu como principio que a prerogativa era superior a todo o exame; e que podia ampliar tudo quanto as Leis restringem, e restringir tudo quanto ellas permittem. Disse outro que sobre o poder de dispensar estatutos, não podia o Principe ser ligado por algum estatuto. Outro, fundando-se no Texto da Escritura, que diz, *eu disse que sois huns Deoses*, proferio que Deos confiára aos Principes *absolutos* a sua suprema authoridade. Outro adiantou o espirito da escravidão, até defender que todos os bens dos vassallos pertencem ao Soberano, e que delles pôde dispôr como rendas da Coroa. Algumas vezes se manifestáraõ os sentimentos de liberdade, que já nasciaõ nos animos; mas o Parlamento nem por isso esteve menos sujeito ás vontades de Isabel.

Grandeza
que se da-
va naquel-
le tempo á
prerogati-
va.

Huns

Tribu-
naes arbi-
trarios.

Huns Tribunaes arbitrarios annuncia-
vaõ verdadeiro despotismo. A *Camara es-
trelada*, cujos Juizes eraõ revogaveis á sa-
tisfação da Corte, tomava conhecimen-
to de qualquer offensa, e desordem, não
comprehendida nos termos da lei com-
mua. A *alta commissão*, como fica obser-
vado, pouco differia da Inquizição de
Hespanha ou no objecto, ou nos seus
odiosos procedimentos. A *Lei Marcial*,
necessaria para a disciplina militar, e que
sujeita os soldados á mais prompta, e ri-
gorosa justiça, se exercia em muitas occa-
sões a respeito de outras pessoas. N'hu-
ma palavra, 'não tinhaõ os Inglezes, senão
hum sombra daquella liberdade civil, de
que hoje fazem timbre; liberdade menos
feliz do que não se imagina, se chegar a
ser origem de intrigas, e discordias.

Como
Isabel sup-
pria á me-
diocridade
dos sub-
sidios.

O direito de conceder, ou negar os
subsídios, de levantar os impostos; esse
direito, tão precioso para a Nação, oc-
casionava tambem naquelle tempo gran-
des abusos da prerogativa. Por falta de
dinheiro para as mercês, e para as re-
compensas, concedia Isabel prodigamen-
te os privilegios exclusivos, e os amplia-
va ás fazendas communs, e necessarias,
cujo preço dependia por este meio de al-
guns particulares interessados. Não podia
por tanto o Commercio, victima da ty-
ran-

rannia do monopolio , ser florecente : e de mais disso , posto que a renda ordinaria da Coroa passasse de quinhentas mil libras esterlinas , sendo os subsidios muito mediocres , necessitava o Soberano de recorrer aos emprestimos forçados , ás *benevolencias* , ou dons gratuitos exigíveis , a outros recursos perigosos , que se consideravaõ como huns direitos , e que foraõ depois supprimidos , como usurpações. N'humas palavras , sem a mais sábia , e prudente economia , teria Isabel succumbido aos encargos do Estado.

He cousa muito honorifica para a sua memoria , a pezar do exercicio de hum authoridade absoluta , e de hum severidade muitas vezes rigorosa , ser ella sempre amada dos seus vassallos. Já vimos como Isabel animava o seu zelo , e valor , para a defensta do Reino. A confiança , que mostrava ter nos seus vassallos , augmentava a paixão que elles tinhaõ pela sua pessoa. *Nunca julgarei do meu Povo , dizia ella , o que hum pai , ou humã mãi não quererião julgar de seus filhos.*

Os vastos intentos da sua politica se encaminhavaõ do mesmo modo que os intentos de Henrique IV. , ao abatimento da Casa de Austria. Ambos , sem communicar nada entre si , tinhaõ concebido o mesmo plano. Henrique , e Isabel inten-

Era Isabel com tudo amada pelos seus vassallos.

Seu projecto de abater a Casa de Austria.

tavaõ huma conferencia , desejada igualmente por ambos , e que as etiquetas do ceremonial impediraõ fóra de proposito. Mas Sulli occupou o lugar de seu Amo , como Embaixador , e nos deixou huma relaçaõ pelo menor das suas conversações com a Rainha , nas quaes vemos aquelle systema de equilibrio entre as Potencias da Europa , o qual fará , andando os tempos , hum dos principaes fundamentos da politica geral.

Os tres
Reinos
unidos em
o reinado
de Jaques
I.

Quanto
adquiriraõ
os tres Rei-
nos por
meio da
industria.

Tratado a
favor da
Hollanda.

Jacques VI. Rei da Escossia , primeiro deste nome em Inglaterra , o parente mais proximo de Isabel , unio os tres Reinos , chamados hoje em dia a Grã-Bretanha. Estes tres Reinos juntos valiaõ menos naquelle tempo , conforme M. Hume , do que vale hoje sómente a Irlanda que era entaõ , por assim dizer , a propria miseria. Quando a industria humana he excitada por boas Leis , dirigida pela luz da experiencia , e da razaõ , que prodigiosas mudanças não pode ella fazer no mundo ? Disto mesmo he a Hollanda huma prôva a mais singular. Sendo esta ainda pobre , e infeliz , mal defendia a sua liberdade contra a Hespanha. Sulli tratou a favor della com Jacques , e se fez huma Liga defensiva a favor das Provincias unidas , que breve viraõ a ser huma Potencia.

CAPITULO IV.

Fim do reinado de Henrique IV. --- Negócios de Veneza, Hollanda, e Hespanha.

AO mesmo tempo que a França gozava dos fructos da melhor administração, e via renascer as suas forças respirando felicidades, novas conspirações continuamente se formavaõ contra o Rei. Sua concubina (l' Entragues), que o expunha aos enfados da Rainha, foi tão ingrata, que chegou ao ponto de lhe ser trahidora. Pretendia d' Entragues verificar a promessa de casamento, que tinha recebido a pezar do zelo do Ministro. A Corte de Hespanha ateava sempre o fogo das intrigas. D' Entragues o pai, sua filha, e o Conde de Alvernia, tratáraõ com aquella Corte; a conspiração foi descoberta; os culpados foraõ presos, e condemnados, e Henrique perdoou-lhes. Este combateo depois com o Duque de Bulhon, que soblevava os Calvinistas; e depois de lhe tomar Sedan, logo lha restituiu. Hum Rei tão bom, tão attento ao meio de grangear os corações, será sempre

Diversas
conspira-
ções con-
tra Henri-
que IV.

pre cercado de trahidores , e assassinos , até cahir debaixo dos golpes do fanatismo.

Henrique IV. restabelece os Jesuitas no seu Reino, a pezar de Sulli, e do Parlamento.

Com tudo, por condescender com o Papa, contra o parecer de Sulli, a pezar das grandes demonstrações de Achilles de Harlai, primeiro Presidente do Parlamento, restabeleceo Henrique IV. os Jesuitas no seu Reino. O Padre Cotton, hum dos politicos mais astutos da sua Sociedade, teve grande parte na sua confiança; e Henrique, dando-lhes a entrada na Corte, procurou-lhes o meio de adquirir em breve tempo hum grande credito.

Em que se podia temer esta Sociedade.

Podiaõ-se, sem dúvida, tirar grandes utilidades da actividade, e talentos deste corpo dedicado ao estudo, e incansavel nos seus trabalhos. Mas se elle tinha preocupações contrarias ao interesse da Nação; se era o instrumento da Corte de Roma; se chegava a ser o arbitro das opiniões, e consciencia; se influia tanto nos grandes, como nos pequenos negocios; e se formava no Estado hum poderoso partido, a que era perigoso resistir; não se devia por ventura temer que este estabelecimento causasse rumultos, e abusos? Sulli, e o Parlamento o temêraõ: mas Cotton possuia a arte de agradar, e a de persuadir o Monarca. As circumstancias não

naõ preveniaõ certamente a favor da Sociedade.

Todos os dias se via nascer algum fructo envenenado, ou das diffensões religiosas, ou das pretensões Ecclesiasticas, ou do antigo despotismo pontificio. Os Jesuitas, e os Dominicos faziaõ entre si, a respeito dos seus systemas sobre a Graça, huma especie de guerra taõ fôrte, como a guerra dos Catholicos, e dos Protestantes. Os Calvinistas de França decidiaõ, como Artigos de Fé, em os seus Synodos, que *o Papa he propriamente o Antichristo, o animal vestido de escarlata, que o Senhor prostrará, como prometteo*. Os Arcebispos de Aix, e de Bordeos excomungavaõ os Parlametos, que se attreviaõ a sentenciar Clerigos em materia criminal. Os Catholicos de Inglaterra, como em outro lugar referiremos, formavaõ a horrorosa conjuraçaõ das polvoras, para exterminar de huma só vez o Rei, a Familia Real, e todo o Parlamento. No anno seguinte de 1606 appareceo aquella famosa contenda da Corte de Roma com os Venezianos, cujas consequencias teriaõ sido talvez fataes, sem a mediaçaõ do Rei de França.

De todos os Estados Catholicos, a República de Veneza era o menos dependente das preoccupações contrarias ás Leis Civis, Theologos, Bispos, e Papas em disputas.

da cõ Paulo V. por ter usado dos seus direitos.

vís, e ao poder dos Soberanos. Seguiu Veneza a passos compassados, mas firmes, hum systema de liberdade considerado pelos Papas, como hum systema de rebelliaõ. Hum Frade Agostinho, culpado dos maiores crimes, tinha sido castigado de mórte. Dous Ecclesiasticos estavam presos por crimes semelhantes, e o seu processo devia encaminhálos ao supplicio. De mais disso o Senado tinha prohibido multiplicar sem sua licença as Igrejas, e os Conventos, já muito numerosos; alienar novas terras a beneficio do Clero, e dos Monges, que eraõ peizados por causa das suas riquezas, e isenções de impostos. Eis-aqui o que devia atear as fulminações de Roma.

1606
Interdicto
sobre a República.

Tinha Clemente VIII., morto em 1605, sábia, e prudentemente dissimulado. Paulo V. (Borghese), mais ativo, e mais attrevido, excommunga o Doge, e o Senado, fulmina o interdicto contra toda a República; e os Theatinos, os Capuchinhos, e os Jesuitas, são os unicos que se sujeitaõ á Bulla. Estes ultimos mais intrigantes, que os outros, são para sempre desterrados. Paulo pretende defender as suas excommunhões á força d'armas. Os Venezianos se preparaõ para defender os seus direitos, e a sua liberdade: Henrique offerece a sua mediação; e a pesar da

Henrique
IV. media-
neiro.

da Corte de Hespanha , cujo credito prevalecia em Roma , havia muito tempo ; o mesmo Henrique termina a contenda como medianeiro. Entregou o Senado os dous Clerigos crimiñosos nas mãos do Papa ; suspendeo a execuçaõ das Leis , sem as revogar ; mas recusou o restabelecimento dos Jesuitas. Por este ajuste se pode julgar , que se os Venezianos tinhaõ entaõ os mesmos principios , que tem hoje , não lhes era taõ fácil de-os pôr em execuçaõ. De quantas prisões não livrou os governos o progresso das luzes !

Continúa sempre a guerra da Hollanda. Henrique protegia os valerosos Republicanos , que tantos annos havia que resistiaõ ao poder Hespanhol , e teve a gloria de procurar-lhes hum titulo de independencia , que o seu invencivel valor não tinha ainda podido obter. Recapitulemos os factos , cujo conhecimento chega a ser neste lugar necessario.

Negozios
da Hollan-
da.

Em 1598 , cedeo Filippe II. os Paizes Baixos , o Franco-Condado , e a Provincia de Charolés á Infante Isabel , esposa de Alberto , Archiduque de Austria , que d'antes fora Cardeal , e Arcebispo de Toledo , com condiçaõ de que estas Provincias , por falta de herdeiros , ou no caso que os herdeiros abandonassem a Fé Catholica , voltariaõ para Hespanha. Au-

Mauricio,
Principe de
Oran-e ,
defende a
guerra cõ-
tra a Hes-
panha.

da quando os Hollandezes tivessem tido menos paixão pela liberdade, só o temor de passar novamente ao jugo dos Hespanhoes era capaz de redobrar os seus esforços. Posto na frente dos Hollandezes Mauricio de Nassau, Principe de Orange, defendeo a gloria da sua casa. Os sitios, os combates, e as conquistas se multiplicárao, como antecedentemente.

Famoso
sitio de Ostende.

Os Spinolas.

Não se encontra em toda a Historia Moderna sitio algum comparavel com o sitio de Ostende, quanto á duração, e mortaes operações. Esta Praça não se rendeo, senão no fim de tres annos, e tres mezes. A Hespanha perdeu nesta conquista oitenta mil homens, e a Hollanda sessenta mil. Ambrosio Spinola, Genovez, que acabou gloriosamente o sitio em 1604, he hum grande exemplo, do que póde o engenho. Ao mesmo tempo, que Frederico, seu irmão, se distinguia em os exercitos, tinha-se Ambrosio entregado aos cuidados do Commercio. Parte este repentinamente a soccorrer Frederico, e tendo este sido morto, substituiu-o aquelle, mostrou-se hum Capitão capaz, sem ter tido outros mestres, senão os livros. Filippe III. o creou Generalissimo em Flandres. Tal he a força do talento, que por si mesmo se pode exaltar rapidamente

pa-

para a gloria , a que o trabalho só encaminha lenta , e vagarosamente.

Na maior força de huma guerra tão obstinada , os Hollandezes , por meio de huma economia , moderação , actividade , valor , e industria , dignas de admiração , tinham-se posto em estado , não só de fazer constituir muito melhor o seu Paiz , mas de executar exteriormente as mais vastas empresas. As suas frótas tomavaõ já as Molucas , nas Indias orientaes , aos Portuguezes , ou para melhor dizer á Hespanha , de que Portugal ainda era huma Provincia. “ A Hollanda , diz „ muito bem M. de Voltaire , merece tão „ grande attenção , que he hum Estado „ de huma especie totalmente nova , po- „ derofo sem possuir quasi terreno algum , „ rico não tendo de seu proprio fundo , „ com que alimentar a vigesima parte „ dos seus habitantes , e consideravel „ na Europa pelos seus trabalhos até o „ fim da Asia. „ E nós accrescentaremos , que he hum Estado , que não era nada antes de ser livre.

Progres-
fos admi-
raveis dos
Hollande-
zes.

Finalmente por meio dos bons servi-
ços do Rei de França , e da capacida-
de do Presidente Jeannin seu Embaixador ,
huma tregoa de doze annos , concluida
na Haya , firmou a liberdade Hollande-
za. Filippe III. reconheceo as Provincias

1609
Filippe III.
reconhece
a sua inde-
pendencia.

unidas por Estados livres, e independentes, obrigando-se a não opprimir o seu Commercio, nem nas Indias nem na America. Das dezafete Provincias, de que se compunhaõ os Paizes Baixos, perdeu a Casa de Austria sete, que eraõ as mais pobres, mas cuja uniaõ fórma a mais rica, e a mais poderosa de todas as Republicas.

Os Mon-
riscos des-
terrados de
Hespanha.

Insolente
Decreto
dos Inqui-
sidores.

Crêr-se-hia por ventura que a Hespanha, depois de tantas perdas, exaurida de homens, e de dinheiro, a pezar do seu Imperio do novo mundo, fez a si propria huma chaga profunda, e incuravel, pelo mesmo principio de perseguição, que lhe tinha tirado huma grande parte dos seus vassallos? Hum decreto desalisado ordenou sob pena de morte, que todos os Mouros sahisses da Monarquia dentro em trinta dias. Este foi o fructo do zelo dos Inquisidores, que crimináraõ o Duque de Ossuna por ter tido o valor de ser o unico, que se oppôz a semelhante conselho. Os mesmos Inquisidores tinhaõ criminado o proprio Rei, por causa das lagrimas, que dos olhos lhe rebentáraõ em hum *Auto da Fé*. Refere-se que o Inquisidor Geral condemnára o Rei, para expiação do escandalo, a deixar-se tirar sangue, que foi lançado no fogo pelo algoz. Semelhante atrocidade pa-

rece incrível , entre os horrores muito certos da Inquisição daquelle tempo.

Mas seja o que for , contaõ os Históriadores quasi hum milhaõ de habitantes , de que este decreto privou a Hespanha , e que eraõ justamente os mais uteis por causa da sua industria , e trabalho.

Cõsequências do Decreto cõtra os Mouriscos.

Quasi todos fugirão para Asia , e Africa. Os Mouros offerecêraõ-se , mas de balde , para alqueivar os charnecas da Gascunha , no reinado de Luiz XIII. Alguns se estabelecêraõ naõ obstante isso em França , onde a sua geração padeceo mil affrontas.

Estes infelices , que eraõ perseguidos pelos Christãos , como Mahometanos , passavaõ entre os Mahometanos por Christãos , e consequentemente eraõ victimas do odio de ambas as Religiões. Próva evidente de que , se os Inquisidores tivessem sido humanos , e razoaveis , poder-se-hia com instrucção , e doçura trocar em verdadeiros Christãos aquelles , que ficavaõ unidos , e apegados ás suas antigas práticas. A bondade de Henrique IV. , conforme Prefixo , converteo mais de sessenta mil Huguenotes ; que a Inquisição ou teria queimado , ou ao menos expulsado.

Em lugar de os perder , os teriaõ podido converter.

Os grandes intentos deste Monarca se achavaõ já a ponto de manifestar-se. Conta-se ordinariamente no número dos deli-

Projecto da República Christã , por Henrique IV.

lirios politicos o projecto da *Républica Christã*, exposta nas Memorias de Sulli. Tudo estava em dividir a Europa em quinze Potencias fixas, ás quaes todo o augmento seria prohibido, e que formariaõ juntamente huma Sociedade para a conservação do equilibrio, e da paz. Conceiveo Henrique, e meditou sem duvida esta sublime idéa; mas que apparencia podia haver, para que elle julgasse podella verificar? O seu verdadeiro intento era pôr limites á ambição, e ao poder da Casa de Austria, ou em Alemanha, ou na Italia.

Liga-se
Henrique
contra a
Casa de
Austria.

Já Henrique tinha tomado as suas cautelas, quando o Imperador Rodolfo II. lhe offerceceo huma occasião de guerra, por motivo dos Ducados de Juliers, Cleves, e Bergue, que Rodolfo sequestrou depois da morte do ultimo Duque. Faz Henrique alliança com o Eleitor de Brandeburgo, e com o Conde Palatino de Neoburgo, ambos pretendentes da successão. Os Protestantes de Alemanha, sempre inquietos, e desconfiados, formaõ tambem a favor da conservação das suas liberdades, huma Liga de que Henrique he o motor, e a que não deixa de unir-se. O Papa, os Venezianos, o Duque de Saboya, os Suissos, e outros Estados, entravaõ tambem nestes projectos. Nun-
ca

ca empresa alguma foi melhor ajustada.

Quarenta mil homens de excellentes tropas, o deviaõ acompanhar para Alemanha: o Exercito, os provimentos, tudo se achava prompto: o dinheiro não podia faltar; e Sulli tinha quarenta milhões de reserva, destinados para esta guerra. Hum Imperador occupado com os astros, ou com a pedra filosofal; hum Rei de Hespanha, dominado pelos seus validos, ou pelos seus Inquisidores; ambos sem forças, nem providencia, como se teriaõ defendido da tormenta, que os ameaçava?

Meios, que Henri- que tinha para ter feliz exito.

Impaciente Henrique por ajuntar-se com o Exercito, e agitado de funestos pressentimentos, suspende-se a pesar seu quanto á coroação da Rainha; cerimonia, que a mesma Rainha requeria com grande ancia. Passando elle por huma rua, embarça-se-lhe o coche, e os lacaios se dividem. Ravailhac, fanatico, e resolutio, havia muito tempo, a matallo, aproveitando-se da occasião, mette-lhe o punhal no peito á vista de sete Córtézãos, que estavaõ no mesmo coche. Assim acabou, na idade de cincoenta e sete annos, hum Rei digno da immortalidade. Mais de cincoenta conspirações se tinhaõ formado contra Henrique. A sua memoria he

1610
Henrique
IV. he assassinado
por Ravailhac.

he hoje adorada por todos os bons Francezes, e o seu reinado deve servir de exemplo aos Principes, que amão os seus Póvos. Esqueçamo-nos de alguns erros, ou defeitos da sua vida privada; fraquezas por infelicidade nossa muito communs nos Heróes. Examinemos os seus principios de governo, que esta he a melhor lição para os Soberanos, para os homens de Estado, e para todo aquelle, que pretende conhecer as origens da prosperidade pública.

C A P I T U L O V.

*Descripção do governo de Henrique IV.,
e da administração de Sulli.*

DESCREVEREI hum simples prelude; por que o meu plano não admitte individuações dilatadas, que se achão nas memorias de Sulli, obra que he necessario estudar com cuidado, para conhecer os verdadeiros principios da politica.

Estado
horroroso
da França
no princi-
pio deste
reinado.

Affiguremo-nos o estado horroroso da Monarquia no principio deste reinado: guerras civis tão violentas, quão grande era o fogo da rebelião, que a superstição, e o fanatismo aticavaõ, e de que

re-

recebiaõ huma actividade sempre mais terrivel ; os sentimentos de justiça , humanidade , patriotismo , e obrigação , extinctos pelo furor das intrigas , vícios , e interesses dos sediciosos ; a authoridade Real abatida , até o ponto de não fazer impressão alguma em humas almas naturalmente amigas da dignidade Real ; a substancia do Estado quasi inteiramente corrompida ; lavrando por toda a parte a desordem , e os roubos violentos ; as reliquias dos erarios victimas das ladroenras ; as Leis sem vigor , o Clero sem obediencia , os Grandes sem régra , nem freio ; os campos na ultima miseria , a força das armas aniquillando os direitos , e a felicidade da sociedade. Para dar remedio a tantas infellicidades , era necessario hum Rei , que tivesse qualidades admiraveis , paixãõ pelo bem público , applicação constante aos negocios , sagacidade de juizo , a qual nada escapasse , animo firme , que cousa nenhuma podesse abalar. Tal foi Henrique IV. tão digno do sobrenome de Grande.

Qualida-
des neces-
sarias para
o Rei.

Como guerreiro , e General de Exercito , entendia Henrique de huma maneira superior a arte de acarear os militares. Costumado des da mais terna infancia ao officio das armas , educado entre soldados , não só dava o exemplo dos

Fazia-se
Henrique
adorar , e
venerar
pelas tró-
pas.

tra-

trabalhos , da sabriedade , e do valor , mas encantava tambem com os seus modos , e discursos , nos quaes respiravaõ toda a viveza do seu entendimento , e a bondade de sua alma. Qualquer palavra de louvor em sua bocca tinha infinito preço.

Mas tudo respirava independencia.

Com tudo o gosto da independencia , e a sede da ambição eraõ hum obstaculo quasi invencivel para o restabelecimento da boa ordem. A maior parte dos Grandes pretendiaõ constituir-se absolutos nas provincias. Em nenhuma outra cousa se cuidava , senão em desmembrar a Monarquia , em fazer Principados para si , ou tambem em estabelecer Républicas. O genio republicano , excitado pelo Calvinismo , e progressos da Hollanda , imperava fortemente em o Reino. Nenhuma admiração deve logo causar , se Henrique tratando com os Cavalheiros principaes da Liga lhes concedeo condições tão vantajosas.

O que custou para gran- gear os sediciosos.

Era-lhe a paz absolutamente necessaria , e a este objecto se sacrificáraõ trinta e dous milhões : só Villars-Brancas , o qual tinha defendido Ruaõ com o maior valor , pedio huma tença de sessenta mil libras (vinte e quatro mil cruzados) além de governos , e de outras mercês. Conter os principaes sediciosos , precaver ,
ou

ou refrear as suas frequentes conspirações, formar hum plano regular de administração, e seguillo com feliz successo, entre tantas intrigas, e perigos, he o que não se póde sufficientemente admirar.

Neceffitava Henrique de hum Ministro digno de participar com elle da vigilancia, e peso do governo. Sem soccorro, teria succumbido ao peso, e sem huma eleição excellente, ter-se-hia perdido neste labyrintho, e talvez obrado mal, empenhando-se em obrar bem. Para lugar tão glorioso, mas tão arriscado tinha nascido Rosni, ou o célebre Duque de Sulli. Gozava elle da amizade de seu Amo, a qual merecia assim pelas suas virtudes, como pelos seus serviços. Sendo hum Heróe nos Exercitos, era muito mais superior no Conselho; e em lugar de desprezar os conhecimentos, que se adquirem por meio do estudo, defeito quasi geral entre a Nobreza do seu tempo, tinha-se applicado com tempo a leituras uteis. Tinha lido, não para entreter-se, mas para adquirir luzes, e instrucções, fazendo extractos, combinando as suas idéas, meditando, e observando. O espectáculo das cousas humanas não tinha servido menos, que os livros, para ampliar a esfera do seu engenho: n'huma palavra, nunca Ministro algum foi dotado de maior

Sulli, necessario para o governo.

capacidade, e zelo na administração politica: razão porque elle teve por inimigos mortaes todos aquelles, que se aproveitavaõ das antigas desordens, as quaes emprehendeo emendar.

Desperdi-
cios dos
erarios.

A dissipação dos herarios era sobre tudo deploravel. O Rei, em vez de poder sustentar os empregos públicos, não tinha o necessario para a sua pessoa. No tempo da guerra de Hespanha, convocou para Ruaõ em 1596 huma Junta de *Notaveis*, a fim de ouvir pareceres, e alcançar soccorros. Nesta Junta fallou elle, como Pai do Povo. *Naõ vos convoquei, disse elle entre outras muitas cousas, como os meus Predecessores faziaõ, para obrigar-vos a approvar cegamente as minhas vontades: mandei porém que vos ajuntasseis para ouvir, crêr, e seguir os vossos conselhos; n'huma palavra para pôr-me em tutela entre as vossas mãos. Esta vontade não se acha muitas vezes nos Reis, nas barbas já ruffas, e nos victoriosos como eu. Mas o amor, que conservo aos meus vassallos, e o grande desejo, que tenho de conservar o meu Estado, contribuem para que eu ache tudo facil, e honorifico.*

Pessimo
systema, q
se estabe-
lece nesta
Junta.

Esta Junta correspondeo mal á sua confiança. Propôz estabelecer hum Conselho de *Razaõ*, cujos membros nomeou; o qual administraria, sem ser obrigado a dar con-

ta, a metade das rendas da Coroa, para o pagamento das tenças, e dividas. Semelhante systema não se podia conciliar com a Real authoridade. Sulli o fez todavia acceitar; antevendo que brevemente descahiria per si mesmo, e que melhor se conheceria a necessidade dos verdadeiros remedios para elle. Com effeito, apenas aquelles administradores ignorantes exercêraõ tres mezes a sua commissão; quando sentindo a impossibilidade da execução, requerêraõ a suppressão do novo Conselho. Muitas vezes he a experiencia do mal necessaria para encaminhar ao bem.

Foraõ entaõ confiados a Sulli todos os erarios. O ultimo Superintendente, Francisco de O, homem cubiçoso, e dissipador, tinha posto o cumulo aos abusos produzidos por causa dos desperdicios, e vicios de Henrique III. Achava-se o Estado endividado em trezentos e trinta milhões, os quaes fariaõ oito centos e dous da moeda actual de França. De cento e cincoenta milhões, que o Povo pagava, só trinta entravaõ no Thesouro. Deste modo cheio o Rei de dívidas, não recebia mais que a quinta parte de tudo quanto se exigia da Nação, opprimida de miseria. Hum augmento consideravel de impostos era, havia muito tempo, a riqueza,

Sully, Superintendente.

Quanta miteria publica acha Sulli.

za, não do Estado, mas de alguns pessimos Cidadãos. Vio-se estabelecido o perpetuo direito da talha no tempo de Carlos VII. Este direito não excedeo no seu reinado de hum milhaõ e oitocentas mil libras: no reinado de Francisco I. importava já em quinze milhões setecentas mil libras (*). O Reino tinha experimentado depois todos os generos de infelicidades, igualmente proprios para arruinar o Principe, e atropelar mais os vassallos.

Examina
Sulli, e
descobre
todos os
abusos.

Quiz Sulli tomar conhecimento de tudo per si mesmo, antes de introduzir a ordem neste cahos. Nem a immensidade do trabalho, nem a multidaõ infinita dos obstaculos, resfriáraõ o seu zelo. Vio que os Officiaes empregados nos erarios, por meio das suas occultas manobras, roubavaõ livremente ao Rei, affectando fervillo; vio que os Grandes, e as Damas da Corte, dividindo entre si o fructo das concussões, se interessavaõ em defendellas com grande ardor; vio odiosos

(*) As guerras estrangeiras, inspiradas por huma funesta ambição, tinhaõ necessariamente produzido este augmento de impostos, e reduzido os Principes a arruinar os seus vassallos, e os seus Estados. Carlos VIII., como diz Comines, não pode continuar a sua viagem para Italia, sem pedir emprestado aos Genovezes a juro de quarenta e dous por cento. *Nota do Author.*

fos impostos estabelecidos unicamente em beneficio d'aquelles homens infaciaveis ; vio que os Póvos estavam tanto mais vexados , quanto o seu dinheiro se perdia entre tantas mãos , por onde passava , que não o deixavam chegar ao Thesouro ; vio que os rendimentos effectivos se dissipavam tambem em profusões , em vãs despesas ; e que se elles não eram sufficientes para as necessidades , procedia isto principalmente de os não saber empregar com economia , e siso. Vio os males , e deo com os remedios para elles.

Simplificar a arrecadação , cobrar os direitos Reaes , aniquilar os abusivos , e usurpados , sujeitar os erarios a huma ordem exacta , e luminosa , balancear a receita , e a despesa , sacrificar o frivolo ao util , dirigir todas as operações ao mesmo fim , ao bem geral : estes os segredos do Ministro , que as suas Memorias claramente explicaõ : e os effectos foram os seguintes. Dentro em quinze annos , todas as dividas foram pagas ; os rendimentos augmentados de quatro milhões ; quarenta milhões de reserva , e os impostos consideravelmente diminuidos.

As suas
operações,
e successos
felices.

Facilmente se adivinhaõ os clamores , e manobras de todos os que anteceden-
tamente engordavam com a substancia do Povo ; os quaes á força de calumnias ,

Intrigas
contra Sul-
li.

cuidáraõ algumas vezes em perder o Ministro. Mas por felicidade as desconfianças se dissipavaõ brevemente no animo do Rei. Hum Ministro, que todos os dias se levantava pelas quatro horas da manhã para o serviço de Henrique IV. honrado com a sua amizade des do tempo da mocidade, não podia obrar bem sem perigo! Esta a fôrte de quasi todos os homens grandes de Estado.

O mesmo
Rei côtra-
riava algu-
mas vezes
as suas
idéas.

Vários factos das Memorias de Sulli provaõ que o mesmo Rei, a quem elle não approvava certas inclinações, contrariava muitas vezes as suas idéas de administração, e economia. Disse elle que a despeza ordinaria de cada anno em edificios, jogo, concubinas, e cães de caça, importava em hum milhaõ e duzentos mil escudos; quantia sufficiente para manter quinze mil homens de infantaria. (L. 16.) „ Eu não podia deixar de dizer-lhe tudo „ a elle mesmo, com receio de o res- „ friar a meu respeito. „ Queixa-se elle n'outro lugar que a condescendencia do Principe para com todos aquelles, a quem deixava contrahir alguma familiaridade com elle, especialmente quanto ás mulheres, o impedira de castigar os principaes concussionarios. (L. 12.) „ Achá- „ raõ seguro recurso no mesmo metal, „ por causa do qual os perseguiaõ; de

ma-

„ maneira que a tempestade cahio só so-
 „ bre aquelles , que podiaõ arguir-se de
 „ não ter ainda sufficientemente roubado
 „ para encobrir os seus roubos.,,

Confessemos tambem que se achão nos
 systemas do Ministro alguns principios
 excessivos , alguns erros então inevita-
 veis , principalmente a respeito das moe-
 das. Como seguidor severo da simplici-
 dade dos antigos costumes , inimigo de
 toda a apparencia de luxo , talvez não
 conheceo sufficientemente as novidades ,
 que as mudanças da Europa , os progres-
 sos do Commercio maritimo , o augmen-
 to prodigioso das especies de ouro , e
 prata , deviaõ necessariamente introduzir
 n'hum Reino tal , como o de França.

Seus prin-
 cipios , ex-
 cessivos a
 respeito de
 certos ob-
 jectos.

Conheceo porém Sulli , do mesmo
 modo que Henrique , que huma terra fer-
 til , cuidadosamente cultivada , he a ori-
 gem principal da felicidade dos Póvos ;
 pois que estes tiraõ della todos os meios
 de subsistencia , e de mais disso os meios
 de chegar a possuir as comodidades da vi-
 da. Que vem a ser humas riquezas falsas ,
 em comparação dos bens da natureza ? O
 ouro corre necessariamente por onde os
 fructos crescem , com tanto que lhe não
 prohibaõ a passagem. Se a agricultura for
 florecente , produzirá em breve tempo as
 utilidades do Commercio. Cuidou-se por

A agri-
 cultura
 animada ;
 ponto es-
 sencial.

tanto em especial na agricultura. O Rei convidava os Cavalheiros para residir nas suas terras , a fim de espalhar nellas com fructo várias sommas , cujo emprego quasi sempre he esteril n'outra qualquer parte. Aliviava os camponezes , queria fazellos felizes ; que o fazellos felizes he animar os trabalhos campestres. Finalmente , sem as nossas theoricas , e sábios methodos , por muito uteis que os possamos suppôr , rendia então a terra , como dizem excellentes Escriitores , cinco vezes mais do que nos nossos dias.

Manufacturas de seda.

As manufacturas de seda , que Sulli reprovava com muita severidade , que Henrique todavia principiou a introduzir , e que excedêrão todos os limites no tempo de Luiz XIV. , pareciaõ ser a causa principal de diminuição tão extraordinaria. Estas manufacturas foraõ parte para se desprefarem as lãs , e por conseguinte os rebanhos. Quanto menos estrumes , quanto menos lavradores , e menos materias primeiras da nossa cultura ha , tanto maiores são as perdas , que a mão obreira dos officiaes não pôde compensar.

Causa da ruina dos Estados , conforme Sulli.

Quem quizer conhecer até aonde chegavaõ as idéas de Sulli , a respeito da felicidade do Estado , julgallo-ha por hum fragmento das suas Memorias. (L. 19.)

He

He esta huma simples conta , ou calculo
 que Sulli deo ao Rei , das causas da rui-
 na , ou do abatimento das Monarquias.
 “Estas causas , diz elle , são os subsidios
 „ excessivos , os monopolios , principal-
 „ mente a respeito do trigo ; o desprezo
 „ do commercio , do trafico , da lavou-
 „ ra , das artes , e dos officios ; o gran-
 „ de número de empregos , os gastos
 „ destes officios , a authoridade excessi-
 „ va de todos aquelles que os exercitaõ ;
 „ os gastos ; as demóras , e a iniquida-
 „ de da justiça ; o luxo , e tudo quan-
 „ to a elle se refere ; a desordem , e a
 „ corrupção dos costumes ; a confusão
 „ das condições ; as variações na moe-
 „ da ; as guerras injustas , e impruden-
 „ tes ; o despotismo dos Soberanos ; a sua
 „ paixãõ cega para com certas pessoas ;
 „ a sua pretensão a favor de certas con-
 „ dições , ou profissões ; a cubiça dos
 „ Ministros , e validos ; a vilificação das
 „ pessoas de qualidade ; o desprezo , e
 „ o esquecimento dos homens sábios ;
 „ a tolerancia dos máos , e pessimos cos-
 „ tumes , e a transgressão das boas Leis ;
 „ o obstinado apego aos usos indifferen-
 „ tes , ou abusivos ; a multiplicidade de
 „ decretos confusos , e de inuteis regu-
 „ lamentos. „

Accrescenta Sulli : “ Se eu houvera
 „ de

Conexão
 mutua dos

bons costumes,
e das
boas Leis.

„ de estabelecer algum principio , seria
 „ este : *Formem-se reciprocamente os bons*
 „ *costumes , e as boas Leis.* Para desgraça
 „ nossa esta preciosa conexão de humas , e
 „ outras só nos chega a ser sensível , quan-
 „ do temos chegado ao mais alto pon-
 „ to de corrupção , e ao mesmo tempo
 „ de todos os abusos ; de fórma que en-
 „ tre os homens sempre he o maior mal ,
 „ que chega a ser o principio do bem. „
 He esta huma d'aquellas verdades puras ,
 que continuamente deverião ser medita-
 das. Se o governo desprezar os costumes,
 as suas Leis serãõ desprezadas , e as infeli-
 cidades irãõ sempre augmentando. As
 virtudes dos Espartanos , que Sulli por to-
 da a parte inculca , sãõ pouco analogas ,
 convenho nisso , á mente de huma vasta ,
 e opulenta Monarquia ; mas pelo menos
 seria para desejar que se abraçasse o essen-
 cial dellas. Humas vís paixões não soffo-
 cariaõ os sentimentos de Cidadãõ. E qual
 he a razão porque a probidade , e os
 costumes sãõ a maior parte das vezes em
 certos Paizes o ludibrio da insolente for-
 tuna , senãõ porque os homens , que oc-
 cupaõ os lugares , e os empregos , ou
 não os conhecem , ou os desprezãõ ?

Poder do
Principe ,
annexo á
felicidade
do Povo.

Chegando os Póvos a ser felizes , che-
 ga o Principe a ser poderoso. Certo tem
 elle o achar no amor dos seus vassallos

recursos , que não acharia no exercicio do despotismo : disto estava Henrique persuadido. Perguntando-lhe o Duque de Saboya quanto lhe rendia a França : *o que eu quero* , respondeo elle ; *porque tendo o coração do meu Povo , terei delle quanto quizer*. Hum bom pai , amado dos seus filhos , seguro tem o seu soccorro.

A sua paternal vigilancia a tudo chegou. Intentava elle reformar a justiça , diminuir os gastos della , as demoras , e cortar as raizes da trapaça. Sobre este ponto trabalhou Sulli , e a sua idéa de fazer sentencear por arbitros os processos entre parentes (*L. 26.*) pouparia ás familias males infinitos. Mas em quanto as Leis forem muito subtís , muito confuzas , em muito grande número , humas vezes contradictorias , outras vezes fundadas em principios falsos , haverá sempre huma origem inexaurivel de abusos. O mesmo Luiz XIV. deixou algumas Leis , que fazem gemer os litigantes , e que expõe o bom direito ou á fraude , ou ao roubo.

Supprimírao-se muitos d'aquelles empregos , que huma pessima politica creava por dinheiro , e dos quaes só resultava augmento de obstrucção nos erarios , e de vexações na sociedade civil. Mas este flagello se augmentou perpetuamente de-

Projecto de reformar a justiça.

Suppressão de empregos.

depois : tanto céga hum interesse momentaneo a politica a respeito dos inconvenientes futuros !

Queria Henrique estabelecer a boa ordem, e a paz na Igreja.

Naõ pode Henrique IV. conseguir que o Cléro dèsse o exemplo das virtudes, desinteresse, moderação, e patriotismo, necessarios para a tranquillidade do Reino ; que as duas Religiões competidoras sacrificassem a sua mutua antipathia ao amor da boa ordem, e da paz ; que os Catholicos favorecidos tratassem os Calvinistas como irmãos ; e que estes se contentassem com a liberdade de consciencia, sem se entreterem em animosidades, e projectos perigosos. Por desgraça governava o espirito de partido, em geral, a huns, e outros. Ainda estavam todos muito longe das luzes, que descobrem o absurdo d'aquelle espirito, e dos sentimentos que destróem a sua violencia. Importa logo esperar novos tumultos, e novas guerras de Religião, des que hum governo menos recto der occasião, para que se attêe o fogo occulto debaixo da cinza.

A Nobreza coarctada.

O ultimo Rei tinha supprimido a nobreza adquirida sómente pela posse dos feudos ; Henrique IV. suprimio tambem aquella, que dava sómente a profissão das armas. Os privilegios annexos á qualidade de nobre, onerosos ao Povo, não devem

vem certamente ser concedidos , senão com muita reserva. Fazer destes privilegios , como Luiz XV. fez , a recompensa dos dilatados serviços militares , he excitar a emulação , sem multiplicar os abusos.

Nem o estado do Reino , nem o systema de economia , permittiaõ levantar esses magnificos monumentos , em que a gloria das letras , das sciencias , e das bellas artes parece dar annuncios da gloria do Principe , e da felicidade do Estado. Com tudo Henrique , como diz Voltaire , foi o verdadeiro fundador da Bibliotheca Real. Edificou a galaria do Louvre , e a Ponte nova. A elle he devido o Canal de Briare , pelo qual se communica o Sena com o Loira. Outros Canaes intentava elle , assim como o ajuntamento dos dous mares : obras de tão grande utilidade , que só o Commercio interior quasi que seria sufficiente para a prosperidade do Reino. Digamos todos com Sulli , justo avaliador das grandes qualidades deste Principe , de quem não dissimula defeito algum : *O tempo he tudo quanto lhe faltou para as suas gloriosas empresas.*

Monumē-
tos uteis
deste rei-
nado.

Nada fal-
tou mais q̃
o tempo.

CAPITULO VI.

Desordens, tumultos, e guerras civis, nos principios do reinado de Luiz XIII.

O ASSASSINIO de Henrique IV. que se suspeita com verisimilhança, posto que sem provas, ter sido parto de huma conspiração, fez desabar todo o edificio da sua sabedoria, desvanecio todas as esperanças dos Cidadãos, e sepultou novamente o Reino em todas as infelicidades. Com o disfarce do luto, entre a pública afflicção, manifestava-se até no Louvre a alegria de diversas pessoas. Já esses intrigantes, esses ávidos ambiciosos, levantavaõ o seu systema de fortuna sobre as ruínas do Estado. Não tinha Luiz XIII., senão nove annos, e huma regencia se preparava para abrir a carreira das mais funestas cabalas.

1610
Depois da
morte de
Henrique
VI. tudo dá
annuncios
de infelicidades.

Vêmos primeiramente, como o Duque de Epernon, o qual tinha continuamente enredado tudo no ultimo reinado, soltou véla á sua arrogancia. Na presença de todo o Parlamento ordena, por assim dizer, que a Rainha Maria de Medicis seja nomeada Regente, empunha a

es-

espada, e ameaçando diz: *A espada ainda está na bainha, mas della sahirá, senão se conceder no mesmo instante á Rainha hum direito, que lhe he devido segundo a ordem da natureza, e da justiça.* Passa o Parlamento hum decreto dictado pela força. Confórme os usos antigos, a decisaõ deste ponto pertencia aos Estados geraes; mas a circumstancia era critica, o tempo instava, era necessário precaver as desordens da Anarquia; e o Parlamento via sem dúvida com grande gosto a grande authoridade, que se lhe attribuia.

Decreto pelo qual se differe a regencia á Rainha.

Naõ ha cousa, que iguale aos vicios, e aos erros do novo governo. O Florentino Concini, Marquez de Ancre, e depois Marechal de França, e especialmente Leonor Galigai, sua mulher, senho-reavaõ absolutamente o animo da Rainha, cuja fraqueza, e incapacidade deixavaõ livre o campo ás suas paixões. Ambos estes Estrangeiros, tão cubiçosos, como subtileis, se exaltáraõ do estado o mais mediocre para a mais alta fortuna. O Conselho de Estado naõ se convocava, senão por cerimonia: nelle imperavaõ as disputas, mas naõ se regulava nada. Certo Conselho occulto, que se juntava a horas intempestivas, resolvia tudo, mudava o systema politico, e seguia principios directamente oppostos aos principios de

Concini, e sua mulher poderosissimos.

Conselho occulto.

Hen-

Henrique IV. Concini com sua mulher, o Nuncio do Papa, o Embaixador de Hespanha, e o Padre Cotton, eraõ admittidos neste Conselho. Não tinha logo Sulli razão para dizer: *Estamos a ponto de cabir no dominio da Hespanha, e dos Jesuitas: os bons Francezes devem cuidar em si, pois não ficarão muito tempo descansados?*

O systema do ultimo reinado, destruido.

Com effeito, a uniaõ da França, e da Hespanha por meio de dous casamentos, hum do Rei com Anna de Austria, e outro de Isabel, irmã do Rei, com o filho de Philippe III.; a dissoluçãõ das alianças formadas no ultimo reinado; a ruina dos Calvinistas; a dissipaçãõ do Theouro, ou para enriquecer os validos, ou para lhes grangear seguidores: este o fim, a que se encaminhavaõ quasi todas as deliberações. Carlos Manoel, Duque de Saboya, que se fiava nos tratados, foi abandonado de hum modo ignominioso á vingança dos Hespanhoes, e Lefdiguieres marchou duas vezes em seu socorro, a pesar da prohibiçãõ do Rei: outra prõva da fraqueza do governo.

Deixa Sulli a Corte.

Não podia Sulli ser bem visto n'huma Corte; da qual eraõ desterrados os sentimentos de honra. A sua varonil sinceridade, e nobre altivez o constituiaõ incapaz de condescender com os perniciosos conselhos. Pedio licença para retirar-se, e o seu

seu retiro era de todos desejado , e lhe foi concedido. Nelle viveo Sulli até o anno de 1641 , occupado em ferver ainda á posteridade por meio d'aquellas Memorias , que nos transmittirão os seus sentimentos , e as maximas da sua politica.

Huma vez , que elle tornou a apparecer em Pariz , porque se conheceo a necessidade , que havia de o consultar , fizeram os Cortezãos ludibrio do seu vestuario , e modos. *Quando o Rei , vosso Pai , disse Sulli a Luiz XIII. , me fazia a honre de consultar-me , primeiramente mandava sahir todos os bobos , e bailarinos de Corte ,* E ha de a gloria , e prosperidade de hum grande Reino depender de duas unicas cabeças !

Appareceo Sulli outra vez na Corte , onde foi escarnecido. —

Os tumultos , as guerras civís , as desordens , e as infelicidades , rapidamente se accumulão. Tudo degenera em intrigas. O Principe de Condé sobleva-se juntamente com outros Principes , e diversos Grandes. Não ha forças para soffrallos ; concede-se-lhes tudo o que requerem em virtude do Tratado de Santa-Menehoulde. Ajuntárao-se os Estados geraes em 1614 , como pretendiaõ aquellos sediciosos , e tudo quanto produzem são disputas. Nelles he que o Clero , imbuido sempre nos principios ultramontanos , sollicita com ancia a publicação do

Rebellião do Principe de Condé.

Estados Geraes , juntos em 1614.

Con-

Côncilio de Trento, e reprova como empreza temeraria a proposição do terceiro estado, de estabelecer em fôrma de Lei, *que nenhuma potencia temporal, nem espi-ritual tem direito para dispôr do Reino, nem para dispensar os vassallos do juramento de fidelidade.* Foi depois disso annullada huma ordenação do Parlamento, a qual põe a independencia da Coroa no número das Leis fundamentaes, como se a Corte de Roma presidisse ao Conselho do Rei.

O Clero, e a Corte se oppõe a huma boa Lei.

Representações do Parlamento, mal recebidas.

Em 1615 faz o Parlamento várias representações a respeito da dissipação do Thesouro de Henrique IV., do qual já não sobravaõ mais que dous milhões; ácerca das despezas prejudiciaes, e inúteis, que enfraqueciaõ o Estado; e sobre outros abusos, que todos os dias se multiplicavaõ. Responde-se por huma ordenação do Conselho, que o Parlamento não tem jus algum para metter-se nos negocios de Estado. Depois disso ás representações do Procurador Geral oppõe-se Luiz com duas palavras sómento: *Eu assim o quero, e a Rainha.* Podia o Rei governar só, tendo acabado a sua menoridade no anno precedente; mas sempre o veremos, posto que cioso de poder, abandonallo em outras mãos.

Nova rebelliaõ de Condé.

Com outra nova rebelliaõ do Príncipe de Condé, sustentado pelos Calvinistas,

tas , se augmentaõ os cuidados da Corte. Este Principe , depois de ter publicado o manifesto mais violento , deixa-se enganar , depõe as armas , volta , e he preso em meio do Louvre em 1616. O Marechal de Ancre , ou para melhor dizer , sua mulher , muda entaõ todo o ministerio , e faz com que seja nomeado Secretario de Estado o Bispo de Luçon , Richelieu , que devia reinar hum dia em nome de Luiz XIII. Concedem-se prodigamente as recompensas a huns homens , que não às merecem , e nem por isso deixaõ de ser mais attrevidos os sediciosos. Esta he a quarta vez , que se attrêa a guerra civil. Tal era a grande riqueza de Concini , d'antes pobrissimo , que offerece levantar á sua custa hum exercito de sete mil homens.

Abominado o valido , e igualmente desprezado dos Grandes , defendia-se contra os seus esforços. Tinha Concini hum inimigo mais perigoso no mancebo Luinez , cuja fortuna quasi que foi taõ digna de admiração , como a sua. Chegou este a alcançar o valimento , ensinando passaros para divertir o Monarca. E sendo Luiz huma d'aquellas almas fracas , a quem governaõ os que tem o talento de agradar-lhes , conseguiu elle inspirar-lhe o ciume da authoridade. Persuadio-lhe que sacodisse em fim o jugo de huma Mãi ab-

Este Principe he enganado , e preso.

1617
Luinez
valido, cõ-
petidor de
Concini.

soluta ; e que não admittisse mais hum estrangeiro , senhor do animo d'aquella Princeza , e por conseguinte senhor absoluto do governo. Ordenou-se por tanto que fosse preso o Marechal de Ancra ; e Vitri, Capitão das guardas de corpo , a quem fora encarregada esta commissão , executou-a conforme as intenções de Luinez ; isto he , que Concini fosse morto sob pretexto de resistencia. Esta proeza lhe ganhou o bastaõ de Marechal. Da mesma maneira o conseguiu Themines , prendendo o Principe de Condé. Que governo aquelle , em que taes proezas guiaõ para as maiores honras militares !

Concini
morto por
mandado
dos Gran-
des.

Galigai
executada
por feiti-
ceira.

O processo de Galigai , mulher do Florentino , foi a hum tempo o cumulo do absurdo , e da injustiça. Accusáraõ-a principalmente de feiticeira , e magica. O Juiz , que lhe fazia as perguntas , tendo-lhe perguntado de que encanto se tinha ella servido para encantar a Rainha Mãe : *Do poder*, respondeo Galigai , *que hum entendimento superior tem sobre outro , que he fraco*. O Parlamento declarou-a criminosa de leza magestade divina e humana , e a mandou executar n'hum cada-falso , e seu corpo foi lançado ao fogo.

Donde
procedia a
credulida-
de a favor

Tinha Catharina de Medicis trazido de Florença a moda insensata da astrologia , a qual era tão acreditada , que Jacques de

de Thou, Historiador admiravel, como da magi-
que participou neste ponto da credulida- ca, e as-
de geral, e Henrique IV. mandou tirar trologia:
o horoscopo de seu filho. A Corte de
Maria de Medicis tinha-se enchido de as-
trologos, e estes impostores Italianos fo-
raõ os que deraõ motivo sem dúvida pa-
ra a accusação, que acabo de referir.

Qualquer que fosse a indignação, que Grande
tivessem excitado o credito, e a riqueza fortuna de
dos dous Florentinos, Luinez., nascido Luinez.
em o Condado, e de algum modo estran-
geiro como elles, não receou exceder á
sua ambição: enriqueceo-se com os seus
despojos; e de simples Cavalheiro, che-
gou a ser em pouco tempo Duque, e
Par, Marechal, Condestavel, e Guarda-
Sellos. Não lhe faltou mais do que o me-
recimento; porém a intriga suppria a isto
superabundantemente, á vista de hum Prin-
cipe, escravo dos seus validos, até que
o desgosto contribuisse para variar o va-
limento.

Com tudo a Rainha Mãi, que vivia
desterrada em Blois, conspira juntamen-
te com o Duque de Epernon, e foge
para dar principio á guerra civil. Fazem-
se ajustes com a Rainha, e com o Du-
que, cedendo lhes grandes vantagens, e
huma nova ruptura he seguida de novo
ajuste. O Bispo de Luçon, privado da
TOM. VIII. E gra-

1619
Guerra, e
ajuste com
a Rainha
Mãi.

graça, depois da decadencia de Concini, Chêfe do Conselho de Maria de Medicis, conservou a paz como homem habilidoso, e por este meio abriu novamente o caminhar da fortuna. Este vasto engenho occultava industriosamente a sua ambição de dominar.

Inquieta-
dos os Hu-
guenotes
pretendem
estabele-
cer huma
Républica.

A tantas pequenas guerras civis, que sendo desacordadas, eraõ de mais disso ignominiosas para o Soberano, succedeo huma tão violenta, quantos eraõ os motivos de Religião, que afiavaõ as armas. Des do principio do reinado, tinhaõ sido inquietados os Huguenotes, que a sifudeza de Henrique IV. mal podera d'antes enfrear. Em 1617 os tinha Luiz especialmente irritado com huma ordenação do Conselho, a qual ordenava a restituição dos bens Ecclesiasticos do Bearne, de que os Huguenotes havia sessenta annos que estavaõ de posse. As suas intrigas novamente se animáraõ; e em huma Junta da Rochella, resolvêraõ executar hum systema de República, seguindo o exemplo dos Hollandezes.

Sítio de
Montaubão.

O Condestavel de Luinez, tão presumido como ignorante, imaginou poder lançar por terra hum partido tão formidável. Emprehendeo a guerra, e Luiz marchou em pessoa, sitiou Montaubão, e teve a magoa de levantar o sítio em

1621.

1621. Dous grandes Capitães o Duque de Rohan , e seu irmão Soubise estavam na frente dos Calvinistas. Couza nenhuma os pode desafferrar de huma causa, que elles julgavam ser obrigados a defender. Morreo Luinez depois desta ignominiosa expedição. O valeroso, e ambicioso Lefdiguières abjurou o Calvinismo, a fim de obter a espada de Condestavel. (*)

Morte de
Luinez.

No anno seguinte continuaram a combater-se com furor. O Rei dava o exemplo da affouteza ; qualidade bem differente da verdadeira corage, pois que esta póde encontrar-se em huma alma fraca. Póde ser que elle tivesse sido infeliz á vista de Monpelher, que se defendia do mesmo modo que Montaubão ; mas fazendo a paz, prevenio semelhante affronta. Além da confirmação do Edicto de Nantes, confirmado já, mais de huma vez, os Chéfes dos rebeldes obtiveram todas as mercês, que quizeram. Estava de alguma sorte em uso galardoar melhor a rebelião, do que os serviços.

Continua-
ção da
guerra.

Os reebl-
des recom-
pensados.

E ii

CA-

(*) Era necessario ser Catholico para ter a espada de Condestavel, mas não para ser Marechal de França.

CAPITULO VII.

*Turmultos de Arminianismo em Hollanda ---
Reinado de Jacques I., Rei de Inglaterra
--- Fernando II. opprime o Eleitor Palatino,
e ameaça a liberdade Germanica.*

As dissensões religiosas, mais fortes que nunca.

Arminio, e Gomar em Hollanda.

CHEGAMOS ao tempo, em que as dissensões religiosas recobram toda a sua atrocidade. Quando estas se misturam com os grandes negocios politicos, produzem sanguinolentos catastrophes; pois abalam os Thronos, e os Estados, e são a causa da infelicidade, e opprobrio do Genero Humano. A propria Hollanda era victima desta incomprehensivel mania, que perturbava o Mundo Christão, havia treze seculos. Arminio, e Gomar, dous Theologos, Lentes em Leide, tinham attestado em 1603 o fogo da discordia, a respeito do Mysterio da predestinação; e da graça, cada vez mais incomprehensivel por todos os systemas dos Doutores. Pretendia Arminio pelo menos temperar os principios odiosos de Calvino; não admittia que fossem huma consequência necessaria dos decretos absolutos do Omnipotente, não só a salvação dos predes-

tinados, mas também os supplicios eternos dos reprobos: defendia a bondade de Deos, e a liberdade do homem, quanto permittiaõ os principios da sua Seita. Gomar, Calvinista severo, e desapiadado, não tendo a razão pela sua parte, supprhia-a por meio d'aquelle enthusiasmo perseguidor, de que a plebe se deixa arrastar. Os Arminienfes não pediaõ outra cousa, senão a tolerancia, que obtiveraõ dos Estados geraes em 1614. Com tudo os Theologos não cessáraõ de combater, e os partidos se inflammáraõ até chegar á violencia.

Maurício, Principe de Orange, animava os Gomaristas; aproveitando-se destes tumultos para opprimir a sua Pátria, depois de ter sido o defensor della. O primeiro Ministro de Estado das Provincias unidas Barneveldt, a quem elle era devedor do Governo, Cidadão illustre por todos os generos de virtudes, e serviços, protegia os Arminienfes, cuidando na liberdade pública. Resolveo-se a sua perdição. O famoso Synodo de Dordrecht condemna em 1619 a doutrina de Arminio, e Barneveldt acaba a vida em hum cadafalço no fim da sua velhice. (*)

Maurício de Orange; aproveita-se da disputa para perder Barneveldt.

Perseguição passiva.

Gro-

(*) Perdeo Barneveldt a vida na idade de setenta annos, depois de ter servido por espaço de quarenta a República com o mais feliz successo. A sen-

Grocio , seu seguidor , he condemnado a huma prisão perpetua , da qual se livrou por meio da engenhosa ternura de sua esposa. Perseguição monstruosa , em huma República , cuja liberdade procedia do odio , que tinha inspirado a perseguição dos Hespanhoes. A tudo chegam as humanas extravagancias.

Os Hollandezes não deixam de engrandecer-se.

Os Hollandezes , ao menos nas suas disputas Theologicas , não perdêraõ de vista o interesse do seu Commercio. A Companhia das Indias entre elles estendia os seus estabelecimentos , e foi Batavia fundada na Ilha de Java , e chegou a ser o Amsterdam da Asia.

Veremos em Alemanha huma guerra de trinta annos atear-se por motivos de Religião , abraçar outros Estados da Europa , e minar os fundamentos da Potencia Austriaca. Para não confundir os objectos , formemos antes huma idéa do reinado de Jacques I. em Inglaterra , Principe , que deveria ter tomado muito maior parte , do que não tomou , em hum negocio tão importante.

Caracter de Jacques I. , Rei de Inglaterra.

Eia Jacques douto , mas pedante ; Theologo , mas obstinado ; pacifico por fraqueza de genio , entregue , assim como os Reis de Hespanha , e de França ,

a

tença declarava que elle tinha affligido quanto era possível a Igreja de Deos.

a huns validos indignos do valimento , muito cioso todaviã da authoridade absoluta , a qual considerava como direito da sua Corôa. Sendo ainda minino , quando Maria Stuart sua Mãi foi privada do Throno , tinha sido educado na religião protestante. Huns Catholicos Inglezes , furiosos por não encontrar nelle a indulgencia , que esperavaõ , formáraõ em 1605 , no terceiro anno do seu reinado , aquella horrorosa conjuraçaõ das polvoras , da qual dissemos alguma cousa em outro lugar.

Trinta e seis barris de polvora estavaõ occultos debaixo da falla do Parlamento , para sepultar na mesma sepultura o Rei , a Familia Real , os Pares do Reino , e os Communs. O Lord Montezagle , tendo sido felizmente advertido por hum carta que não se achasse na Junta , porque havia de succeder nella hum *ter-rivel desgraça* , communicou este aviso , e Jacques percebeo o conloio. A maior parte dos conspirados morrêraõ com as armas na mão. Dous Jesuitas , Garnet , e Oldecorne , foraõ acusados de os ter animado para este crime , no Tribunal da penitencia. Seria este hum exemplo de mais dos attentados , com que o falso zelo , e a falsa moral maculavaõ entã o Santo Ministerio.

Conjura-
çaõ das
polvóras.

De-

Vás tentativas para restabelecer o Episcopado em Escocia.

Debalde ostentava Jacques a sua Theologia, e poder, para sujeitar ao Episcopado os *Presbyterianos* de Escocia, os quaes julgavaõ trazer novamente os tempos apostolicos, não reconhecendo outros Chefes, senão os *anciãos* da sua Seita. Considerava elle, e com razão, os Bispos como arrimos da Real authoridade; e dizia em alta voz *sem Bispos não ha Reis*. Mas aquelles fanaticos, respirando o amor da independencia, tiravaõ dahi novo motivo para resistir-lhe. Nunca Jacques pode convencellos, nem reduzillos. Os Puritanos de Inglaterra, animados do mesmo espirito, chegarão a fer, no seguinte reinado, os destruidores da Coroa.

Jacques compromette a authoridade, á força de a querer ampliar.

A imprudencia de Jacques abriu caminho para esta fatal revolução. A força de infilir a respeito das maximas do poder arbitrario, seguidas sem obstaculo pelos Tudors, fez nascer entre a Nação as idéas republicanas. Discorreo-se a respeito da authoridade, discutiraõ-se os seus principios, indagou-se a sua origem, remontou-se até o tempo, em que ella tinha estreitos limites; foraõ buscar-se na Historia, e na antiga literatura, sentimentos livres, que as circumstancias devião desenvolver; e julgou-se haver direito para lutar contra a prerogativa hum-

Par-

Parlamento de 1610 fez attrevidos enfaixos neste genero , e foi cassado com indignação.

Bem podia Jacques , assim como Isabel , por meio da economia , livrar-se da necessidade dos soccorros parlamentarios. Via-se elle necessitado , e era prodigo. Depois de ter vendido por duzentas mil libras esterlinas alguns titulos de Cavalleiro Barão , achou-se constrangido a convocar outro Parlamento em 1614 , no qual achou os Communs mais ardentes em contestar-lhe os direitos , e deo-se pressa de o dissolver , renunciando o subsidio.

Naõ tendo Jacques economia , o Parlamento se animou.

Roberto Carre , Conde de Somersete , seu valido , e Ministro , he então expellido , e substituido por outro valido. O mancebo Villiers faz a mesma figura em Inglaterra , que Luinez fez em França : chega a ser repentinamente Duque de Buckingham , Estribeiro-Mór , e Almirante em Chéfe. As riquezas chovem sobre a sua familia , assim como sobre a sua cabeça. O Rei , a fim de ter dinheiro , entrega aos Hollandezes Brille , Flesingues , e Rammekins , tres Praças importantes , que os mesmos Hollandezes tinhaõ dado a Isabel , em penhor das quantias , que ella emprestava á República ; estas quantias importavaõ em quasi setecentas mil libras

Somersete , e Buckingham

Praças entregues á Hollanda.

esterlinas, das quaes Jacques sómente exigio pouco mais, ou menos a terça parte. As tres praças causavaõ grande despesa, e não davaõ utilidade alguma verdadeira. Nem por isso se indignáraõ menos do procedimento de Jacques, que pareceo ignominioso para a Nação; e n'humas conjuncturas taõ delicadas, devia ser respeitada a opiniaõ pública.

Tal era o governo de hum Principe mais poderoso, e todavia muito mais fraco, do que Isabel, quando se manifestáraõ em Alemanha as scenas sanguinolentas, que desaffoçegáraõ a Europa toda.

Movimē-
tos dos
Protestan-
tes do Im-
perio.

Os Protestantes do Imperio, como fica dito, tinhaõ-se unido novamente para manter as suas liberdades. Reclamavaõ contra os procedimentos do Conselho aulico, e pretendiaõ que tudo fosse igual entre ambas as Religiões. Tendo os Protestantes motivos para as suas queixas, ainda se julgavaõ muito mais lezados, do que na realidade estavaõ. O Archiduque Mathias se aproveitou destes tumultos, fomentados pela sua ambição, a fim de despojar Rodolfo II., seu irmão, cuja insensibilidade crescia todos os dias no meio das frivolezas. Obrigou-o a ceder-lhe em 1608 a Hungria, e Austria; e em 1611, hum anno depois da famosa uniaõ *Evangelica de Hall*, tirou-lhe

Rodolfo
II. despo-
jado por
seu irmão
Mathias.

lhe tambem a Bohemia , com maõ armada , deixando-lhe só o vaõ titulo de Imperador. Queixou-se Rodolfo em huma Diéta Eleitoral , mas não lhe dissimuláraõ que a si mesmo devia imputar o despreso , que o expunha a tantos infortunios.

Mórte do
Impera-
dor,

Aagitado Rodolfo de inquietações , e suspeitas , desconfiando dos proprios parentes , e entregue aos conselhos de Ticho-Brabé , esse grande astrónomo , que cahia nas chimeras da astrologia , não consentio que pessoa alguma se chegasse para elle , e fez-se como invisivel , até que a mórte poz fim aos seus trabalhos em 1612.

Foi Mathias eleito Imperador , depois de hum interregno de alguns mezes , por não haver Rei dos Romanos , e no seu reinado se manifestáraõ as dissensões. Posto que se tivesse assegurado aos Protestantes de Bohemia o exercicio público da sua Religiaõ , mandou o Cléro demolir em 1618 alguns Templos seus. Furiosos os Bohemios á maneira dos antigos Hussitas , soblevaõ-se sem demora , sobem ao Castello de Praga , entraõ na falla do Conselho , lançaõ pelas janellas fóra o Secretario , e dous Conselheiros de Estado , tomaõ a si o governo , expulsaõ os Jesuitas , e os Realistas , fórmaõ hum Exercito contra *os inimigos de Deos , da Reli-*
giaõ ,

Sobleva-
ção dos
Bohemios,
no Reina-
do de Ma-
thias.

giaõ, e dos Decretos do Imperador; e sustentação por meio de hum manifesto, que nenhuma outra cousa fizeraõ, senão seguir as Leis, e usos do Reino.

Cresce o mal, e se communica.

Quer Mathias valer-se dos meios da brandura, e Fernando; Archiduque de Gratz, seu primo, a quem elle adoptára em prejuizo de seus próprios irmãos, nomeado já Rei de Bohemia, e de Hungria, seguia maximas totalmente diversas, as maximas Hespanholas. Toda a esperança de paz se desvanecio. Os Estados de Silesia, Moravia, e os da propria Austria superior, se declaráraõ a favor dos Bohemios. Os Hollandezes, e a união de Hall lhes promettem soccorros. O célebre Conde de Mansfeld, filho bastardo do Governador de Flandres, o qual tinha já servido contra a Casa de Austria, traz-lhes com effeito algumas tropas da união. Tudo prognosticava huma guerra atroz. Morreo Mathias de paixão em 1619, antes de principiarem as maiores infellicidades.

1619
Fernando II. succede a Mathias, seu primo.

Se no Ministerio de França tivesse havido politica, e vigor, a Casa de Austria perdia o Imperio. O Eleitor Palatino propoz na Diéta o Duque de Baviera, seu parente, e as circumstancias facilitavaõ esta eleição. Mas o Condestavel de Luinez, poderosissimo então na Corte de Luiz

XIII. , ajustou-se com os Hespanhoes , e protegeo o Archiduque Fernando , que foi eleito; Principe muito apaixonado pelos principios da authoridade arbitraria , cheio aliás de qualidades sublimes , e capaz de augmentar o poder Austriaco em Alemanha. Com tudo o Conde da Tour , General dos rebeldes , atemorizou a propria Austria : e se este General fora mais diligente podia assenhorear-se de Vienna.

Não satisfeitos os Bohemios de reconhecer a Fernando II. por Imperador , solememente o depõe em Praga , com o pretexto de ter violado os seus privilegios , e ajustado com a Hespanha abolir o direito de eleição em Bohemia , e constituir hereditaria a Coroa na sua familia. Offerecem esta Coroa ao Eleitor Palatino Frederico V. , Chéfe da Liga Protestante , e genro d'El-Rei de Inglaterra. Acceita Frederico imprudentemente a Coroa , levado a seu pesar para o precipicio pelos conselhos de sua mulher , e dos seus lisongeiros. Esta temeraria empreza debalde foi condemnada por Jacques I. , seu sogro , e pelo Principe de Orange. Mandou Hespanha á Liga Catholica vinte mil homens ; ao mesmo tempo que Jacques não fez movimento algum , sem embargo do grande fervor , que os Inglezes mostráráo a favor de huma causa , que

Fernando
II. deposto
pelos Bo-
hemios.

O Eleitor
Palatino
acceita im-
prudente-
mente esta
Coroa.

in-

interessava a sua Religião , e a honra da Coroa.

Perde
Frederico
a batalha
de Praga.

Vencido Frederico , e derrotado na batalha de Praga em 1620, foge. Como Calvinista acerrimo, e impaciente, tinha-se feito odioso aos Lutheranos, e igualmente aos Catholicos. Esta não foi a menor causa dos seus infortunios ; porque vemos que a Religião mal entendida, era sempre a alma dos partidos.

1621
Acomette
Fernando
o Palatino-
do, e des-
troce tudo.

Defendendo Fernando até então huns direitos legitimos , tinha mostrado grande moderação ; mas a victoria o trocou n'hum despotico. Sem consultar os Eleitores , a pesar da sua propria capitulação , em hum negocio puramente pessoal , banio do Imperio a Frederico , e seus seguidores , senhoreou-se do Palatinado , e ordenou crueis execuções. A uniaõ protestante he affogada ; trata com os Hespanhoes , e desfaz-se. O Imperador não tinha conhecimento sem dúbida do valor das letras, pois deo , ou consentio que o Duque de Baviera dêsse ao Papa Gregorio XV. a magnifica Bibliotheca Eleitoral de Heidelberg , que os Alemães ainda hoje sentem ter perdido.

Erros que
Jacques I.
comette.

Tinha o Rei de Inglaterra convocado o Parlamento , não com intento de declarar guerra , mas a fim de obter subsídios , como se estivesse bem resoluta a de-

de-

declaralla. Obtendo os subsídios, vio não obstante a sua prerogativa mais acometida, do que nunca. Francisco Bacon, seu Chanceler, tão famoso em literatura, culpado de várias culpas em seu procedimento, foi accusado pelos Communs, condemnado á prisão, e multado em quarenta mil libras esterlinas. O Parlamento olhou com curiosidade para os direitos da Coroa; e para os negocios de Estado. Tendo-lhe Jacques prohibido entremetter-se em semelhantes negocios, a Camera baixa respondeo que tinha *direito hereditario* para propôr pareceres a respeito do governo. Defendeo elle que os privilegios da Camera eraõ mercês do Soberano, e não direitos hereditarios. Todos os da Camera protestáraõ, e elle ordenou que se lhe trouxesse o registro á sua presença, rasgou o protesto, cassou o Parlamento, mandou prender alguns dos seus membros, prohibio que ninguem fallasse nos negocios públicos, sem advertir que este era o meio de fazer com que se fallasse mais livremente. Os dous partidos, da *Pátria*, e da *Corte*, chamados depois *Whigs*, e *Torys*, trazem a sua origem deste célebre Parlamento.

Privado o infeliz Frederico, do socorro de seu sogro, que se limitava a certas negociações, e se deixava entreter pela

Os Communs che-
gaõ a ser
mais atre-
vidos.

1623
O Eleito-
rado do Pa-

Cor-

latino con-
ferido ao
Duque de
Baviera.

Corte de Hespanha ; não sendo soccorrido melhor pelo Principe de Orange , seu Tio , foi totalmente sacrificado ao despotismo , e á vingança do Imperador. Em huma Diéta de Ratisbona , para a qual foraõ sómente chamados os Eleitores , e alguns Principes devotos do Chéfe do Imperio , conferio Fernando ao Duque de Baviera o Eleitorado do Palatino , por pluraridade de votos ; e querendo tambem obrigar todos os Estados do Imperio a abrir as suas Fortalezas , quando nellas entrasse , ou elle ou as suas trópas , esta proposição , tão intoleravel , foi reprovada ; pois manifestava as intenções do Imperador , e os perigos d'Alemanha.

O Conde
de Tilli
faz tremer
Alemanha.

Tudo se rendia ás armas do Conde de Tilli , Flamengo , General da Liga Catholica. As muitas victorias , que elle alcançára contra os Portestantes divididos , eraõ outros tantos triunfos para o poder imperial. Se hum engenho , tal como o do Cardeal de Richelieu , não tivesse em fim governado a França , era para recear que a Casa de Austria não realisasse os projectos antigos de Carlos V. Antes de passar á época do seu Ministerio , digamos em poucas palavras o que a Historia de Hespanha nos offerece de interessante.

CAPITULO VIII.

Conjuração de Veneza. --- Observações a respeito da Hespanha.

HUM Monarca frouxo , indolente , governado por validos ; hum Ministro igualmente incapaz , e igualmente governado : taes erão Filippe III. , Rei de Hespanha , e o Duque de Lerma. Este foi condecorado em 1618 com o barrete de Cardeal , e o seu Soberano o desterrou no mesmo anno.

Filippe III. , e o Duque de Lerma.

Em hum governo cobarde , e cego , não se extinguiu a ambição. O Duque de Ossuna , Vice-Rei de Napoles , Pedro de Toledo , Governador do Milanez , e o Marquez de Bedmar , Embaixador em Veneza ,prehendêraõ subjugar os Venezianos , e com elles o resto da Italia. Sem approvação da sua Corte , formáraõ humafamosa conjuração , por meio da qual esperavaõ apoderar-se de Veneza. Por humaparte as trópas do Milanez , e por outra várias barcas mandadas do Reino de Napoles , teriaõ manobrado ao mesmo tempo ; e a Cidade , abandonada ás chammas por hum tropel de conspirados , não

Conjuração Hespanhol contra Veneza.

teria podido resistir a tantos ataques improvistos. A vigilância do Senado descobriu em 1618 tão extraordinaria conspiração. A maior parte dos conjurados foram affogados occultamente: Bedmar que tinha especialmente violado o direito das gentes, fugio, e foi mandado para Flandres, onde chegou a ser primeiro Ministro dos Archiduques, e pouco tempo depois Cardeal. Pedro de Toledo foi chamado do Milanez: o Duque de Ossuna ficou Vice-Rei de Napoles, por ter feito grandes serviços contra os Turcos, os quaes faziaõ continuos desembarques na Sicilia, donde tinhaõ levado, dentro em trinta annos, mais de trezentos mil escravos. Semelhante flagello absorvia todos os rendimentos de hum Estado antigamente rico, e florecente.

Nobreza
offerecida
aos culti-
vadores.

A Hespanha, muito mais despovoada pelas causas destructivas, que temos visto, via se tão falta de lavradores, que Philippe III. publicou em 1620 hum Edicto para conceder certas honras da nobreza, e a isenção do serviço militar, á todos aquelles que se dessem á agricultura; mas os Hespanhoes preferirão antes adormecer na sua insensibilidade, e miseria. Outros meios teria achado hum bom governo para reanimar a mais importante de todas as artes. Se os Nobres faziaõ des-

ta arte o objecto do seu desprezo, podia haver esperanza de que os privilegios de nobreza desafiáram para a cultivar, especialmente em Hespanha, onde as preocupações pareciam então indomaveis?

O mesmo Filippe foi, segundo dizem, a victima da absurda tyrannia dos usos. Melhorando de certa enfermidade trabalhava na Camera do Conselho. Salta-lhe ao cérebro o vapor de hum grande brazeiro, queixia-se elle; e não estando presente; o que segundo a etiqueta (*) tinha a cargo o lume, ninguém se atreve a tirar o brazeiro. Entretanto, cresce o mal, e morre o Rei. Tinha recomendado a Filippe IV., seu filho, de dezaseis annos de idade, que não mudasse de Ministerio. Tudo porém mudou logo de face, Gusmao, Conde, e depois Duque de Olivares, chegou a ser o arbitro do Reino: e ainda que era moço, e valido; pelo menos se distinguia em talentos politicos.

1621
Morte de
Filippe III.

Filippe
IV. gover-
nado por
Olivares.

Observarei sómente neste lugar huma

F ii

or-

Ordena-
ção para
dar reme-

(*) Ignoro com que authoridade M. Deformeaux refere este facto, que nos parece tão extraordinario. Porém como este Escriitor, Membro da Academia Real das Bellas Letras, não adopta infinitos contos a respeito da etiqueta Hespanhol, o seu testemunho tem sem dúbida algum fundamento neste lugar. *Nota do Author.*

dio aos
males de
Hespanha.

ordenação pública em 1624, na qual se vê que o Duque d'Olivares procurava remedio a huns males quasi incuraveis. As duas terças partes dos Officiaes de justiça, e dos erarios foraõ supprimidos em virtude desta Lei. Favorece-se a povoação, isentando os novos desposados dos encargos públicos por quatro annos; e de todo o imposto por toda a vida, todo aquelle que tiver tido seis filhos varões. Permite-se tambem o casamento sem o consentimento dos parentes: artigo mais perigoso do que util. Prohibe-se aos habitantes das Provincias vir a Madrid, ou a Sevilha, sem ter negocios importantes, sob pena de huma consideravel condemnação pecuniaria. Prohibição com maior razão para sahir do Reino, com os seus bens, e familia, sem licença expressa do Rei. Promette-se isenção de impostos, e de tributos aos artifices, e lavradores Estrangeiros, que se estabelecerem em Hespanha. Prohibe-se aos Infantes ter mais de dezoito criados. Os ornamentos de ouro, e prata são permitidos sómente ao serviço Divino; e os capotes de seda, que a vaidade fazia comuns, assim entre os pobres como entre os ricos, são igualmente prohibidos.

Importa
reflectir a
respeito da

Naõ ha cousa mais estranha do que vêr huma grande Monarquia, na posse do-

do onro do novo mundo, reduzida á necessidade das Leis sumptuarias. Sem examinar a utilidade , ou o inconveniente de semelhantes Leis , lancemos os olhos para os principios internos de decadencia , que não podiaõ deixar de consumir a Hespanha , em quanto huma vigorosa legislação , motivada pelo excesso do mal , não lhe cortasse profundamente as raizes. A obra de D. Bernardo de Ulloa a respeito do restabelecimento das manufacturas, e Commercio de Hespanha , e a de D. Ustaris sobre o mesmo Commercio , daõ excellentes idéas , a que hum Francez póde ajuntar alguma cousa. Não pasfarei de hum pequeno número de reflexões , as quaes pôdem applicar-se a todo o governo defeituoso.

1. O effencial era sem dúvida povoar novamente a Hespanha , e reanimar a agricultura. Mas que meio podia haver para attrahir habitantes , se a Inquisição dominava em Hespanha com tyrannia , se a desconfiança , e o temor lavrávaõ por todo o corpo da sociedade , se não era necessario mais do que pensar consigo , para ser exposto á prisão , e aos supplicios , se os homens os mais industriosos , por mais pacificos que fossem , não podiaõ gozar dos direitos de Cidadão , sem regular escrupulosamente as suas palavras ,

ruina deste Reino.

Obstaculos á sua Povoação, especialmente da parte da Inquisição.

e o seu procedimento á satisfação dos Inquisidores? Os Hespanhoes viviaõ como esmagados sob o jugo. Haveria Estrangeiros, que podessem sopportar este jugo? Não fallo das funestas consequências, que arrasta a escravidão da razaõ, a qual de ordinario sobmerge as faculdades intellectuaes n'humas especie de lethargo, que aniquila as sciencias, e as artes.

Obsta-
culos á Agri-
cultura, e
ao Com-
mercio in-
terior.

2. Não pôde a agricultura chegar a ser florecente, senão com o soccorro do Commercio interior. He necessario animar o trabalho, e que o superfluo das producções da terra possa procurar as couzas, de que se necessita, e ainda as que suavizaõ as penalidades da vida. Muitos eraõ os obstaculos, que suspendiaõ o Commercio interior. Não havia canaes; não havia estradas, e se as havia eraõ pessimas sem estalagens; tudo eraõ pousadas desprovidas de tudo, e todavia dispendiosas; alfandegas importunas, quasi a cada passo; os mesmos direitos de Provincia em Provincia, que se exigiaõ quando estas eraõ outros tantos Reinos pequenos; o mesmo dinheiro apresado nas Provincias por motivo de prohibições absurdas: com estes obstaculos quem podia pôr em movimento os braços dos culti-

Sem Com-
mercio in-
terior, não

vadores? De que lhes teria servido huma abundancia esteril de fructos, dos quaes
não

naõ saberiaõ o que haviaõ de fazer? Huns teriaõ visto apodrecer o seu trigo, sem poder comprar vinho; outros, tendo adegas cheias de vinho, naõ saberiaõ de que modo haviaõ ter trigo. Assim he que certas Leis, e usos injustos, assim he que a cegueira, ou o rigor dos Soberanos, arruinaõ os melhores, e mais admiraveis Paizes do Universo.

podia a Agricultura deixar de decahir.

3. Por toda a parte, onde existem as materias primeiras, que se devem manobrar, ha hum correspondencia intima, e acção reciproca entre as manufacturas, e a Agricultura. A quantidade de subsistencias augmenta o número dos obreiros. Este número, augmentando o consummo, anima, e dilata a cultura. Tudo se ajuda, tudo se vivifica, tudo augmenta a massa do bem público. Porém se as terras forem abandonadas, a despovoação passa ás officinas; e se as manufacturas decahirem, o trabalho afrouxa nos campos. Isto he o que succedeo necessariamente, quando os Hespanhoes desprezaraõ os bens verdadeiros por huns bens imaginarios; quando concorreraõ de tropel para as minas da America; quando finalmente a superstição banio aquelle resto de habitantes, cuja industria lhes era taõ necessaria. Des desse tempo, os Hespanhoes naõ souberõ tra-

A decadência da Agricultura traz consigo a decadência das manufacturas.

Desprezo dos Hespanhoes, a respeito da charrua, das artes, e officios.

balhar nem nas sedas de Valença , nem nas lãs de Andaluzia , e Castilha ; des-
 prefáraõ affim os officios como a char-
 rua : possuindo o ouro , e a prata pare-
 cia-lhes que tudo possuiaõ ; e a preguiça
 foi de tal sorte alimentada pelo orgulho ,
 que na propria indigencia , a maior par-
 te se envergonharia de trabalhar para ter
 paõ. Qualquer Povo , que despreza , e
 tem o trabalho por cousa vergonhosa ,
 não pode certamente deixar de ser in-
 feliz.

As suas ri-
 quezas
 eraõ confe-
 guintemê-
 para os es-
 trangeiros.

4. Donde se seguia que as suas rique-
 zas não eraõ para elles , mas sim para
 os Estrangeiros , que os alimentavaõ , ves-
 tiaõ , &c. Os fructos , e a manobra do
 Reino importavaõ em hum preço exces-
 sivo , ou por falta de concurrencia , ou
 pelas difficuldades do Commercio , ou
 pelos grandes direitos impostos affim so-
 bre o trabalho , como sobre os viveres.
 Procuravaõ-se consequentemente as fazen-
 das Estrangeiras. Hum Estado , que só as
 suas producções deviaõ enriquecer , em-
 pobrecia-se continuamente deste modo ,
 em beneficio d'aquelles , a quem a neces-
 sidade podia constituir seus tributarios. O
 seu ouro fugia-lhe continuamente das mãos
 para espalhar-se pelos Paizes da Agricul-
 tura , e industria.

5. Accrescentemos a isto a prejudicial

ostentação da Corte, e dos Grandes; o da Corte, número, e opulencia das Igrejas, dos opulencia das Igrejas; Conventos, d'aquelles pios celibatarios, ja; Esta- dos muito que nenhum outro emprego tem, senão o de orar; a immensa extensão da Monar- e mal ad- ministra- dos. quia, cujas partes muito remotas, e todas mal administradas, debilitavaõ o mes- mo corpo, o qual pareciaõ constituir tão tremendo; as infelicidades do despotif- mo, que, opprimindo hum Povo anti- gamente livre, tinha extinto a sua acti- vidade, e enervado a sua virtude; a ig- norancia supersticiosa, que por huma par- te consagrava, e multiplicava os abusos, e por outra fazia cahir todos os esforços do engenho nas futilidades da escola, ou nos passatempos do Theatro. (Mariana, e dous, ou tres Escritores mais, consti- tuem huma leve excepção.) Tanto não he necessario para explicar como a Hespanha, tendo conquistas tão ricas, hum terreno tão fertil, e huma situação tão vantajosa, com muito valor, talentos, e virtudes, se achava reduzida a hum miseravel estado, do qual difficulosamente se tornará a levantar. Algum dia veremos a Hespanha governada por Soberanos da Casa de França, e então he que o seu vigor tem de renascer com o seu engenho.

Despotif- mo e igno- rancia.

Finalmente, a Hollanda, que nenhu- ma figura fazia antes de sacudir o jugo, Prevalece a Hollanda sobre a Hespanha. nem

nem fora reconhecida por livre, senão na
tregoa de 1609, zombava das frótas Hes-
panhoes ; e Filippe IV. falsificou a moe-
da para pagar as suas dividas. Julguemos
agora o que se devia preferir, se possuir
a America, ou cultivar a Hespanha ; se
opprimir os vassallos, ou cuidar na sua
felicidade ; se publicar Leis sumptuarias,
ou reformar os vicios do governo.



DECIMA TERCEIRA ÉPOCA,

MINISTERIO DO CARDEAL DE RICHELIEU.

ABATIMENTO DA CASA DE AUSTRIA. --- O
PARLAMENTO DE INGLATERRA DÁ LEIS
AO SOBERANO.

*Des do anno de 1624, até o principio do
Reinado de Luiz XIV.*

C A P I T U L O I.

*Primeiros annos do Ministerio de Richelieu.
--- Tomada da Rochella. --- Intrigas,
e rebelliões.*

NOVO systema de politica se offerece, que mudará a face da Europa. Governando hum engenho poderoso a Monarquia Franceza, senhoreando-se da frouxidão do Monarca, sobjugando a audacia dos Calvinistas, e a fediciosa ambição dos Grandes, admirará o mundo com o esplendor das suas empresas. Fará correr rios de sangue, governará com

Idéa geral desta época.

See-

Sceptro de ferro , constituirá infeliz a França , tão temido será, e tão aborrecido, quanto será admirado; mas o seu Ministerio ha de ser huma das épocas principaes da Historia , por causa das revoluções , e célebres successos, que ha de produzir. O que a Historia offerece de mais illustre , e ainda de mais necessario , quasi sempre he huma méra tragedia horrorosa.

1624
Como Richelieu
chega a alcançar o
Ministerio.

Aspirava Richelieu, Bispo de Luçon, ao governo, havia muitos annos. Sendo, como creatura de Concini, envolto na sua desgraça, tinha elle tomado huma mascara de indifferença, e ainda de piedade, com a qual impunha a todos aquelles, que o não conheciaõ. Respeitando, e conservando a paz da Rainha Mãe com Luiz XIII. (1619), tinha alcançado o barrete de Cardeal. Maria de Medicis depois de entrar novamente no Conselho empenhou-se por introduzillo nelle, ainda que o Rei o tivesse excluido por huma condição expressa. As galantarias do Cardeal não agradavaõ a este Principe devoto, o qual por outra parte temia o seu genio ambicioso, e a superioridade do seu espirito. Rendeo-se todavia ás instancias da Rainha, sem embargo da resolução, em que estava, de não confiar a auctoridade a semelhante homem. Affecta-

va Richelieu que humsa saúde fraca o tolhia de dar-se ao trabalho ; mas não tardou muito tempo , que não largasse a máscara. A prompta desgraça de dous Ministros , seus adversarios , deo indícios do Imperio que Richelieu pretendia ter , o qual só chegou a ser primeiro Ministro, e poderoso em 1629 ; mas sempre teve ao principio a principal influencia nos negocios.

Já o Ministerio não procedia sem discernimento , sem idéas , nem com a frouxidão , que o constituia desprezível. Lançara-se os olhos para a situação da Europa , vio-se que a França devia interessar-se nella ; abraçou-se novamente o plano de Henrique IV. para limitar o poder da Casa d'Austria , que Fernando II. cada vez constituia mais tremenda : negociou-se com as Cortes ; e dispozera-se para vigorosas empresas. Hum bom sistema de economia poderia ter segurado a sua execução ; mas Richelieu era totalmente differente de Sulli. Como fastuoso , injusto , e inclinado á tyrannia , desprezará até ao fim os principaes recursos do Estado ; recursos , que hum governo sábio , e prudente acha na felicidade , e amor dos vassallos.

Deixou-se Jacques I. levar da politica de Richelieu. Este frouxo Monarca , com

Grandes idéas politicas ; mas nenhuma economia.

Negociações a respeito do

casamento
do Príncipe
de Galles
com hum
Infante.

a idéa de restabelecer o Eleitor Palatino, seu genro, tinha contratado havia muito tempo, o casamento de seu filho, Carlos I., com a Infante de Hespanha, a pesar da averção, que os Inglezes tinhaõ a alliança Hespanhol. Impaciente o joven Carlos com as demoras, e seguindo o conselho de Buckingham, acompanhado deste temerario valido, tinha ido como aventureiro fazer a sua corte á Princeza: e como a tivesse agradado, como tivesse grangeado a sua estimação, parecia o negocio concluido; mas o Duque de Buckingham, tendo adquirido o odio dos Hespanhoes com suas insolencias, e desordens, desgostou o Príncipe de Galles, trouxe-o para Inglaterra, deo traças para que se desfizesse o contrato, e fez inevitavel huma guerra, cuja idéa não podia Jacques sopportar. Approveita-se a Corte de França das conjuncturas. Concede-se ao Príncipe de Galles a Princeza Henriqueta, irmã de Luiz XIII., com oitocentos mil escudos de dote, e aqui temos Inglaterra inimiga da Casa d'Austria.

Alliança
de Inglaterra
com
a França.

Morte de
Jacques I.

Em meio dos pezadumes, que causavaõ a Jacques assim este rompimento, como os movimentos intestinos contra a sua prerogativa, morreo este Monarca no anno seguinte (1625.) Todos os mono-

po-

polios tinhaõ sido ultimamente abolidos por hum Parlamento novo. O Bill estabelecia que *qualquer Cidadão pôde dispor livremente das suas acções , com tanto que não sejam prejudiciaes a pessoa alguma ; e que este direito não pôde ser limitado por outra alguma authoridade , que não seja a das Leis.* Herdando Carlos I. , os mesmos principios de seu Pai , entregue como elle aos conselhos de Buckingham , posto que aliás fosse cheio de virtudes , e qualidades amaveis , principiou entre os tumultos hum reinado infeliz , que devia acabar n'hum cadafalço.

Bill notavel.

Com tudo a guerra de Valtelina prognosticava já o vigor do Ministerio Francez. Esta pequena Provincia , sujeita aos Grisões , soblevando-se contra elles , tinha pedido soccorro aos Hespanhoes. E sendo os Valtelinos Catholicos , e os Grisões Protestantes , pretendeo a Corte de Madrid , sob pretexto de Religião , ficar com hum Paiz exposto ás affolações da herezia ; e o Governador do Milanez levantou nella várias Fortalezas. Por este meio se abriu huma communicação com a Alemanha. Em 1621 , pouco tempo depois desta empreza , obrigou-se a Hespanha por hum Tratado com a França a entregar aos Grisões a Valtelina. Este Tratado não se executava ; novas negociações

Guerra de Valtelina.

ções nenhum outro fim tiverão, senão o de sequestrar nas mãos do Papa as Praças desta Provincia. Mas Richelieu, depois de ser Ministro, venceu finalmente as difficuldades. Unio-se com Veneza, e com o Duque de Saboya: e expulsando hum Exercito Francez as tropas de Urbano VIII., pôz novamente as cousas no antigo estado. Ficou então entendendo a Europa que a Corte de França sahia do seu lethargo. Concluiu-se outra Liga com a Hollanda, que depois de expirar a tregoa, em 1621, via-se novamente acommettida. Spinola porém chegou a forçar Breda, depois de hum sitio de déz mezes.

1625
França acabou a guerra de Valtelina com vigor.

Liga com Hollanda.

Paz com os Huguenotes.

Os Huguenotes, sempre lezados, e sempre sediciosos, tinhaõ tornado a tomar armas. Era o intento de Richelieu sobmettellos; mas as circumstancias ainda o não permittiaõ: e posto que elles fossem vencidos no mar, e expulsados da Ilha de Rhé, com tudo obtiverão condições de paz tão vantajosas, como antecedentemente. O Cardeal julgou que devia *escandalisar ainda huma vez o mundo*, dizia elle, para obrar eficazmente contra a Casa de Austria. Infamárao-o com libellos atrozes, qualificando-o *Patriarca dos Atheistas*. Bem que muito sensivel a estas despreziveis injurias, seguiu não obstante o seu plano com ardor. Já

Richelieu ultrajado, porém firme em os seus projectos.

el-

Elle infundia terror nos Grandes do Reino, empenhando-se em sujeitallos á autoridade; desprezava o odio de Gastão Duque de Orleans, irmão do Rei; e via-se exposto não só ás intrigas, mas também ás conspirações. Nunca Ministro algum teve tantas difficuldades que vencer. Os móveis secretos do seu engenho cada vez se desenvolvião com mais vigor; e a ambição, que lhe fervia no peito, inspirava-lhe certa corage, a que tudo devia ceder.

Aos vastos intentos da sua politica podiaõ ser contrarios os movimentos dos Huguenotes, cuja ruina apressou hum rompimento repentino de Inglaterra com França. Depois do casamento de Carlos I. com Henriqueta, o zelo inconsiderado dos Catholicos empregados no serviço da Rainha, irritava insensivelmente a Nação; mas não se passava de algumas murmurações, quando hum louca paixão de Buckingham empenhou o Reino na contenda dos Calvinistas Francezes. Este temerario Ministro queria tornar a vêr a Rainha de França, Anna de Austria, da qual tinha concebido o attrevimento de ser amante. Vindo Buckingham a França, com o pretexto de assignar hum Tratado contra a Hespanha, tanto que o Cardeal soube dos seus sentimentos, manda-lhe

1627.
Buckin-
gham ar-
ma Ingle-
terra a fa-
vor dos
Hugueno-
tes.

negar a licença de apparecer na Corte. Enojado Buckingham com esta negativa, e ciofo de Richelieu, faz com que o Rei se resolva a favor dos Huguenotes, que meditavaõ nova rebeliaõ. Sendo criticas as circumstancias, em que o Parlamento se inflammava contra o poder Real, emprende Carlos esta guerra sem razao. Da o mando della ao seu Ministro, cuja incapacidade he logo mal succedida na primeira campanha. Deste modo he que huns caprichos ridiculos chegaõ a ser a alma dos governos, e que huma pessima eleicaõ expõe os Principes a certas desgraças irreparaveis.

Põe Richelieu cerco á Cidade da Rochella. Sitio memoravel.

Executa Richelieu entao huma das mais gloriosas emprezas do seu Ministerio; pois acomette a Cidade da Rochella, esse Baluarte dos Huguenotes. Fecha o seu porto aos Inglezes por meio de hum dique maravilhoso, feito no Oceano: manda as tropas com o valor, e capacidade de hum General completo. Debalde declara o Corregedor Guiten, mostrando hum punhal, e pondo-o sobre a meza do Conselho, que aquelle punhal he para passar o primeiro, que fallar em render-se. Debalde ambas as Duquezas de Rohan animaõ com o seu exemplo o valor fanatico dos sitiados. Sendo Buckingham, que estava para partir com

com nova frota , affamado , chegam os Inglezes muito tarde , e são rechamados á vista do dique. Depois de onze mezes de resistencia , attenuados dos horrores da fome , e da guerra , vêm-se os Rochelêzes constangidos a sujeitar-se , e perdem os seus privilegios , as suas fortificações são destruidas. Pelo menos deixaõ-lhes com os seus bens a liberdade de consciencia.

1628
Rende-se
a Cidade
no fim de
onze me-
zes.

Quarenta milhões importou esta conquista. Muitos mezes assistio Luiz XIII. ao sitio , a que se expôz , como hum Heróe. Igualava a Henrique IV. no valor , e em tudo o mais era muito inferior a elle. Gloriava-se com tudo Richelieu de ter tomado a Rochella , a pesar dos Reis de Hespanha , de Inglaterra , e de França. Com effeito , os Fidalgos invejosos , e ambiciosos tinhaõ-o fervorosamente malquistado com o Monarca ; e postó que a Corte de Madrid se tivesse empenhado em fornecello contra os Calvinistas , tinha apparecido huma frota Hespanhola sem fazer cousa alguma. Refere-se que esta frota se retirára com hum pretexto frivolo , unicamente porque El-Rei Luiz não queria que o Almirante se cobrisse na sua presenca. He mais provavel que o Almirante não devia obrar cousa alguma.

Quão difficul-
tosa
foi esta co-
quista.

Paz com
os Calvi-
nistas, que
conservão
a liberdade
de Reli-
gião.

Terminou-se a guerra de Religião no seguinte anno de 1629. O Duque de Rohan obteve, como sempre, condições vantajosas. Os Calvinistas conservárao o exercicio público do seu culto, e perdendo as suas Praças fortes, perdiao a perigosa facilidade de sustentar a guerra civil. Bons Cidadãos podiao elles vir a fer, com tanto que se lhes não tyrannizasse a consciencia, e Richelieu era muito illuminado para reanimar hum fanatismo, que havendo paz, e socego não pôde deixar de extinguir-se.

Guerra de
Mantua
gloriosa
para a França.

Antes do fim desta guerra, começou-se outra em Italia, a fim de segurar a successão de Mantua a Carlos Gonzaga, Duque de Nevers, herdeiro legitimo do ultimo Duque Vicente, morto em 1627. Tinha elle contra si o Imperador, o Rei de Hespanha, Carlos Manoel Duque de Saboya, e quasi todos os Italianos. Mas a França triunfou. Marcha Luiz na frente de hum Exercito, acomette gloriosamente o passo de Suza, obriga o Duque de Saboya a unir-se com elle, obriga os Hespanhoes a levantar o sitio de Casal, e volta a combater os Huguenotes. Na segunda campanha (1629), nomeado Richelieu, primeiro Ministro, com poder illimitavel, distingue os seus militares talentos. Vê-se Carlos Manoel, que tinha fal-

faltado ao que devia, opprimido por todas as partes: tomaõ-lhe as suas Praças: e elle acaba de paixaõ. Deixemo-nos de individuações, e contentemo-nos com dizer que nos fins do anno de 1630, os Estados de Mantua foraõ evacuados pelos Imperiaes, que se tinhaõ assenhoreado delles.

Se o Ministro de França se interessava pela gloria do Estado, de que dependia a sua, não era sômenos o cuidado, que punha em sustentar a sua fortuna contra intrigas sempre novas. Exercitando Richelieu o valor do Rei na guerra de Italia, entendeo que se livrava da inquietação, que lhe causavaõ as intrigas da Corte; mas adoecendo Luiz em Saboia, e tendo vindo para Leaõ, onde a sua molestia foi perigosissima, as duas Rainhas, Maria de Medicis, e Anna de Austria, se aproveitáraõ da sua debilidade, e o persuadiraõ para a ruina do Cardeal; o qual, depois do restabelecimento do Rei, fez com que se desvanecesse a tempestade, que sobre elle estava imminente. Viou o El-Rei logo começar de novo com muito maior violencia. Já Richelieu cuidava no seu retiro, e em segurar os seus thesouros. Por dita sua achou Richelieu meios para estar com Luiz, e logo á primeira conversação mudou tudo. Tal he o im-

Empe-
nhaõ-se
ambas as
Rainhas
em perder
Richelieu,
mas inu-
tilmente.

perio, que o engenho póde tomar sobre huma alma fraca,

Vinga-se
Richelieu
em Maril-
lac, e na
Rainha
Mãi.

As vinganças do Ministro foraõ iguaes ao seu poder. Mandou prender Marillac, Guarda-fellos; e o Marechal de Marillac, que mandava entaõ o' exereito de Piemonte, cavalheiro respeitavel pelos seus serviços; o qual foi sentenciado por Commissarios, Ministros mais da sua paixã, que da justiça. Versou o Proceſſo sobre alguns abusos do mando, aos quaes estavaõ acostumados; e o Marechal acabou a vida em hum cadafalço. A mesma Rainha Mãi foi sacrificada. Estando preza em Compiègne, fugio para Bruxellas, onde lhe faltou todo o necessario.

Rebellião
de Gastaõ.

Montmo-
renci de-
gollado.

Retirou-se para Lorena Gastaõ, irmão do Rei, a fim de livrar-se, segundo elle mesmo dizia, da tyrannia. Todos os da sua comitiva foraõ declarados criminosos de leza magestade. Em breve tempo tomou armas, e metteo o Marechal de Montmorenci na sua rebellião. Nova vingança. O valeroso Montmorenci, que havia pouco tempo que tinha vencido, e derrotado em Vegliana os Imperiaes, os Hespanhoes, e as tropas do Duque de Saboya, que era geralmente amado, cuja amizade todos desejavaõ, e cujo arrependimento merecia clemencia, foi sem

pie-

piedade entregue a hum verdugo. Nem o Rei, nem o Ministro; sabião grangear os corações perdoando.

Ao mesmo tempo que estas terriveis execuções se multiplicavaõ em França, onde traziaõ de algum modo á memoria o reinado de Luiz XI., fomentava Richelieu a famosa guerra de Alemanha, a qual he tempo de seguir nos seus progressos.

C A P I T U L O II.

Rebellião dos Alemães contra Fernando II. por causa do seu despotismo. — Estado do Nórte. — Gustavo Adolfo unido com a França. — Successos desta guerra, até 1635.

TEMOS visto o Imperador Fernando II. seguir os passos de Carlos V., acometer abertamete a liberdade Germanica, tomar ao Eleitor Palatino os seus Estados, conferir este Eleitorado ao Duque de Baviera, destruir a Liga Protestante, e espalhar por toda a parte o terror, por meio dos seus Generaes. O seu despotismo, a sua ambição, e os seus mesmos successos felizes eraõ mais proprios para suscitár-lhe inimigos, do que para o cons-

Quão tremendo se tinha feito Fernando II. para Alemanha.

tituir senhor de Alemanha ; e não podia deixar de experimentar algum dia , que opprimir a huns era o mesmo que armar os outros.

Declara-
lhe Chris-
tiano IV.
por algum
tempo a
guerra.

Mansfeld.

Tilli , e
Walstein.

Paz com
Dinamar-
ca.

Christiano IV. , Rei de Dinamarca , educado nas sciencias , valeroso , amador da gloria , alliado da França , Inglaterra , e Hollanda , General do Circulo da Saxonia inferior , de que era membro , como Duque de Holstein , defendeo alguns annos a causa do infeliz Frederico. O célebre Mansfeld , que tendo-se retirado para Hollanda tinha tido a gloria de fazer levantar a Spinola o sitio de Bergopzoom , tinha-se consagrado depois ao serviço de Christiano. Mas Tilli , e Walstein , Generaes de Fernando , além dos mais raros talentos militares possuíam forças muito superiores. O Rei de Dinamarca , depois de ter visto os inimigos nos seus Estados , fez a paz em 1629 de hum modo vantajoso. Esta paz desejava Walstein , esperando conservar por este meio o Ducado de Meckelburg , que ultimamente lhe fora concedido pelo Imperador.

Novos
golpes do
despotismo
de Fernan-
do.

Os Duques de Meckelburg , e Mantua , banidos do Imperio ; hum Archiducque , nomeado para o sitio de Magdeburgo , posto que nelle tivesse hum coadjutor da Casa de Saxonia ; eram novos

en-

ensaio da authoridade despotica de Fernando, á qual como que acabou de co-
roar com o seu Edicto de 1629, que ordenava sem distincão aos Protestantes que restituíssem todos os bens Ecclesiasticos, dos quaes se tinhaõ apossado desde 1555, e que permittia aos Principes Catholicos de expulsar os Protestantes estabelecidos em as suas terras; sob pena de ser banido do Imperio todo aquelle, que se oppozesse á execucao deste Edicto.

Edicto cõ-
tra os Pro-
testantes.

Taõ violento acto não podia deixar de inspirar temores taõ grandes, quantos eraõ os que se experimentavaõ ao vêr que as Trópas do Imperador, que montavaõ a cento e sessenta mil homens, hiaõ assolando as terras, comettiaõ exacções horrorosas, ao mesmo tempo que todos gemiaõ com os impostos arbitrarios, que Fernando levantava pelos Estados. Conforme M. Pfeffel, o unico Margraviato de Brandeburgo tinha pago, em menos de quatro annos, mais de vinte milhões de escudos. Hum dito célebre de Walstein exprime bem as idéas de Fernando: *He necessario, dizia muitas vezes este General, reduzir os Eleitores á condiçaõ dos Grandes de Hespanha, e os Bispos á qualidade de Capellães do Imperador.*

Animaõ-
se os Esta-
dos nova-
mente pa-
ra a libera-
dade.

Mas em fim os olhos se abríraõ. Os pro-Execuçõ-
no Impe-
rio.

proprios Principes da Liga Catholica cahhecêraõ o jugo , de que eraõ ameaçados, do mesmo modo que os outros. Estes Principes ajuntáraõ-se em Heidelberg , enviáraõ Deputados ao Imperador , supplicáraõ-lhe que restabelecesse a paz do Imperio , despedisse parte das suas tropas , e pozesse fim aos aggravos dos Estados. A Diêta Eleitoral , convocada no seguinte anno de 1630 em Ratisbona , mostrou claramente a disposiçaõ dos animos. Antes della conceder cousa alguma , pediu a refôrma de desaseis mil soldados coiraceiros , e a deposiçaõ de Walstein , o qual mandava com poder absoluto. Crêndo Fernando que assegurava os successos das suas proprias supplicas , consentio nisso ; mas tudo se lhe negou , assim o soccorro que pedia para a guerra , como o titulo do Rei dos Romanos para seu filho. Era esta huma experiencia saudavel , quando quizera aconselhar-se com a experiencia.

Dieta de Ratisbona, contrária ao Imperador.

Descontentamento pelo Edicto de restituiçaõ.

O Edicto todavia de *restituiçaõ* foi rigorosamente executado. Excepto o Eleitor de Saxonia , e o Margrave de Brandeburgo , todos os mais Principes Protestantes se tinhaõ sujeitado a elle , não se atrevido nem podendo resistir. Todos rompiaõ sómente em queixas. As murmurações chegáraõ a ser tão fortes, que

o Eleitor de Baviera propôz deixar *dormir* quarenta annos este Edicto fatal. Não attendeo o Imperador a nada, as suas violencias se redobrárao; mas era chegado o tempo, em que a liberdade Germanica havia de ter hum vingador em Gustavo Adolfo. Para bem conhecer este Heróe, he necessario ter alguma idéa do estado actual do Norte, especialmente da Suecia.

Depois de Gustavo Vasa, quasi que não se vê nada em o Norte, que interessante seja. Nem as guerras dos Dinamarquezes, Suecos, Polonezes, e Moscovitas, huns contra os outros; nem as revoluções succedidas neste Paiz, onde a Coroa passava de mão em mão, á satisfação dos mais poderosos, não pertencem ao systema geral da Europa. Observemos em poucas palavras os feitos importantes, e manifestos.

Perdeo Erico, filho de Gustavo Vasa, a Coroa, e a liberdade, por huma sentença dos Estados de Suecia, que o julgárao culpado de vários crimes. Seu irmão João foi posto em seu lugar, e empenhou-se, mas de balde, em restabelecer a Religião Catholica, que professava. Morreo em 1592. Nota-se que elle não tinha Medico: tão ignoradas erao ainda as artes neste Paiz. Sigismundo, filho de João, eleito depois de alguns

Depois de Gustavo Vasa nada de interessante em o Norte.

Erico deposto em Suecia.

João, Catholico, mas sem feliz successo.

Sigismundo deposto por zelo de Catholico.

an-

Carlos
IX., Pai
de Gustavo
Adolfo.

annos Rei de Polonia, unio a esta Coroa a de seu Pai: e como era Catholico fervoroso, attrahio a si o odio dos Suecos, Lutheranos zelosos; de maneira que foi deposto, e succedeo-lhe Carlos IX. seu Tio. Os Polonezes combatêrao sem fructo a favor de Sigismundo, e Carlos reinou até a morte. Foi seu successor o famoso Gustavo Adolfo, seu filho. (1611.)

Revolu-
ções na
Russia.

Muitos
Demetrios
falsos.

Este era o tempo, em que a Russia se via exposta ás guerras civis. O Cesar Theodoro tinha dado ordem para matar Demetrio, seu irmão; e Borris, cunhado de Cesar, depois de lhe ter aconselhado este homicidio, o envenenou, ou pelo menos foi suspeito disso, e alcançou por este modo a Coroa. Não tardou muito que não se visse chegar de Lithuania hum mancebo, o qual dizia ser o Principe Demetrio. Defendido este por hum Exercito Polonez, fez-se reconhecer; mas em breve tempo a sua Corte cheia de Estrangeiros, e Catholicos, chegou a ser hum objecto de horror para os Russos. Zuski, Cavalheiro distincto, excitando contra este mancebo huma rebelliao, o matou, e substituiu em seu lugar. Ainda appareceo outro impostor, inculcando-se pelo Principe Demetrio, e querendo reinar como tal. Este impostor marchou pa-
ra

ra Moscou, com as tropas de Sigismundo, Rei de Polonia, e os Boyardos, ou Cavalleiros Russos privárao a Zuski do Throno, sem reconhecer todavia o impostor, que morreo assassinado. Outros falsos Demetrios apparecêrao, e ensanguentárao a scena. A Russia, inteiramente barbara, só offerecia entao espectaculos horrorosos, a que as Nações polidas davao pouca attenção.

Mas o joven Gustavo Adolfo, já se mostrava digno das attensões da Europa. Apenas occupou o Throno, logo se distinguio contra os Dinamarquezes, inimigos da sua Coroa. Approveitando-se depois da paz, de que necessitava, tinha-se entregado ás funções do governo, e remediado as infelicidades públicas, por meio de sábias leis, e de huma illuminada administração. Em huma guerra contra os Russos adquirio quasi toda a Finlandia; e hum tratado lhe assegurou a posse della. Tratando-o de usurpador o Rei de Polonia, e recusando a paz, que elle offerecia sempre com as armas na mão, entrou como vencedor até a Prussia, Livonia, e Lithuania; e huma tregua de seis annos, concluida com Sigismundo em 1629, o poz em estado de voltar as armas contra Fernando II.

Principios
gloriosos
de Gustavo
Adolfo.

Muitos motivos o determinavao a isto

Motivos
que o mo-

vem a in-
tentar a
guerra cõ-
tra Fernan-
do.

to. O Imperador tinha animado, e soco-
rrido o Rei de Polonia; tinha despe-
dido com desprezo os Embaixadores de
Suecia; e tinha concebido o projecto de
estabelecer o seu dominio no mar Balti-
co. A tranquillidade da Europa, a liber-
dade de Alemanha, o interesse da Reli-
gião Protestante; tudo ministrava razões,
ou pretextos para a guerra; tanto não
era necessario para inflamar o coração de
hum Heróe.

1631
Tratado
da França,
e da Sue-
cia.

A sua politica igualava felizmente o
seu valor. Contratou Gustavo alianças por
toda a parte. O Cardeal de Richelieu se
aproveitou de huma occasião tão confór-
me com as suas idéas. No principio do
anno de 1631, fez-se o famoso tratado
entre as duas Coroas, pelo qual se obri-
gava a entreter hum Exercito de trinta e
seis mil homens, e Luiz XIII. a pagar-
lhe cada anno hum milhaõ e duzentas mil
livras. Este subsidio era bem diminuto pa-
ra tal empresa; porém o engenho, e ta-
lentos do Rei de Suecia eraõ os princi-
paes recursos.

Grandes
qualidades
de Gusta-
vo.

Este Principe era activo, incansavel,
prudente, e intrepido, entendia perfeita-
mente d'arte militar. Acautelava-se com
huma sabedoria, e prudencia consumma-
da; executava tudo com vigor admira-
vel; mantinha na mais severa disciplina,

as

as suas tropas, as quaes animava com seu exemplo, cativava com a sua generosa bondade, e communicava-lhes finalmente o seu heroísmo. Assim os Officiaes como os soldados desejavaõ ardentemente encarrar por elle em todos os perigos. Tinha elle entaõ trinta e cinco annos, e a experiencia de hum antigo Capitaõ. O seu Exercito, que ao principio constava de quinze mil homens, achou-se em pouco tempo com quarenta mil. De toda a parte concorriaõ a alistar-se debaixo das suas bandeiras.

Tendo-se assenhoreado das Ilhas de Ruden, Rugen, &c. da Pomerania, Meckelburgo, toma de assalto Francforte junto ao Oder; assegura-se do Brandeburgo, por meio de hum tratado com o Eleitor; faz com que o Eleitor de Saxonia, a quem os Imperiaes acomettiaõ, lhe entregue o mando das suas tropas; acomette Tilli á vista de Leipstick, e alcança com os seus Suecos huma victoria tanto mais gloriosa, quaõ derrotados ficáraõ os Saxonios logo ao primeiro choque. Tres mezes depois desta batalha, a Franconia, a Suevia, o Rhin superior, e o proprio Palatinado ficaõ dependentes do vencedor.

Tinhaõ os Protestantes ao principio recusado unir-se com Gustavo, posto que

Successo admiravel da primeira campanha, que elle fez.

Os Protestantes unidos co

em

Gustavo
Adolfo de-
pois de re-
jeitarem a
união.

em huma Junta geral de Leipfick tives-
sem ajustado pedir com as armas na mão,
assim o restabelecimento da liberdade do
Imperio ; como a abolição do Edicto a
respeito dos bens Ecclesiasticos. Mas o
succello das suas armas , e as demoras
affectadas do Imperador , fizeraõ com
que elles seguissem o partido mais util pa-
ra elles. Não deixava o Imperador de ex-
citar o proprio zelo de Religião , cuja
influencia sempre era taõ efficaz.

1632
Segunda
campanha.

Tilli ,
morto.

Tinha
Tilli escu-
recido a
sua gloria
em Ma-
gdeburgo.

Esta campanha prognosticava novos
triunfos para o anno seguinte. O Conde
de Tilli tinha entrado outra vez na Fran-
conia , e Gustavo o rechassou até Bavi-
ra , e passou á sua vista o Lech a nado , de-
pois de ter tomado Donawert. Morreo
defendendo a passagem delle : homem il-
lustre , mas que tinha , havia pouco tem-
po , escurecido a sua gloria , entregando
Magdeburgo a todas as barbaridades , de
que he capaz hum Exercito sem freio ,
nem honra. Trinta mil habitantes per-
dêraõ a vida em Magdeburgo , e as cham-
mas devoráraõ o que o ferro não pode
destruir.

Rechassa
Walstein
os Suecos.

Ficava o Imperador ainda com Walf-
stein. Restabelecido este ao mando , com
hum poder absoluto (pois que elle exi-
gio essa condicão) , une-se com o Exer-
cito de Baviera ; rechassa Gustavo , o
qual

qual acomette as suas trincheiras perto de Nuremberg, liberta a Bohemia conquistada pelos Saxonios, dá sobre a Saxonia, e toma Leipfick. O Rei de Suecia voa a soccorrer o Eleitor; mas a batalha de Lutzen, junto a Leipfick, termina a carreira do grande Gustavo, que foi morto no combate, ou por trahição, como correio a noticia, ou ás mãos do inimigo. O Duque Bernardo de Saxonia-Weimar, seu Tenente General, não deixa de alcançar huma victoria completa.

Batalha
de Lutzen,
em que
morreo
Gustavo.

Assim acabou hum Heróe virtuoso, o qual não deve ser confundido com os destruidores da humanidade. O livro de Grocio sobre o *direito da guerra, e da paz*, foi achado na sua barraca: era esta a sua leitura mais ordinaria. Outro qualquer conquistador teria abominado semelhante obra, a qual defende os direitos da natureza contra a injustiça, e crueldade dos seus oppressores. A ambição de Fernando se deve imputar o sangue derramado por Gustavo Adolpho, a quem succedeo sua filha Christina, na idade de seis annos; e o Chanceller Oxenstiern foi o arbitro do governo.

Gustavo
era inclina-
do á dou-
trina de
Grocio.

Em Viena, e Madrid se celebrou com festas hum successo, feliz sem dúvida para a Casa de Austria, mas que estas mesmas festas fazião redundar em ignomia

Festas
ignomi-
niasas pela
morte des-
te Herós.

nia sua. Filippe IV. não se envergonhou de assistir a huma representação burlesca, intitulada *a morte do Rei de Suecia*. A plebe, em todo o tempo, e em todas as terras, se distinguio com estes excessos, que não sendo menos indignos dos homens de bem, pôdem por ventura desculpar-se n'hum Principe? Que idéa se tinha então da decencia?

Pouco faltou que a morte do Rei de Suecia não arruinasse os negocios dos Protestantes, a pezar da sua victória. Dividião-se estes entre si, e o Eleitor da Saxonia, e o Chanceller Oxenstiern ambos pretendêrao a superioridade. Finalmente resolveo-se que a guerra continuaria, até que a liberdade Germanica, e a liberdade de consciencia fossem estabelecidas para sempre; que o Chanceller dirigiria os negocios; e que não se trataria de paz sem unanime consentimento dos confederados. Só o Eleitor de Saxonia protestou contra huma decisão favoravel aos Suecos. Oxenstiern mostrou-se digno da geral confiança, restituindo as conquistas de Gustavo, no Palatinado, aos filhos do infeliz Frederico V., que ultimamente morrêra. O mesmo Oxenstiern renovou a alliança com a França, agitada então com guerras civis entre o Rei, e seu irmão. Alemanha, muito mais infeliz, he hum vasto theatro de mortandade.

1633
Competência do Eleitor de Saxonia, e de Oxenstiern.

Per-

Perde o Imperador para sempre o grande General , que ainda conservava. Descontente do altivo Walfstein , segunda vez o depõe. Conspira Walfstein , e o Imperador manda assassinallo em Egra por dous Coroneis , e dá o mando ao Archiduque Fernando , eleito Rei de Hunguia , e de Bohemia. Esta vingança , necessaria ou não segundo as conjuncturas , prova a fraqueza , a que o Imperador se achava reduzido. Parece estarmos vendo Henrique III. assassinando o Duque de Guiza , por não poder refreallo.

Os Suecos todavia experimentaõ tambem as revoluções das armas. O Archiduque sitiava Nordlingue na Suevia. Weimar corre a soccorrer a Praça , acomette os Imperiaes , muito superiores em número , perde a batalha , e quasi desafseis mil homens. Muda-se entaõ a fortuna ; e Richelieu , que não perdia de vista os negocios da Alemanha , e que excitára tambem a Walfstein para a rebelliaõ , conhece a necessidade de soccorrer os Suecos , e empenha-se em mandar algumas tropas , continuando os subsidios. Em consequencia do que recebem os alliados guarniçaõ Franceza na Alsacia ; Suecia faz huma cessaõ de Filipsburgo á França ; e o Cardeal de Valeta , filho do Duque de Epemon , chega na frente de hum Ex-

1634
Conspira-
çaõ, e mor-
te de Walf-
stein.

Os Suecos
vencidos, e
derrotados
em Nor-
dlingue.

Manda-
lhes Riché-
lieu algu-
mas tropas.

ercito , a fim de unir-se com o Duque de Weimar, General em chefe dos Protestantes.

Crime, q
os Catholi-
cos zelosos
faziaõ del-
ta guerra.

Facilmente se pôdem imaginar as reprehensões, que a multidão dos Catholicos dava ao Cardeal de Richelieu a respeito desta guerra. Tinha elle tido grande cuidado, des do principio, de estipular com Gustavo, para que o Catholicismo não experimentasse prejuizo algum. Porém poucas pessoas eraõ capazes de persuadir-se, a favor de huma politica, em que só viaõ as cousas da parte, que espantava o seu zelo. Hum Cardeal Hespanhol tinha accusado em pleno Consistorio a Urbano VIII. de ser trahidor á Religiaõ, porque não publicava Cruzada alguma a favor de Fernando.

Nestas conjuncturas o Eleitor de Saxonia, ou por descontentamento, ou por temor, concluiu o Tratado de Praga com o Imperador. Regulaõ ambos entre si, assim o negocio dos beneficios, como a sorte dos Principes, e dos Estados de Alemanha: excluem para sempre da amnistia os filhos do Eleitor Palatino, e todos aquelles, que tiveraõ parte nos antigos tumultos de Bohemia, ajustaõ que o Imperador levante tropas para expulsar os Suecos, e os Francezes. Declarava hum dos Arrigos, que os Protestantes gozariaõ

1635

Tratado
de Praga
entre o
Eleitor de
Saxonia, e
o Impera-
dor.

riaõ ainda quarenta annos dos beneficios, de que se tinhaõ apoderado des de 1552. O que era o mesmo que fazer descahir de algum modo o Ediçto de restituicão ; mas o despotismo de Fernando se deixava ainda vêr clara , e distinctamente.

Por toda a Alemanha soáraõ ao principio os clamores. Todos se indignavaõ de vêr que dous Principes arrogassem a tamanha authoridade sobre todo o Corpo Germanico. Com tudo os animos se focegáraõ a pouco, e pouco. Os Protestantes , fóra o Landgrave de Hesse-Cassel , entráraõ no Tratado de Praga ; e aqui temos a França, e a Snecia quasi reduzidas ás suas proprias forças. O Cardeal Richelieu , a fim de unir á sua Liga o Duque de Weimar , não só lhe deo tropas , e dinheiro , mas até lhe concedeo a Alfacia , que devia passar aos seus descendentes , como Principado do Imperio.

Entraõ os Protestantes no mesmo Tratado , depois de grãdes queixas.

França concede Alfacia a Weimar.

Depois das primeiras campanhas dos Suecos contra Fernando , he que o Duque de Orleans tinha levantado o estandarte da rebelliaõ. Este Principe inconsiderado , fraco , e inquieto , governado sempre por validos sem merecimento , os quaes sempre sacrificou nas occasiões , era protegido por Carlos , Duque de Lorena , com cuja irmã occultamente casára. Temos visto o Marechal de Montmoren-

O Duque de Orleans , unido com o Duque de Lorena.

ci, victima da rebelliao, a que Gastaõ o tinha induzido. O Duque de Lorena tambem naõ teve maior motivo para aplaudir-se dos seus procedimentos. Tendo promettido duas vezes abandonar o Principe rebelde, e faltado duas vezes á sua palavra, perdeu o Ducado de Bar, e a propria Nanci, que lhe tomaraõ á sua vista em 1633.

O Duque de Lorena, castigado.

O casamento do Duque de Orleans, que a Universidade de Lovaina sustentava ser indissolúvel, foi declarado nullo pela Universidade de Pariz. O Parlamento o annullou, como opposto ás Leis do Reino. Com effeito, o consentimento do Rei parecia necessario neste caso, pois que Gastaõ era ainda herdeiro presumptivo da Coroa. A discordia entre ambos os irmãos subsistio debaixo de algumas apparencias de ajuste.

Matrimonio de Gastaõ, annullado.

CAPITULO III.

*Guerra da França com toda a Casa de
Austria. --- Revoluções de Cata-
lunha, e Portugal.*

ENTRE os tumultos, e conspirações, o Cardeal de Richelieu abraça o partido de huma guerra manifesta contra toda a Casa de Austria : empresa atrevida, mas util para a sua fortuna, que multiplicando as difficuldades do governo, se fazia necessario. Além de que, a gloria do Estado estava anexa ao interesse do Ministro, com tanto que as forças correspondessem ao projecto.

Intento
de acomet-
ter toda a
Casa de
Austria.

Não se podia acometter a Hespanha em circumstancias mais favoraveis. Estando ella sempre em guerra com Hollanda, succumbia aos esforços desta pequena República, cujas frótas lhe tinhaõ tomado o Brazil, e as melhores conquistas dos Portuguezes nas Indias Orientaes. O Principe de Orange, Frederico Henrique, Successor de seu irmão Mauricio des do anno de 1625, não era menos tremendo por terra. Tendo os Cavalleiros Flamen-
gos conspirado em 1632, a fim de fa-

A Hespa-
nha estava
abatida
pela Hol-
landa,

Frederico
Henrique,
Stathou-
der.

zer do seu Paiz huma República , aproveitou-se destes tumultos , tomou várias Praças , especialmente a de Maeftrich , venceo , e derrotou a Pappenheim , célebre General do Imperador , que depois foi morto na batalha de Lutzen. Era tal o abatimento da Corte de Hespanha , que ella offereceo aos Hollandezes huma paz muito honorifica , sem que estes quizessem tratar com ella.

Faz Richelieu hum Tratado com a Hollanda , por meio do qual se regula já a divisaõ dos Paizes Baixos , como se a sua conquista fora certa. Manda declarar a guerra ao Cardeal Infante , novo Governador d'aquellas Provincias ; fundando-se n'huma empreza dos Hespanhoes contra o Eleitor de Treveris , alliado da França. Mas achavaõ-se os erarios exauridos. A casa do Cardeal , mais sumptuosa que a do Rei , absorvia ella só quatro milhões cada anno. Não havia a que recorrer , senão ao triste expediente dos Edictos pecuniarios , contrarios ao bem do Estado , e tão prejudiciaes ao Principe , como aos Póvos. O tribunal da justiça foi em breve tempo convocado , e nelle obrigado o Parlamento a registrar quarenta e dous Edictos a hum tempo , sem serem lidos , nem examinados. Bem differentes disposições tomavaõ Henrique IV. , e Sulli,

Os

1635

Liga com
os Hollan-
dezes.

Declara-
ção da
guerra á
Hespanha.

Edictos
pecunia-
rios , que
não são
equivalen-
tes á eco-
nomia.

Os Exercitos de Flandres , e Alema-
 nha consummárao-se por falta de manti-
 mentos. Por toda a parte foi infeliz a
 primeira campanha , excepto em Valteli-
 na , onde o Duque de Rohan teve a glo-
 ria de conservar-se com poucas tropas ,
 contra os Alemães , e Hespanhoes , ao
 mesmo tempo que o Marechal de Crequi
 com os Duques de Saboya , e Parma ,
 alliados do Rei , não pode conseguir na-
 da em Italia ; contribuindo a falta de in-
 telligencia para o máo successo. Por ou-
 tra parte , obrou a Hollanda frouxamen-
 te , por temer que a França não estendes-
 se as suas fronteiras até as suas vizinhan-
 ças , e os Flamengos se conservárao fieis
 á Hespanha , porque eraõ entãõ respeita-
 dos os seus privilegios , como se deve-
 ria ter feito antes dos tumultos.

A esta campanha se seguiu outra mais
 funesta para a Nação Franceza. O Cardeal
 Infante , acompanhado do Duque de Lo-
 rena , e do célebre João de Werth , en-
 tra pela Picardia , passa o Somma , as-
 senhorea-se de Corbie , e faz tremer Pa-
 riz. Os Hespanhoes assolaõ a Borgonha ,
 e entraõ na Guienna. Mas nenhum del-
 les se aproveitou das suas vantagens. A
 pequena Cidade de S. João de Lona em
 Borgonha se defendeo com tanto valor ,
 que os Hespanhoes levantáraõ o sitio , que
 lhe

Primeira
 campanha,
 em que a
 França
 não tem
 successo
 feliz.

1636
 Os Hes-
 panhoes
 no Reino:

Sitios de
 Dola , e de
 S. João de
 Lona.

lhe tinhaõ posto. O Principe de Condé tinha levantado o de Dola, a fim de oppôr-se aos inimigos. Dola, que será tomada por Luiz XIV., apenas apparecer, resistio tres mezes a este Principe. Ultimamente a invasão dos Hespanhoes foi estéril, assim por culpa sua, como pela vantagem, que os Francezes tem em hum guerra defensiva, onde o zelo, e o valor da Nação supprem a todas as necessidades.

Intrigas
contra Ri-
chelieu.

Quanto mais infelicidades se experimentavaõ, tanto mais se enfureciaõ todos contra o Ministro. Aborrecido este do Povo opprimido com impostos, o odio dos Grandes, as intrigas da Corte o expunhaõ a mil perigos. O Duque de Orleans, e o Conde de Soissons, a quem Richelieu tinha posto na frente do Exercito de Picardia, resolvêraõ mandallo assassinar no aposento do Rei: era o golpe inevitavel, se o Duque tivera dado signal aos assassinos; mas os remorsos, ou o temor o suspendêraõ. Ambos estes Principes fugirão sem demora.

Intrigas
do Padre
Causino.

Hum Jesuita sem capacidade, nem prudencia, mas a quem a qualidade de Confessor constituia poderoso no animo de Luiz XIII., chamado o Padre Causino, julgou que executaria o que as primeiras cabeças do Reino tinhaõ inutilmen-

mente tentado. Excitando a alma do seu devoto penitente , descrevendo o Cardinal como hum oppressor da Rainha Mãe, como hum tyranno do Estado , e especialmente como protector dos Hereges , Caussino animava-o a desapressar-se delle. Descobrio o Ministro sem grande trabalho hum procedimento mal ordido , que teve por fructo o desterro do P. Caussino. Desconfiava Richelieu , não sem fundamento , dos Jesuitas , a quem attribuia huma parte dos libellos publicados contra a sua pessoa , e seu Ministerio. Esteve quasi para os fazer expulsar , por causa de hum livro sedicioso de Santarelli , da mesma Ordem. Mas a dobleza , e credito destes Padres fizêraõ com que se desvanecesse a tormenta.

Os Jesuitas suspeitos ao Cardinal.

Continuava todavia a guerra, a pesar dos esforços de Urbano VIII. para reconciliar as Potencias , a pezar de alguns tratados pouco sinceros , em que entravaõ mais artificios do que sentimentos de paz. Examinemos os principaes successos. O Duque de Rohan perde a Valtelina , porque não lhe mandaõ subsídios : mas o Conde de Harcourt toma novamente as Ilhas de Santa Margarida , e de Santo Honorato , nas costas de Provença , das quaes se tinhaõ assenhoreado os Hespanhoes em 1635. O Principe de Condé

1637,
1638,
1639,
Continuação da guerra.

foi

Processo
do Duque
de Valleta.

foi mal succedido no sitio de Fontarabia, assim como o tinha sido no de Dola, e Richelieu vingá-se dessa infelicidade no Duque da Valeta, a quem aborrecia. Foi este Duque accusado por não ter soccorrido o Principe, e para o sentenciar foraõ nomeados alguns commissarios; o proprio Rei presidio á sentença, e os Juizes condemnáraõ o Duque da Valeta a ser executado em effigie. Em hum tempo de sceptro de ferro, não podia a justiça deixar de succumbir.

Mórte de
Fernando
II.

Morreio Fernando II. em 1637, depois de ter reinado defasete annos. Tinha elle creado vinte e dous Principes, sessenta Condes, e cento e vinte Barões do Imperio; provavelmente para vender titulos, ou comprar creaturas. Succedeo-lhe seu filho Fernando III., eleito já Rei dos Romanos. O Eleitor Palatino, e o de Treveris protestáraõ contra a eleição, para a qual não os tinhaõ chamado. França, e Suecia não quizeraõ reconhecer este Imperador; e cousa nenhuma suspendeo as affolações da guerra, que sempre era funesta para ambos os partidos.

Eleição
de Fernan-
do III.

Successos
de guerra
em Alema-
nha.

Posto que os Suecos, capitaneados por Bannier, tivessem alcançado huma célebre victoria em Wistock, na Saxonia superior, víraõ-se com tudo bem perseguidos pelo General Gallas. Weimar per-

perdes huma batalha , em que morreo o Duque de Rohan a seu lado. Mas depois alcançou oito victorias successivas (1638). A batalha decisiva de Rheinfeld <sup>Batalha de Rhein-
feld.</sup> poz-lhe nas mãos quatro Generaes prisioneiros ; e João Werth , hum delles , foi levado em triumpho para Pariz. Morreo Weimar no seguinte anno , occupado todo de vastos projectos. Os Suecos recobráraõ a Pomerania , que tinhaõ perdido , adiantáraõ se até Praga , e foraõ sobre a Silezia. Estava Alemanha alagada em sangue , e coberta de horrorosos despojos : todos os dias se lhe abriaõ novamente as chagas. Se Fernando II. tivera antevisto os effeitos da sua ambiciosa intolerancia , teria por ventura ateadõ este incendio ? E para antevellõs não tinha a experiencia de Carlos V. , sem fallar de outros muitos exemplos ?

Por muito felices que foraõ alguns successos , que a Hespanha teve no principio desta guerra , que lhe durou vinte e cinco annos , nenhuma potencia havia de perder mais nella. Huma grande frota preparada por Olivares contra a Suecia , foi destruida nas côstas de Inglaterra pelo Almirante Tromp , Hollandez , cujo nome he immortal. A República , pouco tempo depois , fez a importante conquista de Malaca nas Indias , a qual sempre

Frota
Hollandezas , victo-
riosas da
Hespanha.

pre conservou. Engrandecia-se sobre as ruínas desta vasta Monarquia ; aproveitava-se dos vícios do seu governo ; e este governo até provocava os Póvos á rebelliaõ.

1640
Vexada a
Catalunha
facode o
jugo Hes-
panhol.

Como o peso dos empregos públicos quasi que sómente cahia sobre os Castelhanos , reclamando as outras Provincias os seus privilegios , e escusando-se ás necessidades multiplicadas do Estado ; o Conde Duque de Olivares , tão inclinado como Richelieu ao despotismo , quiz tirar por força o que era necessario obter por prudencia. Mandou ordens absolutas para a Catalunha , para haver della soldados , e algumas imposições. Enviaõ os Catalães seus Deputados á Corte ; os quaes fallando com demasiada ousadia são presos. Outras violencias , comettidas na mesma Provincia , desafiaõ aquelle Povo naturalmente indocil : profanavaõ-se , roubavaõ-se entre elle as proprias cousas sagradas. Excomunga o Bispo de Girona os profanadores : o que serve como de signal para a sedição. Sobleva-se Barcelona , e a rebelliaõ chega a ser geral. Os Catalães pretendiaõ formar huma República ; mas achando-se muito fracos para defender-se contra as forças de Philippe IV. , entregaraõ-se á França em 1641.

A revolução de Portugal he muito
mais

mais extraordinaria. Sentidos os Portuguezes das suas perdas, humilhados n'hum grande frouxidão, oprimidos com o jugo da Hespanha, e arrebatados do odio nacional, cuidavaõ havia muito tempo em quebrar os ferros, que arrastavaõ. Hum ordenação, pela qual a nobreza era obrigada, sob pena de confiscação dos feudos, a tomar armas para sujeitar a Catalunha, acabou de envenenar os corações. Tres annos havia que se tramava hum conflagração impenetravel a favor do Duque de Bragança, cuja familia fora despojada dos seus direitos á Coroa por Filippe II. Repentinamente executaõ os conjurados o seu intento; e só sacrificação hum vida, que foi a de Vasconcellos Secretario da Governadora Duqueza de Mantua. O tímido Bragança, excitado pelo valor de sua mulher, que era Hespanhola, deixa-se em fim coroar com o nome de João IV. Entrega-se Lisboa tranquillamente ao jubilo; nada lhe resistio, desapparecem os Hespanhoes, e Portugal o que fez foi mudar de Senhor. Esta revolução he unica no seu genero.

Em sua ignominiosa inercia, tudo ignorava Filippe, ao mesmo tempo que lavrava por toda a Europa hum noticia tão extraordinaria. Finalmente foi necessario annunciar-lhe a noticia. *Senhor*, disse-

Perde Filippe IV. Portugal.

O Duque de Bragança, Rei sem effusão de sangue.

Como esta noticia chega aos ouvidos de Filippe.

se-lhe Olivares; o Duque de Bragança teve a loucura de consentir na eleição, que delle se fez para Rei de Portugal; tendes agora occasião para hum confisco de doze milhões. Respondeo o Rei, que se passassem as ordens necessarias para este fim, e continuou os seus passatempos. Os Napolitanos, animados com estes exemplos cuidarão tambem em rebellar-se. Alguns conspirados emprendêrão entregar á França o Reino de Napoles; mas sendo descoberta a conspiração, não teve effeito.

Conspiração em Napoles.

Tomada de Turim pelo Cōde de Harcourt.

Antes de Philippe IV. perder a Catalunha, e Portugal, duas expedições gloriosas tinhão restabelecido a honra das armas Francezas. Vencido que tivesse o Conde de Harcourt, perto de Casal, o Marquez de Leganes, correo ao sitio de Turin. Sitiava a Ciudadella o Principe Thomaz de Saboya, senhor da Cidade. O mesmo Harcourt foi sitiado no seu campo por Leganes: soffreo vinte dous dias de penuria, e teve feliz exito, a pesar de tantos obstaculos. Admirando João de Werth, este prodigio, disse; *Antes preferira ser o General Harcourt, do que ser*

Tomada de Arras.

Imperador. Por outra parte, tres Marechaes de França tomáráo Arras; Praça que hum antigo proverbio dava por inconquistavel: e quatro combates, dados pelo Cardeal Infante a fim de salvar esta

Pra-

Praça, servirão só de illustrar mais a conquista.

Pouco faltou para o Imperador perder tambem a propria Capital. O Exercito Francez, e Sueco, augmentado em Vienna salvada por Picolomini. Alemanha com as tropas de Hesse, Brunswick, e Luneburgo, adiantou-se para a sitiar. Não podia Vienna naturalmente deixar de succumbir; mas as sábias manobras do General Picolomini frustrarão esta empreza.

Seria igualmente inutil, e fastidioso seguir as operações de huma guerra tão porfiada, em que todas as potencias se enfraqueciaõ, por causa das proprias victorias, assim como por motivo das derrotas. Fazia-se absolutamente necessaria a paz, sempre detejada, sem que fosse ainda possivel concluilla. Cada parteelligerante procurava a sua vantagem particular, pouco compativel com a vantagem dos seus alliados. Nenhuma se achava reduzida ao ponto de receber Leis ignominiosas. Mil artificios implicavaõ, e desfaziaõ os Tratados. O Cardeal de Richelieu especialmente querendo prolongar a guerra, illudia industriosamente várias proposições pacificas, affectando todavia o amor da paz. Temia este Cardeal que a Suecia não se desunisse da alliança, e não tratasse separadamente, porque po-

Tratados de má fé, infructuosos.

TOM. VIII. I dia

dia ter grande lucro ; mas hum triste successo o tirou de todo o receio, e prestou de muito á sua politica.

1641
Alliança
renovada
entre França,
e Suecia.

Preliminares da
paz de
Westphalia.

Torsten-
son, Ge-
neral Sue-
co.

Morreo Bannier , depois de hum empreza , que não teve effeito contra Ratisbona , para onde se tinha convocado hum Diéta favoravel ao Imperador. Com sua morte affrouxáraõ os Suecos , que consequentemente renováraõ a alliança até a paz geral , cujos preliminares foraõ assignados em Hamburgo. Assentou-se que o Tratado se negociaria em Munster por parte da França , e em Osnabruck , por parte da Suecia ; de modo que os artigos determinados em humas destas Cidades , seriaõ julgados como se fossem igualmente determinados na outra. Taes foraõ as disposições da paz de Westphalia , a qual era ainda necessario comprar por muitos annos de crueis mortandades.

Torsten-son , digno Successor de Bannier , teve os maiores , e mais felices successos , des da sua primeira campanha (1642) ; pois se apoderára de Leipstick , depois de ter vencido , e derrotado o Exercito Imperial , e a Saxonia. A Suecia entaõ revestio-se de novo fervor para a guerra.

CAPITULO IV.

*Fim do Cardeal de Richelieu , e de
Luiz XIII.*

CHEGAMOS ao fim do reinado de Luiz XIII., ou para melhor dizer, do seu Ministro: o que tomo por materia deste Capitulo, pondo de parte os outros objectos, dos quaes importa tratar em outro lugar.

Tudo cedia á authoridade de Richelieu; mas tudo o culpava de injustiça, e tyrannia. Assim os Póvos, como os Grandes, todos eraõ maltratados por este Ministro, que se servia dos recursos dos Erarios, os mais odiosos, e nocivos: o que se póde julgar por huma creação de quatrocentos empregos de procuradores, que necessariamente augmentavaõ os abusos prejudiciaes da trapaça. Soffocava Richelieu de algum modo o voto do Parlamento, cujas representações podiaõ ser uteis, com tanto que naõ excedessem dos justos limites. Certa declaração, publicada em hum Tribunal de justiça, ordenava que se registrasse sem deliberação alguma os Edictos concernentes aos nego-

O Cardeal de Richelieu abominado.

cios do governo : quanto aos Edictos do Erario , obrigavaõ-se a registrarlos , logo que o Rei , depois de ter ouvido as representações , ordenasse o assento no registro. Este Ministro dispunha de tudo , á sua satisfação. Abatia as primeiras cabeças do Estado , por meio de sentenças arbitrarías. Exaltando o esplendor da Corte no exterior , e fazendo-a formidavel no Reino , desprezava as queixas da Nação , que todos os dias hia constituindo cada vez mais infeliz. Neste governo , respiravaõ os sediciosos continuamente rebelliaõ.

Rebelliaõ
do Conde
de Soissons,
&c.

O Conde de Soissons tinha fugido da Corte em 1636 , e refugiado em Sedan , unido com os Duques de Bulhon , e de Guiza , depois de ter tratado com a Hespanha , levanta tropas , e dá principio á guerra civil. Vence a batalha da Marfea contra o Marechal de Chatillon , a quem a tomada de Arras cobria de gloria. Se este joven Principe não morrêra no combate , podia a sua victoria produzir grandes consequencias. O Duque de Bulhon , Soberano de Sedan , não se demorou em tratar , mas conservou as idéas , e os desejos de hum rebelde.

1642
Nomea
Richelieu

Apenas passára esta tormenta , logo se formou outra. Não podia o Rei viver sem valido. O seu genio melancolico desaffo-

ga-

gava nestas confidencias particulares, em que huma alma froxa timidamente se vingava da violencia, que em outra qualquer parte experimenta. O Ministro sempre sem perigo, tinha conseguido alcançar o valimento para Cinqmars, filho do Marechal de Effiat; esperando d'elle toda a gratidão, e lisonjeando-se especialmente de o governar. Muito mal ajuizava Richelieu de hum homem de Corte.

Cinqmars
para valido
do Rei.

Cinqmars, depois de ser Estribeiro Mór, enfadado do Rei, mais invejoso ainda da authoridade do Ministro, resolveo buscar a perdição de Richelieu. Conformou-se então de todo com o gosto, e genio de El-Rei Luiz, com o qual não receava anteriormente de desconcoroar por meio de frequentes disputas. Sem grande trabalho inspirou projectos sediciosos ao Duque de Orleans, e ao de Bulhon. Hum Tratado concluido com a Hespanha, em nome do primeiro, tinha de introduzir os Hespanhoes no Reino, para mudar a face do governo.

Conjura-
se Cinqmars pa-
ra a perda
do Minis-
tro.

Os grandes esforços da guerra estavam todos voltados contra Ruffillon. Reunir esta Provincia com a Coroa era empreza dignissima do Ministerio. Cativado El-Rei Luiz mais que nunca pelo seu valido, capitaneava o exercito em pessoa. Estava a ruina de Richelieu decidida, e era tão

Não se
duvidou
do successo.

certa na apparencia , que todos a prognosticavaõ em altas vozes. Enfermo , e cheio de inquietações em Tarascon ; este Cardeal esperava a sua ultima desgraça , quando por meio de huma singular felicidade , vem a saber do Tratado dos sediciosos com a Hespanha. Avisa de tudo ao Rei , o qual duvida , fica perplexo , e abre finalmente os olhos. Cinquars he preso. Bullhon , a quem imprudentemente fora dado o mando de hum exercito , foi tambem preso em Casal , onde mandava ; e seu confidente De-Thou , filho do célebre Historiador , não podia escapar á vingança. Triunfa Richelieu dos seus inimigos , e não ha cousa , que lhes demore o processo.

Quando tudo se muda á favoristação de Richelieu.

Processo de Cinquars, & De-Thou.

O Estribeiro Mór , e De-Thou foraõ sentenciados em Leaõ , á vista do Cardeal , e como este quiz. Condennados ás mesmas penas , posto que o crime fosse muito desigual , foraõ ambos degollados. O segundo só era culpado em não ter revelado huma conspiração , que elle desaprovava. “ Todos me teriaõ por calumniador , dizia De-Thou , se eu accusára o irmão do Rei , e huns homens da primeira qualidade , sem próvas que os podessem convencer. ” Oppozeraõ-lhe huma Lei de Luiz XI. , tão severa , que os proprios Magistrados não tinhaõ del-

la

la maior conhecimento : o Ministro foi quem a citou ao Chanceller. O Duque de Bulhon comprou o seu perdaõ , cedendo o Principado de Sedan ; e obteve depois em troca terras consideraveis. Quanto ao Duque de Orleans , esse frouxo Gastaõ , que encaminhava os seus amigos para o cadafalço , tinha dado provas para verificar o crime dos outros , e sujeitou-se a viver como simples particular.

Gastaõ, e o Duque de Bulhon pouco castigados.

Contaõ que depois de Luiz XIII. voltar para Pariz , olhando para o relógio no dia que o seu antigo valido devia ser executado , dissera : *Daqui a huma hora, M. Le Grand passará mal o seu tempo. O Cardeal encobria ao menos as suas paixões com certos ares de grandeza : de maneira que feita a execução escreveu ao Rei , dizendo-lhe : Senhor , morrêrão os inimigos de V. Magestade , e as armas de V. Magestade já se achão em Perpinhão.* Esta importante Praça tinha sido tomada aos Hespanhoes.

Dito do Rei, e do Ministro.

Já Richelieu se hia aproximando á sepultura ; mas o seu fausto , e ambição não morriaõ. Exaurido de forças por causa da enfermidade , partio para a Corte levado , parte do caminho , aos hombros das suas guardas , em huma maquina coberta de damasco. Julgava elle sobreviver ao Monarca , e ter certa a regencia. Vãs idéas !

Môrte de Richelieu.

idéas ! mas a morte o sorprendeo , na idade de cincoenta e sete annos. Ninguém deo credito ao que Richelieu protestou , quando morreo ; que o maior cuidado , que tivera durante o seu Ministerio , fora sempre o bem da Religião , e do Estado. Luiz XIII. expirou no seguinte anno de 1643 ; e Maria de Medicis , sua Mãe , tinha morrido , havia pouco tempo , em Colonia , desterrada , e miseravel.

1643
Môrre de
Luiz XIII.

Infelici-
dade , que
a ambição
traz confi-
go.

“ O Cardeal de Richelieu , diz Voltaire , foi talvez o mais infeliz dos tres , por ser o mais aborrecido , e porque não gozando boa saude , tinha de sustentar com suas proprias mãos , tintas em sangue hum peso immenso. Se elle o sustentou , entre tantas inquietações , temores , e perigos , he porque a paixão de dominar tão animosa he , quanto tem de devoradora ; porque a maior infelicidade para o ambicioso , he a de huma desgraça ; e porque acostumado aos tumultos , e desaffocego considera o socego do animo , como huma especie de morte. Empenhado , e mettido qualquer em tal carreira , não considera , senão como desgostos , as delicias de huma vida privada. Oh ! que assim abusão as paixões do coração humano ! Tendo Richelieu tanta capacidade , e tan-

to animo , teria merecido os maiores elogios , se quizera ter governado , só para a felicidade da Monarquia.

Para outro Capitulo reservo algumas individuações a respeito do governo , litteratura , e Religião. Demorar-nos-ha antes disso a Inglaterra. E posto que o reinado do infeliz Carlos I. nenhuma correlação tenha com o systema geral , em razão da sua pouca influencia nos negocios da Europa , não deixa todavia de ser digno do nosso estudo.

C A P I T U L O V.

Reinado de Carlos I. em Inglaterra , até á guerra do Parlamento.

HE esta humia das principaes épocas da Inglaterra. A liberdade lança profundas raizes. Disputa-se , e rouba-se á Coroa ; não só o que ella pôde ter usurpado , mas até o que com justo titulo possue. Várias violencias horrorosas servem de preludio para a harmonia de hum constituição legal. Tudo parece confundir-se , aniquilar-se ; mas deste cáos nascerá a boa ordem. Finalmente o frenesi , e o fanatismo são os que por sangui-

Idéa geral deste reinado.

guinolentos caminhos guiaõ para huma revolução, que os Inglezes celebraõ como a origem da sua felicidade. Reflectindo a respeito das causas, menos nos admiraremos dos effeitos.

A imprudencia de Jacques I., origem dos tumultos.

Quando Jacques I. preferia imprudentemente as maximas da authoridade absoluta sem ter as forças necessarias para a defender, nenhuma outra cousa fazia senão irritar o Povo, excitar os animos colericos, para disputas fataes, e expôr a Coroa aos ataques parlamentarios. Os pensamentos trabalhavaõ, adquiriaõ-se instrucções: todos eraõ sufficientemente instruidos, para julgar que a Real prerogativa era limitavel, e todos estavaõ muito inflammados, para deixar de manifestar as prerogativas da liberdade nacional. Do choque destes diversos interesses, e ultimas opiniões, deviaõ romper devoradoras chammas. Por huma parte, era o Rei poderoso per si mesmo; mas por outra a Nação era a dispensadora dos subsídios, sem os quaes não podia o Rei passar.

Carlos I. indispõe o Parlamêto.

Tendo Carlos I. todas as qualidades de hum Principe amavel, e virtuoso, e querendo seguir os princípios de seu Pai, que não se contestavaõ no tempo dos Tudors, precipita-se de abyssmo em abyssmo. Logo no segundo anno do seu reinar

do (1626), atrevem-se os Communs a accusar Buckingham, esse Ministro válido, muito indigno da confiança do Pai, e do filho, o qual porém nunca foi acommettido, quando os Reis eraõ absolutos. Prohibe Carlos que não se prosiga na accusação, e pede hum prompto subsidio: dando a entender, que no caso de lho não quererem dar, saberá, assim como outros muitos Monarcas, abolir as Juntas nacionaes.

A hum ameaço tão indiscreto se seguiu huma authoridade arbitraria: dous Membros do Parlamento saõ presos. Mas os Communs não querem deliberar, em quanto elles não forem soltos. Apenas os dous Membros se achaõ soltos, e em liberdade, renascem logo as disputas contra os direitos da Coroa. Annulla-se o Parlamento, levantaõ-se impostos forçados; as murmurações se augmentaõ, e o respeito da authoridade se diminue muito mais: consequencia necessaria de hum falso systema, que faz proceder com impeto, e ceder depois com frouxidaõ.

A guerra intentada contra a França, a favor dos Rochelezes, obrigou a convocar o Parlamento (1628). As mesmas causas produzem nelle os mesmos effeitos. Já o proprio espirito da liberdade se mostra mais atrevido. "Deixar cada
,, hum,

Procedi-
mentos
violentos,
sustentados
com frou-
xidaõ.

Segundo
Parlamen-
to, em que
os Cômun-
s mostraõ
maior atre-
vimento.

Petição
de direito,
fatal para a
prerogati-
va.

„ hum , diz hum Membro dos Communs ,
„ roubar os seus bens , em desprezo da
„ sua vontade , da sua liberdade , e das
„ Leis do Reino , não he ser bom vassal-
„ lo , he ser escravo. „ Sahe da Camera
baixa o famoso Auto da *petição de direi-*
to , e por meio d'elle pede esta Camera
que ninguem seja obrigado á dadiva , em-
prestimo , benevolencia , imposto , ou
outro algum encargo , sem approvação do
Parlamento ; que ninguem possa ser cita-
do , preso , ou vexado por motivo de
recusar ; n'huma palavra , que Cidadão
algum possa ser preso , ou detido por
ordem do Rei. Debalde se empenhão os
Pares em fazer modificar semelhante *bil.*
Os Communs. são intrataveis , e o Rei
cede para obter soccorros.

Prohibi-
ções para
se pagar
hum direi-
to estabe-
lecido.

Depois do assassinio de Buckingham ,
sobstiste a fermentação , e até cobra novo
grão de calor com a tomada da Rochel-
la. Em 1629 ajunta-se de novo o Parla-
mento , no termo da prorogação , e pro-
hibe pagar á Coroa o direito de entrada ,
e sahida , sobre todas as fazendas ; di-
reito que depois de Henrique IV. , quasi
no meado do seculo decimo quinto , tinha
sido sempre imposto , no principio de ca-
da reinado , antes que o Parlamento o
tivesse concedido ao novo Rei. Annulla
Carlos esta sediciosa Junta , faz a paz com

O Rei an-
nulla o
Parlamen-

Fran.

França , e com Hespanha , a fim de não precisar de dinheiro , e nomea hum excellente Ministro na pessoa de Wentworth , Conde de Strafford , que antecedentemente fora zelador da liberdade na Camera dos Communs.

to, do qual
pretende
livrar-se.

Toda a economia do Rei não podia suprir aos subsidios. Foi necessario usar dos antigos expedientes. Ao direito de entrada , e sahida , aos recursos ordinarios da prerogativa , accrescentou-se hum imposto para a marinha. Este imposto importava sómente duzentas mil libras esterlinas , cujo emprego foi de evidente utilidade. Hambden , todavia , compatriota attrevido , não quiz pagar: e sendo citado em juizo , correo doze dias o seu litigio. Defendêraõ os seus advogados que o imposto *dos navios* era contrario ao direito da Nação ; mas Hambden foi sempre condemnado pelos Juizes; e este processo servia de grande lição para se lutar contra a Coroa. Alguns novos actos de despotismo , ou como taes considerados , irritáraõ tanto mais os corações , que a Corte se mostrava resoluta a deixar de convocar Parlamento.

Impostos
dos na-
vios.

Processo
de Hamb-
den a este
respeito.

A pesar de todas estas sementes de discordias , poderia Carlos ter enfreado os seus vassallos dependentes , senão tivera irritado o fanatismo. A Seita dos Puri-

Fanatismo dos
Puritanos,

tanos em Inglaterra, e a dos Presbyteria-
nos em Escóssia; sob pretexto de seguir
puramente o Evangelho, eraõ capazes de
todas as extravagancias, e excessos, a que
o enthusiasmo de huma perfeição imagi-
naria, e o delirio das falsas virtudes guiaõ,
ou arrastaõ os genios melancolicos, e im-
petuosos. Huma idéa de Jerarquia, hu-
ma sombra de papismo, huma ceremo-
nia indifferente do culto Romano, bast-
tavaõ para enfurecellos: nestas cousas
viaõ elles a abominação, a obra de Sa-
tanaz, o reinado do Antechristo; e nos
seus freneticos extazes, tinhaõ por obri-
gação sacrificar tudo á causa de Deos, isto
he, á sua loucura.

Carlos,
Theologo
obstinado,

Por outra parte, o Rei era Theologo,
assim como seu Pai, e muito apaixonado
pelos seus proprios systemas, para dei-
xar de escandalisar o espirito da Seita.
Pretendia Carlos revestir de ceremonias o
culto exterior, cuja simplicidade sendo
extremada, póde ter tantos inconvenien-
tes, quantos tem a mesina superstição;
porque os extremos sempre são viciosos
em todo o genero. Defendia elle a au-
thoridade do Episcopado, a qual julgava
com razão muito favoravel á Coroa, ou
porque a fortuna dos Bispos depende do
Principe, ou porque os seus principios
respiraõ obediencia. Além de que, entre-

Favora-
vel ao
Episcopa-
do.

ga-

gava-se aos conselhos de Laud, Arcebispo de Cantuaria, Prelado de costumes puros, e austéros, mas de hum zelo excessivo, confiado, atrevido, obstinado, e por consequencia proprio para excitar hum incendio, em criticas conjunturas, nas quaes qualquer sentelha era sufficiente para abraçar tudo.

E governado por Laud de Cantuaria.

Tinha Laud estabelecido já em Inglaterra ceremonias tiradas da Igreja Romana, e exercitado o seu despotismo primacial com muita imprudencia, quando o Rei com muito maior imprudencia, quiz sujeitar a Escocia á disciplina, e liturgia Anglicanas. Envia os novos estatutos, e ordena a sua execução. O Deão de Edimburgo começa o officio em sobrepelix, segundo a fórma prescrita, e todos exclamão ao mesmo tempo, *hum Papa! o Antezchristo! seja apedrejado!* Atiraõ com hum banco ao Bispo, que quer aplacar o tumulto. Toda a Escocia se abraça no mesmo fogo.

Ceremonias de Laud, que o Rei pretende estabelecer em Escocia.

Os Conselhos da nação, juntos na Capital, obrigaõ-se por juramento a defender-se huns aos outros, para a conservação da Religião, e authoridade Real: sempre o fanatismo se encobria com hum véo de fidelidade ao Soberano. Esta Liga, chamada a *convenção*, excede a todas as outras da mesma natureza, por causa do

1633
A convênção, ou Liga dos Escociezes.

fu-

furor, que a caracteriza. O Rei offerece suspender a Liturgia, com tanto que os Escossezes retractem a sua convenção. Respondem estes que antes renunciariaõ ao seu baptismo. Em hum Synodo geral he por elles abolida a Liturgia, e o Episcopado; dispõe-se para a guerra civil; fortificaõ Leith; alenta huma profetiza os brios, e as mulheres de qualidade trabalhão por devoção nas fortificações juntamente com os trabalhadores.

Declára
Carlos a
guerra aos
Escossezes.

Restava sómente a Carlos, a cruel necessidade de combater os seus vassallos. A economia tinha-lhe dado dinheiro, e os Catholicos lho fornecêraõ tambem, porque a Rainha os obrigou. Parte Carlos contra os rebeldes; certa apparencia de sujeição o desfarma; a sua frouxidão lhe dicta hum Tratado, cujo fructo unico he o de constituir mais insolentes os seus inimigos; os quaes apenas cessáraõ de o temer, logo os vêm renovar os seus attentados, e por conseguinte torna a guerra civil a ser de novo indispensavel.

Convoca
Carlos o
Parlamén-
to, e o
annulla de-
pois.

Naõ tendo Carlos já a que recorrer convoca finalmente o Parlamento, depois de nove annos de interrupção; mas acha-o insensivel ás suas necessidades, animado contra a sua prerogativa, e surdo ás instancias mais justas. Annulla-o, segun-
do

do o seu costume , e com os soccorros generosos de Laud , de Strafford , e de alguns outros Cavalleiros , fórma hum Exercito , que não serve de obstaculo , para que os Escossezes deixem de entrar em Inglaterra , e assenhorear-se de Newcastle.

Como o systema Parlamentario , em vez de affrouxar , se avigorava cada vez mais , o melhor partido era ajustar-se com a Escossia , passar sem o Parlamento , contemporisar , acarear os animos , e lançar medidas , ou moderadas ou vigorosas , das quaes se podesse esperar feliz successo. Por infelicidade ignorava El-Rei o modo de ter hum justo equilibrio n'hum carreira cercada de precipicios. Taõ arrebatados , e inconsiderados eraõ os seus primeiros procedimentos , quanta era a frouxidaõ , e demora que depois mostrava. Enojava para ceder em breve tempo , e cedendo fazia desprezivel a authoridade , assim como irritando a fazia odiosa. Quatro Parlametos já abolidos formavaõ funestos agouros. Convocou Carlos o quinto Parlamento , sem antever que delle viria a ser victima.

Esta terrivel Junta , em que o fanatismo dos Puritanos deo principio ao genio republicano , principia por hum accaõ atrevida , e decisiva. Laud , e Strafford

1640
Falsos
procedimē-
tos deste
Principe.

Quatro
Parlamen-
tos aboli-
dos.

Quinto
Parlamēto:
Os Com-
muns daõ
as Leis.

saõ accusados de alta trahiçaõ pelos Com-muns. Os Pares , frouxos já a respeito da Coroa , mandaõ prender ambos os accusados. O imposto dos *navios* foi abolido , censuraõ-se os actos do governo , e irritaõ-se os animos contra os Catholicos. O zelo indiscreto da Rainha , os Sacerdotes , os Jesuitas , hum Nuncio do Papa , conservado na Corte pela mesma Rainha , davaõ materia para as queixas , e perseguiçaõ. Affrouxa Carlos : utilizaõ-se da sua frouxidaõ até o ponto de obri-gallo a consentir que o Parlamento se ajunte de tres em tres annos ; e que huma vez junto , não possa ser nem prorogado , nem desfeito , no espaço de quinze dias , sem o consentimento das duas Cam-meras.

Proceſſo
do Conde
de Straſ-
ford.

A maior culpa , em que o Rei cahio , foi sacrificar o seu Ministro. Depois de hum dilatado litigio , he Strafford condemnado , sob pretexto de alguns actos arbitrarios , que o antigo uso , e a necessidade das conjuncturas sufficientemente justificavaõ. Cercaõ o palacio huns sediciosos , a fim de alcançar por força a assignatura do Rei. O virtuoso Strafford o exhorta , por meio de huma carta , a este sacrificio , e elle permite a execuçaõ da sentença : o que era o mesmo que expôr a sua propria cabeça. Laud
foi

Carlos o
abandona
aos se-
diciosos.

foi executado tres annos depois. Todo o seu crime consistia em ter tido as preoccupações do seu estado , e tellas seguido com hum zelo cégo , e violento , que todavia não era semelhante ao zelo dos Puritanos.

Sôrte de Laud.

A huma victoria tão manifesta a respeito da Authoridade Real seguíraõ-se rapidamente outras empresas. Para segurar o successo dellas manda-se passar hum bil, em virtude do qual não póde o Parlamento ser desfeito , prorogado , nem citado senão com o consentimento das duas Cameras , e por este meio se constitue o arbitro do Rei. O Tribunal da alta Commissão , e o da Camera estrellada foraõ abolidos. Estes Tribunaes , contrarios á liberdade , eraõ uteis á Coroa.

O Parlamento poderosissimo.

O Exercito da Escossia , que ainda existia , tornava os sediciosos infinitamente mais tremendos : razão porque era pago á custa de Inglaterra. Este Exercito he finalmente despedido , com hum presente de trezentas mil libras esterlinas , que o Parlamento lhe concede. No acto de pacificação até a propria empresa dos Escossezes he louvada , como *tendente á honra , e utilidade de sua Magestade*. Que insulto para a Magestade Real ! E não era tudo isto , por assim dizer , senão huns ensaios da audacia parlamentarica !

O Parlamento despede, e recompensa o exercito de Escocia.

Os Irlandezes fanáticos, e sediciosos.

Abraçando-se também a Irlanda, por meio de huma deploravel fatalidade, ateou novamente a guerra civil. Tinha Jacques I. introduzido em Irlanda a policia, e Leis Inglezas. O Conde de Strafford tinha governado tão sábia, e tão prudentemente a Irlanda, que sahindo esta da barbaridade, via-se florescer a Agricultura, a industria, e a marinha. Porém as preocupações, e os costumes reformão-se muito mais tarde. Como Catholicos ignorantes, supersticiosos, e entusiasmados, obedeciaõ os Irlandezes como a pesar seu á Inglaterra, cuja Religiaõ aborreciaõ. Sacudir o jugo dos Heres, era o alvo dos seus desejos. Aproveitando-se alguns cabeças atrevidos dos tumultos, que agitavaõ a Monarquia, formáraõ huma conspiração semelhante á de S. Bartholomeu de França. Quarenta mil Protestantes foraõ cruelmente mortos: as mulheres, e os mininos disputáraõ aos homens o gosto atroz, ou como elles imaginávaõ, o merecimento de derramar o sangue das victimas. Dublin esteve a ponto de cahir no poder destes rebeldes, que para encobrir o seu crime disseraõ ter authoridade do Rei, e da Rainha para tomar armas; e apresentáraõ huma Commissão falsa, assignada com o Real sello, o qual tinhaõ tirado de huma patente.

Os Irlandezes mataõ cruelmente os Protestantes.

Não

Não se envergonhavaõ os Irlandezes de unir á mais infame impostura o zelo admiravel de catholicidade.

Estava Carlos em Escossia , procurando pacificar os tumultos , e recebendo lá a noticia da cruel mortandade , pede logo soccorros contra os Irlandezes soblevados. O Parlamento de Escossia , apesar do odio nacional para com os Catholicos , concede-lhe muito pouca couza. Aproveita-se o de Inglaterra de hum offerecimento imprudente , que o Rei lhe faz , de abandonar esta guerra á prudencia , e vigilancia da Junta. Toma-se dinheiro , ajuntaõ-se armas sob pretexto de o soccorrer , mas na realidade com a idéa de opprimillo. Ao mesmo tempo que Carlos se dispõe para castigar os rebeldes , imputaõ-lhe publicamente ser o Author da rebelliaõ. Os Puritanos redobraõ as suas injurias declamações : os Communs publicão huma *demonstração do Estado do Reino* , a qual não he mais que huma sátira violenta de todo o procedimento do Principe ; declaraõ os alistamentos forçados por contrarios á liberdade pública , e accusaõ de trabiçaõ os Bispos , porque vêndo-se expostos aos insultos do Povo , se retiráraõ da Camera alta , protestando contra tudo o que o Parlamento poderse fazer na sua ausencia. Estes procedimentos.

Pede o Rei soccorro ao Parlamento contra estes rebeldes.

Movimentos sediciosos dos Ingleses.

mentos prognosticaõ hum intento formado, ou de destruir o Throno, ou de o reduzir a nada.

C A P I T U L O VI.

Guerra civil contra Carlos I., que vem a morrer n'hum cadafalço.

QUALQUER mão habilidosa, e segura difficulosamente teria sustentado a vara do governo em tão cruel tempestade. Como que Carlos se arrojava aos precipicios. Enojado, e com ração, do procedimento dos Communs, quiz dar exemplo, e não soube obrar como Rei. Vai pessoalmente ter com a Camera baixa, a fim de accusar cinco dos seus Membros, e como esta estranha resolução tinha transpirado, não os acha. Então sem guardas, chega á Casa da Camera, e pede que não os livrem de hum processo puramente legal. O Povo estava irritado: por todas as ruas, por onde o Rei passou, se ouvirão sediciosos clamores: os cinco accusados foraõ sem demora levados como em triumpho para a sua Camera: manifesta-se huma soblevação geral por meio de petições, dirigidas

1642
O mesmo
Rei vai ac-
cusar em
pessoa
cinco Mẽ-
bros do
Parlamẽto.

O Rei he
insultado.

ao Parlamento ; e os Commons as recebem dos maridos , das mulheres , e dos proprios mendigantes. Ausenta-se Carlos de Londres , onde já não se via em seguro. A Rainha soffre os insultos do fanatismo , e de parte a parte cuida-se n'hum guerra inevitavel.

Deraõ os Commons o signal della por meio de huma empreza inteiramente nova. Querendo desarmar o Rei , e suppondo conspirações de papistas , publicáraõ huma ordenação , a qual designava os Governadores das Praças , e os Lugar-Tenentes , e os constituia unicamente responsaveis ao Parlamento do seu proceder. Mandaõ-se Deputados ao Rei , obrigaõ-o a consentir nesta ordenação , ameaçaõ-o , e elle recusa. Dispõe-se entaõ dos governos militares : obrigaõ-se os Governadores a obedecer *às ordens de Sua Magestade , significadas pelas duas Cameras*. O nome do Principe , como facilmente se póde julgar , só devia servir de véo para as ordens da Camera baixa.

Vários manifestos annunciáraõ a guerra civil. O Rei mandava espalhar juntamente com os seus , os manifestos dos seus inimigos ; taõ grande era a confiança , que tinha na justiça evidente da sua causa ; e o Parlamento forcejava pelo contrario em supprimir os manifestos de

Dispõe o Parlamento dos pontos militares.

Manifestos antes da guerra civil.

Car-

Moderação do Rei.

Carlos ; indício certo do grande receio , que tinha das razões do Rei , juntas a huma lastimosa moderação. Em hum destes ultimos escritos , se representa a Constituição Inglesa , como huma mistura de tres governos , monarchico , aristocratico , e democratico ; temperados hum com o outro. Isto o que a Corte já mais tinha dito , e o que Carlos não teria julgado no principio do seu reinado.

Forças de ambos os partidos.

Sendo até então frouxo , e inconsiderado mostrará daqui em diante vigor , e constancia. O infortunio lhe realçará mais as virtudes. A principal Nobreza quasi toda , os mais grados da segunda ordem , os Anglicanos , e os Catholicos abraçaraõ o seu partido. Tinhaõ os Parlamentarios a seu favor a maior parte das Cidades principaes , e os Puritanos : eraõ senhores dos portos da Monarquia , e do reddito nacional. A Religião animava os Realistas , mas obrava com maior força nos melancolicos entusiasmados , e por conseguinte podiaõ estes ultimos confiar na victoria.

Sucessos da guerra.

Com tudo as primeiras hostilidades saõ todas em vantagem do Rei. O Principe Roberto , seu sobrinho , filho do Eleitor Palatino , soccorre-o ao principio como hum Capitão habil , e valeroso. Ganhaõ-se diversas batalhas contra os rebeldes ;

Brif-

Bristol he tomada ; Gloucester he sitiada ; chega o terror até a propria Londres. Mas Gloucester se defende com invencivel obstinação. O Parlamento levanta quatorze mil homens , e manda o seu General , Conde de Essex , em soccorro desta importante Praça. Obrigado Carlos a levantar o sitio , perde a batalha de Newbury. Foi nella morto seu Ministro , o Visconde de Falkland , Varaõ de merecimento superior , tão respeitavel na idade de trinta e quatro annos pelas suas virtudes , como pelo seu saber , e talentos. Julga-se que Falkland fora em parte o Author dos manifestos , ou declarações do Rei.

Para maior infelicidade declaraõ-se os Escocsezes , e formaõ com o Parlamento de Inglaterra huma Liga , por meio da qual se obrigaõ todos a perseguir sem respeito o Papismo , o Episcopado , os usos profanos , e a reformar os dous Reinos , conforme a palavra de Deos , seguindo o exemplo das Igrejas mais affervoradas. Tal era a força do fanatismo , que humas pias idéas serviaõ sempre de motivos para estas funestas conspirações. Sahe a campo hum Exercito de mais de vinte mil Escocsezes , e o Rei faz entaõ huma tregoa com Irlanda , donde tira algumas tropas. Novo motivo he este para accusações :

Declaraõ-se os Escocsezes como fanaticos a favor do Parlamento.

Tregoa com Irlanda.

1644
Parlamẽ-
to de Ox-
ford.

ções: arguem-o de ter poupado huns Catholicos rebeldes, e elle convoca depois para Oxford os Membros do Parlamento, que eraõ a seu favor; lisongeando-se de que a nova Junta infundiria tanto respeito ao Povo, como a antiga. Este Parlamento, que era muito mais numeroso, do que o outro, quanto á Camera dos Cavalleiros, e muito menos a respeito da Camera dos Communs, procurou sòmente alguns soccorros pecuniarios. O Parlamento de Westminster, posto que declarado por descahido da sua legitima authoridade, augmentou continuamente o poder, que o constituia tão tremendo.

Os Inde-
pendentes.

Começava a fazer naquelle Parlamento huma grande figura Oliveiro Cromwèl, homem perigosissimo, que se distinguia entre os da Seita dos Independentes, confundida com a multidão dos Puritanos, a quem no fanatismo, e audacia, excedia tanto, como os Desasseis á grande Liga de França. Pretendendo os Independentes ser inspirados pelo Espirito Santo, engolfados n'hum systema de igualdade perfeita entre os homens, não satisfeitos de proscrever os Sacerdotes, os Bispos, e as ceremonias religiosas, querião destruir a Realeza, cujas prerogativas os Puritanos querião só cercear. Cromwèl, que era a hum tempo hypocrita,

Cromwèl
distinto
entre os

e entusiasmado, intrepido e astuto, impetuoso e prudente, capaz de fingir-se profeta, de mandar hum Exercito, e governar hum Estado, principal Author da victoria de Marston, alcançada contra o Principe Roberto, chegará a ser o arbitro do Parlamento, e do Reino.

Independentes.

Queixa-se elle da fleugma do Conde de Manchester, seu General. Vários Pregadores declamaõ contra a corrupção dos Chéfes. Cromwel, e seus amigos insistem no Parlamento, a respeito da necessidade de huma reforma. Passa-se huma ordenação de *renunciação a si mesmo* (este o tituló que se lhe dá), por meio da qual os Membros do Parlamento, exceptuando hum muito pequeno número, são excluidos dos empregos civis, e militares. Em consequencia do que Manchester, Essex, e outros Cavalleiros resignão as suas commissões. O Cavalleiro Fairfax, nomeado General, pede licença para servir-se de Cromwel, e este, que não cuidava em applicar a si a *renunciação a si mesmo*, chega deste modo a governar com o nome de outrem. Foi Fairfax, homem honrado, mas de animo frouxo, victima a todo o tempo dos seus artificios.

Acto de renunciação a si mesmo;

Favoravel á ambição de Cromwel.

Achou-se logo o Exercito sujeito a huma disciplina mais austera; pois só res-

1645
Reforma do exercito.

pi-

pirava o fervor presbyteriano, e a raiva dos combates; nenhum outro gosto conhecia, senão a oração, e as obrigações: tanto mais para temer por este principio, quão perniciosa era a licença, a que se entregavaõ os Realistas, zombando desta hypocrisia. O Principe Roberto, cujo valor impetuoso tinha já commettido vários erros, moveo o Rei a combater sem esperar soccorros, que em breve tempo deviaõ chegar. Os rebeldes alcançaraõ em Naseby, para a parte de Oxford, huma victoria decisiva. As bagagens, e o cofre do Rei cahiraõ entre as mãos dos mesmos rebeldes; os quaes acháraõ as copias das suas cartas para a Rainha; e o Parlamento, acostumado a não envergonhar-se mais de couza alguma, se atreveo a publicallas. Esta valerosa Princeza, digna filha de Henrique IV., tinha-se retirado para França, depois de ter duas vezes, por entre mil perigos, trazido de Hollanda soccorros para seu marido. Foi accusada de trahição pelos Communs. Quem vê excessos tão monstruosos, cuida existir em seculo de barbaria. Tão barbaras sãõ as guerras civis, especialmente quando nellas entra o fanatismo!

Carlos
vencido
em Nase-
by.

Publicaõ-
se as suas
cartas para
a Rainha.

Entrega-
se Carlos
aos Escos-

Depois da batalha de Naseby, exprimenta Carlos I. successivamente todos os
ge-

generos de infellicidades. Estando quasi para ser sitiado em Oxford , entrega-se aos Escossezes , que sitiavaõ Newark. Recebido com apparencias de respeito , alcançaõ os Escossezes delle violentamente huma ordem , para que os Governadores entregassem as Praças. Brevemente o vendêraõ ao Parlamento de Inglaterra , por quatro centas mil livras esterlinas : venda infame , á vista da qual nenhum genero de horrores deve admirar.

Preso o Rei , podia o Parlamento tudo. Estes suppostos defensores da liberdade tinhaõ chegado a ser os oppressores da Naçaõ , e das Leis ; o despotismo Parlamentario excedia infinitamente ao despotismo , de que o Principe tantas vezes fora arguido. Queria o Exercito destruir huma tyrannia taõ odiosa , a fim de tyrannisar tambem ; de maneira que livra a Carlos do Parlamento , marcha para Londres , onde entra , e dá Leis : o Parlamento fica opprimido.

Manifesta-se porém em meio do Exercito a sedicão de *Levellers* , que se sobleva contra os Officiaes , porque o Espirito Santo põe huma igualdade perfeita entre os Eleitos. Mas tendo Cromwel com seu engenho , e vigor , domado estes fanaticos , medita o ultimo attentado contra a Magestade Real.

fezes, qua
o vendem.

1647

Lavra o
exercito o
Rei , e su-
jeita o Par-
lamento.

Medita
Cromwel
a morte
do Rei.

Offereci-
mentos
deste Prin-
cipe, re-
jeitados.

Fugindo Carlos para a Ilha de Wight, e sendo indignamente preso pelo Governador, intenta hum Tratado com o Parlamento. A necessidade o reduz aos mais humildes procedimentos, os quaes todavia não applacão a estes rebeldes. Debalde offerece elle ceder assim do poder militar, como da nomeação dos officios principaes, com tanto que estes direitos por sua morte tornem para a Coroa. Debalde accrescenta outras novas concessões, até chegar ao ponto de reconhecer que o Parlamento se armára para huma justa defença. Pretende-se que elle abandone os seus seguidores como criminosos; que consinta na abolição do Episcopato; e que sacrifique os seus principios de Religião, profundamente impressos em sua alma. A consciencia, mais poderosa em Carlos, do que o interesse da Coroa, o suspende a respeito deste artigo; e o frenesi do Parlamento a nada cede.

Pretendê
os Escosse-
zes defen-
der a Car-
los, e são
vencidos.

Ao mesmo tempo que se negociava o Tratado, tinha-se novamente ateado a guerra civil. Escossia armava-se a favor do Principe, a quem ignominiosamente tinha sido trahidora, e vários corpos de tropas Inglezas deraõ próvas de zelo. Porém Cromwel chegou até Escossia sobmettendo tudo com rapidez, e Fairfax forçou Colchester, depois de huma vigo-

rosa resistencia. Dentro em pouco tempo foram os Realistas dissipados, e abatidos. Para coroar tantas victorias, e tantos crimes, só restava ordenar o supplicio do Soberano.

Deixando-o o exercito em poder do Parlamento, receava que a conciliação fosse em seu prejuizo. Disposto por tanto a cometer o parricidio, senhoreou-se da pessoa de Carlos, e o fez trasladar da Ilha de Wight para hum Fortaleza, e daqui para Windsor. Esta precaução não foi sufficiente. Queixava-se o Parlamento, resistia aos Militares, e não se mostrava tão afastado dos caminhos do ajuste. Finalmente Pido, que depois de ser carcereiro, chegou a Coronel, cercando a Camera baixa, prende quarenta e hum Membros della. Mais de cento e defasseis Membros semelhantes são excluidos por suspeitos aos Independentes; os quaes ficando senhores absolutos, principiaõ o processo.

A Camera dos Communs, que se compõe desta especie de gente, declara o Rei criminoso de alta trahição, por ter declarado guerra ao Parlamento, e fórma hum Tribunal de Justiça, com poder de o sentenciar. Fairfax, Cromwel, e Ireton, seu genro, entraõ no número dos Juizes. Reprovando os Pares este horroroso

O Parlamento reduzido por força aos Independentes.

1648
Processo
de Carlos I.

Declara-se
que toda a
authorida-
de consiste
em o Po-
vo.

so bil , declara-se que o Povo he a ori-
gem de toda a authoridade legitima , e que
por conseguinte os *Communs* , eleitos pelo
Povo que representaõ , tem a suprema au-
thoridade da Nação; e que tudo quanto por
elles he julgado *ser Lei* , tem força de Lei
sem o consentimento do Rei , e dos Pares.
Como se o Rei , e os Pares não forma-
sem , juntamente com os *Communs* ,
aquella constituição tão amada , que ti-
nha servido de pretexto para a rebellião:
como se por outra parte os *Communs* fos-
sem hum pequeno número de sediciosos ,
que expulsáraõ da sua Camera os Mem-
bros fieis á Coroa.

1649
O Rei pe-
rante os
seus Juizes.

Vê-se Carlos I. conduzido pelo Coro-
nel Harrison , filho de hum carniceiro ,
perante este Tribunal de malvados , a
quem falla como bom Rei , não quer res-
ponder ás accusações , protesta que não
reconhece Juizes entre os seus vassallos ,
e se offerece todavia para mostrar a jus-
tiça da sua causa , se para isso for con-
vidado de hum modo conveniente. Tres
vezes he obrigado a comparecer , e sem-
pre sustenta a sua constancia. Sem respei-
to ás sollicitações da Escocia , da França ,
e da Hollanda , nem ao procedimento ge-
neroso de quatro Cavalleiros , os quaes
representaõ que tendo merecido o con-
ceito , e estima deste Principe , offerecem

Carlos he
condemna-
do , e ex-
ecutado.

as suas cabeças para sobre ellas se descarregar a pena das culpas, que se lhe imputaõ ; sem respeito a todos os direitos da sociedade politica, condemnaõ á morte o Rei de Inglaterra, Irlanda, e Escocfia. He Carlos executado em hum cadafalço fronteiro ao seu proprio palacio. Se os rebeldes triumpháraõ, ao menos a Nação consternada abriu os olhos, arrependeo-se, teve horror a hum crime nefando, inaudito em toda a historia.

Referirei as suas consequencias, quando tratar da época de Luiz XIV. Meditem os Soberanos, e os vassallos o reinado de Carlos I. : aquelles veráõ que ha criticas circumstancias, em que a authoridade affraca, quando se fazem esforços por amplialla ; certos principios muito crueis, quando se pretendem verificar demasiado, desenvolvem, e avigorão principios totalmente oppostos ; e os erros comettidos no governo pôdem encaminhallos para a sua ruina. Aprenderão estes que se o abuso da authoridade he perigoso, mais perigosa he a rebelliao contra a authoridade ; que a liberdade sediciosa he peor, do que o despotismo passageiro de hum Monarca ; que nos Estados modernos as Leis, e a opiniao pública servem de poderoso obstaculo contra os excessos da tyrannia ; e sobretudo, que

Este reinado he hum grã-de-licaõ, assim para os Principes, como para os vassallos.

naõ ha horror algum, a que naõ possa guiar o fanatismo, quando se vale do nome, e da palavra de Deos, para aniquillar todos os principios, sentimentos, e deveres.

Se anticipei alguns annos a época de Luiz XIV., para acabar a descripção do reinado de Carlos, he isto menor inconveniente, do que teria sido a interrupção de huma narraçãõ, em que todas as circumstancias estaõ annexas humas ás outras.

C A P I T U L O VII.

Observações a respeito do governo, e costumes; a Religião, e a Igreja; as Sciencias, e a Literatura.

I.

Progreſſos do governo Monárquico, particularmente em França.

Seguir o
progreſſo
dos gover-
nos.

GRANDE objecto de curiosidade he chegar ás origens dos governos, seguir as suas variações, e progreſſos; vêr, por exemplo, huns pequenos Póvos miseraveis, e opprimidos, chegarem a ser humas felices e poderosas Républicas; Pó-

Póvos numerosos , e guerreiros , antigamente zelosos de huma liberdade illimitavel , obedecerem pacificamente ás Leis de hum Monarca ; Monarquias , em que o poder absoluto parecia estar estabelecido , passarem a huma constituição mixta , onde os poderes são contrapésados huns com os outros. Temos observado no decurso dos seculos as principaes mudanças. Agora he necessario meditar aqui o que dellas resultou , e formar cada hum para si huma idéa geral , que prenda com ordem os factos espalhados , e muito remotos. Consideremos particularmente a França , cuja historia he mais bem conhecida , suas correlações com os outros Estados mais convincentes , e seus diversos regimes politicos trazem á memoria quasi todas as variações acontecidas n'outra qualquer parte.

Particularmente a Monarquia Fran-
ceza.

Hum exame , como este , feito com imparcialidade , em vez de atenuar a sujeição devida á Coroa , não póde deixar de constituilla mais voluntaria , e mais perfeita. Provará quaõ necessario era para o Estado o augmento do poder supremo ; que se os seus meios não foraõ sempre justos , o seu fim foi util ; e que as infellicidades da Nação procediaõ até aquelle tempo , ou de huma anarquia desordenada , ou de huma aristocracia tyrannica.

Este exame nada té que util não seja.

N'hum a palavra, a verdade se une necessariamente com a legitima authoridade.

Qual era
a authori-
dade de
Clovis.

Vem huns Barbaros, chamados Francos, conquistar as ferteis Provincas da Gaula. Clovis, seu Rei, he hum Chêfe habil, e ambicioso: todos o seguem, não por constrangimento, — mas sim por escolha; sabe dirigir ao fim, em que leva a mira, a vontade geral; e de mais dispo, tão pouco poder tem entre a Nação, que hum soldado toma a ousadia de lhe disputar o direito de apropriar-se de hum vaso tomado aos inimigos. Com tudo a repartição das terras conquistadas lhe forma hum Dominio consideravel. Este Dominio, com os modicos direitos da Realeza, e presentes estabelecidos pelo uso dos Germanos, basta para a conservação da sua Corte; e até pôde desannexar delle as suas terras, ou para galardoar serviços, ou para grangear o affecto dos principaes guerreiros. A propriedade dos *benefícios*, que elle lhes concede, sempre lhe fica; e conservando o direito de os haver, quando quizer, tem o Rei, assim o meio de castigar, como o meio de recompensar. Estas possessões obrigão ao serviço militar, servem de soldo; porque não se conhece ainda especie alguma de tropas pagas, e permanentes.

Terras do
Dominio,
distribuí-
das aos of-
ficiaes.

A Junta da Nação he quem dá as Leis,
quem

quem decide da guerra , ou da paz , quem ao menos participa dos principaes direitos da soberania. Este o governo de todos os Barbaros. Mas a influencia do Principe deve naturalmente augmentar-se com sua politica , e victorias. O respeito dos Francos á sua familia fará a Coroa hereditaria , posto que ainda deferida com o consentimento do Povo , e posto que não haja ordem alguma de successão bem estabelecida. Os seus Successores poderão logo adquirir maior authoridade , seguindo hum systema uniforme , e sustentado com vigor.

He desgraca oppôrem-se as Leis , e usos barbaros a todo o systema de governo sábio , e prudente. A justiça reside nas mãos de huns cégos guerreiros , que quasi a reduzem ao direito do mais poderoso. Se os crimes são castigados , ou he pela vingança dos particulares , ou por humas composições pecuniarias , cuja facilidade provoca a outros crimes. O duelo , e as *próvas* insensatas resolvem quasi todas as desavenças : donde resulta não ter freio algum o genio turbulento da Nação ; que as violências se multiplicarão continuamente ; que os poderosos arruinarão os fracos , e que os mesmos tumultos manifestar-se-hão á roda do Throno.

Juntas nacionaes ;
influencia
do Principe.

Nenhuma
justiça , e
por consequente
muitas
violências.

Christia-
nismo dos
Francos ,
cheio de
supersti-
ções funes-
tas.

• Sujeitou o conquistador ao Christianis-
mo o seu Povo ; ou para melhor dizer , se
o julgarmos pelo grande número , fez com
que elle mudasse de culto exterior , quasi
sem mudança alguma essencial de proce-
dimento : por quantô apenas se percebe
que a moral de huma Religião tão pura ,
e tão benefica , illuminasse aquelle Povo
feróz. Vemos sômente que este Povo abra-
çou o nome de Christão , e que várias
práticas supersticiosas lhe servem em ge-
ral de virtudes christãs. Vemos que os
Prelados , com alguns relquícios de lu-
zes escurecidas pela ignorancia , sobjugão
os animos , e dominaõ em breve tempo
a propria Corte. Vemos estabelecer se ge-
ralmente a opiniaõ extravagante , de que
os crimes se expiaõ , o paraíso se com-
pra , dando prodigamente os bens aos Mi-
nistros da Igreja. Vemos consequintemen-
te chegarem as ricas fundações a ser hu-
ma especie de móda ; os Bispos , e os
Monges obterem terras immensas , passa-
rem para a classe dos Cavalleiros , e parti-
ciparem com elles da obrigação do servi-
ço militar , abraçando os costumes de hu-
ma nobreza dedicada ás armas. Finalmen-
te vemos que estes mesmos Bispos , e
Monges introduzem nos negocios publicos
huma confusão de idéas religiosas mal con-
cebidas , proprias para confundir o sagra-
do

Confusão
perigosa
do sagrado
com o pro-
fano.

do com o profano, e o civil com o espiritual : confusão , de que resulta hum cábo de pretensões incompatíveis , que accrescentando mil obstaculos ao governo , se encaminha a dissolvello.

Com effeito tudo dá annuncios de huma revolução. A Monarquia , dividida muitas vezes entre diversos Reis , chega a ser hum theatro de guerras civis , e crueis mortandades. Vários Principes fracos , e incapazes se abandonão aos seus Maires do palacio , e estes Maires se acostumão a reinar em nome dos Principes. Depois de ter enriquecido excessivamente a Igreja , vem-se obrigados a tirar-lhe terras para a subsistencia dos guerreiros. Os Ecclesiasticos , e os Monges despojados entraõ entãõ a tecer enredos , ou por preocupação , ou por interesse. O grande Carlos Martel estava condemnado , no seu conceito , como usurpador do patrimonio dos pobres. Pepino , seu filho , restituindo os bens sagrados , e honrando com pompa as reliquias , he o homem destinado pelo Ceo para empunhar o Sceptro. Assim ajuizaõ d'elle o Clero secular , e regular , o célebre Bonifacio de Moguncia , o Papa Zacharias ; e Pepino roubou á Casa de Clovis hum Sceptro , do qual se mostrava indigna , havia muito tempo.

Causas de revolução, no tempo da primeira descendencia.

Esta delineação da primeira descendencia dá bastantemente a conhecer que a pesar de certo direito público, sem o qual a Nação não subsistiria, o governo quasi que estava sem régras, nem principios; e que as sementes da anarquia, sempre mais fecundas, deviaõ produzir horrorosas infellicidades.

Reforma
Carlos Ma-
gno o Ef-
tado.

Pepino, e especialmente Carlos Magno, realçaõ o lustre, e poder da Realeza, ainda quando restituem ás Juntas nacionaes o seu antigo esplendor. Os immensos trabalhos do segundo, as suas victorias, conquistas, zelo da boa ordem, as suas Leis, a sua politica administração, offerecem hum espectáculo que todos admiraõ no centro da barbaridade.

A sua ambição, servio de hü obftaculo.

Se Carlos Magno vivêra em melhor fêculo, teria desarraigado as desordens; e talvez que para estabelecer o melhor systema de governo, que entãõ era praticavel, só lhe faltasse o limitar a sua excessiva ambição. Que necessidade tinha elle da Italia, e da Alemanha? Por ventura não teria valido mais a França feliz, do que aquelle vasto Imperio? Se os Saxonios, a pesar do terror das suas armas, se soblevaõ continuamente, a que se verãõ expostos infallivelmente os seus Successores, que não tiverem o genio extraordinario, por meio do qual

qual elle venceo tantos obstaculos, e perigos?

Com effeito, Luiz o Benigno, seu filho, he em breve tempo o ludibrio das sedições. Tudo se divide, tudo se sobleva. Carlos Magno soube enfrear o Cléro, posto que o tivesse favorecido excessivamente, e Luiz, pretendendo sujeitar este Corpo á disciplina, grangea o seu odio. Abusa então o Cléro do seu poder, erige-se de repente Juiz do Imperador, o qual he insultado, opprimido, e deposto. Este attentado nunca ouvido traz consigo outros muitos da mesma especie. Várias empresas intoleraveis formão, por assim dizer, hum direito de usurpação, e rebelliaõ, pois que o feliz successo as tem coroado. Finalmente o Corpo Ecclesiastico, arrastado pelas conjuncturas, armado de falsas decretaes, e da cega credulidade dos homens, transforma as Leis estabelecidas, estabelece outras arbitrias, estende a sua jurisdicção a tudo, isenta-se da jurisdicção dos Tribunaes; dispõe da propria Coroa, em nome de Deos, que lhe manda obedecer aos Principes; e tem para si que usa dos direitos Divinos, quando transforma, ou ao menos altera a ordem essencial da sociedade humana.

Independencia do Cléro depois de Carlos Magno.

As violencias dos Cavalleiros, cuja ef-

Usurpa-
ções dos
Cavallei-
ros, e go-
verno feu-
dal.

espada parecia estar sempre desembainhada, ameaçava o Estado com muito mais terríveis, e extraordinarios contratempos. Des do tempo de Carlos o Calvo, filho de Luiz, se constituem hereditarios os feudos. Se o exemplo da Igreja pôde excitar a ambição dos vassallos, he huma conjectura bastantemente provavel; por quanto, já que as terras, que se pretendiaõ dar a Deos, estavaõ como annexas para sempre a este ou áquelle Bispado, ou a esta ou áquella Casa Monastica, não era por ventura natural que hum possuidor de feudo se empenhasse em transferir a posse delle a seus filhos? Mas seja o que for, o Estado se arruina totalmente; os Cavalleiros usurpaõ a propriedade incontestavel da Coroa; todos affectaõ, e querem ter segura a independencia. Alguns vassallos mais grados, e seguindo o seu exemplo, infinitos dos pequenos, não deixaõ ao Rei mais que hum grande nome, e hum fantasma de Realeza. Partem entre si o seu Dominio, do qual apenas ficaõ alguns vestigios. A aristocracia militar, ou para melhor dizer a anarquia armada, e reduzida a systema, anniquilla toda a administração legal. De que servem ao senhorio titulos soberbos, homenagens, e juramentos; de que lhe serve o direito de mandar, sem forças para fazer

zer com que lhe obedeção ? Huma vez que os Barões lhe pôdem dar Leis, e fazer ludibrio das suas ordens, o verdadeiro Senhor he hum méro idolo coroadô.

Quanto mais o governo feudal estabelecido no tempo dos ultimos Carolingienfes, se acha carregado de régras sobre cousas de pouco, ou nenhum momento, de formalidades, e precauções singulares, tanto mais profundas são as raizes, que cria a anarquia, porque não ha authoridade Real, que governe. Esta a razão, porque nenhuma outra cousa se vê, senão desordens, e roubos. Milhares de tyrannos, armados huns contra os outros, pisaõ aos pés tudo o que he obrigação, e a propria natureza. A escravidaõ he o recurso do Povo. Esta Nação guerreira, invencivel no tempo de Carlos Magno, está exposta aos insultos dos Normandos, piratas sem disciplina, nem honra. Ninguem se maravilhará, quando reflectir sobre as discordias civis, e desgraças isseparaveis da anarquia. O estado de sociedade era entaõ hum estado de guerra. Nisto se diz tudo.

Infelici-
dades, q
resultaõ do
governo
feudal.

A segunda descendencia acabou do mesmo modo, que a primeira. Tendo alguns vassallos hum poder superior ao do

Fim da
segunda
descenden-
cia.

Principe, não podia o Principe deixar de

vir a ser algum dia privado do Throno por algum dos seus vassallos. Hugo Capeto, descendente de huma familia de Heróes, dous dos quaes tinhaõ tido o titulo de Rei, aproveita-se das circumstancias, para tirar a Coroa ao seu legitimo herdeiro.

Só por meio de alguma enfiada de revoluções, agitações, tentativas, acafos felices, e grandes infelicidades, he que virá a dissipar-se esta monstruosa anarquia; a boa ordem poderá sahir do cáhos, e a authoridade quasi aniquilada exaltar-se entre tantas ruinas. Alguns Reis se aproveitáraõ das occasiões com industria, e outros com vigor. Mas geralmente falando as cousas mudáraõ, porque era impossivel que deixassem de mudar: os acontecimentos trouxeraõ consigo a politica, mas a politica não trouxe consigo os acontecimentos. Para haver hum sistema razoavel são necessarias as luzes; e posto que os homens tivessem em todo o tempo hum certo tacto, que os fizesse discernir os seus interesses, a arte de governar requer outras muitas cousas.

Diminuir o poder dos Grandes, e sujeitallos a authoridade Real, era o principal meio para estabelecer a boa ordem. Fallarei de passagem sobre os factos principaes que a pouco, e pouco encaminháraõ para o fim intentado.

1. Huns Reis sem Dominios (pois que não lhes restava outra cousa senão Laon) só eraõ Reis no nome. Hugõ Capeto reunio á Coroa o Ducado de França, e os outros feudos, que pessoalmente possuia. He este hum novo nascimento de poder; mas quaõ remotos estamos ainda do tempo, em que o poder soberano será vigoroso! Fazendo coroar seus filhos em sua vida, firmavaõ os primeiros Reis Capetos a herança na sua familia: o que he hum passo de mais para o poder.

Hugo Capeto reunio á Coroa o Ducado de França.

Herança da Coroa

2. A mania das Cruzadas, que lavrará no tempo do bisneto de Hugo, redundando por meio de huma singular fatalidade em vantagem do Principe, exaurindo o Reino. Os Cavalleiros se arruinão, vendem as suas terras, para correr à poz das aventuras, e indulgencias. Partem a exhalar na Asia aquelle genio turbulento, e marcial, que os fazia taõ perigosos no centro do Estado. De maneira que Filippe I., a pezar da sua grande fraqueza, chega a reinar tranquillamente: o que he já hum phenomeno bem notavel.

A Cruzada util para Filippe I.

3. Seu filho Luiz VI., denominado o Gordo, aplainou os caminhos da revolução. A tyrannia dos Cavalleiros, tantas violencias livremente comettidas, e soffridas sem descanço, excitavaõ por toda a parte sentimentos de liberdade, tan-

Estabelecimento das Comunidades municipaes.

to mais fortes quanto mais odioso era o jugo. Em Italia , Alemanha , França , e outras muitas regiões , a mesma causa , segundo a ordem da natureza , produz o mesmo effeito. Os moradores das Cidades , mórmente daquellas , em que se principia a conhecer as utilidades do Commercio , aspiraõ a huma liberdade , da qual não fica vestigio algum. Elles a compraõ , e a conservaõ , a pezar de grandes opposições , principalmente da parte do Cléro , que os acomette como huns sediciosos. Estes mesmos moradores formão essas Communidades municipaes , esses *Communs* , governados pelos seus proprios magistrados , e armados em defenſa dos seus privilegios , com obrigação de servir o Principe contra os seus inimigos. Luiz o Gordo , e seus Successores favorecem huns estabelecimentos tão uteis para a Coroa. Por huma parte , os Cavalheiros perdem em semelhantes estabelecimentos o poder , com que opprimiaõ os Cidadãos ; e por outra os Cidadãos se affeioaõ a authoridade Real , que considerão como obstaculo contra tyrannos.

Progreſſo
da Justiça
Real.

4. Sem o supremo direito de justiça , pouca cousa he a soberania. Aquelle , que julga ou manda julgar , tem infinitas vantagens para attrahir a si o respeito , e a obediencia. Apropriando-se os Cavallei-

ros dos feudos, tinhaõ usurpado este direito; e os *Enviados Reaes* de Carlos Magno não se teriaõ mais attrevido a apparecer nas Provincias. Foi logo o minar insensivelmente as justiças senhoreaes huma politica admiravel, que se vio nãlcer no reinado do mesmo Luiz VI. O uso de mandar Commissarios vigilantes he restabelecido. Quatro Balios principaes do Rei chegaõ a ser depois Juizes de certos casos attribuidos á sua residencia. Depois disso o direito de appellação cria raizes, e finalmente o Principe será o primeiro Juiz. Era necessario tempo para firmar no proprio Dominio da Coroa huma refórma tão importante. Mas recuperando Filippe Augusto as Provincias, que os Reis de Inglaterra possuiaõ, e fazendo-se temer, e respeitar pelos seus vassallos, não demorou os progressos da authoridade ainda incerta.

5. As novas idéas de justiça, que se espalhavaõ pela Europa, foraõ as que contribuirãõ talvez mais para a mudança. O Direito Canonico, a pezar do veneno das falsas decretaes, e dos falsos principios, com que o tinhaõ inficionado, offerecia pelo menos huma fôrma regular de escrituras, huma ordem de jurisdicção, e finalmente vestigios da Jurisprudencia Romana. As Pandectas de Justiniano no-

O Direito Romano chega a ser utilissimo á Coroa.

vamente achadas quasi no meado do século duodecimo, ampliárao muito as idéas sobre este ponto. Estabelecem-se Escólas de Jurisconsultos, onde se ensina, e preconisa com enthusiasmo o Direito Romano. Ainda que este Direito esteja carregado de Leis pessimas nos ultimos séculos do Imperio, sempre se suppõe ser huma obra prima de perfeição, porque as Leis barbaras parecem ser huma obra prima de extravagancia. Os Reis não perdem tempo, nem se descuidão de introduzir com toda a habilitade este direito nos seus Estados. São Luiz promove o estudo del-
le, e faz seguir as suas maximas. Vemos este Principe, feito Legislador, exercer com dignidade o poder Supremo; refrear os abusos da anarquia, por meio das suas ordenações a respeito das moedas, e de outros pontos essenciaes; estabelecer sólidamente o direito de appellação, que realça a Coroa; e administrar a justiça como Soberano. Vemos como elle prohibe o duello judicial, substituindo-lhe as provas legaes, e lançando deste modo os fundamentos de huma reforma universal, cujos progressos chegarão a ser sensiveis.

Poder Legisla-
tivo q
São Luiz
tinha.

Authori-
dade dos
Juriscon-
sultos,

6. A Jurisprudencia pois não he já limitada, a algumas noções, e práticas barbaras: breve será hum dos grandes estudos. Não tendo a nobreza ignorante pai-

xaõ,

xaõ, fenaõ pelas armas, e aventuras, como será capaz de estudar para julgar? He necessario que os Jurisconsultos admittidos já nos Tribunaes, como relatores, venhaõ dar-lhe soccorro, ou para melhor dizer dictar-lhe as sentenças. Brevemente serão Juizes. A Toga distinguir-se-ha da espada, e formará outra classe de nobreza; a espada desprezará esta illustre profissão, donde extrahia huma parte do seu poder. E que succede d'aqui? Ambos estes corpos são competidores; o segundo he interessado em servir contra o primeiro a authoridade do Principe, e nisto emprega as suas luzes. Estabelece-se o Parlamento na Capital no principio do seculo decimo quarto. Como interprete das Leis, firma cada vez mais, por meio de hum systema regular, a baze do governo monarchico. Devemos concordar em que o interesse, e as preoccupações dos nossos antigos Jurisconsultos excedêraõ os justos limites, pois suppunhaõ, conformando-se com textos da Biblia, e Leis imperiaes, que a Realeza dos Judeos, e o poder despotico dos Imperadores, eraõ as regras da Constituição Franceza. O proceder ordinario do entendimento humano, especialmente quando principia a exercitar-se sobre grandes objectos, he exceder em tudo, antes de assegnorear-se

Como elles contribuem para o progresso da Real authoridade.

da natureza das cousas. Mas os principios dos Magistrados nem por isso forão menos uteis para refrear as desordens da independencia: a sua opiniaõ formou em grande parte a do Povo, e os progressos da sua authoridade forão tambem os da authoridade soberana, a que elles servirão muitas vezes de reparo.

Recepção
do terceiro
estado
em os Es-
tados ge-
raes.

7. Filippe o Formoso, na sua violenta disputa com Bonifácio VIII., a fim de unir a si todo o Corpo da Nação, tinha convocado em 1303 o terceiro estado para os Estados geraes. Este procedimento, attrevido no tempo de hum governo cruel, e injusto, produz logo uteis effeitos. Os sentimentos de liberdade, que animáraõ mais os Communs, encaminhavaõ-se a contrabalançar mais o poder dos Grandes. O Povo, que antigamente era escravo, e embrutecido, chega a ser Cidadão: interessa-se nas cousas públicas; he susceptivel de zelo, e de generosidade; anima-se, e he hum dos principaes recursos do Principe nos perigos, nas necessidades, contra os inimigos exteriores, e interiores do seu poder. Mas originar-se-hão tambem humas conjuncturas tumultuosas, em que o terceiro estado, naturalmente competidor das duas primeiras hierarquias, que olhaõ para elle com desprezo, voltará contra o mesmo Rei a sua actividade, e for-

forças. Taõ difficuloso he regular a balança dos poderes ! Perdido huma vez o equilibrio , precipita-se o peso , e a maquina parece dissolver-se.

8. O Cléro , o qual temos visto taõ Diminuição do poder Ecclesiastico. formidavel para os Reis da segunda descendencia , conservava a maior parte das suas preocupações , sempre muito zeloso da sua excessiva jurisdicção. Mas elle conhecia já que o interesse da Coroa-naõ lhe podia ser indifferente ; e os principios religiosos o inclinavaõ a inspirar huma obediencia total , excepto se della naõ o desviassem , ou alguns pretextos de Religião , ou algumas circumstancias. A resistencia de Filippe Augusto , do mesmo São Luiz , e especialmente de Filippe o Formoso ás emprezas da Corte de Roma , ensináraõ a naõ confundir já com a causa de Deos as pretensões dos Ecclesiasticos. Excluindo Filippe o Longo os Bispos do Parlamento , tirou-lhes hum meio de pretender sobre o civil. Pedro de Cugnieres , advogado do Rei , atreveo-se no governo de Filippe de Valois a acometter aquella jurisdicção illimitavel , que se tinha formado nas trévas da barbaridade. Acomettendo este advogado bem , ou mal as suas injustiças , e os seus abusos , oppozeraõ-lhe authoridades , exemplos , e poucas razões. A disputa descahiu , e termi-

nou-se então sem effeito algum. Porém pouco a pouco cessou o estado dos Cida-
dãos de ser sujeito aos Tribunaes Eccle-
siasticos, as apellações *como abusos* formá-
rão hum obstaculo ás vexações, e o Rei
adquirio sempre maior authoridade, á
proporção que os seus Tribunaes separá-
rão com maior capacidade os direitos ci-
vís das materias espirituaes: separação,
que a natureza das cousas, escurecida
pelo tempo, e usos, fazia ser infelizmen-
te muito difficultosa.

Infelici-
des do Rei
João.

9. No reinado do infeliz João, pri-
fioneiro em Inglaterra, tudo ameaça hu-
ma renovação de anarquia. Hum animo
sedicioso se apodera do terceiro estado,
que pretendendo senhorear-se do gover-
no impõe Leis ao sábio, e prúdentel
fim, e o reduz a humas odiosas sobmis-
sões. Pouco falta que não se veja repro-
duzir-se em França o grande Diploma
dos Inglezes. Este Principe dissipa em fim
os tumultos. Depois de Carlos V. occu-
par o Throno, recupera as perdas da
Nação; triunfa dos inimigos domesticos,
do mesmo modo que dos inimigos Es-
trangeiros; e reina com igual authoridade,
e gloria. Nunca a prudencia, e a sabedo-
ria manifestou melhor os seus recursos.

Carlos V.
recupera a
authorida-
de.

A autho-
ridade des-
cahe no

Mas as infelicidades de Carlos VI. destróem
em breve tempo a obra de Carlos V. O

fu-

furor das sedições , quasi geral , aniquilou de tal forte os princípios , Leis , e idéas da pátria , que não se envergonhára de sacrificar a Coroa ao Inglez armado contra ella. Hum Principe Estrangeiro he reconhecido por legitimo Rei , e a Lei Salica pisada aos pés , pouco tempo depois que lhe renderão a mais solenne homenagem. Quem o creia ! Esta desordem total da Monarquia será huma das causas da boa ordem , e subordinação. Quanto mais distrahidos tiver a loucura os Francezes , tanto mais anciosa mostrarão em fazer de novo o que devem. Quanto mais vil , e abatida elles virem a Real authoridade , por sua mesma culpa , tanto maior será o conhecimento , que hão de ter da necessidade , e vantagem de huma obediencia pacifica.

10. Esta a razão , porque Carlos VII. faz sem obstaculos duas innovações decisivas. Dá soldo ás tropas , e a Coroa tem hum Exercito sobistente : estabelece o direito perpetuo da talha , para a conservação destas tropas ; e a Coroa despenderá menos , do que antecedentemente , dos subsidios que os Estados devem conceder. Abusar-se-ha , sem dúvida , destes meios. A força militar será hum instrumento de empresas ambiciosas : o direito da talha , muito modico na origem , se

Governo de Carlos VII.

Mas para se exaltar em breve tempo.

Exercito sobistente , e direito da talha perpetuo em o reinado de Carlos VII.

augmentará continuamente , e excitará murmuracões. Tem por ventura comparação alguma estes inconvenientes com os flagellos da anarquia? O mal quasi sempre se encontra ao lado do bem ; e a passagem das grandes infelicidades para huma infelicidade menor he muitas vezes a melhor cousa , que póde haver n'hum Estado , quando nem os costumes , nem as outras circumstancias permittem formar nelle huma sábia , prudente , e sólida legislação.

Luiz XI.
constitue-
se absoluto.

11. Já Luiz XI. , filho de Carlos VII. affecta o despotismo. Faz elle tremer os Grandes por causa das suas crueldades , ajunta hum Thesouro á custa dos Póvos , serve-se antes subtil da corrupção , do que das armas , evita a guerra , substitue-lhe o artificio , e limita a sua ambição a constituir-se absoluto no Reino : cada vez augmenta mais o seu poder. A morte de Carlos , ultimo Duque de Borgonha , favorece mais os seus intentos , a pesar do erro irreparavel , que se lhe argue , de não ter prevenido o casamento da herdeira deste Principe com hum Archiduque de Austria. Grande época he o seu reinado. Os Reis tem na sua mão a força pública , e podem executar empresas consideraveis. Felices elles se trabalhassem antes para felicidade da Nação , do que en-

entregar-se á funesta mania das conquistas. Carlos VIII., Luiz XII., e Francisco I. conhecêraõ muito mal os seus interesses. Que maior loucura pôde haver, do que ir esgotar entre os Estrangeiros o sangue, e as riquezas do Reino, que o bom uso da authoridade teria devido constituir tão florecente !

12. Achaõ-se todos os feudos principaes, excepto o Condado de Flandres, reunidos á Côroa. O seu Dominio não se pôde alienar; e este principio effencial he declarado Lei fundamental da Monarquia. Apartáraõ-se de mais disso os antigos inconvenientes dos Mórgados. Os erarios, a justiça, a legislação, e o poder militar, residem no Soberano; o qual he por conseguinte exactamente Monarca. Os Estados geraes não foraõ convocados, nem huma unica vez, em quanto durou o reinado de Francisco I., em tempo de guerras tão dilatadas, e tão prejudiciaes. O unico objecto desta Junta incerta dos seus direitos, por lhe faltarem os principios, e a harmonia, e quasi sempre cheia de divisões, era dar socorros extraordinarios. Não necessitou Francisco destes socorros; nem o mesmo Henrique VIII. em Inglaterra, nem Carlos V. em Hespanha, tinhaõ tão grande poder.

Os seus
Successo-
res sãõ
verdadei-
ramente
Monarcas.

Nenhuns
Estados ge-
raes no
reinado de
Francisco I.

Estabelece-se o governo no reinado de Henrique IV.

13. O fanatismo dos seitaros , excitado pela perseguição , ou por outro qualquer fanatismo , anima novamente o espirito de independencia , e faz abalar o Throno. Pouco falta , para que elle não verifique em França projectos de República , assim como nos Paizes Baixos. Mas Henrique IV. triunfa finalmente dos sediciosos ; e a sabedoria , e prudencia do seu governo offerecem o retrato de hum bom Monarca , reinando por meio das Leis , reinando só para gloria , e felicidade do seu Reino , Senhor dos seus Póvos , do mesmo modo que hum Pai he o senhor dos seus filhos : tal em fim , que só este reinado teria posto a França no auge da prosperidade , se hum monstro supersticioso não lhe cortára o fio.

Governo do Cardeal de Richelieu.

14. Descabe-se novamente nos tumultos de huma minoridade calamitosa. Aos erros do Governo seguem-se as dissensões , e rebelliões ; hum Rei cobarde , que se abandona a validos , não he proprio nem para dissipar as intrigas , nem para reinar , como digno filho de Henrique o Grande. Se Luiz XIII. não tivesse hum Richelieu , talvez vêr-se-hia renascer o reinado de Henrique III. A Coroa , sem este Ministro activo , se degradava. Lançando por terra o genio republicano do Calvinismo , por meio da to-

ma-

mada da Rochella ; abatendo com a aspa do algoz as illustres cabeças de muitos Chéfes de partido , faz entrar o Rei na posse de toda a authoridade , ou para melhor dizer une-a toda com o seu proprio Ministro. Por ventura he necessario que o poder monarchico , tão amado dos Francêzes , e tão necessario para a sua felicidade , possa contrahir os vicios da tyrannia ? He Richelieu por desgraça dotado da alma de hum despotico , e as circumstancias o inclinão a huns excessos , a que elle mesmo he muito inclinado. Arruina a Nação com impostos , e insulta de algum modo a miseria pública por meio da ostentação da sua Corte ; quer que o Parlamento obedeça ás cégas , sem exame de decretos , nem livre deliberação ; trata a magistratura como escrava , ou para melhor dizer , como depositaria das Leis ; concede aos Grandes , cuja perda jurou , os juizes que considera como instrumentos servís da sua vingança ; e dirige as suas ordenações sem se dignar de cobrir-se com o véo da imparcialidade. N'humá palavra , o poder arbitrario se mostra tão violento em suas mãos , que o odio o persegue até á sepultura , a pesar dos serviços verdadeiros , que fez á Monarquia.

Seus excessos de authoridade.

Firmar a authoridade da Coroa , sujei-

Sementes
de rebelião
que Richelieu
deixa
depois de
si.

jeitar os Grandes á dependencia, e fazer mover por meio da direcção de hum unico Chéfe todos os membros do corpo politico, era hum bem essencial. Porém, affaz não se pôde repetir, a sabedoria, a prudencia de Henrique IV., a sua justiça, e bondade, e os seus beneficios, com o vigor de sua alma, eraõ cousas mais proprias para fortificar esta grande obra, do que as fulminações de Richelieu. Era necessario hum reinado tal, como veremos no de Luiz XIV., para affogar as sementes de discordia, que o Ministro de Luiz XIII. deixou na Nação. A santidade das Leis mais bem conhecida, os principios do governo melhor discutidos, as luzes espalhadas pelo público, a humanidade da Corte, os costumes doces dos Grandes, e da Nobreza, as mercês espalhadas, ou esperadas, a sujeição dos Magistrados, o esplendor do Throno, o amor reciproco dos Reis para com os Póvos, e dos Póvos para com os Reis, obrarão mais do que o terror, e os supplicios.

Todas as
Monarchias
passarão
pouco mais
ou menos
pelos
mesmos
grãos.

Facil seria applicar aos differentes Estados Monarquicos os factos principaes desta descripção. Por toda a parte padeceo o governo estas revoluções, e mudou de fôrma seguindo os mesmos grãos. Por toda a parte foi o Povo ao principio mui-

muito livre , e depois escravo, os Cavalheiros tyrannos , os Reis sem poder. Por toda a parte a authoridade Real se exaltou a poder de esforços , augmentou-se mais , ou menos com industria , fluctuou entre os precipicios da cobardia , e despotismo , sujeitou em fim todas as jerarquias do Estado , e reconcentrou em si mesma todos os poderes , reconhecendo Leis fundamentaes , que ella se obriga a respeitar.

Não fallo das Monarquias mixtas. Em seu lugar veremos a grande revolução de Inglaterra. Duas illustres Républicas merecem observações particuláres.

II.

Governo dos Suíços , e da Hollanda.

HE a tyrannia quem produzio sempre a liberdade entre os Póvos valerosos. Opprimidos estes depois de ter sido livres , armárao-se contra os seus tyrannos ; encaráo na morte , a fim de libertar-se da oppressão ; e á força de heroísmo , e constancia chegárao a ser novamente livres. Felices então , se boas Leis lhe cimentaõ o governo , e lançaõ fóra as causas de dissolução , que procedem da natureza , ou dos successos politicos.

A tyrannia traz consigo a liberdade.

Ne-

Origem
da Liga
Helvetica

Nenhum Estado parece menos exposto a tudo isto, do que a República confederada dos treze Cantões Suíços. Só tres Cantões, Eschwitz, Uri, e Unterwalden, lhe deraõ a origem em 1307, por causa da sua rebellião contra o Imperador Alberto. Breve se unio Lucerna a elles, e depois Zurich, Zug, Glaris, e Berne; Friburgo, e Saléure avigoráraõ a confederação em 1481; Bazilea, Schaffouse, e Appenzel entráraõ nella no principio do decimo sexto seculo. Hum interesse commum devia reunir aquelles membros do Corpo Helvético: a sua força, e segurança dependiaõ da uniaõ. Independentes huns dos outros, governados cada qual pelas suas Leis, e magistrados particulares, álliados porém para mutua defenfa, chegáraõ a alcançar huma tranquillidade permanente, em meio dos estragos da Europa.

Felicidade dos Suíços, fundada nos costumes.

Se algum dos nossos Sybaritas visitar asperas montanhas cobertas de neve, Cidades sem luxo, sem espectaculos, e quasi todas pobres, julgará que os Suíços sãõ infelices. Mas o sábio ha de vêr a felicidade delles, e naquella pobreza activa, naquella varonil simplicidade, que evitaõ necessidades, e fornecem o necessario; que conservaõ os costumes, e temperaõ as verdadeiras delicias da na-

tureza ; e que contribuem , para que os homens sejam virtuosos , livres , e contentes. Todos iguaes , quero dizer , igualmente sujeitos ás Leis , a desigualdade das riquezas não he sufficientemente grande entre elles , para que huns cheguem a ser senhores , e arbitros dos outros. O Povo , na maior parte dos Cantões , tem direito ás magistraturas ; e os magistrados não pôdem abusar de hum poder limitado pelo tempo , enfreado pela vigilancia pública. Leis simples , e justas se executão sem violencia , e os costumes são a força principal das Leis.

Naõ tem os Suissos que recear pela parte de traz dos seus montes , que lhes servem de muralhas. Naõ entrando os Suissos nas disputas dos Principes , nenhum pretexto sobministraõ de invasaõ. Os seus visinhos mais parecem interessados em defendellos , do que em sujeitallos : e no caso de qualquer invasaõ , que recursos não teriaõ elles no seu patriotismo , e valor ? Se vendem o sangue aos Estrangeiros , lucraõ nisso o ter por Cidadãos soldados admiraveis , sem que custe cousa alguma á República o formallos no exercicio das armas : e deste modo , supprindo aos poucos recursos de hum Paiz esteril , e muito povoado , mantêm os brios nacionaes.

Os Suissos
naõ tem
que temer.

Alliados,
e pacíficos,
apesar da
diferença
de Reli-
gião.

Huma prova singular da sua sabedoria, e prudencia he que a harmonia politica faz quasi esquecer a differença de Religião. As guerras civis, ateadas pelo fanatismo no principio da reforma, foram extinctas em pouco tempo. Quatro Cantões Protestantes, Bazilea, Schaffouse, Berne, e Zurich; dous misturados de Catholicos, e Protestantes, Glaris, e Appenzel; os outros sete Catholicos, formavaõ já hum todo, ou aggregado pacifico, quando a Europa fumegava ainda no sangue, que o pretexto de Religião fazia derramar-se. Quanto mais illuminados chegarem a ser os Suissos, tanto mais lhes ensinará a Moral Christã que todos elles são irmãos, e que nenhum dogma deve romper laços tão respeitaveis.

Livraõ-se
os Suissos
da corrup-
ção.

Como tudo degenera com o tempo, necessita este Povo de acautelar-se contra a corrupção, destruidora da virtude, e força das Républicas. Parece que a aristocracia, as riquezas, e o poder dos Povos de Berne, prognosticaõ de longe algum evento funesto (*). Vários costumes ef-

(*) Muito tempo ha que se fizeram prognosticos semelhantes, os quaes felizmente estão bem longe de cumprir-se. Certa está a felicidade pública, em quanto os Chéfes das diversas Républicas da Suissa forem animados do espirito de sabedoria, e moderação, que os distingue. Não ha que temer da des-

estrangeiros pôdem inficionar o Corpo do Estado , depois de ter inficionado hum número de Cidadãos. A demasiada cobiça de dinheiro pôde constituir as almas venaes , e substituir o vil interesse á pátria. Que chegaria a ser neste caso hum Estado , principalmente sendo fundado em bons costumes ?

Naõ teve a República de Hollanda certamente constituição tão fórte , como a dos Suissos. Na verdade que ella mostra na sua origem as mesmas virtudes , e o mesmo valor ; os costumes simples da pobreza , hum odio invencivel da tyrannia , huma constancia admiravel nos perigos , e huma vigorosa resolução , que o enorme poder dos Reis de Hespanha não abala. Mas além do fanatismo da Seita , movel de pouca duração , ser o primeiro motivo destes valerosos Republicanos ; as suas vastas conquistas , e os thesouros , que dellas extrahirão , não podiaõ deixar de mudar infallivelmente os seus principios. Como se poderia unir o espirito de ambição , e Commercio com as antigas virtudes Republicanas ?

A Hollan-
da mudou
de costu-
mes.

De

Igualdade de forças , e poder , em quanto os corações forem bem unidos , em quanto se reconheces que a ousania , e ambição , a desconfiança , e inveja são flagellos , que affaz não se pôdem evitar.

Vicios in-
trinsecos
do seu go-
verno.

De mais disso, os vícios do governo forão ao principio tão consideraveis, que no entender de Grocio teriaõ destruido a República, senão fora o odio, de que era animada contra a dominação Hespanhol. Cada huma das sete Provincias fórma hum Estado separado, e independente, no qual cada Cidade tem a mesma independencia. Se por ventura se propõe algum negocio nos Estados Provinciaes, os Deputados são obrigados a seguir o parecer do Senado, ou Conselho das Cidades, que elles representaõ. Os negocios principaes, a paz, guerra, alianças, e novos impostos, devem decidir-se, com unanime consentimento, pelos Estados geraes sempre juntos, e convocados na Haya. Os Membros, que os compõe, devem tomar parecer com as suas Provincias a respeito de todos estes negocios, e seguillo pontualmente. Só a Frisa se refere á prudencia de seus Deputados. De hum lançar d'olhos se vêem os obstaculos, que causaõ ao governo as precauções, quando são excessivas, as demoras que estas occasionaõ, e quaõ contraria he a unanimidade, que se requer, ao fim das deliberações urgentes.

Dignidade de Sta-
thouder.

Foi conseguintemente necessario procurar, des do principio, remedio ao mal. Estabeleceo-se a dignidade de Sta-
thou-

thouder: dignidade necessaria, assim como a Dictatura Romana, para os Grandes tumultos; que todavia deveria ter termo, e especialmente não ser hereditaria, para que a República conservasse aquella liberdade, de que se mostrava tão zelosa. Os direitos do Stathouder são immensos. Como Capitão, e Almirante General, não só tem o Stathouder nas mãos todas as forças de mar, e terra, com a nomeação de todos os empregos militares; mas também nomea os Magistrados das Cidades, que lhe apresentaõ hum certo número de vassallos; o Stathouder preside aos Tribunaes, cujas sentenças se pronunciaõ em seu nome; sentença sem appellação as desavenças das Cidades, e Provincias; manda executar os decretos dos Estados Provinciaes; pode dar perdão aos criminosos; finalmente dá audiencia aos Ministros Estrangeiros; e tem direito para manter nas Cortes seus agentes, que encarregados dos seus negocios particulares, teriaõ toda a facilidade para o servir n'outras muitas cousas. Hum Magistrado como este não está muito longe da Realeza. Logo ao principio as suas prerogativas podiaõ causar grandes inquietações.

Os Principes de Orange, Guilherme, Mauricio seu fillho, e Frederico

Seus hereditarios
direitos.

Os Primeiros Stathouders
forão Cidadãos.

TOM. VIII.

N

Hen-

Henrique irmão de Maurício, exercêraõ felizmente a dignidade de Statbouder como Cidadãos, ou pelo menos a sua ambição foi limitada. A elles se deve attribuir em grande parte os successos felizes da Hollanda. Talvez respeitáraõ tanto a liberdade, só porque havia inimigos para vencer. Assim que a República victoriosa vio-se firme com a paz de Westphalia, logo Guilherme II., filho, e Successor de Frederico. Henrique, pôz em justos temores os Republicanos.

Revolução a respeito da dignidade de Statbouder.

Intérrompeo a morte os seus projectos em 1660. A dignidade de Statbouder foi então abolida, sem emendar os vícios do governo. Vêr-se-haõ os Holandezes em breve tempo obrigados a restabelecê-la, a fim de resistir a Luiz XIV. : constituilla-haõ hereditaria no tempo de Guilherme III. : pretenderaõ abolilla outra vez, quando Guilherme III. morrer sem filhos varões, e novamente será restabelecida a favor do ramo segundo da sua Casa; e esta herança ampliar se-ha até as proprias filhas do Statbouder, como em outro lugar veremos.

Os Holandezes expostos por causa dos seus costumes.

Quem reflectir na constituição, genio, caracter, e costumes dos Holandezes, de hum Povo entregue todo ao negocio, tendo sómente humas pessimas tropas mercenarias, não tendo já aquelle

le movel , que dá a nativa , e perigo-
sa liberdade ás almas , unindo infinito
valor ás riquezas a fim de não exprimen-
tar o seu contagio ; quem , torno a di-
zer , examinar estas causas ou politicas ,
ou moraes , descobrirá nellas o principio
dos successos , e talvez adivinhará todos
aquelles que se pôdem seguir a certas
conjuncturas.

Representemos á nossa idéa Genova , Vejamos
as outras
Républi-
cas.
rica , e sem forças , sujeita a huma cruel
Aristocracia , fluctuando á discreção das
sedições , ou conjuncturas , e sempre
ameaçada de hum jugo Estrangeiro quasi
inevitavel. Consideremos Veneza , tran-
quilla interiormente pela baixeza do Po-
vo , e prisões que o inquieto ciume do
poder forjou para os Nobres ; devedora
poém desta tranquillidade , assim a huma
depravação de costumes , como aos prin-
cipios invariaveis do governo ; mantem-
do-se por meio das espias , e do terror ,
mais do que por meio da influencia das
Leis ; despojada d'aquelle grande Com-
mercio , que era a base do seu poder ;
exposta mais do que nunca ás empresas
dos seus visinhos no caso de ruptura , e
não ousando confiar a hum dos seus pro-
prios Membros a espada , da qual de-
pendia então a salvação do Estado. Veja-
mos a Polonia , entregue por meio das

suas proprias Leis á Anarquia, e tão infeliz, que hum unico insensato nas suas Diétas está certo, e seguro de aniquilar tudo quanto os sábios, e prudentes podem imaginar, que salutifero seja; Hollanda em fim enervada pelas suas riquezas, assim como pelas suas conquistas; muito menos livre no seu dominio, e menos respeitavel exteriormente, do que nos tempos tumultuosos, em que a Monarquia de Hespanha parecia dar sobre ella para a destruir. Este exame nos convencerá de que para formar huma verdadeira República he necessario hum Povo guerreiro, pobre, virtuoso, solitario, defendido pelas suas fronteiras, e costumes, cuja ambição unica seja gozar da sua liberdade, Leis, e governo; hum Povo semelhante aos Suissos.

III.

Revoluções nos costumes.

Influencia
reciproca
dos costumes,
e governos.

ENTRE os costumes, e os governos ha huma influencia reciproca; e vê-se mudar para toda a parte mais ou menos a ordem politica com a moral. Huma e outra se unem, e combinaõ de modo, que as suas correlações não escapaõ aos olhos attentos. As Observações a respeito dos

dos costumes, que espalhei por esta Obra, explicaõ parte dos acontecimentos. Acrescentemos aqui algumas não menos importantes.

Quando as Cruzadas arrastáraõ os Occidentaes para o Oriente, novas idéas, produzidas por objectos totalmente novos, chegáraõ a ser o principio de huma revolução. Não só os Gregos, mas tambem os Sarracenos offerecêraõ aos Cruzados o espectáculo de costumes menos grosseiros, e de huma sociedade mais dócil, e mais pacifica. Viraõ elles em Constantinopla os soberbos monumentos das Artes, e conhecêraõ os gostos Asiaticos. O Commercio descobrio aos Italianos, e Flamengos hum manancial de opulencia; e os homens de diversos Paizes conhecêraõ-se mutuamente, aprendêraõ a tratar-se juntamente, e communicáraõ huns aos outros várias noções, e gostos mais dignos da vida social. Este primeiro passo era importante.

As Cruzadas deraõ principio a huma mudança de costumes;

A cavallaria, usada pelos Sarracenos de Hespanha, com suas extravagancias Romanescas, chegou a ser hum principio utilissimo para a sociedade, até nos proprios horrores da guerra. Dedicar-se á defenfa dos fracos, e infelices, unir a honra á generosidade, assim como o valor; desejar ambiciosamente a estima dos seus

Augmentada pela cavallaria.

inimigos, tanto como a propria victoria; he o que distinguia os valerosos Cavalleiros. Depois do exemplo de S. Luiz, e de infinitos Heróes Francezes, Duarte III., e especialmente o Principe de Galles, seu filho, foraõ exemplares neste genero. As maximas, que se inculcavaõ á mocidade nas Escólas da Cavallaria, os costumes que nellas contrahiaõ, os sentimentos de honra alimentados por meio do enthusiasmo, não podiaõ deixar de produzir effeitos permanentes, e manifestos.

O amor,
grande
inovel da
cavallaria.

Hum dos grandes móveis da Cavallaria era o amor. Esta paixãõ, tantas vezes funesta, tinha alimentado o heroísmo dos Espartas, e a mesma influencia entre os Celtas, e antigos Germanos: Póvos, que olhavaõ para as mulheres com olhos religiosos; que nellas veneravaõ virtudes varonis, realçadas com os encantos do seu sexo; e que ajuntavaõ ao amor sentimentos tanto mais nobres, quaõ inviolavel lhes parecia a uniaõ conjugal. Na Europa he sem dúvida, que ainda restavaõ alguns destes costumes Celticos. Vêmos heroínas brilhar na carreira das armas com os Cavalleiros: os Cavalleiros renderem huma especie de culto ás suas damas, ás quaes consagraõ os seus pensamentos, proezas, e triumphos.

As-

Assim que os trovadores, os primeiros Poetas Provençaes, entráram a adeo-
 far o sexo feminino, e os seus cantos
 chegáram a ser as delicias das Cortes, in-
 troduzio-se, e lavrou muito mais o espí-
 rito de galanteio. Facil he de imaginar
 que aquelle amor puro, e de alguma fór-
 te mystico, tão decantado pelos Roman-
 cistas, e Poetas, muitas vezes degenera-
 va em grosseiras sensualidades; mas for-
 mava hum commercio de espirito, e sen-
 timento, que suavizava a aspereza dos
 antigos costumes.

Galanteio
 inspirado
 pelos Poe-
 tas.

A delicadeza, a sensibilidade, as gra-
 ças, e as insinuações das mulheres, o
 imperio da formosura de que ellas se va-
 lem com tanta industria, o segredo de
 cativar os homens á roda d'ellas por meio
 do prazer, devião necessariamente consti-
 tuir a sociedade mais polida, assim que
 apparecessem nella livremente, e com
 lustre. Mas por outra parte, quantas pai-
 xões perigosas, quantos enredos, inquie-
 tações não devião ellas fomentar na mes-
 ma sociedade! Depois que Francisco I.
 attrahio as mulheres á Corte, fizeram lo-
 go nella hum figura tão grande, que os
 negocios de Estado dependião algumas ve-
 zes das suas fantesias. Os Reis, os Gran-
 des tiverão concubinas, que foi necessario
 enriquecer, e a que foi tambem algumas

Os costu-
 mes civili-
 zados pelas
 mulheres;
 mas com
 infinitos
 inconveni-
 entes.

vezes necessario sacrificar tudo. O meio ordinario, de que Catherina de Medicis se servia para executar os seus ambiciosos projectos, foi corrompendo os corações com os atractivos, e astucias das suas criadas. Era este o reinado de hum galanteio, que tudo corrompia.

Corrupção pro-
cedida de
Italia.

Cahirão então os homens n'huma horrorosa depravação dos costumes. A sua origem procedia de Italia, ou do luxo dos Medicis, ou de huma politica cruelmente refinada, que suppria á frouxidão por meio do crime; ou do abuso, que se fazia das sciencias, e dos talentos a favor das paixões. Daqui entrou a lavrar, como huma peste misturada com a substancia do ar. Todos os vicios se exaltaram; e para maior infelicidade, foram fundados em principios, reduzidos a systema, e todos fizeram consistir a sua gloria em ser malvados, e viciosos com arte.

Vícios da
Corte.

Que era logo a Corte? Hum theatro de sensualidade, luxo, molleza, devacidação, e velhacaria; onde a cultura dos espiritos, e o gosto das letras mais produzia venenosos fructos, do que verdadeiros bens; onde qualquer entregando-se á desordem blasonava de entendido; meditando perfidias discorria a respeito da Religião; onde o furor das intrigas se

inflammava no regaço dos prazeres, e o fim de mil abominaveis exemplos tendia a inficionar os costumes públicos.

Se o fanatismo dos Protestantes não tivera tido tanta violencia, mais rápido, e dilatado curso teria tido o contagio. A sua austéra doutrina, suas invectivas contra os escandalos, as consequencias que dellas tiravaõ em utilidade da sua refôrma, serviraõ de freio para os Catholicos. D'huma e outra parte, as disputas a respeito do Dogma inspiráraõ hum genio melancolico, e feróz. O zelo de religião absorveo os outros sentimentos; o enthusiasmo, e as violencias envenenáraõ cada vez mais o odio; finalmente a atrocidade das guerras civís, em que o final ordinario do homicidio era o nome de Deos, conservou na sociedade os vestigios da antiga barbaridade.

Além de que, as Artes, e o Commercio, reconcentrados em huma estreita circunferencia, não tinhaõ propagado muito o luxo, nem a inercia, que elle traz sempre cõsigo. As mulheres viajavão ainda a cavallo: quasi todas as commodidades, de que hora gozamos, eraõ desconhecidas. A Nobreza, geralmente fallando, desprezava o estudo, aborrecia o descanso, e não respirava, senão armas. Por entre as convulsões do Estado,

O fanatismo mantê a atrocidade dos antigos costumes.

Pouco luxo ainda, e pouco estudo entre a Nobreza.

do, só o falso pondonor fazia derramar rios de sangue. He este hum phenomeno digno de considerar-se.

Uso arreigado dos duellos.

Se os Barbaros terminavaõ as suas differenças por meio do duello; se este foi muitas vezes prescrito pelas proprias Leis, podemos considerar este uso, como huma consequencia natural dos costumes ferozes d'aquellas Nações, da ignorancia dos legisladores, e de não poderem os Juizes obrar melhor; n'huma palavra, das preoccupações que andaõ sempre annexas á barbaridade. A Jurisprudencia Romana, as mudanças que esta occasionou, e o interesse dos Principes em estabelecella, não podiaõ mudar os costumes de huma Nobreza turbulenta, e indomita. A cavallaria tão respeitada consagrava os abusos do valor, e os seus torneos, e desafios alimentavaõ o gosto dos duellos. Debalde se lhes oppunha a Igreja com a excommunhaõ; debalde o Rei se lhes oppunha com Edictos: tamanha força tinha, que depois de se abolir formalmente o duello judicial, outros muitos duellos houve ordenados pelos Tribunaes. Nos reinados de Filippé de Valois, de Carlos VI., e de Carlos VII., achaõ se ordenações do Parlamento, que nenhuma dúvida deixaõ a este respeito. E de que se tratava? Humas vezes de provar adul-

adulterio, outras vezes incesto. Henrique II. ordenou hum duello no principio do seu reinado, e jurando não permittir outro algum, violou pouco tempo depois o seu juramento. Os carteis de desafio de Francisco I, e de Carlos V. posto que sem effeito, assim como todos os mais, que tinham havido entre os Reis, constituíram os guerreiros mais desconfiados, do que nunca, e mais intrataveis nas suas contendas.

Toda a Lei directamente contraria aos costumes estabelecidos, ou não produz quasi bem algum, ou produz muito mal, quando a força dos costumes excede á força das Leis. A prohibição irritou a paixão. Não podendo combater-se mais em campo murado, com as formalidades da justiça, combatia-se clandestinamente pelas menores causas. Este foi hum furor epidemico. Huma palavra, huma acção, hum nada expunha a necessidade ou de desafiar, ou de acceitar o desafio, quem não queria perder a honra. Os parentes, e os amigos se julgavam obrigados a tomar parte nestas mortíferas contendas, conforme o uso dos primeiros Germanos. Quasi oito mil cartas de perdão, concedidas em menos de vinte annos a duellistas, que tinham morto os seus adversarios, prôvao sufficientemente que o mal
em

A prohibi-
ção dos
duellos
servia só-
mente pa-
ra multi-
plicallos.

em França era prodigioso. Henrique IV. renovou huma prohibição esteril, cuja execução foi por elle mesmo despresada; e Luiz XIII. , ou o Cardeal de Richelieu, mandou degolar dous Cavalleiros, por combaterem em duello. Severidade tão infructuosa, como a Lei.

Era necessaria huma nova revolução nos costumes.

He esta huma prova evidente, de que ainda restava huma corrupção tenaz de barbaridade. Pouco conhecimento havia dos verdadeiros deleites da sociedade: quasi todo o bom gosto consistia em mezas desordenadas. Menos havia ainda d'aquellas qualidades sociaes, que procedem de huma razão depurada, e se desenvolvem n'hum suave commercio com a boa companhia; não se dava cousa mais rara, do que os exemplos desta natureza. Com tudo só os respeitos da politica, os sentimentos de humanidade, honra, e decencia podião extirpar huns abusos atrozes. Era necessaria huma revolução; era necessario que os entendimentos mudassem de objectos, e a razão os costumes. Tudo veremos mudar de face no reinado de Luiz XIV.

A França era mais propria para esta revolução, do que o restante da Europa.

Em França, o genio nacional, vivo, alegre, generoso, amigo da novidade, capaz de toda a perfeição, menos opprimido, do que em outra qualquer parte, dos obstaculos do governo, e preoccupa-

pações, não podia deixar de fazer rápidos progressos, huma vez que cobrando força, se achasse em bom caminho. As circumstancias não eraõ as mesmas em Hespanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha, e para a parte do Nórte, onde havia muitos obstaculos para vencer. A Italia, mais fecunda em modelos, se achava por causa da sua politica situação incapaz de produzir tudo, quanto o genio nella parecia estar annunciando. O temor, e a desconfiança prendem a emulação, e as virtudes sociaes.

IV.

Declinação do poder da Corte de Roma.

POSTO que as preocupações de Religião conservassem o seu imperio, já não se vêm, depois da Liga, aquelles violentos abalos, que a Corte de Roma causava aos maiores Estados. A razão he, porque de huma parte os Reis tinhaõ firmado o seu poder, e por outra, os Papas temiaõ, por experiencia, novas rebelliões contra a Santa Sé. A que não se tinha exposto Paulo V., quando poz o interdicto em Veneza? Os Venezianos por ventura não podiaõ seguir o exemplo dos Hollandezes, e de outros muitos?

A Corte de Roma, pouco tremenda.

tos? Por ventura os principios do Senado não respiravaõ huma ousada liberdade, que era perigoso de provocar? Muito se aguardaria Roma hoje em dia de semelhante procedimento.

Urbano VIII. tinha com tudo augmentado o Estado.

Esta ousada Corte conservava com tudo as suas pretensões; a fim de as descobrir com maior, ou menor ousadia, conforme as conjuncturas. Attenta Roma aos meios de adquirir, estendia ainda os limites de hum Estado formado mais por meio da industria, do que por meio da força, e até reparáva as proprias brechas, que o Nepotismo lhe tinha feito. Urbano VIII. (Barberino) enriqueceo seus sobrinhos, sem desmembrar as Provincias. Depois da morte do ultimo Rovere, reunio ao Dominio Ecclesiastico Urbino, Montefeltro, Gubio, Péfaro, e Sinigaglia, que aquella Casa possuia.

Castro tomada aos Farnezes.

No seu Pontificado, se originou a disputa a respeito do Ducado de Castro, de que pouco tempo depois foraõ despojados os Farnezes. O Duque de Parma Ranuccio I., filho do célebre Alexandre, tinha pedido emprestado grandes quantias de dinheiro ao *Monte de piedade*, do qual se empresta a juro ou sobre penhores, ou sobre fiança. Desconcordando seu filho Odoardo com os Barberinos, sobrinhos do Papa, deixáraõ-se de receber em paga.

gamento os trigos de Castro; este Príncipe foi reduzido a accumular os atrasados da sua divida; quizeraõ depois que pagasse tudo junto; e como era cousa impossivel, confiscáraõ-lhe o Ducado de Castro, para se pagarem por suas proprias mãos. Favorecido o Duque, pelos Principes de Italia, protegido pelo Cardinal de Richelieu, tomou armas, e triumphou dos Barberinos. Foi necessario restituir o Ducado em 1644; mas nesse mesmo anno, depois da morte de Urbano, Innocencio X. o confiscou novamente. Outra vez o restituíraõ, até que finalmente á força de negociações, a Camera Apostolica chegou a recobrallo, e ainda hoje está de posse delle.

Nas suas desavenças com Urbano VIII. deo Richelieu mostras de vigor, em quanto certos interesses pessoas não o obrigáraõ a abrandar-se. Os Bispos foraõ prohibidos de visitar hum Nuncio extraordinario, que se tinha jactado de que a maior parte se declarariaõ a favor do Papa. Barrettes para obter foraõ os meios de reconciliação. Grandes vantagens tinha a Corte de Roma, por causa das honras, e mercês, que a deixavaõ distribuir. Quantas vezes a ambição, ou a vaidade lhe sacrificou o bem público!

Richelieu
differente,
e reconciliado com
o Papa.

Preocupa-
ções ul-
tramonta-
nas em o
Cléro de
França.

O Cardeal
de Perron.

Juramen-
to dos Bis-
pos a ref-
peito do
Concilio
de Trento.

Além de que, não se pôde negar que as preocupações ultramontanas domina-
vão assim em França, como (por toda a
Igreja Romana. Hum Pithou, e outros
fábios Jurisconsultos as tinham combatido
invencivelmente, sem que o Cléro as
abandonasse, a pezar da união dos seus
propios interesses com os da Coroa. As
liberdades da Igreja Gallicana eraõ geral-
mente para este Corpo, não digo hum
problema, mas quasi hum erro. Nos ul-
timos Estados geraes de 1614, o Cardeal
de Perron, célebre pela sua embaixada a
Roma, no reinado de Henrique IV., ti-
nha-se explicado mais como Prelado Ita-
liano, que como Francez. O seu ritual
de Evreux fazia da Bulla *In Cæna Domi-
ni* hum Lei Sagrada, e inviolavel. Pelo
contrário, na mesma Junta o terceiro
estado não tinha podido fazer, com que
passasse como Lei a independencia da Co-
roa, e grangeou, em propõlla, os cla-
mores do Corpo Ecclesiastico. No anno
seguinte de 1615, vio-se redobram os
Bispos os seus empenhos para a publica-
ção do Concilio de Trento; jurar, entre
si mesmos em Pariz a observancia dos seus
decretos, e ordenar Concilios Provin-
ciaes, em que o mesmo Concilio devia
ser recebido com maior solemnidade. O
que causa maior admiração he ter a
Cor-

Corte annullado ultimamente huma ordenação do Parlamento, por meio da qual se declarava o Soberano independente, quanto ao temporal.

Finalmente todos virão Richelieu, esse Ministro tão zeloso da authoridade absoluta, unir-se com os perseguidores de Richer, Doutor de Sorbona, cujo crime era ter provado que o Papa he sujeito ao Concilio geral; que não he hum Monarca na Igreja; e que os Principes podem tomar conhecimento do governo Ecclesiastico, em tudo o que não pertence ao dogma. Foi Richer preso, e o teriaõ entregado ao Papa, se o Chanceller, e o Parlamento não fossem a seu favor. O Padre José de Tremblay, Capuchinho famoso, meio enthusiastado, e meio intrigante, amigo, e emissario do Ministro, tendo dado traças para que o Doutor viesse a sua Casa, e fazendo apparecer repentinamente huns assassinos, tirou-lhe á força, na presença de hum Notario Apostolico, huma retractação, que Richer sempre se estranhou a si proprio o tella assignado. Eis-aqui o que se chamava servir á Igreja.

Richer
perseguido
pelo Car-
deal de
Richelieu.

Como podem os escravos da opiniaõ resistir a huns exemplos tão persuasivos? Como, depois de ter seguido os vestigios dos Seculos, não conhecem elles a ne-

Reflexaõ
util para os
escravos
das preoc-
cupações.

cessidade de sujeitar ao exame os pareceres dos seus Mestres? Por ventura não acháráo em todo o Universo infinitos erros absurdos, consagrados muito tempo pela superstição, e ignorancia, e reconhecidos depois, com trabalho, pelo mesmo que com effeito são? Duvidava-se por ventura, que os Papas não tivessem o direito de depôr os Principes excommungados, quando exerciaõ este estranho direito, ateando as guerras civis com huma bulla? Duvidava-se da sua infallibilidade muito mais estranha, quando esta mandava receber decretos tão contrarios á equidade, como á razão? O Cléro de França, hoje em dia tão estimavel, duvidava nos reinados de Henrique III., e de Henrique IV., que a heresia não devesse excluir da Coroa? Por ventura discorria este mesmo Cléro no reinado de Luiz XIII., do mesmo modo que discorreo no reinado de Luiz XIV.? E não despreza elle em os nossos dias algumas idéas falsas, que julgava devia defender no principio do seculo?

Progreſſo,
e decadência das
preoccupações de religião.

Tal he a sorte das preocupações religiosas, que não tem por fundamento a Fé Divina. Todos lhes dão credito no principio; porque todos estão cegos. Modificam-as a pouco, e pouco, des que se atrevem a perceber a sua falsidade. Finalmente,

mente a evidencia as descobre , e neste caso , chegam a descahir por si mesmas. Felizes os homens , se em lugar de tantas superstições funestas , não tiverem mais do que a Religião !

Interessava-se muito Roma na conservação das suas maximas , para deixar de levantar , ou depôr todos os obstaculos imaginaveis contra tudo quanto as podesse destruir. Daqui procedeo aquelle *Index* dos Livros prohibidos , no qual entráram Livros admiraveis , a Historia do Presidente de Thou , as Obras a respeito das liberdades Gallicanas , e quem o teria crido ? as Traducções dos Livros Santos. Daqui procedêram também as excommunições , e perseguições , annexas aos esforços do entendimento humano , a fim de descobrir , e espalhar a verdade. Como se a Fé Catholica fosse fundada sobre huma ignorancia desprezível , e se receando mal á mesma Religião da proximidade das luzes , não se dessem provas aos seus inimigos !

A contrariedade dos pareceres a respeito dos Livros daria materia para novas reflexões. Na mesma Hespanha , se sentenciava algumas vezes differentemente , do que em Roma : os Annaes Ecclesiasticos do Cardeal Baronio foram condemnados em Hespanha , porque disputa-

Bons Livros condemnados, por não serem do agrado de Roma.

Contrariedade dos pareceres a respeito dos Livros, digna de reflexão.

vão á *Monarquia de Sicilia* o direito de Legação concedido aos Reis Normandos. O mesmo, que em Roma era condemnado por hum motivo, era tambem condemnado em outra parte por outro motivo totalmente contrario. N'huma parte, se proscreevo a doutrina do Cardeal Bellarmino, por negar ao Papa o poder directo a respeito do temporal dos Reis; n'outra, esta mesma doutrina foi aniquilada pelo Parlamento, por attribuir ao Papa hum poder indirecto, o qual essencialmente tinha as mesmas consequencias. Finalmente o Tribunal de Roma, prompto sempre para condemnar os Authores judiciosos, a respeito das frivolas suspeitas de heresia, approvava aquelles Theologos sediciosamente fanaticos, cujos escriptos se encaminhavaõ ao regicidio, e á ruina dos Estados. As approvações, e condemnações dos Livros inerecem lugar na historia do espirito humano.

A Corte
de Roma
occupada
com titulos.

A pezar da extremada devoção, que quasi todo o Cléro Catholico tinha á Corte de Roma, hia esta perdendo muito da sua influencia, e poder, depois que os Jurisconsultos foraõ illuminados, e os Soberanos firmes, donde se segue que não podia deixar de dar maior valor ás cousas pequenas. Se ella não podia governar, e mandar, ao menos pretendia

of-

offuscar. Os Cardeaes, em 1630, pedem a Urbano VIII., que o seu titulo de *Illustriissimo* seja mudado para o de *Eminentissimo*; que todos, excepto os Imperadores, e os Reis, sejam obrigados a conceder-lhes este titulo, ou na conversação, ou por cartas; sem o que não receberão as cartas, nem visitarão as pessoas: finalmente que se algum Prelado, ainda Patriarca, se attrever a receber o tratamento de *Eminencia*, incorrerá na indignação da Santa Sé, e será privado pelo facto do rendimento dos seus beneficios. Tudo concede o Papa. Os Bispos, des desse tempo, quizerão tambem titulos pomposos. Chamavaõ-lhes *Reverendo Padre*; *vossa Reverencia*; e depois adquirirão o titulo de *Excellentissimo Monseñhor*, e *Grandeza*; e a *Reverencia* ficou para os Monges.

Requerimento dos Cardeaes para a *eminencia*.

Occupava-se fériamente Urbano, em quem se louva a erudição, o amor das letras, e o talento poetico, em outras materias, que pareciaõ pertencer aos seculos barbaros. Havia quasi cem annos que existiaõ os Capuchinhos. A sua reforma, a sua multiplicação, e a preferencia que se lhes dava, não podiaõ deixar de defagrar aos outros Franciscanos. Estes disputavaõ-lhes obstinadamente a qualidade de filhos de S. Francisco;

Disputa singular dos Capuchinhos com os outros Franciscanos.

Bullas a
este respei-
to.

e para illudir huma Bulla de Paulo V. a favor dos Capuchinhos, defendiaõ que se estes descendiaõ do Santo Fundador, ao menos não era em linha recta. Huma Bulla de 1627 assegurou o titulo dos Capuchinhos, declarando que a sua instituição teve principio com a Régua Seráfica, pois que sempre observáraõ esta Régua. Outra Bulla tinha ultimamente posto fim a outra disputa entre elles, e os Recoletos, a respeito do feitio dos habitos. Decidiõ o Papa, sob pena de excommunhaõ, o modo como todos se vestiriaõ.

Estas ninharias servem para descrever o espirito d'aquelle tempo. Tambem se lhes poderiaõ ajuntar os privilegios absurdos, concedidos prodigamente ás diversas Ordens religiosas, a fim de as isentar de toda a authoridade, que não fosse a do Papa. Eis-aqui em que o Cléro, e os Tribunaes de França não queriaõ consentir. Passemos para as cousas pertencentes á Theologia, que interessaõ a sociedade.

V.

Theologia. Casuistas. Disputas funestas

R IDICULISANDO Erasmo os Theologos do seu tempo, expunha-se a terribes injúrias; mas fazia serviço á Religião, e dava huma próva da solidez do seu juizo. A Theologia Escolastica, a unica que então se conheceo, inficionada com os delirios do peripatetismo Arabico, era commummente huma linguagem barbara, e incomprehensivel; degradava a simplicidade da Fé Christã por meio de tenebrosas futilidades; desfigurava os dogmas com extravagantes explicações; afogava hum pequeno número de verdades fantasmaticas em hum oceano de questões frivolas, e inexplicaveis; agitava-se sobre objectos *formaes*, ou *materiaes*, *distinções de razão arrasoada*, ou de *razão arrasoante*, e finalmente a respeito de palavras, a que idéa nenhuma já mais correspondeo. Estes graves Doutores, desprezando do alto das suas cadeiras os proprios Sábios, julgavaõ ser os órgãos da verdade Divina, quando citavaõ qualquer texto, ou de S. Thomaz, ou de Scoto. Pouca noticia tinhaõ da Biblia, muito menos dos Antigos Padres, e muito me-

Theologia Escolastica no tempo de Erasmo.

nos ainda da Historia Ecclesiastica. Os seus sophismas, defendidos com passagens, que muitas vezes não provavaõ nada, valiaõ por toda a certeza; e as suas Escólas retiniaõ todavia com disputas interminaveis.

Os Protestantes fazem renascer melhores estudos.

Isto servio, como temos observado, de motivo de triumpho a Luthero, e aos Protestantes. Com as armas da erudição, e da critica, mettiaõ debaixo dos pés huns ridiculos adversarios, cujo orgulho queria sempre ter razão, e de ordinario só se defendia com absurdos. Os innovadores abusavaõ sem dúvida destas armas; mas era necessario servir-se dellas para vencellos. A necessidade de os combater fez pois renascer a verdadeira Theologia; isto he, o estudo dos Livros Santos, da Tradição, e dos Concilios. Aprendêraõ-se as linguas sabias; todos forão beber ás fontes da Doutrina Sagrada; seguiu-se hum plano de controversia, em que se desenvolveo a verdade: esta carreira abriu utilmente o Jesuita Bellarmino.

Com tudo a pessi-ma Theologia Escolastica se perpetuou.

Naõ deixáraõ todavia os Theologos o seu gosto da Theologia Escolastica, que até hoje se perpetuou em muitas Escólas. Daqui vem que muitos homens superiores se desgostáraõ nessas mesmas Escólas de hum estudo esteril, e talvez sahíraõ dellas menos convencidos da sua Religião,

giaõ , que tão mal se lhes tinha ensinado. A peissima Theologia multiplicou provavelmente os espiritos fortes ; e quantos entendimentos bons não consumio ella em sophismas ?

Se ao menos só se tivera perdido o tempo ! Se a discordia não tivera despertado no centro da Escolastica , a fim de agitar depois o mundo Christão ! Mas o interesse , ou a obstinação deste corpo , o enthusiasmo , a superstiçaõ , e o odio *Theologico* muito célebre , faziaõ sempre aquellas disputas tão perniciosas , como manifestas. Os tumultos , que os Monges tinhaõ excitado no Oriente , produzirão-se pela mesma causa no Occidente. Senão fora a oppoziçaõ dos Dominicanos , e Agostinhos , talvez que o Lutheranismo ficasse sepultado no esquecimento. Huns corpos numerosos , e activos , dispersos por todas as partes , pregando , dirigindo , ensinando , e invejosos huns dos outros , eraõ tanto mais tremendos em Theologia ; quanto mais davaõ ás suas opiniões a importancia das verdades as mais necessárias.

Donde procederão discordias fúnebras.

Muitos seculos havia , que os Dominicanos , e os Franciscanos combattiaõ huns com os outros , a respeito da *Immaculada Conceiçaõ*. Os Dominicanos pretendiaõ que a Virgem Santissima tivesse

Disputas violentas a respeito da Conceiçaõ immaculada.

par-

participado do peccado de Adão ; e os Franciscanos que tivesse nascido sem peccado original. Toda a Hespanha estava em fermentação por causa desta disputa, em que toda a Europa se interessava. Não fô várias Sociedades de Theologos, mas tambem algumas companhias de Magistratura se obrigavaõ por juramento a defender a gloria de Maria, a qual se fazia depender da opiniaõ dos Franciscanos. Os seus adversarios eraõ desacreditados, como inimigos da Mãi de Deos, e de seu filho. Os Dominicos, para defender huma doutrina taõ fôrtemente combatida, accrescentáraõ algumas vezes aos argumentos as piêdosas fraudes. Suppunhaõ milagres, porque se publicavaõ alguns contra elles, e até se fizeraõ culpados em Berne de huma impostura; que soblevou os Suissos contra a Igreja Romana, quando Zuingle prégou a Refórma. A devoção lhes era contraria; mas o seu credito era grande em Roma, e a sua opiniaõ não tem sido condemnada, posto que huma festa solemne pareça consagrar o outro parecer. Ainda se disputa, se a Virgem foi immaculada no primeiro, ou no segundo instante da sua Conceição. Esta disputa fica felizmente em o pó das Escólas.

Com

Com os Jesuitas, nascidos no centro da controvérsia, e os mais fervorosos Theologos do mundo, nascêraõ novos tumultos, que tinhaõ de durar tanto como elles. Sendo oppostos aos Dominicanos, mostráraõ-se logo zelosos defensores das prerogativas da Virgem immaculada, e de todas as devoções inventadas em honra sua. A guerra Theologica a respeito da graça ateou-se em breve tempo. Qual he a natureza da graça? Como obra ella sobre a vontade? Como produz a graça os bons sentimentos, e as boas acções do homem? Pretendiaõ sabello os Theologos, posto que fossem estes segredos de Deos. Os Thomistas, ou os Dominicanos tinhaõ achado huma *premoção physica*; os Scotistas, ou Franciscanos, huma *predesinição*; e com estas grandes palavras explicavaõ huns, e outros o mysterio, fazendo-o mais incomprehensivel.

Molina, Jesuita Hespanhol, persuadido de que os seus systemas aniquilavaõ a liberdade, ou desejando ambicioso a gloria de estabelecer outro novo systema, imaginou a sua *sciencia media*, por meio da qual conhece Deos os futuros conditionaes, e se dirige na dispensação das graças, de modo que a efficacia dellas suppõe o consentimento antevisto da vontade humana. Esta opiniaõ foi intoleravel.

Os Jesuitas contra os Dominicanos.

Systemas a respeito da graça.

Molina, e a sciencia media.

Clamárao especialmente os Dominicanos, pelagianismo; e por sua causa se commovêrao as Universidades de Hespanha, a Inquisição, os Bispos, e a Corte de Roma. Morreo Clemente VIII., quando estava para condemnar a doutrina de Molina.

Congrega-
ções de
Auxiliis.

As famosas Congregações de *Auxiliis*, por elle estabelecidas em 1597 para examinar o Molinismo, finalisárao sómente em 1607 no Pontificado de Paulo V. Nestas Congregações disputárao os Dominicanos, e os Jesuitas sem descanso, e com grande fervor. A Bulla da condemnação estava lavrada; mas os Jesuitas, recentemente expulsados de Veneza por ter observado o interdicto do Papa, souberaõ prevalecer-se da cega obediencia, que prestavaõ ás suas ordens. Prohibio o Papa a huns, e outros de se condemnarem mutuamente, e desta maneira se perpetuárao assim a animosidade, como a disputa.

Prognos-
tico de
Henriques,
Jesuíta, con-
tra o Moli-
nismo.

Henriques, da Ordem de Molina, fallando do Livro deste Theologo tinha dito: "Se huma doutrina semelhante for, sempre defendida por homens poderosos, e sagazes, pertencentes a alguma, Ordem religiosa, porá a Igreja em perigo, e causará a perda de hum grande número de Catholicos. Se considerarmos as cousas humanamente, o prognos-

gnostico parecerá justo. Des que huma Ordem poderosa , e politica abraçava huma doutrina nova , devia pôr tudo em obra a fim de a estabelecer sobre as proprias ruinas dos seus adversarios. Quantos tumultos se seguirião d'aqui na Igreja ! quantas intrigas na Sociedade ! quantos homens de bem sacrificados pelo falso zelo ! quantos excessos transformados em obrigações ! quantas infelicidades causadas á Religião , tão injustamente accusada por causa dos erros , e defeitos dos seus Ministros ! A disputa a respeito da graça chegou a ser huma hydra , que cortando-se-lhe huma cabeça produziõ sempre outras , por causa do ardor implacavel dos que disputavaõ.

Já no anno de 1565 tinhaõ os Franciscanos denunciado muitas proposições de Miguel Bai , ou Baio , Doutor de Louvain , que oppondo-se á Immaculada Conceição , lhes pareceo tambem oppôr-se á Fé nas materias da graça. Pio V. condemnou setenta e tres proposições , como *hereticas , erroneas , suspeitas , temerarias , escandalosas* ; sem que a Bulla qualificasse especialmente alguma dellas. Deste modo havia ainda materia para disputar a respeito do que era , ou do que não era heresia.

Causa do
Baio.

Obstaculo
dos Dou-
tores de
Louvain.

Virão-se os Doutores de Louvain embaraçados especialmente por causa de hum virgula, cuja posição devia estabelecer o sentido de hum fraze. Consultáráo á Roma; e este negocio se demorou muito tempo. Continuavao as disputas nesta Universidade em 1580, quando Gregorio XIII. lhe mandou hum Bulla, que confirmava a de Pio V. Toledo, célebre Jesuita, que depois foi Cardeal, estava encarregado de obrigar a recebella: o que conseguiu, e obrigou a Baio, não só a retractar as suas proposições, mas a conceder que as tinha escrito no mesmo sentido, em que foraõ condemna-
das.

O Livro
de Janse-
nio renova
a disputa.

Este triunfo dos Jesuitas (porque a sua doutrina se oppunha directamente á doutrina de Baio) abriu caminho ao Janfenismo. Cornelio Janfenio, Bispo de Ipres, antigo Professor de Louvain, tinha composto hum grande Livro, para explicar os sentimentos de Santo Agostinho a respeito da graça: esta Obra sahio á luz em 1640, depois da sua morte, e assim que appareceo, oppozeraõ-se a ella os Jesuitas. Urbano VIII. a condemnou em 1642. Os Doutores de Louvain tratáraõ a sua Bulla de sobrepticia, por imputar a Janfenio a doutrina de Baio; de maneira que enviáraõ Deputados a Roma, os quaes
vol-

voltáraõ no fim de tres annos , taõ adiantados como no dia , em que partíraõ.

O animo Francez não eá menos inclinado á controversia , do que o animo Flamengo ; nem os Jesuitas de França menos obstinados , do que os outros , nos seus systemas , que elles forcejavaõ por unir com a Religiaõ : motivo , porque a causa de Jansenio , ou para melhor dizer , da sua Obra , poz brevemente o Cléro em movimento. O Abbade de S. Cyrano , amigo do Bispo de Ipres , tinha espalhado a sua doutrina entre homens de raro merecimento , taes como o célebre Arnaldo , e os doutos de Porto Real. Hum Doutor da Sorbona julgando a Fé em perigo , denunciou algumas proposições do Livro de Jansenio. Determinava-se publicar a sua censura ; mas sessenta Doutores a suspendêraõ por meio de huma appellação , como de abuso. Quasi oitenta Bispos proseguíraõ não obstante isso a causa , e denunciáraõ em Roma as cinco famosas proposições , que Innocencio X. condemnou em 1653 , a pezar dos empenhos do Geral dos Dominicos , e das demonstrações de onze Prelados Francezes.

Denunciá-se a sua doutrina, e Innocécio X. a condemna.

Estas proposições trataõ em substancia , 1. que alguns mandamentos de Deos ha impossiveis para os justos , porque

As cinco proposições.

lhes

lhes falta a graça; 2. que á graça nunca já mais se resiste; 3. que huma liberdade isenta de constrangimento, e não de necessidade, he sufficiente para o merecimento, ou desmerecimento; 4. que a heresia semipelagianna consistia em defender, que se podia resistir, ou obedecer á graça; 5. que Jesu Christo não morreo por todos os homens.

Os Janse-
nistas abu-
savaõ da
authori-
dade.

Huma doutrina tão cruel, muito semelhante á dos Protestantes, parecia effectivamente protegida com textos de Santo Agostinho. Mas assim como os Protestantes não tinham razão alguma, fundando-se em passagens de S. Paulo, tomadas ao pé da letra, para combater humas verdades igualmente conformes com a Escriitura, e com a razão; assim Janzenio, e os seus seguidores não tinham também razão alguma para não querer moderar expressões mais asperas de Santo Agostinho, que no calor das controversias nem sempre se ajustava com si mesmo. Se a caso se tivesse podido definir em Theologia, ou examinar somente de boa Fé, até onde deve estender-se a authoridade a respeito de cada materia, ter-se-hia cortado a raiz principal das disputas. Os Jansenistas apaixonavaõ-se muito, para deixar de passar dos limites.

Por outra parte , era por ventura prudencia fazer tanta bulha contra hum livro escuro , apenas conhecido de alguns Doutores ? Era sifudeza despertar contendas , e disputas , que podessem produzir hum scisma ? Era justo acusar e perseguir , como hereges , huns homens pios , e respeitaveis , firmes sempre na sua profissão de Catholicidade , assim como nas suas opiniões Theologicas ? Não era perigoso inspirar o espirito de Seita , inflammando o odio , e enthusiasmo ? As consequencias desta materia , da qual tratarei em outro lugar , só offerecerão afflicções para a Igreja.

Os seus
adversarios
não erão
dotados de
prudencia.

Outra especie de Theologia , posta em uso pelas Ordens Monasticas , menos sujeita aos abusos das controversias , pois que não tocava no dogma , chegou a ser com tudo nova origem de escandalos , porque em breve tempo se corrompeo. Fallo da *Theologia Moral* , ou da sciencia dos Casuistas. Esta Theologia nos offerece huma materia de reflexões interessantes , porque nada intéressa mais do que os costumes.

Theolo-
gia Moral.

Sócrates , Plataõ , Cicero , Seneca , e outros muitos Estoicos , tinhaõ tratado da Moral , como Filósofos , estabelecendo as obrigações , e inspirando o amor da virtude , com huma força de razão ,

Como se
ensinava
antigamente a Moral.

e sentimento , digna da grandeza do assumpto. Os Padres da Igreja tinham tratado della como verdadeiros Pastores das almas , desenvolvendo as maximas do Evangelho , inculcando-as com unção , e ensinando tudo quanto era necessario para viver , como Christão. Na renovação dos estudos , os Theologos tratáram da Moral como Escolasticos , subtilizando , sofisticando , disputando a respeito de tudo , substituindo palavras ás cousas , confundindo as idéas simples , e escurecendo as primeiras verdades por meio de falsas applicações. Muito peor succedeo , quando domináram as Ordens Mendicantes.

Os Escolasticos a desfiguraõ.

Porque
razaõ se
multipli-
caõ os Ca-
lísticas.

Então chegou a ser mais frequente a confissão secreta , e nella se entrou em huma individuação mais circunstanciada. As penitencias canonicas aboliaõ-se de dia em dia ; o parecer particular do confessor suppria ás régras antigas. A satisfação , e a absolvição dependiaõ unicamente do confessor. Como este necessitava de principios para dirigir-se , imaginou-se fazer delles hum Corpo de sciencia. Mas em vez de consultar o Evangelho , os Canones , os Padres , e tambem a consciencia universal , compozeraõ-se , seguindo o methodo Escolastico , tratados infórmes , e diffusos , especie de codigos

arbitrarios, em que os casos foraõ decididos muitas vezes á satisfação do capricho, e da ignorancia. Aberta huma vez esta carreira, infinitos Casuistas concorrêraõ com diligencia a enchella.

A distincção dos peccados em mortaes, e veniaes, huns que condemnaõ, e os outros não, os deveria suspender no primeiro passo, se tivessem reflectido a respeito da sua empreza. Porque sendo a differença do venial ao mortal, conforme elles mesmos, como infinita, em que abyssmo não deviaõ perder-se necessariamente, des que quizessem especificar os peccados em cada materia? Como se pôde achar o ponto, por exemplo, em que o latrocinio será mortal? Hum, dous, déz escudos, ou cruzados novos, acaço lhe imprimirão aquelle caracter, que não teria, sendo inferior a huma certa quantia? Estabelecer sobre semelhantes fundamentos as régras do procedimento, e as expiações necessarias para a salvação, he exercer o juizo de Deos com as preoccupações da Escóla; he sujeitar a Moral Christã ás mais estravagantes fantesias.

Hum dos primeiros fructos da nova sciencia foi a relaxação. Fleuri dá a razão. "Os Casuistas eraõ pela maior parte Religiosos, e Religiosos Mendicantes.

Distincção dos peccados, em mortaes, e veniaes.

Relaxação, fructo da doutrina dos Casuistas.

„ tes, os quaes se achavaõ quasi sós na
 „ posse dos estudos, e da administração
 „ da penitencia, e por conseguinte a po-
 „ breza he hum grande obstaculo para a
 „ severidade, e constancia contra todos
 „ aquelles, de quem se recebe a substan-
 „ cia. „ Os Mendicantes comettêraõ, co-
 „ mo observa o mesmo Author, dous er-
 „ ros essenciaes; hum, de desculpar os
 „ peccados por meio das suas escolasticas
 „ distincções; e o outro, de facilitar muito
 „ a absolvição. “ Esta facilidade, acrecen-
 „ ta o mesmo Fleuri, parecia necessaria
 „ nos Paizes de Inquisição, onde o pec-
 „ cador de habito não se atreve a fal-
 „ tar á obrigação pascal, com receio de
 „ ser denunciado excommungado, e no
 „ fim do anno, declarado suspeito de
 „ heresia, e como tal perseguido em jus-
 „ tiça: motivo porque em taes Paizes vi-
 „ vêraõ os Casuistas os mais relaxados. „
 „ O que resulta da sua doutrina vem quasi
 „ a dizer, que *se pôde peccar todos os dias,*
confessando se todos os dias. (Huitième disc.
 „ de Fleuri.)

Os Casu-
 istas poze-
 raõ tudo
 em proble-
 ma.

Huma expiação tão facil devia certa-
 mente multiplicar as desordens. Mais se
 fez: procurando estabelecer com exacti-
 daõ a distincção dos peccados, destruiu-
 se até os fundamentos da Moral. Tudo
 se poz em problema: se a fraude, a vin-
 gan-

gança , a calumnia , o homicidio , a rebellião , e o regicidio não podiaõ ser legitimos. Estes problemas foraõ justificados algumas vezes por meio das mais loucas decisões. Inventou se este probabilifmo funesto , o qual ensina a peccar com segurança de consciencia. Huma opiniaõ chegava a ser provavel pela authoridade de hum Author grave , de hum homem sábio , e pio : des de logo podia ser seguida sem receio. Quasi todos os Casuistas os mais famosos tinhaõ pois algum sentimento falso , contrario tambem aos principios essenciaes da sociedade civil , ou Christã. Deste modo os Juizes da consciencia pareciaõ ensinar , e authorisar o crime.

Probabilifmo.

Se oppozermos á Moral dos Casuistas relaxados a Moral dos Officios de Cicero , sem fallar neste lugar da Moral dos Estoicos , veremos que huma Theologia corrompida por meio de preoccupações ignominiosas , não chega , a respeito de muitos pontos essenciaes , ás proprias luzes da razão. Por ventura póde isto causar admiracão ? Esta classe de Escritores discorria pouco , conhecia mal o coração humano , não chegava aos principios , copiavaõ-se , e citavaõ-se huns aos outros : alguns Chéfes eraõ seguidos de huma plebe cega , da qual elles mesmos eraõ os seus oraculos.

Moral dos Filosophos antigos mais pura.

Os Jesuítas perdê-se em semelhante carreira.

Os Jesuítas, apaixonados por todos os generos de trabalhos, em que a Religião dá imperio sobre os homens, e excitados humas vezes pelo zelo, outras vezes pela competencia, e parcialidade do seu Corpo, não tardarão em distinguir-se n'hum estudo tão perigoso. Seguirão a estrada aberta; abrirão outras de novo, e finalmente perdêrão-se assim como os outros, mórmente quando partindo dos mesmos principios, ampliavaõ muito mais as suas consequencias, porque no geral seguiaõ melhor hum systema. Sanches, grande Casuista da sua Ordem, cujos costumes puros são louvados pelos mesmos Jesuítas, publicou hum *in-folio* a respeito do matrimonio, e nelle parece insultar em muitas partes o pejo. Tão grandes eraõ os inconvenientes, que trazia consigo a mania de decidir tudo.

Cartas Provincias.

Grande he o conhecimento, que dão as *Cartas provinciaes* das justas reprehensões dadas a outros Casuistas da sociedade. Diffimula Pascal nesta sátira a maior parte das opiniões, que os mesmos Casuistas tinhaõ tirado de outros lugares; interpreta malignamente a Moral severa de alguns Jesuítas, muito oppostos aos sentimentos do maior número; e dá a toda a corporação intenções, que não se pôdem imaginar em corpo algum desta natureza.

tureza : mas a sua Obra prima não mostra menos , que os abusos da Theologia Moral , assim como os da Escolastica foram huma das pestes do Genero Humano.

Todo o excesso , ainda no proprio bem , produz verdadeiro mal. Aos Doutores relaxados , que lisonjeavam as paixões , oppozerao-se huns rigoristas, que destruiam , de algum modo , a natureza. A sua melancolica asperidade , ultrajando a perfeição Christã , convertia em crimes as cousas mais innocentes: Condennavam os passatempos permittidos, e honestos: combattiao sentimentos, e usos, sem os quaes descahiria em breve tempo o commercio da vida civil ; impunham obrigações falsas , cujo jugo faria aborrecer a virtude entre o commum dos homens ; condemnavao tão facilmente , como os outros absolviam ; e sustentando as suas decisões com santas authoridades , julgavam ser os unicos Apostolos da Moral Evangelica , ao mesmo tempo que com effeito a faziam impraticavel. Este he o genio ordinario dos Reformadores.

Que resultava desta contrariadade ? Huma cruel inquietação para as consciências timoratas , e espiritos fortes , hum desprezo soberbo do parecer dos Theologos. Via-se huma Escola defender sob pe-

Excessos
dos Rigoristas.

Infellicidades, que resultam da contrariadade das decisões.

na do Inferno, o mesmo que outra permitia, ou desculpava alta, e poderosamente; via-se decidir pro, e contra no mesmo lugar; viaõ-se práticas utilmente recebidas n'humã parte, rigorosamente proscritas nas visinhanças. Fluctuava-se entre o mais, e o menos provavel, sem ter régra para decidir. Humas vezes dava-se a idéa de crime a simples erros; outras vezes lisonjeavaõ-se de expiar o crime por meio de formulas. Algumas vezes o mesmo Doutor, favoravel a certas desordens, era desapiedado a respeito de certas futilidades. Ambos os excessos eraõ consequentemente muito prejudiciaes, assim para o Christão, como para o Cidadão. Huma Moral clara; compendioosa, extrahida da Lei Divina, e do conhecimento do coração humano; e huma consciencia recta, illustrada pelo Evangelho, e pela razão, teriaõ devida servir de Casuistas.

O espirito
da disputa
entre os
propios
Missiona-
rios.

O espirito da disputa acompanhava os Theologos até as extremidades do Universo. Se hum zelo heroico transportava missionarios para terras menos conhecidas, raras vezes esse zelo deixava de ser nellas perturbado pela discordia, quando os Apostolos não tinhaõ o mesmo habito. Na China, onde os Jesuitas tiveraõ algum tempo feliz exito, os Dominicos sus-

fuscitáráo em breve tempo huma disputa com elles, a respeito das ceremonias praticadas em honra dos mórtos illustres. Segundo o parecer dos Jesuitas, eraõ estas huns usos civís, que se deviaõ tolerar, e no conceito dos Dominicos humas criminosas idolatrias, que era necessario destruir. Revocada a causa para Roma, variou confórme os tempos. Bastanos observar que estas extraordinarias disputas indignáraõ o governo Chiná; que entre Póvos menos sifudos arruináraõ igualmente todo o fructo das missões; e que se a Fé se extingue na Europa, como demasiadamente vêmos, he em grande parte, effeito de huma causa inteiramente semelhante.

Seguindo os factos historicos, e reflectindo sobre a propria natureza das cousas, vê-se que quasi todas as disputas de Religião sahíraõ dos claustros, a fim de abraçar assim a Igreja do Occidente, como a Igreja do Oriente. O carácter, o regimen, as preocupações, a influencia, e o credito dos Religiosos, seus estudos, as suas mesmas virtudes, quando não eraõ reguladas pela verdadeira sabedoria, tudo concorria para renovar perpetuamente o incendio. Estes vastos Corpos, que mais pareciaõ pertencer a huma Potencia Estrangeira, do que aos

Quasi todas as disputas de Religião, originadas nos Claustros.

Es-

Multipli-
cação das
Ordens Re-
ligiosas no
seculo de-
cimo sex-
to.

Estados , donde tiravaõ a substancia , se multiplicavaõ , e dilatavaõ sempre. O seculo decimo sexto produziu os Theatinos , os Jesuitas , os Padres do Oratorio , os Somascos , os Religiosos de S. Romualdo , Servitas , os Padres da doutrina , os Capuchinhos , os Recolettos , os Carmelitas Calçados , e os Carmelitas Descalços , &c. Esta ultima Ordem , estabelecida em França no principio do seculo decimo setimo , tem nella sessenta e dous Conventos. E que vem a ser estes Conventos em comparação dos Jesuitas , e dos Capuchinhos?

VI.

Sciencias , e Literatura.

Em que
consistia
muito tẽ-
po a Scien-
cia.

PARA dissipar as trévas , sempre favoraveis para as desordens , era necessario que as Sciencias produzissem a verdade. O que , havia muitos seculos , se chamava sciencia , servia-lhe de maior obstaculo. Esta sciencia era hum contexto de delirios , erigidos em principios por hums homens , que delles recebiaõ , por assim dizer , a sua existencia ; que se irritavaõ contra a menor novidade , e excommun-gavaõ a razaõ , porque tinhaõ motivo para a reccar. Aristoteles , cu para melhor di-

dizer os seus ignorantes Commentadores, exerciaõ huma authoridade despotica sobre o espirito humano. As proprias Leis (estranha loucura!) prohibiaõ rigorosamente toda a doutrina contraria aos absurdos da Escõla. Bem se pôde dizer, n'huma palavra, que o pensamento, que o senso commum, chegavaõ muitas vezes a ser hum crime.

Se o peripatetismo vilificava a Theologia, que devia ser a Philosophia? E se a temos visto em os nossos dias, cheia ainda de *cathegorias*, *universaes*, *identidades*, *negações*, *fôrmas*, *essencias*, finalmente de ridiculas quimeras, magistralmente ensinadas á mocidade em várias Escõlas públicas; em que consistiria naquelle tempo a Philosophia, quando não havia idéa nenhuma de melhores estudos, nem liberdade para melhor ensino?

A Philosophia não consistia senão em absurdos.

Mas certos engenhos livres, animosos, e capazes de quebrar o jugo do Pedantismo, déraõ principio á razaõ, e abríraõ-lhe o caminho dos conhecimentos. No reinado de Jacques I. Rei de Inglaterra, Francisco Bacon, mais illustre Philosopho na sua desgraça, do que bom Chancellor na Corte, incluiu em algumas Obras summarias o fructo da maior parte dos descobrimentos. Mostrou o vicio dos methodos usados, e propôz outros

Princípio dos verdadeiros Philosophos.

Francisco Bacon.

excellentes ; fez vêr a futilidade das abstracções , com que os doutores se entre-tinhaõ , e estabeleceo por base da sciencia os factos , que a natureza representa ; indicou a observação , e a experiencia como origem das verdades incognitas , e profetizou de algum modo os milagres , que ellas deviaõ produzir em breve tempo ; e finalmente mostrou que tudo se ignorava : e não era outra cousa o que importava sobre tudo aprender.

Descártes.

Algum tempo depois appareceo Descartes, Cavalleiro de Touraine, que reflectindo sobre as falsas noções, com que os seus Mestres o tinhaõ instruido, e ignorancia scientifica venerada com o nome de Philosophia, intentou refundir todas as suas idéas, de maneira que não conservasse, se fosse possível, imagem alguma dos seus primeiros erros. Começou pela dúvida ; mostrou a sua necessidade, e que cousa pôde ser mais necessaria na Philosophia, onde o exame das idéas, e a força das razões devem só estabelecer o juizo. Por meio de hum, ou dous principios claros, destruiu o systema tenebroso da Escóla. Mas a sua imaginação muito viva foi a causa da sua perdição. Quiz formar hum novo systema ; explicou o mecanismo do Universo com torbilhões engenhosos, que a natureza desaprova ;

e

Seu methodo.

e formou finalmente huma seita, que ao menos inspirou o gosto de discorrer claramente: o que era o mesmo, que dar hum golpe mortal ao peripatetismo. O transito do erro para a verdade he cousa tão difficultosa, que quasi não se pôde vencer, sem cahir em algum erro. Talvez que os mesmos erros deste famoso Philosopho tenhaõ servido para o progresso da sciencia. O seu systema enganoso creou ao principio alguns enthusiastados, muito superiores aos Escolasticos, para deixar de triunfar dos seus sofismas; e injúrias. O seu methodo dirigio depois os observadores da natureza, e estes dissipáraõ as illusões Cartesianas.

Seus erros.

Gassendi, Ecclesiastico Provençal, mais circunspecto do que Descartes, seu contemporaneo, e por conseguinte menos capaz de fazer estrondo, acometteo insensivelmente as preocupações antigas, e empenhou-se em reformar o systema dos atomos de Epicurio. Oppôz várias razões sólidas ao plano absoluto da doutrina Cartesiana: Os seus atomos nadando no vazio, com certa tendencia ou repulsão reciproca, chegaõ-se mais para a verdade, do que os torbilhões. Com tudo não podia este systema deixar de ser mais ou menos provavel. Faltavaõ ainda as experiencias: havia necessidade de factos para
ter

Gassendi.

ter verdades : o engenho voltava felizmente os seus esforços para esta parte.

Galileo.

Hum dos homens, a quem as sciencias devem principalmente os seus progressos, e a quem a ignorancia castigou mais, foi Galileo, filho bastardo de hum nobre Florentino. O systema de Copernico, em que o movimento da terra á roda do Sol explica tão bem todos os phenomenos, merecia ter a Galileo por defensor. As suas observações pozeraõ aquelle systema n'hum clareza comparavel á evidencia. Por casualidade se tinha quasi no fim do seculo decimo sexto hum principio de telescopio, ajuntando ao extremo de hum tubo dous vidros, hum concavo, e outro convexo. Soube Galileo sómente d'elle em 1609, e concebendo logo as utilidades, que produziria esta invenção aper-

O seu telescopio, e os seus descobrimentos na astronomia

feiçãoada, meditou, e experimentou : teve em breve tempo hum telescopio, que fez parecer os objectos tres vezes maiores, do que naturalmente são. Augmentou-os até trinta, e tres vezes, aperfeiçoando sempre o descobrimento. N'hum palavra, descobrio os montes da Lua, os satelites de Jupiter, as phases de Venus, as manchas e o movimento circular do Sol. Deste modo foi de tal sorte confirmada a analogia entre a terra, e os outros Planetas, que só fechando os olhos

á luz, deixava de ser quasi indubitavel o movimento do globo, que habitamos.

Illuminar porém o Genero Humano, era expôr-se a terriveis infellicidades. Não se atreveo Gassendi a combater Aristoteles, senão com infinitas cautelas, sujeitando as suas Obras ao parecer da Igreja; como se tivesse podido haver alguma cousa, que commum fosse entre Aristoteles, e a Fé. Tendo-se Descartes retirado para Hollanda, a fim de gozar da sua liberdade, nella encontrou perseguidores, e foi accusado de atheismo, depois de ter publicado novas prôvas da existencia de Deos. As perseguições, que Galileo experimentou em Italia, são muito memoraveis para as deixar passar inteiramente em silencio.

Foi Galileo denunciado em 1616 por hum Monge á Inquisição de Roma, perante a qual comparece. O Cardeal Bellarmino o obriga a prometter que não defenderá mais o systema de Copernico, nem de viva voz, nem por escrito. Dezasseis dias depois, deo Galileo ao prelo o seu *Dialogo*, no qual hum dos interlocutores desenvolve este systema, e affás dá a conhecer de que parte se acha a razão. Entraõ em nova perseguição os inimigos do bom senso, e he Galileo citado de novo em Roma. A Inquisição lavra em 1633

Perseguições annexas á sciencia.

Galileo perseguido pela Inquisição.

Decreto
memora-
vel dos In-
quisidores.

o seguinte Decreto, digno certamente do seculo decimo: *Dizer que o Sol está no centro, e sem movimento local, he huma proposição absurda, e falsa na boa Philoſophia, e tambem heretica, ſendo expreſſamente contraria á Sagrada Eſcritura. Dizer que a terra não está collocada no centro do Mundo, nem he immovel, mas que ſe move com hum movimento ainda diurno, tambem he proposição falsa, e absurda na boa Philoſophia, e pelo menos erronea na Fé. Condemnado o Philoſopho á priſaõ, foi obrigado a abjurar ſolemnemente eſtes abſurdos, e heresias. Morreo Galileo cego em 1642, de idade de ſetenta e oito annos.*

Este De-
creto he
huma boa
lição.

Omitto toda a reflexaõ a respeito do Decreto dos Inquisidores, assignado por ſete Cardeaes. Este Decreto confundirá eternamente os homens presumidos, que condemnão o meſmo que ignoraõ, e que ſe attrevem, de algum modo, a fazer a Religiaõ complice dos ſeus excessos contra a razaõ. Não deviaõ pelo menos lembrar-se que a Eſcritura, com a qual ſuſtentavaõ o ſeu parecer dogmatico, elles meſmos eraõ muitas vezes obrigados a tomalla em ſentido muito remoto do ſentido literal?

O Car-
deal Benti-

Observemos em honra das letras, que o Cardeal Bentivoglio, Historiador esti-

ma-

mavel , que fora discipulo do Filosofo , ^{voglio a favor do} e era primeiro Commissario da Inquisição , ^{Philoso-} oppoz-se quanto pode á injustiça. Mas ^{pho.} que podia hum sábio contra a demencia do seu seculo ?

Outros importantes descobrimentos se ^{Outros descobri-} devem a Galileo. Elle observou que hums ^{mentos de} corpos desiguaes no pezo cahem com ^{Galileo.} igual ligeireza ; que na quêda dos corpos , o movimento se accelera conforme a progressão dos números impares ; que as vibrações de huma pendula , mais , ou menos grandes , com tanto que sejaõ pouco consideraveis , se fazem em tempos iguaes : donde conclue que a pendula seria propria para medir o tempo. Esta idéa he sem dúvida a origem dos relógios de pendula , inventados pelo celebre Huygens em 1656.

Torricelli , discipulo de Galileo , ^{Torricelli:} seguiu os passos de seu Mestre. Foi inventor do microscopio , ^{O microscopio : o} tão necessario para ^{pezo do ar.} conhecer a natureza , como o proprio telescopio. Por meio da experiencia do azougue , mettido em hum tubo de vidro , provou que o pezo do ar era a causa dos effeitos da bomba , e de tudo quanto as Escólas attribuiaõ a naõ sei qual *horror do vacuo*. O mesmo mostrou Pascal em breve tempo por meio de novas experiencias.

Todas as
sciencias
faraõ pro-
gressos.

Naõ fallamos dos trabalhos astronomicos de Tycho-Brahé , e de Kepler , nem do novo methodo de Algebra , inventado por Viète , em França , no seculo decimo sexto , e applicado com maior successo á Geometria por Descartes ; nem da circulaçaõ do sangue , descoberta por Harvey em Inglaterra , &c. , &c. Des que os espiritos se inclinão animosamente a tudo quanto he util , observaõ , e estudaõ a natureza , desprezaõ os antigos erros , e respiraõ a verdade ; des que a phisica experimental , e as Mathematicas os acostumaõ a pensar justamente , e a libertar-se das preoccupações dominantes ; e des que certos descobrimentos felices espertaõ a emulaçaõ , a confiança , a curiosidade de huns , e o engenho dos outros , pode-se entaõ esperar que todas as sciencias darão grandes passos , e que todas se darão as mãos humas ás outras a fim de vencer os innumeraveis obstaculos , que lhes resistem.

Pedantif-
mo ainda
muito cõ-
mum.

Esta revoluçaõ necessitava ainda de muito tempo , e de muitos esforços. Os Litteratos em geral de nada possuiaõ menos , que do animo Philosophico. A maior parte conservavaõ o gosto do pedantifmo , annexo aos estudos ingratos de pura erudiçaõ. Consummiaõ-se a respeito de passagens gregas , ou latinas ; despreza-
vaõ

vão arrogantemente tudo quanto não era sellado com o sello da antiguidade ; e as injúrias feitas prodigamente nas suas Obras , servião entre elles de grande estillo. Saumaise , e o Padre Petau , ambos muito doutos , combattiaõ-se com semelhantes armas de regateiras.

Quanto ao mais , mereceriamos ser arguidos do mesmo modo que os eruditos , se deixassem de fazer justiça ás suas laboriosas vigílias , que nos grangeáraõ vários conhecimentos , de que a Philo- sophia necessitava , assim como a lite- ratura ; e que preparáraõ os materiaes para o edificio do bom gosto, e da razão. Quantas verdades não tirou da poeira a critica , applicada ás cousas de Religião ? Quantos erros não tem ella aniquilado ?

As falsas Decretaes , por exemplo , conservavaõ sempre a sua authoridade , tão funesta havia quasi mil annos. David Blondel, e os Juriscõ- sultos Frã- cezes. Blondel , Ministro Protestante , mostrou em fim que estas falsas Decretaes eraõ o fructo da impostura ; e ninguem se attre- veria mais a defendellas contra a eviden- cia. Maiores serviços fizeraõ aos Estados os Jurisconsultos Francezes ; pois que se elles não fossem, assim as Coroas, como as Nações ignorariaõ talvez ainda os Di- reitos, que não são sujeitos á prescripção,

cuja perda os sepultou em hum abyfmo de infellicidades.

Peffimo
gosto em
Italia, e
Hefpanha.

Breve chegará França a fer no reinado de Luiz XIV. a habitação mais brilhante das Letras, e bellas Artes. Depois de Taffo, fallecido em 1595, não se viaõ já em Italia deffas Obras consummadas, que arrebatão a admiração universal. Em vez de affignalar os talentos fublimes, o que nella se fazia eraõ brincos de efpirito. Mais degenerava ainda a Hefpanha. Os feus Poetas dramaticos, e os demais litteratos davaõ de mão ao natural pelo phebo; e o D. Quichoté do engenhofo Cervantes não era fenaõ huma fatyra completa do gosto da Nação. “ Dos feus li-
,, vros o unico, que ha bom, diz com
,, demasiada dureza o Author das Cartas
,, Perfanas, he aquelle que mostra o ri-
,, diculo dos demais. „ O Theatro em Inglaterra foi formado por Shakespear no reinado de Jacques I.; Poeta muitas vezes jogral, e rasteiro, mas fempore admirado pelos Inglezes, porque várias pallagens tem admiraveis, que encobrem os feus defeitos. Outro tanto se poderia dizer de Milton, cujo *Paraizo Perdido* não fahio á luz, fenaõ em 1667. He neceffario fer Inglez, para confiderar eftef engenhos fublimes, como exemplares de bom gosto.

Shakes-
pear, e
Milton.

Hum grande elogio , devido ao Cardeal de Richelieu , he ter elle como preparado a terra , donde sahíraõ tantas produções dignas de immortalidade. Favourceo Richelieu as letras , elle mesmo as cultivou ; e posto que ridiculo talvez por causa da vaidade , que tinha de ser Author , o seu exemplo servio de estimular os talentos. A Prosa Franceza adquirio elegancia debaixo da penna de Balzac , e Voiture , a pezar do estilo empolado do primeiro , e da affectação do segundo. Malherbe deo a conhecer os encantos da harmonia poetica. Pedro Corneille depois de várias Obras mediocres , deo á luz o Cid , com o qual todas as outras Nações não tinhaõ que comparar. Inveioso Richelieu deste Poeta , quiz que a Academia Franceza , estabelecida em 1635 , criticasse aquella famosa Obra. Assim a Critica , como a Obra , foraõ huma prôva dos progressos da literatura Franceza. Os Horacios , e principalmente Cinna , Obra que sahio depois do Cid , constituíraõ a prôva muito mais estupenda.

Pouco faltava , para que a Lingua não fosse estabelecida no reinado de Luiz XIII. , pois que as Cartas Provinciaes apparecerão em 1654 , onze annos depois da sua mórte: Livro , que qualquer julgaria escrito nos bellos annos de Luiz XIV. Do que

O Cardeal de Richelieu anima a litteratura.

Balzac , e Voiture.

Malherbe.

Pedro Corneille.

A Lingua l.º quasi estabelecida.

se segue que a barbaridade , que tanto tempo subsistio em França , não procedia fenaõ dos pessimos estudos. Alguns bons exemplares , e animar os talentos , he tudo quanto era necessario para o genio nacional.

Preocupa-
ções sê-
pre subsis-
tentes.

Processo
de Urbano
Grandier.

He para maravilhar , que no tempo , em que Descartes fulminava contra o peripatetismo , e Cornelio elevava a alma aos sentimentos dos Herões de Roma , diversas preocupações absurdas prendessem sempre os Grandes , e o Povo , o Cléro , e os Magistrados. A Astrologia conservava o seu credito. Os processos de feitiçaria eraõ communs , e horrorosos. Urbano Grandier , que por desgraça tinha offendido o Ministro , foi queimado vivo em 1634 , como quem enfeitiçára humas Religiosas. A Sorbona todavia decidio que as deposições destas Religiosas não eraõ dignas de receber-se. Mas que razão deo ella a isto ? Que suppondo-as possellas , o diabo não obstante he mentiroso , conforme S. Joaõ , e que elle poderia accusar outras vezes as pessoas as mais virtuosas.

As Bellas
Letras de-
viaõ prece-
der às Sci-
ências.

Se a luz das sciencias tivesse antecedido as Obras consummadas em bellas letras , não teria por ventura grangeado mais a Nação ? He este hum problema muito difficultoso de resolver-se. Para que

que a sociedade se illumine , he necessario no geral que primeiro seja civilisada : he necessario que os prazeres do sentimento a disponhão a tomar o gosto aos da razão profunda ; que algumas leituras agradaveis exercitem o espirito a pensar , e que o bello que he sensível guie para o verdadeiro , que não faz tanta impressão. Destas flôres de engenho , com que a França se cobrio , deviaõ nascer fructos de sabedoria , e verdade em todos os generos.

Luxemburgo , o Palacio Real , o Valle de Graça , e a Sorbona são grandes pedaços de architettura do reinado de Luiz XIII. Vouet foi o Author da nossa Escóla (Franceza) de pintura , ao mesmo tempo que Rubens , e Van-Dyck immortalisavaõ a Escóla Flamenga. Rompia a Aurora das Bellas Artes em França , e dava annuncios dos prodigios do reinado de que entramos a tratar.

Bellas Artes.

DECIMA QUARTA ÉPOCA.

L U I Z XIV.

XX

L I V R O I.

*Des da exaltação de Luiz XIV. em 1643,
até a guerra de 1667.*

C A P I T U L O I.

*Continuação da guerra contra a Casa de
Austria. --- Tratado de Westpha-
lia em 1648.*

ESTA Época, a mais interessante da Historia, incluye infinitos objectos, que requerem certas individuações, e merecem muitas reflexões. Estabelecer-se-ha o estado de todos os Póvos; as luzes, e as artes, circulando de huma para outra região, não só produzirão novas idéas, mas também novos costumes; grandes revoluções tem de mudar os systemas politicos. Este o lugar, em que a curiosidade mais se anima, e não se applicando

do á substancia das cousas , seria de algum modo opprimida por hum a esteril abundancia. Para evitar a confusão em materia tão ampla , divido-a em várias partes , nas quaes possaõ os factos methodicamente ser ordenados.

Quando Luiz XIV. subio ao Throno , na idade , de quatro annos e meio , achava-se a Europa n'hum a violenta situação , que prognosticava á França hum a menoridade tumultuosa. A guerra ateada pelo Cardeal de Richelieu contra a Casa de Austria , ou para a enfraquecer , ou para se fazer necessario , continuava as suas affecções , a pezar dos preliminares assignados em 1641. O Imperador Fernando III. , menos tremendo que seu irmão Fernando II. , lutava contra as forças da França , e Suecia , sem poder dispôr das do Imperio. Philippe IV. , Rei de Hespanha , tinha perdido o Roussillon , Catalunha , e Portugal ; mas sem embargo de achar-se exaurida a sua vasta Monarquia , defendia-se ainda contra os Portuguezes , Hollandezes , e Francezes , unidos por communs interesses. Se Inglaterra , agitada de horrorosos tumultos , não se mettia já nos negocios do Continente , a raiva que os Republicanos mostravaõ , perseguindo com mão armada hum Rei estimavel , devia mudar-se em breve tempo em

1643
A Europa
agitada cõ
tumultos,
e
com guer-
ras.

em actividade a fim de augmentar o poder nacional. Finalmente a França, infeliz como os outros Estados, estava exposta a discordias intestinas, ao mesmo tempo que tinha de sustentar o peso de huma guerra viva, porfiada, e prejudicial.

Anna de
Austria,
Regente
em França.

O testamento de Luiz XIII. dava hum Conselho de regencia para a Rainha, Anna de Austria. Esta Princeza queria a regencia absoluta; para o que se dirigio ao Parlamento, o qual pronunciando como em materia civil, annullou as ultimas vontades de hum Rei, em cujo reinado tinha tido pouco credito, e pouca influencia. O Cardeal Mazarino, Italiano flexivel, e capaz, estabelecido havia algum tempo no Reino, foi logo nomeado primeiro Ministro, pareceo herdar o poder de Richelieu, seu bemfeitor. Virão-se na Corte, fortunas destruidas, conforme o uso, e outras exaltadas sobre as suas ruinas: successos, dos quaes todos fallaõ alguns dias, a fim de esquecer-se depois delles para sempre. Quanto ao mais, subsistio o plano do antigo ministerio.

As indi-
viduações
militares
infinitas, e
superfluas.

Todos aquelles, que gostarem de ouvir miudas relações de expedições militares, procurallas-haõ fóra desta Obra; que cheias estaõ as historias destas relações,

ções , que nem por isso são mais uteis ; e nós encheríamos paginas inteiras de nomes proprios , quando seguindo ainda o exemplo de Henauld , não fizéssemos mais que hum simples nomenclatura dos factos de cada campanha. E quem os poderia lêr sem fastio ? Quem os conservaria na memoria ? Talvez affás fora observar , a respeito de todas estas guerras , que em nenhuma achou o vencedor utilidades bastantemente grandes para o consolar das infelicidades , de que a guerra foi origem.

Depois da morte do Cardeal de Richelieu , o Conde-Duque de Olivares , seu émulo , Senhor absoluto em Hespanha tinha cahido em desgraça. D. Luiz de Haro , menos despotico , e-attrevido , do que Olivares , tinha chegado a ser primeiro Ministro , e os Hespanhoes melhorárao na mudança. Os mesmos Hespanhoes julgárao que a menoridade de Luiz XIV. lhes offerecia hum occasião de victorias. O seu Exercito dos Paizes Baixos entra pela Champanha , põe sitio a Rocroi , e espalha o temor por todas as partes.

Ministério de Hespanha.

Os Hespanhoes entrão em França.

O grande Condé , vencedor em Rocroi.

Luiz , Duque de Enguien , heróe ainda moço , apenas com vinte e hum anno de idade , filho do Principe de Condé , por infelicidade tinha o mando das

trôpas Francezas. A sua experiencia era o seu engenho, e capacidade. Tinha ordem para não arriscar batalha: com tudo dá, e vence a batalha de Rocroi, em que ficou destruida a famosa Infantaria Hespanhola. Esta Infantaria formada a imitação dos Suissos, era a força principal da Hespanha. O Conde de Fuentes, que era o Commandante della, morreu gloriosamente. *Tomára eu morrer como o Conde de Fuentes morreu*, disse o Principe, *se não tivera vencido*. A victoria de Rocroi abriu huma carreira de triumphos.

Condé tomou Thionville, e passou para Alemanha.

O grande Condé (pois o Duque de Enguien merece já tão admiravel nome) senhoreou-se em breve tempo de Thionville, que não tinhaõ ousado acometter no ultimo reinado. A sua presença he necessaria além do Rhin. Sendo o Marechal de Guebriant morto na tomada de Rotheweil, e tendo a sua morte dado occasião ás divisões entre os Alemães, e Francezes, tinha-se perdido a batalha de Durlingen, a que se seguíraõ outras perdas na Suevia. Merci, General do Imperador, tinha-se tambem apoderado de Friburgo. Chega Condé, acomette-o n'hum campo entrincheirado, junto áquella Cidade; e posto que inferior em número, vence, e derrota os Imperiaes depois de tres dias de combates. Filisburgo, e Moggun-

1644
Batalha
de Friburgo.

guncia são os fructos da sua victoria. Outras expedições.
 Gastaõ, Duque de Orleans tinha tomado ultimamente Gravelines, que se defendêra por espaço de dous mezes. Menos felices foraõ os Francezes em Catalunha, onde Filippe IV., vencedor do Marechal da Motha, tomou Lerida, e Balaguer.

Ao mêsmo tempo que Condé gozava em França da sua gloria, o Marechal de Turenne mandava o Exercito de Alemanha. Entra este Marechal pelo Paiz dentro, a fim de aproveitar-se de hum victoria, que o Sueco Torstenson tinha alcançado na Bohemia. Mas cometteo hum erro, o unico, segundo se diz, que comettêra, pois consente que os alliados se separem das suas trópas. Aproveitando-se Merci da occasião, derrota-o em Mariendal na Franconia. (1645.) Com esta noticia parte Condé, une-se com Turenne, dá sobre Merci junto á Nordin-gue, e alcança terceira victoria, tão gloriosa como as precedentes. Morreo o illustre Merci do mesmo modo, que Fuentes. Turenne vencido em Mariendal.

Prepara-se o Principe para tomar Dunkerque aos Hespanhoes (1646.), e de lá he mandado para Catalunha, onde se precipita no sitio de Lerida, por falta de soccorros necessarios. Esta fatalidade era hum triumpho para os seus invejosos: pois 1645 Batalha de Norlingue.
 que Tomada de Dunkerque.

Batalha
de Lens
em 1648.

que as paixões de Corte se defenfeadaõ com o bem, e mal públicos. Mas no seguinte anno (1648), renovou Condé as suas penas com a batalha de Lens em Artois, a qual venceo contra o Archiduque Leopoldo, irmão do Imperador. A sua fallia militar, antes do combate, vale mais do que todos os discursos, com que os antigos enchem as suas narrações. *Amigos, lembrai-vos de Rocroi, de Friburgo, e de Nerdlingue.*

Guerra
em Italia,
motivada
pelos Barberinos.

Em Italia se combatia tambem contra Hespanha. Os Barberinos, sobrinhos de Urbano VIII., defavindos com Innocencio X. seu Successor, tendo achado azilo em França, e estando Mazarino defcontente do Papa, por negar a seu irmão o Chapeo de Cardeal; esta contenda particular influio nas operações geraes. Fez-se a guerra nas côstas de Toscana, a fim de se chegarem mais perto de Roma. O sitio de Orbitello se levantou; e todavia Piombino, e Porto Longone foram tomados. Fez então Innocencio tudo, quanto se desejava; e deste modo certos intereffes pouco importantes se misturaõ quasi sempre com os motivos mais especiosos, que fazem correr prodigamente o sangue humano.

Opprimido com o peso da guerra, Filipe IV., naturalmente bom, porém frou-

frouxo , e governado por validos , não achava recurso no seu Povo. Os Estados de Aragão não quizeraõ em 1645 dar juramento de fidelidade a seu filho ; pois requeriaõ que se restabelecesse anteceden-
 temente o privilegio dos Aragoneses , de não pegar em armas fóra da sua Patria. Esta negativa , e reclamação só poderiaõ ser inspiradas por hum grande descontenta-
 mento ; e querendo pelo menos diminuir o número dos seus inimigos , faz hum Tratado de paz com as Provincias Unidas , e reconhecendo a sua independen-
 cia , abandona lhes todas as suas conquistas.

Filippe
 IV. oppri-
 mido com
 a guerra.

Filippe faz
 a paz com
 Hollanda.

Esta República , conforme os encar-
 gos a que estava obrigada , não devia tra-
 tar sem ouvir a França , a quem devia os
 maiores favores. Mas em materia de po-
 litica , o interesse , ou a necessidade actual
 excede aos serviços passados ; e como a
 primeira Lei de qualquer Estado he a sua
 propria conservação , julgaõ se desobriga-
 dos , assim que as obrigações deixaõ de
 concordar com o bem do Estado. Prin-
 cipiava a temer mais a França , do que a
 Hespanha ; pois obtinha de huma tudo
 quanto podia desejar , e não queria con-
 tribuir para hum augmento excessivo de
 outra. Se ella pareceo ingrata , tinha ra-
 zões para córar a sua ingratidaõ. O Tra-

Que abã-
 dona á
 França por
 politica.

tado concluido em 1647, não foi affignado, fenaõ em Janeiro de 1648. Em virtude deste Tratado se terminou huma guerra de oitenta annos, em que o heroismo da liberdade tinha renovado com esplendor os prodigios da antiga Grecia.

Sobleva-
ção em
Napoles, e
em Sicilia.

Nunca a Monarquia Hespanhola se tinha visto reduzida a tanta frouxidaõ, e abatimento. O Reino de Napoles está tambem a ponto de livrar-se do poder Hespanhol. Alguns impostos pesados, e as vexações dos Vice-Reis, e dos Subalternos, soblevaõ aquelle Povo naturalmente sedicioso. Hum Caldeireiro chega a ferir em Palermo hum Capitaõ de soblevados; e toda a Sicilia, excepto Messina, imita os furores da plebe de Palermo. Em Napoles, hum Pescador chamado Maza-niello, representa o mesmo personagem. Em cumprimento das ordens são mortos cruelmente os Officiaes dos erarios, e parte da Nobreza; rouba-se; comettem-se mil violencias. Morreo tambem Maza-niello ás mãos dos amotinadores. Hum Nobre, que o substitue, he igualmente degollado. Appresenta-se terceiro Capitaõ, e propõe estabelecer huma República debaixo da protecção da França. Este projecto he adoptado, e chamado o Duque de Guiza, cuja familia tinha pretensões sobre Napoles. Parte elle de Roma, onde

1647
O Duque
de Guiza
acclamado
Doge.

di-

diligenciava a annullação do seu matrimonio, expõe-se aos maiores perigos, passa por entre a fróta Hespanhola, chega quasi só, e o Povo lhe confere ancioso o titulo de Duque. (1647.)

Era Mazarino, como devia, a favor da empreza; e todavia não mandou soccorros ao Duque, suspeitando talvez que aspirasse ao titulo de Rei. Tudo socegou em breve tempo, quer em Sicilia, quer em

Festimo
successo da
sua empreza.

Napoles. Atreído o Duque de Guiza pelo mesmo homem, que o tinha attrahido, foi mandado preso para Hespanha, onde ficou quatro annos em hum cruel cativeiro.

Os Napolitanos soffrêraõ terriveis execuções: contaõ-se até quatorze mil cruelmente mortos. — “Nenhum Povo, diz Gian-

Os Napo-
litanos in-
capazes de
liberdade.

„ none na sua Historia deste Reino, he
„ mais cobizioso, e menos capaz de li-
„ berdade, do que o Povo de Napoles:
„ inconstante no seu estylo de proceder,
„ e nas suas affeições, não tendo opiniaõ
„ alguma estabelecida, aborrece o pre-
„ sente; e á satisfação das suas impetuo-
„ sas paixões, ou teme ou tem grandes
„ esperanças para o futuro. „ Semelhante Povo deve passar subitamente da rebelião a huma especie de cativo.

Deste modo abraçava a guerra a Europa, e com tudo tratava-se em Westphalia, des de 1644, para huma paz geral.

Negocia-
ções de
Westpha-
lia.

Estas negociações , infinitamente complicadas , e difficultosas , são conhecidas pela Obra curiosa do P. Bougeant. Mil direitos , ou pretensões para conciliar-se , mil interesses para respeitar , religiões inimigas para defarmar , o cáhos do governo Germanico para desenvolver , o despotismo Imperial para enfrear , todas as Potencias para satisfazer , ou ao menos reunir em hum unico systema de pacificação : esta a maior obra de semelhante natureza , que já mais se emprehendeo. Os Condes de Avaux , e Servien , Plenipotenciarios de França , e o filho do Chanceller Oxenstiern , e Salvio , Plenipotenciarios de Suecia , dividirão entre si a gloria deste Tratado. Os primeiros tratavaõ em Munster , com os Catholicos ; e os segundos em Osnabruck com os Protestantes : porém nada se devia decidir , senão de concerto entre si.

Interesses,
que demo-
ravaõ a sua
conclusão.

Se huma , ou outra das duas Potencias tivera concluido separadamente a paz , teriaõ os inimigos adquirido muito em semelhante tratado : motivo porque elles se valiaõ de toda a sua astucia para este fim. Os Suecos foraõ muitas vezes abalados , ou por causa de vantajosos offerecimentos , ou porque as suas victorias deviaõ impôr a Lei. Conhecêraõ elles que o mais seguro era não se desanexarem da França.

Pre-

Pretendiaõ ambas as Coroas huma satisfação, e queriaõ que fosse consideravel, á custa do Imperio. O Imperador disputava o terreno : continuavaõ a combater-se : os acontecimentos da guerra, felices, ou infelices, faziaõ variar continuamente o plano dos negociadores ; e a politica fraudulosa, introduzida na Europa des do seculo decimo quinto, mostrava com muito ardor todas as suas subtilezas. He por ventura de necessidade que os interesses da humanidade tenhaõ tão pouca ponderação entre os negocios públicos?

Finalmente a campanha de 1648 obrigou Fernando III. a render-se. Tendo o Duque de Baviera quebrado a neutralidade, que recentemente promettêra, une-se o famoso General Sueco Wrangel com Turenna para dar sobre o seu Eleitorado. Ambos estes Generaes vencem os Imperiaes, tomam Donawert, e saqueam a Baviera. Koningmarck, outro Sueco não menos célebre, lança-se contra a Bohe-mia, entra até Praga, toma a pequena Cidade, e a abandona ao saque: faz nella espolio immenso, avaliado em perto de sete milhões de escudos, unicamente pela parte, que tocava á Rainha de Suecia. A Cidade antiga estava sitiada, quando se recebêraõ as noticias da paz. A extremidade, em que o Imperador se acha-

1648
Campanha fatal
para os
Imperiaes.

va, a paixão que a Rainha Christina tinha pelo estudo, e bellas artes, tinhaõ apreßado a sua conclusaõ; e Mazarino, ameaçado com hum guerra civil, se tornou mais tratavel.

Tratado
de West-
phalia.

O Tratado de Westphalia foi solememente assignado em Munster a 24 de Outubro de 1648. Esta a base de todos os Tratados posteriores, e esta Lei fundamental do Imperio; importa saber quaes saõ os seus principaes artigos. A substancia, que delles dá M. Pfeffel, no Epitome Chronologico da Historia de Alemanha, taõ clara me parece, e taõ instructiva, que julgo dever copialla aqui com muito poucas mudanças.

Satisfações dadas ás Potencias.

Satisfa-
ções para
França.

FICA França com a Soberania dos tres Bispados, Metz, Toul, e Verdun; e com a Cidade de Pinherol; com Brisac, e suas dependencias; com Sungavia, com os Landgraviatos da alta, e baixa Alsacia, e com o direito de ter guarnição em Friburgo. --- A Suecia, além de cinco milhões de escudos, fica com o Archebispado de Bremen, e com o Bispado de Verden secularizados, a Pomerania ceterior, Estetin, a Ilha de Rugen, Wismar no Ducado de Meckelburgo; tudo pa-

Para Sue-
cia.

para se haver como feudo do Imperio , com tres votos na Diéta. --- O Eleitor de Brandeburgo he indemnifado da perda da Pomerania citerior , por meio da cessaõ do Bispado de Magdeburgo secularifado , e dos Bispados de Halberftad , Minden , e Camin -declarados Principados seculares , com quatro votos na Diéta. --- Os Duques de Meckelburgo ficao , em troca de Vifmar , com os Bispados de Schwerin , e Ratzburgo , erigidos igualmente em Principados seculares. --- Os Duques de Brunswick-Luneburg-Hannover ficao com a alternativa perpetua do Bispado de Osnabruck ; de modo que a hum Bispo Catholico , Eleito pelo Cabido , deve succeder hum Bispo Protestante desta Casa. --- O Landgrave de Hesse-Cassel fica com seis centos mil escudos , e terras. ---- O Eleitor Palatino he restituído á posse do Palatinado inferior , &c. , e estabeleceo-se em favor seu huma oitava Dignidade Eleitoral , que será supprimida , se hum , ou outro dos dous ramos da sua Casa , de Baviera , ou o Palatino , vier a extinguir-se. --- A República dos Suiffos he declarada Soberana , e isenta da jurisdiçaõ do Imperio. --- Todos os mais Principes , e Estados do Imperio são reftabelecidos ás terras , direitos , e prerogativas , de que gozavaõ antes dos

Para Brã-
deburgo.

Para os
Duques de
Meckel-
burgo ;

Para os
Duques de
Hannovers

Para o
Lãdegrave
de Hesse-
Cassel ;

Para o Pa-
latino , oi-
tavo Elci-
torado ;

Para os
Suiffos.

Para os
Estados do
Imperio.

tumultos de Bohemia, e no anno de 1619.

Disposições relativas ao Estado da Religião.

Regula-
mentos a
respeito da
Religião
no Impe-
rio.

CONFIRMA-SE em toda a sua exten-
são a transacção de Passau de 1552, e a
paz de Religião de 1555. --- Os Calvi-
nistas participarão de todos os direitos
dos Lutheranos. --- Todos os bens Eccle-
siasticos, possuidos pelos Protestantes em
1624, e pelo Eleitor Palatino em 1619,
devem ficar-lhes. --- Todo o Beneficiado,
Catholico, ou Protestante, perderá o seu
beneficio, se mudar de Religião. --- To-
do o membro immediato do Imperio te-
rá o direito de mudar, e reformar a Reli-
gião nas suas terras, quanto permittirem o
estado de 1624, e os pactos feitos com
os seus vassallos. --- Os vassallos, que aban-
donarem a Religião recebida na sua Pa-
tria em 1624, poderão ser tolerados pelo
seu Principe; porém se o Principe não lhes
quizer conceder a liberdade de conscien-
cia, será obrigado a dar-lhes tres annos
para sahir dos seus Estados. --- A Came-
ra Imperial será composta de vinte quatro
Membros Protestantes, e de vinte e seis
Catholicos. O Imperador receberá no Con-
selho Aulico seis Protestantes. --- Eleger-
se-

se-ha para as Dietas da deputação hum igual número de estados Catholicos, e de Protestantes, excepto quando forem convocados por causa extraordinaria: neste ultimo caso, todos os Deputados serão Protestantes, se a causa respeitar aos Protestantes, e o mesmo dos Catholicos. --- Assim na Dieta, como em todos os Tribunaes do Imperio, não se poderá concluir cousa alguma pela pluralidade de todos os votos Catholicos contra todos os votos dos Protestantes. --- Se nas Dietas o voto do *Corpo Evangelico* se achar contrario ao voto dos Catholicos, não se poderá determinar nada, senão pela via de composição amigavel. Se o mesmo succeder em ambos os Tribunaes do Imperio, neste caso serão transferidas as causas para a Dieta geral. (Outras tantas precauções, para que a Religião do Imperador não opprima a outra.)

Regulamentos relativos ao governo público.

OS Principes, e Estados de Alemanha, juntos em Dieta, terão voto decisivo em todas as deliberações do Imperio, especialmente quando se tratar de publicar Leis novas, ou de interpretar as antigas, declarar guerra, levantar tropas,

Governo
público do
Imperio.

ex-

exigir contribuições , pôr subsidios no Imperio , edificar fortalezas , fazer a paz , e allianças ; e a sua approvação será especialmente requisita. O Collegio das Cidades Imperiaes terá do mesmo modo voto decisivo. --- Em todas as deliberações a respeito das materias , que poderem ser prejudiciaes a qualquer Estado do Imperio , não se decidirá cousa alguma , senão por via de hum ajuste amigavel. --- O Conselho Aulico seguirá a ordenação , e os procederes usados no Tribunal Imperial. --- Confirma-se a todos os Estados em particular o direito de fazer allianças com os Principes estrangeiros , com tanto que não sejaõ nem contra o Imperador , nem contra o Imperio.

Roma , e
Hespanha
oppostas
ao Trata-
do.

Tal he a substancia de hum Tratado tão essencial para a tranquillidade da Europa , e particularmente para a de Alemanha. França , e Suecia ficáraõ por fiadoras de todos os seus artigos , Innocencio X. os annullou em virtude de huma Bulla ; mas muito pouco poder tinha huma Bulla para os romper. Filippe IV. não quiz fazer a paz , porque via atear-se em França a guerra civil , e esperava aproveitar-se della.

França , e
Suecia es-
tabelecê-
rão o Di-

Finalmente , depois de trintá annos de tumultos , e crueis mortandades , vêmos estabelecido o socego , e a boa or-
dem

dem na constituição Germanica. Os Francезes , e os Suecos pôdem ser considerados como Legisladores do Imperio, onde as suas armas fizeram tamanhas afloções. Sem elles , não teria podido o Chéfe unir-se com os Membros , nem os Membros huns com os outros , e sem elles , a differença de Religião teria sido huma origem eterna de discordias. Satisfazer os Protestantes á custa da Igreja , foi a traça principal dos negociadores. Os Principes Catholicos , não perdendo nada dos seus Dominios , e adquirindo as utilidades da liberdade , e da paz , consentirão com tão pouco custo em semelhante tratado , do qual tinha Roma de lamentar-se amargamente , que se achavaõ impossibilitados de sustentar ainda a guerra. Fernando III. tinha tudo para recuar pelos seus Estados hereditarios , e a necessidade o constrangeo a dar o seu consentimento. Era necessario que o despotismo de Fernando II. cedo , ou tarde libertasse a Alemanha , assim como as desordens violentas cedo , ou tarde trazem o socego , e a boa ordem a todos os Paizes.

reito Ger-
manico.

O que
contribue
mais para
o feliz suc-
cesso.

Quanto ao mais , esta liberdade Germanica em geral he o bem dos Principes , e não o bem dos Póvos. Em vários Estados do Imperio subsiste a antiga es-

A liberda-
de Germa-
nica pouco
conhecida
entre o
Povo.

cra-

cravidaõ ; e nelle vêmos os Soberanos , muito zelosos dos seus direitos a respeito do Imperador , e pouco interessados pelos da humanidade a respeito dos seus vassallos. Os Estados são livres , o Povo he servo , e opprimido. Em Alemanha , assim como em outra parte , são muitas vezes as Leis a favor dos Grandes contra os pequenos.

C A P I T U L O II.

*Guerra civil em França contra Mazari-
no. --- Continuação da guerra
com Hespanha.*

Ódio con-
tra o Car-
deal Ma-
zarino.

AS negociações de Westphalia se encaminhavaõ ao seu fim , e faziaõ respeitavel a toda a Europa o Ministerio de França , quando huma guerra civil se ateava em Pariz contra o Rei , ou para melhor dizer , contra o seu Ministro. Era impossivel que hum estrangeiro , senhor do Governo , deixasse de chegar a ser o objecto da inveja , odio , e intrigas. Posto que o Cardeal Mazarino tivesse muita astucia para imitar no principio a ostentação , e altivez de Richelieu ; a sua fortuna , o seu poder , e as públicas necessidades davaõ materia sufficiente para os des-

descontentes. A authoridade Real , nas suas mãos , inspirava pouco respeito , e se acaso Mazarino chegasse a abusar , ou parecesse sómente abusar della , tudo inspirava rebelliaõ.

Depois que as guerras , prolongadas , e multiplicadas infinitamente , absorviaõ prodigiosas quantias ; depois que ellas mais se faziaõ com o dinheiro , do que com as armas , he incomprehensivel que os Erarios fossem sempre desprezados : como se Henrique IV. , e Sulli tivessem vivido n'outro mundo ! Em vez de seguir o seu systema de economia , arruinando os Póvos se arruinavaõ a si mesmos. Setenta e cinco milhões , em que importavaõ , pouco mais ou menos , os rendimentos do Estado , muito menos empenhado do que hoje em dia , não eraõ sufficientes para as necessidades ; e com tudo os exercitos eraõ pouco numerosos. Hum Italiano , chamado Emeri , de origem escura , homem cubicofo , e desperdiçado , Superintendente dos Erarios , recorreo a certos Edictos pecuniarios tão odiosos , quanto tinhaõ de ridiculos. Os salarios dos Magistrados não se pagáraõ ; diminuiã-se alguns quarteis das rendas ; as murmurações se manifestavaõ , o Parlamento resistia , e a fedizaõ estava a ponto de inflammarse.

Pessimo
estado dos
Erarios.

Emeri Su-
perinten-
dente.

Edictos
pecunia-
rios.

Hu-

Resolu-
ção de
união an-
nullada; e
o Ministro
ridiculisa-
do.

Huma resolução de união entre os Tribunaes Soberanos de Pariz, resolução passada ultimamente pelo Parlamento; inquietou o Ministro, e foi annullada pelo Conselho. Defendendo os Magistrados que a sua união nada tinha de reprehensível: “Seria necessario obedecer ao Rei, disse „ Mazarino, se o Rei prohibisse trazer „ gravatas ao pescoço; o crime mais pro- „ cede da prohibição, do que da cousa „ prohibida. „ Podia-se facilmente imagi- nar que elle prégava obediencia cega a huns monges. O seu extravagante discurs- so, e a má pronunciação o expuserão ás sátyras ridiculas, em que o ridiculizavaõ. Infinitas foraõ as canções, que lhe fizeraõ. O desprezo com o odio augmentou o attrevimento dos sediciosos.

1648
Occasião
das trin-
cheiras.

Esquecendo-se o Parlamento dos li- mites da sua jurisdicção, aboliu os In- tendentes da Provincia, instituidos por Luiz XIII. ; e indignada a Cortê preten- de mostrar o seu poder. Ao mesmo tem- po que se canta o *Te Deum* em acção de graças pela victoria de Lens, hum Presidente, e hum Conselheiro, dos mais attrevidos nas deliberações, saõ pre- sos por ordem do Cardeal. Subleva-se nesta occasião o Povo, estende cadeias pelas boccas das ruas, atira ao coche do Chancellor, fôrma trincheiras, mata al- guns

guns soldados , e os dous prisioneiros ficaram livres.

Depois desta prova da frouxidão do Ministerio , devem-se esperar outros movimentos mais violentos. O Arcebispo Coadju-
tor, Chêfe de rebel-
liaõ.
jutor de Pariz , depois Cardeal de Retz , homem revoltoso , traveço , sedicioso , e devaço , anima os inimigos da Corte , inflamma o Povo , arrasta o Parlamento ao seu partido , e atea em breve tempo a guerra civil. Os Criticos (este o nome que se dá aos rebeldes) obrigaõ a Regente a retirar-se para S. Germano com o Rei ainda minino. Tendo estes na sua frente o Principe de Conti , irmão do grande Condé , os Duques de Longueville , de Beau-
forte-Vendome , de Bulhon , &c. Condé , posto que descontente , abraça o partido da Corte , e bloquea a Capital , onde o Parlamento levanta hum Exercito.

O que ha mais digno de observação nesta guerra , he a ridicularia , que nella havia. Tudo era materia para bons ditos , e para canções. As mulheres tinhaõ toda a authoridade , e faziaõ grande figura : ordenavaõ o combate , pro , ou contra o Rei. O virtuoso Turenna abraçou a rebelliaõ ás instancias da Duquesa de Longueville , irmã de Condé , e o Duque de Rochefoucault , célebre por causa das suas maximas moraes , aniquilou a sua
Loucura,
e galanta-
ria na
guerra ci-
vil.
pro-

propria reputação com os seguintes versos feitos em honra da mesma Princeza:

Para ter em seu peito livre entrada ,
E alcançar de seus olhos a alegria ,
Fiz guerra aos fortes Reis com mão armada ,
E aos mesmos altos Deoses a faria.

Este espirito de galanteio frivolo não cessava , des do tempo de Francisco I. , de influir nos negocios públicos: que infelicidades não devia elle produzir , á proporção que os costumes se enervassem com a brandura , e laxidão , e se corrompessem com a avareza , e prodigalidade!

1650
Príncipes
presos.

Como que tudo se accommodou em 1649. Publicou-se hum perdaõ geral; a Corte voltou para Pariz. Mas no anno seguinte , o Principe de Condé , que despresava o Cardeal , e tinha pretensões ilimitaveis , foi preso com o Principe de Conti , e com o Duque de Longueville. Não podia Mazarino ter maior attrevimento. O Povo distinguio a sua natural inconstancia , celebrando com illuminações a injusta prisão d'aquelles mesmos , que tinha honrado , e venerado como seus Pais , e seus defensores. Breve foi este triumpho do Ministro , porque a sua prudencia o abandonou. Julgando-se o Cardeal livre já de todo o perigo , maltrata o Duque de Orleans , Gastaõ , prestes sempre a passar de hum para outro partido ; e irrita os

Cri-

Criticos , que respiravaõ ainda a fedigaõ. O Parlamento requer a liberdade dos tres Principes, e desterra o Cardeal para sempre. Vai este soltar per si mesmo os illustres prisioneiros , na esperanza de os ter pela sua parte , e a favor dos seus interesses ; mas recebendo delles sómente alguns signaes de desprezo , retira-se primeiramente para Liege , e depois para Colonia , donde governa a Regente , como senão tivera sahido da Corte. Finalmente rebela-se Condé ; mas Turenna abraçou o partido Realista. Deste modo os Heróes da Pátria hora a acomettem, hora a defendem , levados de huma especie de delirio , e guiados ou pelo interesse , ou pela obrigação.

Seguindo Mazarino o exemplo de Concini , entra novamente no Reino com hum pequeno Exercito. Fulmina o Parlamento contra elle huma sentença de proscripção , e promete cincoenta mil escudos pela sua cabeça ; regulando-se pela quantia antigamente promettida , n'hum seculo de fanatismo , pela cabeça do Almirante Coligni. Chega a demencia ao extremo de deputar Magistrados , que hajaõ de informar contra o Exercito do Ministro. Outra sentença declara o Principe de Condé criminoso de Estado : porque as contradições nascem aos montes

1651
Mazari-
no desterrado pelo
Parlamento.

Mazari-
no volta
para o Reino, e a sua
cabeça he
põsta a
preço.

Sentença
contra o
grande
Condé.

do

do espirito de partido, e intriga. Acaba então Luiz XIV. a sua menoridade, e transferindo o Parlamento para Pontoise, hum pequeno número de Membros obedecem, e a maior parte ficáraõ. Assim vinha a haver então dous Parlamantos.

1652
Condé, e
Turenne
hum con-
tra o ou-
tro.

O Rei, sua Mãi, e o seu Ministro andavaõ errantes pelas Provincias. Pouco faltou para que Condé não se ahenhoreasse delles em Gien junto ao rio Loira, depois de ter sorprendado o Marechal de Hocquincourt. Salvou-os Turenne por meio da sua habilidade. Marcha para Pariz a Corte, dirigida pelo seu defensor: da-se o combate de Santo Antonio, no arrabalde deste nome, onde ambos os Generaes obraõ prodigios. O Exercito Real estava victorioso, quando a Princeza, filha do Duque de Orleans, mandou atirar a peça de artilharia da Bastilha, que obrigou Turenne a retirar-se.

Fim da
Critica.

Como o odio, que todos tinhaõ ao Ministro parecia implacavel, consentio o Rei em apartallo de si, e o despedio elogiando-o por meio de huma declaração. Os Parisienses abriraõ com jubilo as portas ao Soberano: tudo se mudou: o Duque de Orleans foi acabar os seus dias no desterro: o Cardeal de Retz, author principal dos tumultos, foi preso: Condé, infeliz na rebelliaõ, tinha-se alliado com

os Hespanhoes: nem por isso ficáraõ mais pacíficos em Pariz. Aos tumultos da Critica succedeo hum socego taõ grande, que Mazarino, no principio de 1653, appareceo tranquillamente na Corte, recobrou toda a sua authoridade, foi cortejado por todos, e ainda pelo proprio Parlamento. Digna conclusaõ de huma guerra absurda, que só merecia ser escrita em versos burlescos, como Condé dizia, depois de ter feito figura nella. A intriga, ou cabala deste Principe foi chamada, o partido dos *petits-maitres*, por quererem senhorear-se do Estado. Observa Voltaire que o nome de *petit-maitre*, applicado hoje em dia á mocidade louca, e mal educada, e o nome de criticos, que se dá aos censores do governo, são os unicos vestigios, que ficáraõ destes tumultos. O Ministro Italiano zombava sem dúvida, no intimo do seu coração, da extravagancia Franceza; e applaudia-se sem dúvida de huma inconstancia taõ favoravel ás suas idéas.

Mazarino
no triun-
fante.

Os *petits*
maitres.

Sem embargo da fraqueza, em que os Hespanhoes estavam, souberaõ aproveitar-se das dissensões da França. Em 1652, restauráraõ Barcelona, depois de quinze mezes de sitio; tomáraõ Casal ao Duque de Saboya, e restituindo esta Praça ao Duque de Mantua, alcançáraõ a sua al-

Utilidades
dos Hespa-
nhos, du-
rante a
guerra ci-
vil.

liança ; e acomettêraõ Gravelines , e Dunkerque. O fruto das antigas victorias de Condé perdeu-se inteiramente ; e elle armado contra a Pátria , tella-hia exposto aos maiores perigos , se Turenne não tivera combatido a favor d'ella. Ambos estes competidores attrahiraõ as attenções de toda a Europa. Turenne tinha sido vencido em Rethel no anno de 1650 pelo Marechal de Pleffis-Praslin , quando elle combatia a favor dos Hespanhoes. Defendendo o seu Rei , e a França , pareceo sempre invencivel.

1654
Arras fallada por
Turenne.

Marcha Turenne em soccorro de Arras , sitiada pelo Archiduque Leopoldo , e o Principe de Condé : acomette as suas linhas , obriga o Archiduque a fugir , e fô a Condé a gloria de huma retirada admiravel. Mazarino , que estava distante algumas legoas da Cidade , ridiculifou-se em attribuir a si a honra desta campanha.

Tratado da França cõ Cromwel.

Manchado Cromwel , com o sangue de Carlos I. , fazia a Inglaterra florecente , como em breve tempo referiremos. França , e Hespanha pretendiaõ a sua aliança , e sacrificavaõ deste modo a causa da Magestade Real aos seus interesses proprios. O Cardeal , á força de brandura , e bem se poderia dizer que de baixeza , teve feliz exito nesta negociação. Concluiu o Tratado em 1655 , com a condi-
ção

ção de fazer fahir do Reino Carlos II., e o Duque de York, os netos de Henrique IV. Não se fez caso dos clamores dos Hespanhoes, que deverião ter-se calado, pois que se tinhaõ abatido a procedimentos semelhantes; e a França aproveitou-se de hum alliança tão util.

Valenciana, cujo sitio faziaõ os Marechaes de Turenne, e de Ferté, foi libertado em 1656 pelo Principe de Condé, unido com D. João de Austria, filho natural de Filippe IV. Rompendo-se hum dique de communicacão, que havia entre os quartéis dos dous Marechaes, acometêraõ as linhas do segundo. Mas salvando Turenne o Exercito, pouco tempo depois tomou Capella. Cambrai foi tambem por elle sitiada em 1657; e lançando-se o Principe de Condé á Praça com desoi-to esquadrões, vê-se Turenne obrigado a levantar o sitio.

Continua-
ção da
guerra.

A Campanha seguinte devia ser decisiva a favor das armas Francezas. Vinte e nãoz Inglezas bloqueaõ o porto de Dunkerque, ao mesmo tempo que Turenne, tendo seis mil Inglezes no seu Exercito, investio, e acometteo esta Cidade. D. João, e Condé vem em seu soccorro. Acomette-os o Marechal perto de Dunes, e alcança completa victoria. O Principe de Condé tinha vaticinado o successo, á

1658
Batalha de
Dunes vên-
cida por
Turenne;
tomada
de Dunker-
que.

vista das más disposições que a seu pezar se tinhaõ tomado: entaõ mais que nunca o seu animo altivo se affligio sem dúvida, vêndo a dependencia a que o reduziaõ os seus deploraveis erros: Capitula Dunkerque; os Inglezes tomaõ posse desta Praça, como se tinha ajustado com Cromwel: Furnes, Dixmude, Oudenarde, Menin, Ipres, e Gravelines, ficaõ debaixo do poder da França: e opprimida a Hespanha entra a tratar da paz.

Dous objectos interessantes se apresentaõ, antes dos Tratados dos Pyreneos: hum he o reinado de Cromwel em Inglaterra, e o outro a abdicacão da famosa Christina, Rainha de Suecia. Collocando-os neste lugar, seguiremos a boa ordem das cousas, e evitaremos digressões, que depois nos desviariaõ do nosso fim.

C A P I T U L O III.

Républica de Inglaterra no tempo de Cromwel.

Differen-
ça da guer-
ra civil em
França, e
em Ingla-
terra.

AO mesmo tempo que se fõrmavaõ as ridiculas cabalas da Critica, condemnado Carlos I., á mórtre pelos seus vassallos, tinha sido degollado em 1649. (Jul-

guei

guei que devia referir consecutivamente os seus infortúnios na época precedente.) Os Inglezes fizeraõ a guerra civil como furiosos ; os Francezes com huma levian-dade digna de compaixaõ. A razãõ he, porque , além da differença de caracter entre ambas as Nações , o objecto , e as circumstancias da guerra eraõ em tudo muito differentes. Em Inglaterra , pretendiaõ , eu aniquilar a Realeza ; ou coarctar muito as suas prerogativas : em França , só cuidavaõ em desfazer se de hum Ministro Estrangeiro que abominavaõ. Em Inglaterra , hum fanatismo atroz transportava os sediciosos : em França , o mesmo Coadjutor não se valia de pretexto algum de Religiaõ. Em Inglaterra , hum vasto engenho , taõ profundo como attrevido , era a alma , e o executor das emprezas : em França , não havia Chéfe , que tivesse plano determinado , ou que o soubesse seguir com vigor constante. Era necessario hum Oliveiro Cromwel , para executar a revolução de Inglaterra ; eraõ-lhe necessarios huns fanaticos animados do seu espirito.

Este homem extraordinario , bem nascido , mas pobre , sem letras , nem cultura , desordenado na mocidade , rigorista , e entusiastico depois das suas desordens , cheio de idéas estravagantes ,

Retrato
de Crom-
wel.

e supersticiosas ; dotado todavia de todos os talentos politicos , e militares , especialmente do talento de conhecer os mais homens , communicar-lhes as suas paixões , e obrigar-llos a abraçar os seus intentos ; tinha sido desconhecido até a idade de quarenta e quatro annos , quando a Cidade de Cambridge o nomeou para seu Deputado. Sendo incapaz de moderação , posto em campo contra a causa Real , não tendo na bocca senão as devotas extravagancias do fanatismo , alcançou em breve tempo hum grande nome na seita dos Puritanos. As suas proezas o fôraõ guiando pouco a pouco para o governo ; e dispôz tão bem os animos , aproveitou-se com tanta capacidade das occasiões , que chegou a ser o oraculo , e senhor daquelles impetuosos Republicanos , cujo atrevimento destruiu , assim as Leis , como o Throno.

Sobjuga
Cromwel
os Irlandezes ,

Depois do supplicio do Rei , a Camera baixa , reduzida a quasi oitenta Membros furiosos , abolio a Camera dos Pares , e declarou que não havia mais Monarquia. Partio Cromwel a subjugar Irlanda , onde o Marquez de Ormond defendia a boa causa , e tomou de hum assalto a Cidade de Tredah ; mandou passar ao fio da espada huma guarnição numerosa ; e de tal sorte espalhou o terror,

e a desesperação, que mais de quarenta mil Irlandezes abandonáraõ a Pátria para entrar no serviço dos estrangeiros. Este Povo, soblevado por hum Nuncio do Papa contra o Rei em 1646, tinha-se mostrado depois sinceramente Realista, talvez em odio dos Presbyterianos.

Não tardou muito tempo que Escocia não experimentasse o jugo. O generoso Marquez de Montrose, fiel á Coroa, havia sido excommungado, como rebelde á *convenção*, depois enforcado, e os seus Membros dispersos pelas Cidades principaes. Carlos II., herdeiro do Throno de seu Pai, tinha-se lançado todavia nos braços dos Escossezes, por não ter outro algum recurso. Tinha-se sujeitado ás humildes condições, que lhe impunha o seu fanatico zelo; porém sendo mais hum escravo, do que Rei entre os Escossezes, apenas tinha hum sombra de authoridade. Marcha o Exercito Parlamentario, commandado por Cromwel, contra Carlos II.; e os Escossezes, intrincheirados sobre os altos, podiaõ vencer sem combate. Os seus Sacerdotes, profetizando hum victoria mais gloriosa, obrigaõ o General Lesley a descer, e a dar batalha. Fica entaõ Cromwel vencedor logo ao primeiro recontro, e esta batalha de Dumbarr arruina as esperanças de Carlos, que
naõ

Depois os
Escossezes.

Carlos II.
em Escocia.

Batalha de
Dumbarr.

naõ se achou na acção. Naõ estando o Cléro satisfeito do seu procedimento, foi Carlos chamado do campo, onde era adorado pelos soldados. (1650.)

Batalha
de Worcester.

Reduzido o Rei no seguinte anno, a fugir, passa valerosamente para Inglaterra, ao mesmo tempo que o seu oppressor acaba de domar a Escocia. Naõ era o Rei esperado em Inglaterra. Admirados os seus seguidores ajuntão-se, e sem tomar precaução alguma. Dobra entã Cromwel a sua actividade, convoca as milicias, une-as com as suas tropas, dá sobre o Rei em Worcester, toma a Praça, e faz hum ma cruel, e horrorosa mortandade. Disfarça-se o infeliz Carlos; occulta-se hum dia inteiro sobre hum carvalho, e anda vagabundo quarenta dias por entre os seus inimigos. Ninguem ao menos tem a cobardia de lhe ser trahidor, a pesar de tantos motivos de trahição; e achando hum navio embarca-se nelle, e parte para França. (1651.)

Fugida do
Rei.

Cromwel,
General
em Chéfe.

Tinha Fairfax, General do Parlamento, feito demissão do seu posto antes da expedição de Escocia, fazendo escrupulo de violar a *convenção*, liga sagrada dos fanaticos de hum, e outro Povo. O artificiozo Cromwel, que o conhecia inflexivel nas suas idéas, tinha affectado combater fortemente o seu intento de abdi-

cação, e enganado os simples por meio de hum moderação hypocrita. Revestido Cromwel do mando de General, e senhor do exercito, em que residia todo o poder, esperava o instante de exaltar-se muito mais.

Em breve tempo a República Inglesza (porque os tyrannos tomavaõ este titulo magestoso) mostra-se formidavel aos seus visinhos, e se embarça com Hollanda, cujo commercio excitava a sua inveja. O famoso *Auto de navegação* prohibe aos Estrangeiros a entrada de qualquer fazenda, que não seja fructo do seu territorio, ou producção das suas manufacturas. O que era o mesmo, que cortar quasi todos os ramos do commercio dos Hollandezes em Inglaterra, e obrigar os Inglezes a entregarem-se ao commercio maritimo: cousa nenhuma contribuiu tanto para a prosperidade deste Povo.

Debalde se empenháraõ os Estados geraes em precaver a guerra por meio da negociação: ella se declarou; e posto que os Hollandezes tivessem hum fróta de cento e cincoenta vélas, posto que os seus Almirantes, Trump, e Ruyter, fizessem prodigios de habilidade, e valor, tiveraõ os Inglezes sempre huma superioridade incontestavel, de que foraõ devedores principalmente á grandeza das náos conf-

Républica Inglesa.

Auto de navegação.

Guerra com Hollanda.

construidas no ultimo reinado. Estranha fatalidade he que o imposto das náos, tão util pelo emprego, que d'elle tinha feito Carlos, tivesse servido de pretexto para a rebelliaõ, e depois de meio para fazer triunfante a Nação!

Cromwel
expulsa o
Parlamen-
to.

Estas vantagens inspiravaõ attrevimento ao Parlamento, o qual pretendia libertar se do jugo do Exercito, e da tyrannia de Cromwel. Descobre este entaõ todo o vigor do seu caracter. Sabendo que se trata de huma deliberação contraria ás suas idéas corre ao Parlamento, acompanhado de trezentos soldados, insulta a Junta, e injuriosamente a reprehende: *Retirai-vos*, exclama Cromwel; *que não sois mais hum Parlamento; o Senhor vos rejeitou.* Faz sahir os Membros hum depois do outro, tratando-os de *bebedos, ladrões, adulteros, &c.*, e depois disso manda fechar a falla, e retira-se sem temor. Os seus proprios amigos não o teriaõ julgado capaz de acção tão prodigiosamente attrevida. Nunca se vio cousa semelhante. (1652.)

Outro
Parlamen-
to estabe-
lecido, e
annullado
por Crom-
wel.

Para deixar á Nação alguma sombra de liberdade, fórma outro Parlamento, cheio de fanaticos da infima plebe. Este Parlamento, depois de ter *procurado a Deos na oração*, cahe em delirio, até chegar a declarar as Universidades, e

Scien-

Sciencias, por instituições pagãs, e querer estabelecer a Lei mofayca por fundamento da Jurisprudencia Ingleza. Finalmente tão despresivel se constitue, que tomando Cromwel o partido de o dissolver, o executa sem trabalho.

Então he que o Conselho militar lhe concede por toda a vida o titulo de Protector, usado nos tempos de menoridade, com o direito de justiça, guerra, paz, alliança, e com hum Exercito subsistente de trinta mil homens. O Protector he somente obrigado a tomar o parecer de hum Conselho, a convocar o Parlamento de tres em tres annos, e a tello junto por espaço de cinco mezes completos. (1653.) Tiverão por tanto os Inglezes hum Senhor mais tremendo, do que os ultimos Reis. Os empregos públicos opprimiaõ muito, e a Nação murmurava.

Concedem-lhe o titulo de Protector.

Quando o Parlamento se ajuntou, quiz sujeitar a exame o titulo militar do Protector. Mas Cromwel o obrigou logo a reconhecer a sua authoridade, e não esperou pelo fim dos cinco mezes prescriptos, para despedir estes temerarios. (1654.)

Novo Parlamento subjogado.

Se o Protector opprime o Estado, ao menos faz com que o Estrangeiro o respeite. Obriga a Hollanda a ceder a honra vã da bandeira, pela qual se tinha cruel-

Cromwel opprimindo o Estado, o faz respeitar.

men-

Conquistada da Jamaica.

Blake, grande homem.

Mazarino lifongea a Cromwel com baixeza.

mente combatido : ordena a execução do irmão do Embaixador Portuguez, culpado de hum homicidio, e conclue depois com o Rei de Portugal hum Tratado avantajoso para Inglaterra. Cortejado pelos Ministros de França, e Hespanha, declara-se a favor da primeira destas Coroas; e os Inglezes tomão a Jamaica aos Hespanhoes : conquista preciosa, em razão do assento desta Ilha, e especialmente das plantações, com que a enriquecêrao do proprio producto das suas terras.

No anno seguinte, queima o Almirante Blake huma fióta de Hespanha nas Canarias, a pezar do fogo, que lhe fazia hum castello, e fete redutos. Como grande homem, e bom Cidadão, que era, servia ao Estado sem amar a Cromwel. *Devemos combater pela nossa Pátria*, dizia elle, *sejaõ quaes forem as mãos, em que ella tinha cahido*. Todos os partidos o estimavaõ igualmente: nem ha cousa, que melhor annuncie hum merecimento extraordinario.

Temos visto como o Protector adquirio Dunkerque. Importa accrescentar que Luiz XIV., ou Mazarino, lhe deputou o Duque de Crequi, e o Duque de Nevers, Mancini, sobrinho do Cardeal. Este primeiro Ministro de França, n'hum carta citada por Voltaire, testifica a Cromwel

wel que sente muito não poder ir pessoalmente fazer-lhe as honras devidas ao maior homem do mundo. A que cousas não se abate hum homem por politica !

Para assegurar o seu poder desejava Cromwel annexar-lhe o sello das Leis , e huma administração tão gloriosa lhe dava esperanças de o poder conseguir. Convo- cou em 1657 hum Parlamento , o qual achou docil , e favoravel ás suas vontades , depois de ter excluido delle os Membros suspeitos. Os direitos da Casa de Stuart são logo aniquilados , e depois disso propondo-se que se conferisse ao Protector o titulo de Rei , por pluralidade de votos se manda passar este estranho bil , e se deputaõ Commissarios para lhe offerrecer a Coroa.

Parlamẽ-
to favora-
vel.

Isto mesmo he o que Cromwel tinha na idéa havia muito tempo ; mas recusou-o , ou por temor das conspirações , ou por acceitar , e respeitar os conselhos dos seus amigos , ou em fim por causa dos sentimentos generosos de seu genro , e de seu cunhado , resolutos a abandonar os seus empregos , se acceitasse a Dignidade Real. O Parlamento porém lhe conservou o antigo titulo , augmentando-lhe hum rendimento perpetuo , e o direito de nomear Successor. Este mesmo Parlamento foi annullado como os outros , assim que deixou de

Recusa
Cromwel
a Coroa.

de mostrar-se escravo de hum despotico mal disfarçado.

Penfame-
to de Vol-
taire a este
respeito.

Huma reflexão de Voltaire se offerece neste lugar, talvez mais engenhosa, do que verdadeira. “Cromwel, esse usurpador digno de reinar, tinha abraçado o nome de Protector, e não o titulo de Rei, porque os Inglezes não ignoravaõ até onde deviaõ chegar os direitos dos seus Reis, e não conheciaõ quaes eraõ os limites da authoridade de hum Protector. Se o Exercito, que lhe conferio este titulo, aborrecia o nome de Rei, como quereria Cromwel tomallo naquelle tempo? E quando o ultimo Parlamento lho offereceo, os seus confidentes, e parentes servíraõ-se de todas as razões imaginaveis a fim de o despersuadir de acceitallo. Se este nome tentava a sua oufania, em cousa nenhuma teria com effeito augmentado o seu poder.

Inquieta-
ções, e
môrte do
Protector.

Mas hum grande espectáculo, que deveria sempre convencer os ambiciosos, e que pôde pelo menos servir de consolação aos opprimidos, he vêr a Cromwel consummido dos cuidados, e terrores, que gera a tyrannia, vendo-se abominado por suas proprias filhas, receando ser assassinado em meio das suas guardas, armado de huma coirassa, e outras muitas armas of-

offensivas de que usava, e não se atre-
vendo a dormir tres noites successivas na
mesma camera. As suas inquietações lhe
causarão huma doença mortal. Debalde
profetizou a sua cura; porque, ou pre-
tendia enganar ainda os homens, ou elle
mesmo ainda era enganado pelo fanatis-
mo. Tendo nomeado em fim por seu Suc-
cessor, a Ricardo, seu filho primogeni-
to, morreo em 1658, na idade de 59
annos, no mesmo dia em que alcançara
as victorias de Dumbard, e Worcester.

Vários lances acabarão de descrever
este singular personagem. Em meio do su-
premo poder conservou sempre a auste-
ridade de seus costumes. Depois de ter
sacrificado tudo á sua cruel ambição, foi
observador severo da justiça; e posto que
os móveis secretos do enthusiasmo fossem
o instrumento principal dos seus inten-
tos, zombava com os deistas da loucura
dos seitarios; e soffreo especialmente os
Puritanos, esses fanaticos, cujo zelo fo-
ra o primeiro principio da revolução. Por
outra parte era em geral tolerante; e os
mesmos deistas, a que elle chamava Atheos,
vivião tranquillos á roda d'elle. Todos os
dias se augmentava o seu número, porque
não ha por desgraça cousa mais propria
para crear incredulos, do que as extra-
vagancias, e excessos tão communs na-
quel-

Singula-
ridades
deste ho-
mem ex-
traordina-
rio.

quelle tempo. com o nome de Religião. Quando o espirito humano não tem regra, não se aparta de hum precipicio, que não seja para cahir em outro.

Os Quakers fanáticos ao principio.

Entre as Seitas, que inundavaõ Inglaterra, distingue-se entre as outras a dos Quakers, ou *Tremblarios*, que trazia a sua origem de Jorge Fox, aprendiz de capateiro. Querendo os Quakers seguir o Evangelho á letra, segundo a mania dos entusiasmados, mettiaõ debaixo dos pés o decóro, e usos da sociedade. Todo o juramento lhes parecia hum crime; tratavaõ a todos por tu; e não queriaõ nem Sacerdotes, nem Sacramentos. O seu nome de *Tremblarios* explica os tratos, que faziaõ a si proprios para receber o Espirito Santo. Como o uso das armas era vedado entre elles, o fanatismo menos perigoso era o seu. Tendo presentemente tornado a si do seu delirio, conservaõ as mesmas virtudes, simplicidade, rectidaõ, sinceridade, docilidade, paciencia, amor da justiça, e da paz, sem conservar as mesmas ridicularias; e talvez que a singularidade dos seus modos não seja inutil para á conservação das suas virtudes, porque os vicios da sociedade facilmente se contrahem, quando não ha nem distincção, nem separação da plebe. A Pensilvania, povoada especialmente de Quakers, he a habitação da felicidade.

Suc-

Succedeo Ricardo Cromwel sem opposição a seu Pai; mas não era dotado, nem do genio, nem da constancia, que o seu lugar requeria. Sem usar de intrigas, sem ter ambição, nem fanatismo, com hum caracter docil, e costumes simples, foi logo o ludibrio dos sediciosos. O Parlamento, que convocou, principiava á causar-lhe inquietação. Maiores eraõ as que o exercito lhe causava. Alguns dos principaes Officiaes, e seu proprio cunhado Fleetwood, fomentavaõ intrigas no exercito contra a sua authoridade. Estes pedirã-lhe amotinados a dissolução do Parlamento, o qual lhes tinha prohibido vários ajuntamentos sediciosos; e consentindo elle nisto por cobardia, achou-se sem arrimo; de maneira que abdicou em 1659, para viver sepultado em pacifico retiro. Retirou-se tambem seu irmão, Governador da Irlanda; e deste modo desappareceo n'hum instante a familia deste usurpador, que na sua República reinára como despotico, e recusára o titulo de Rei.

Ficando o Conselho militar na posse do poder, e querendo dar mostras de que respeitava as Leis, lembrou-se de ajuntar as reliquias do grande Parlamento, annullado por Cromwel depois da morte juridica de Carlos I. Esta Junta constou de quasi quarenta Membros, tão desprezivel,

Ricardo Cromwel, pouco tempo Protector, e sua abdicação.

O Rumor Parlamento fantástico.

e tão desprezada, que foi chamada o *Rump*, isto he , a rabadilha. Quiz obrar, como se fora hum Parlamento, descontentou o Conselho militar, e foi inteiramente destruida.

Estado in-
feliz de
Inglaterra

Tantos esforços para serem livres, tantas soblevações contra a prerogativa Real, tantos crimes consagrados por huma demencia religiosa, e tanta apparencia de zelo patriotico, ou republicano, não tinhaõ por conseguinte servido, senão de precipitar os Inglezes, não só nos horrores da guerra civil, mas n'huma horrorosa escravidão. Depois da morte do seu Rei, o poder da espada tudo fazia; era a base do governo, tinha as Leis cativas e mudas, deshonorava a Nação em meio dos seus troféos. Os impostos, hum anno por outro, importavaõ em mais de doze milhões de libras esterlinas, e nunca a Coroa tinha chegado a este rendimento. O que Cromwel pagava sómente pelas suas espias, e occultas intelligencias importava cada anno em sessenta mil libras esterlinas. Ainda que elle foi muito economico, e attento, tinha deixado dous milhões de dividas. Hum Exercito de mais de cincoenta mil homens, cujo soldo era de hum schelin por cada infante, e de dous por cada soldado de cavallo, absorvia a substancia do Estado, a fim de

Impostos
no tempo
de Crom-
wel.

o subjugar em vez de o defender. Estas infellicidades quasi isseparaveis de huma tal revolução, abriaõ os olhos aos proprios Presbyterianos , e lhes persuadiaõ que a destruição do Throno era a causa da ruina dos Póvos. Desejavaõ estes restabelecer a Casa Real , e com maior impaciencia o desejava o outro partido. Em 1660 vêr-se-ha consummada a nova revolução.

Deseja-se
o restabe-
lecimento
da digni-
dade Real.

C A P I T U L O . IV.

*Reinado , e abdicação de Christina , Rai-
nha de Suecia.*

HUMA Rainha ainda moça , apaixonada pela Literatura , e Bellas Artes , sacrificando a este gosto a sua Coroa , e talvez a sua Religião , faz hum contraste singular com a ignorancia , e costumes barbaros , com o violento fanatismo , e sanguinaria ambição de Cromwel. Christina , Rainha de Suecia , filha , e herdeira de Gustavo Adolfo , o Conquistador de Alemanha , nos fita por esta causa a nossa curiosidade. Aqui juntarei as acções da sua vida , de que importa ter noticia. Não nos deixemos cegar de enganosas apparencias , nem de elogios suspeitosos.

Objectos
deste Ca-
pitulo.

A Historia julga os homens, e especialmente os Principes, á vista do exame das suas acções.

Prin-
pios do
Reinado
de Christi-
na.

Quando Gustavo morreo na batalha de Lutzen em 1632, não tinha sua filha mais de seis annos. A Regencia de Suecia confiou a direcção dos negocios ao Chanceller Oxenstiern, sujeito capaz de seguir os vastos projectos do Heróe. Vários homens doutos cultivárao o espirito da joven Rainha, ao mesmo tempo que os Suecos, pelo seu valor, e disciplina, continuavao a fazer tremer a Corte Imperial. Como tinha muita comprehensão, e memoria, em breve tempo mostrou ser hum portento, lendo os Authores Gregos, aprendendo tudo, excepto o que a deveria ter afeiçãoado ás obrigações do Throno: ou se o aprendeo, de coisa nenhuma se deixou esquecer mais depressa.

Grocio
em Fran-
ça, e Sue-
cia.

O Illustre Grocio, o qual temos visto perseguido em Hollanda, assim como Barneveldt, por causa das loucas disputas do Gomarismo, e Arminianismo, não tendo recebido em França do Cardeal de Richelieu o tratamento, que merecia, tinha achado honorifico azilo em Suecia, a cuja Corte o mandára Oxenstiern por Embaixador, onde Richelieu se constituia Juiz despotico dos proprios talentos. Foi isto motivo de mortificação para o Minis-

tro.

tro Francez , tanto maior , quanta era a altivez , com que Grocio sustentou a dignidade do seu caracter. A Rainha Christina fez d'elle o mesmo conceito que Oxenstiern , este conceito era digno de honrar especialmente n'elle o merecimento de douto.

Assim que Christina chegou á idade de reinar (a sua menoridade acabou aos dezasseis annos) , mostrou applicação aos negócios ; mas o seu gosto dominante teve em fim maior poder. As Letras , Artes , e tudo quanto dá lustre , e esplendor á sociedade , tinhaõ nos seus olhos certos encantos quasi invenciveis , de que foi pelo menos hum feliz effeito a paz de Westphalia. Apertava Oxenstiern pela continuação da guerra ; e a desavença dos dous Plenipotenciarios de Suecia demorava a conclusão do Tratado : as ordens absolutas da Rainha cortáraõ todas as demoras.

Gostos de Christina , que não admittem demora na paz de Westphalia.

Ninguem poderia affás louvar-lhe este procedimento , se o bem da Europa , e particularmente da Suecia tivera sido o seu verdadeiro motivo. A experiencia provou o contrario. O que Christina mais prezava era gozar do descanso , para dar-se ao estudo , ou ter passatempos do seu agrado. A sua Corte se encheo de homens doutos , a maior parte dos quaes deverião

A Corte cheia de Sabios.

Morre
Descartes
nesta Cór-
te.

ter ficado entre a poeira dos seus gabinetes. Descartes deixou-se attrahir, fóra de proposito, para esta Corte, ou fosse por motivo da reputação desta Princeza, ou por causa da vaidade de a ter no número dos seus discipulos. A mudança de vida, e o rigor do clima o matáraõ no fim de alguns mezes.

Os Suecos
desconten-
tes das
fantasias da
Rainha.

Hum Povo guerreiro, sóberbo com as suas victorias, e animado ainda com o zelo da refórma Lutherana; hum Senado célebre pela sua profunda politica; os Suecos em geral desgostáraõ-se de vêr a filha do grande Gustavo, despresando os cuidados da Realeza, entregar-se a huma Philosophia esteril, a investigações de erudição, ao estudo das linguas sábias, a paixão das medalhas, das estatuas, pinturas, danças figuradas, festas magnificas, e arruinar os Erarios do Estado por cousas superfluas, e com homens mediores. Com razão se pensava que semelhantes gostos só dão honra a hum Soberano, em quanto elle os sabe sujeitar ás suas obrigações, e subordinallos ao bem effencial dos Póvos.

Naõ quer
Christina
casar.

Havia quem desejasse ardentemente que a Rainha casasse, e que ao menos dêsse hum herdeiro á Coroa. Porém qual outra famosa Isabel de Inglaterra, amava muito a liberdade para consentir em

casamento. Porque não imitava ella tambem a Isabel nos trabalhos do governo? Seria então a sciencia de Christina muito mais admirada.

O Conde Palatino de Duas Pontes, Carlos Gustavo, primo de Christina, era o esposo, que o voto público lhe indicava. Resoluta ella a viver no celibato, quiz que o declarassem por seu Successor em 1650, e com isto ficou a Suecia mais tranquillã. Viveo este Principe politicamente longe da Corte, e dos negocios, dissimulando o seu desejo de reinar, atrahindo a si todavia os corações a fim de fazer com que o seu reinado fosse desejado. Sollicitada Christina outra vez para casar com o Conde Palatino, declarou ao Senado em 1651, que queria renunciar a Coroa. Difficultosa cousa he haver por sincera semelhante declaração. Os Senadores, com receio de tomar huma cousa por outra, obtestão a Rainha para que se deixe de semelhante projecto: no que ella consentio, com a condição porém de se lhe não dar mais nem huma palavra em casamento. Em huma conjunctura tão critica, procedeo Carlos Gustavo com igual recato ao do Senado.

A pezar do animo, e caracter varonil da Rainha, não estava isenta de leviandades, e fantasias. Michon, Medico Fran-

Nomea
Christina o
Conde Pa-
latino, pa-
ra seu Suc-
cessor.

Michon,
e Pimen-
tel, vali-
dos de
Christina.

Francez (que tomava o nome de Bourdelot , porque seu Tio materno , assim chamado , era conhecido na classe dos eruditos), tal conceito lhe mereceo , que chegou a desgostalla do estudo. Fazendo Pimentel , Ministro de Hespanha , cahir da graça da Rainha este valido odioso , e tendo tambem o maior favor della , animou novamente a paixão das letras , exaltando com as suas lisonjas o espirito de Christina. Hum Embaixador de Cromwel , tratando com Suecia , queixava-se de não ouvir fallar nas audiencias , senão de Philosophia , e de bailes. A França , e a mesma Suecia , desconfiárao tanto do credito de Pimentel , que finalmente o despediraõ.

O aborrecimento a
obriga a
abdicar
em 1654.

Desgostosa mais que nunca dos negocios , suspirando pelo gosto de viver em liberdade com homens doutos , consumida da melancolia , que inspiraõ o desgosto , e a necessidade das obrigações ; e julgando *ver o diabo* , dizia Christina , quando os seus Secretarios entrávaõ com os seus papeis , entrou Christina com nova efficacia no seu projecto de abdicacão. Fazendo a abertura dos Estados em Upsal em 1654 , declarou este intento , em que se consentio , depois de ter resistido algum tempo por decencia. Os Estados lhe estabelecêraõ certo rendimento

sobre vários dominios, dos quaes ella não pode obter a soberania. Não queria Carlos Gustavo reinar sennão com todos os direitos da Coroa; o que soube conseguir, sem se fazer suspeito de ingratidão.

“Nenhuma inquietação me causa *o plan-*
 „ *dite*, escrevia Christina á Chanut, Em-
 „ baixador de França: difficiloso he que
 „ hum intento varonil, e vigoroso agra-
 „ de a todos; contentar-me-hei com hum
 „ unico approvador, e se nenhum tiver,
 „ sem nenhum viverei contente. Qual
 „ gosto será o meu, em lembrar-me de
 „ ter feito bem aos homens! „ Porque
 „ razão pois, diz d'Alembert nas suas Mis-
 „ cellaneas, queria Christina deixar de fa-
 „ zer-lhes todo o bem? Este Philosopho a
 „ meu vêr apreciou justamente huma Prin-
 „ ceza por extremo gabada, ou por pane-
 „ giristas declamadores, ou por alguns en-
 „ genhos, que só a consideraõ por hum lado.

Escreveo Christina ao Principe de Con-
 „ dé: “Nunca escurecerei huma acção, que
 „ me pareceo tão admiravel, com hum ver-
 „ gonhoso arrependimento; e quando suc-
 „ ceda que esta acção seja por vós con-
 „ demnada, dir-vos-hei para minha des-
 „ culpa que nunca teria abandonado os
 „ bens, que a fortuna me concedeo, se
 „ os tivera julgado necessarios para a mi-
 „ nha felicidade; e que teria pretendido o

„ Im-

Sua carta
a Chanut,
En baixa-
dor de
França.

Outra car-
ta ao grãde
Condé.

Seus sentimentos, pouco dignos de elogios.

„ Imperio do mundo , se estivera tão certa de o conseguir , ou de morrer , como o grande Condé. „ Bem poderia Voltaire , quando refere esta carta , ter observado que Christina todavia se arrependêra , que desejára sobir outra vez ao Throno , e que a idéa gigantesca do *Imperio do mundo* não procede com a abdição. Julgou ella , diz este famoso historiador , que mais valia viver com homens que discorrem , e pensão bem , do que governar homens sem letras , nem engenho. Mas ha por ventura cousa mais digna de huma alma grande , do que contribuir para a felicidade de hum Povo ? Por ventura os erúditos , que Christina foi procurar tão longe , discorrião muito melhor que os Suecos ? A medalha , que ella mandou abrir com esta lenda , *Mais, vale o Parnaso , do que o Throno* , bem indica o amor das letras , mas não o amor do Genero Humano. Sigamos esta Princeza até o seu Parnaso.

Sua partida , e tua abjuração.

Depois de ter despojado o palacio de todas as cousas preciosas , parte , disfarçada em habitos de homem , e chegando ás fronteiras de Dinamarca , disse : *Estou em fim em liberdade , e fóra da Suecia , para onde espero não tornar mais ;* palavras que respirão máo genio. Abraça a Religião Catholica em Bruxellas , e abjura solem-

Iennemente o Lutheranismo em Inspruck. Os Catholicos teriaõ triumphado menos com esta mudança de culto, se tivessem reflectido sobre a paixão, que a levava a Roma, para o centro das bellas artes, onde queria estabelecer a sua habitação. Os Protestantes a accusáraõ de ter obrado méramente por humanos motivos. O espirito de partido julgava talvez por huma, e por outra parte; porém o espirito de partido ordinariamente julga mal.

Naõ acha Christina tantos enleios em Roma, que deixe de ter vontade de ir vêr França, ou apparecer nella. Esta viagem apprehende ella em 1656. E sendo pouco applaudida, e mal recebida na Corte galanteadora de Luiz XIV. visita-se com as pessoas de letras de Pariz; mas o que ella distingue mais, he Menages, que quasi naõ he já conhecido hoje em dia, senão no nome. Apenas voltou para Roma, deseja logo tornar para França, onde appareceo de novo em 1657, e ahi perde toda a estimação por causa do homicidio do seu Estribeiro Mór Monaldeschi, que ella mandou assassinar na galaria de Fonteneblau, provavelmente por huma intriga, de que tinha ciumes. Aborrecida pelos Francezes depois desta infame acção, a qual achou com tudo apologistas,

Ambas as
suas via-
gens de
França.

Assassinio
do seu Es-
tribeiro
Mór.

tas , volta para Roma a fim de admirar as antiguidades , e estatuas.

Ambas as
suas via-
gens para
Suecia.

Têndo Carlos X. , seu Successor , fallecido em 1660 , depois de várias guerras prejudiciaes com Polonia , e Dinamarca , passou Christina ao seu antigo Reino , com o desejo de reinar ainda. Mas os Suecos a obrigáráo a fazer segundo acto de renúnciação. Passados alguns annos intentou nova viagem para Suecia ; onde não tendo melhor successo , voltou para Roma , e ahi acabou os seus dias em 1689. Tantas , e tão frequentes viagens provaõ que Christina tendo tanto entendimento , e saber , errava em buscar a felicidade fóra da sua esfêra.

Christina
pouco at-
tendida
em Roma.

Como era Rainha sem Estados , pouco attendida foi n'hum Capital , onde a politica , e o interesse daõ o valor ás cousas ; e nem se quer teve bastante liberdade nella para explicar-se sem reboço a respeito do movimento da terra á roda do Sol ; pelo contrario defendia a infallibilidade do Papa com o zelo de hum Theologo , posto que aliás fosse muito justa para condemnar as perseguições , que em França fazião soffrer aos Calvinistas.

CAPITULO V.

Paz dos Pyreneos em 1659, e de Oliva em 1660. --- Restauração da Monarquia Inglesa. --- Morte do Cardeal Mazarino.

A DECLINAÇÃO do poder da Casa de Austria causava á França hum superioridade, que será d'aqui em diante o principio dos mais memoraveis successos. Depois da morte do Imperador Fernando III. em 1657, houve no Imperio hum interregno de quinze mezes. Já não vivia seu filho primogenito, eleito Rei dos Romanos. Leopoldo, outro filho seu, Rei de Hungria, e de Bohemia, encontrou hum competidor em Luiz XIV. Quatro Eleitores destináráo ao principio a Coroa para este Monarca. Se Mazarino tivera tido feliz exito nas suas negociações a respeito de hum objecto semelhante, que seria feito da Alemanha? Mas oppondo-se a isto os mais Eleitores com força, foi proposto o Eleitor de Baviera, que França se offerencia para defender. Recusou este Principe acceitar; e sua Mãi, irmã de Fernando III., obteve d'elle, a favor da Casa de

Interregno depois da morte de Fernando III.

Luiz XIV. hum dos pretendentes do Imperio.

de Austria, hum sacrificio tão generoso. As facções agitárao de tal sorte a dieta, que todos se viao ameaçados de hum scisma.

Eleição de
Leopoldo.

Finalmente foi eleito Leopoldo em 1658. Os Embaixadores Francezes confinárao nesta eleição, fazendo-lhe impôr cruelissimas condições; porque o obrigárao a não metter-se na guerra entre França, e Hespanha, nem ainda como Duque de Austria. O temor de experimentar ainda o despotismo, podia tudo nos animos desconfiados. Elle produziu a *alliança do Rhin*, entre os tres Eleitores Ecclesiasticos, o Bispo de Munster, o Palatino de Neuburg, os Duques de Brunswick-Luneburgo, o Landgrave de Hesse-Cassel, por huma parte; e a Suecia por outra, a fim de manter inviolavelmente o Tratado de Westphalia. França concorreo sem demóra para esta Liga; mas o Eleitor de Treveris, e o Bispo de Munster separárao-se della por ser condemnada pela Corte de Roma. Por ventura, quando o Eleitor, e o Bispo contrahírao a sua obrigação, não o deveriaõ ter antevisto? Várias vezes foi renovada a *alliança do Rhin* até 1666: por este meio quasi governou França o Imperio. Com tudo Leopoldo, que era prudente, e circunspecção, não podia deixar de adquirir pou-

Alliança
do Rhin.

pouco a pouco muita authoridade , durante hum reinado de quarenta , e sete annos.

Já vimos a Hespanha obstinada em continuar a guerra , perder as utilidades , que lhe tinhaõ alcançado as intrigas da Critica ; tendo de sustentar os esforços de França , Inglaterra , e Portugal ; vencida finalmente por todas as partes em 1658. Mazarino , dous annos antes , pedia a paz a Philippe IV. , propondo o casamento da Infante Maria Thereza com Luiz. Estando Philippe então sem herdeiro varão , no qual se podesse confiar , destinava sua filha para o Archiduque Leopoldo ; e consequentemente recusou. Depois da batalha das Dunas , não sobstistia já o mesmo motivo , além de que a guerra se fazia insupportavel. Prometteo-se então a Infante ao Rei , e os Tratados se renováraõ na Ilha dos Faifans , situada nas Fronteiras de ambos os Reinos.

Nesta Ilha he onde o Cardeal Mazarino descobrio toda a sua astucia. D. Luiz de Haro , Ministro de Hespanha , tratando com Mazarino , suspeitava que este queria sempre enganar , e lhe oppunha as demoras da desconfiança : motivo porque se volvéraõ tres mezes em concluir. Só o ceremonial levou tempo infinito ; como se a questão fosse de regular etique-

Tratados
de paz com
Hespanha.

1659
Mazarino , e Haro na Ilha dos Faifans.

quetas, e não de pacificar Estados. Apesar dos artificios de Mazarino, obteve o Hespanhol huma perfeita igualdade.

Tratado
dos Pyre-
neos.

Os principaes artigos da paz são os seguintes. A Infante concedida a Luiz XIV., com dote de quinhentos mil escudos de ouro (dous milhões e quinhentas mil libras) hum milhaõ de cruzados. Foi esta obrigada a renunciar aos direitos, que poderia ter algum dia á Monarquia de Hespanha. Várias Cidades restituídas de huma, e outra parte; porém França fica com o Rouffillon, e parte da Provincia de Artois. O Principe de Condé restabelecido, e recebido na graça: no que Mazarino só consentio depois de muita resistencia; receou elle que a Hespanha não concedesse ao Principe algumas Praças nos Paizes Baixos. Carlos IV., Duque de Lorena, he restituído á posse dos seus Estados, com a condição de não ter tropas, e serem demolidas as fortificações de Nanci. Este Principe inconstante tinha igualmente irritado ambas as Coroas.

Casamen-
to da In-
fante, que
terá gran-
des conse-
quencias.

Propunha Mazarino havia muito tempo o casamento da Infante, como hum grande objecto de politica; antevendo que as renuncições chegariaõ a ser vãs, no caso de haver successão. Isto anteviraõ tambem Filippe IV., e o seu Ministro. Quanto mais que nenhuma apparencia ha-
via

via já de que Hespanha deixasse de ter herdeiros.

Por meio do Tratado dos Pyreneos findou a guerra ao Meio-Dia da Europa. O Nôrte se pacificou no seguinte anno em virtude do Tratado de Oliva. As pretensões de Casimiro, Rei de Polonia, a respeito da Suecia, tinhaõ ateado huma sanguinolenta guerra depois da abdicação de Christina. Carlos X., imitador do grande Gustavo, conquistou ao principio a Polonia, depois perdeu-a, e foi infeliz em Dinamarca: veio ultimamente a falecer de paixão. Já se tratava, e França era medianeira. Concluiu-se finalmente o Tratado: Casimiro deo de mão ás suas pretensões: a Livonia Septentrional, e a Estonia foraõ cedidas á Suecia, e esta entregou a Prussia Poloneza. Passados alguns dias, assignou-se outro Tratado em Copenhague, pelo qual Frederico III., Rei de Dinamarca, fez á Suecia consideraveis sacrificios.

1660
Depois da
môrte de
Carlos X.
Tratado
de Oliva.

Mas este Principe, por outra parte, adquirio mais no seu proprio Reino, do que teria adquirido por meio de conquistas: se he que se deve medir a felicidade dos Soberanos pelo grão de poder, que elles tem sobre os Póvos. O valor, com que o viraõ defender Copenhague contra Carlos X., o constituia amado da Nação,

Poder ab-
soluta, cõ-
cedido ao
Rei de Di-
namarca
Frederico
III.

ao mesmo tempo que se abominava a injustiça da Nobreza, e do Senado, cujo poder tinha chegado a ser tyrannico; pois lançavaõ sobre os outros o pezo dos impostos. Em vingança contra estes oppressores, se sacrificou ao Rei a liberdade nacional. A Junta dos Estados, de 1660, constituiu a Coroa plenamente hereditaria na Casa de Frederico, e desirio-lhe a authoridade absoluta, sem que os Nobres se lhe possaõ oppôr.

Este poder empregado com prudencia.

O que não he menos admiravel, he que os Reis de Dinamarca, armados com o poder arbitrario, usáraõ d'elle com prudencia, e moderação. Tanto he certo que os costumes, e os usos de hum Povo valeroso enfreado os Governos. E qual outra causa se poderia imaginar que fosse a deste phenomeno, na successão de seis Reis? Veremos a Suecia fazer pouco mais, ou menos o mesmo em 1680, mas vir a arrepender-se, recobrar a liberdade depois da morte de Carlos XII., e estabelecer novo governo, que a mesma Suecia tornará a mudar. Qualquer circumstancia pôde mudar tudo na ordem politica.

Revolução subita em Inglaterra.

A subita revolução de Inglaterra, a favor da Monarquia, succedeo no mesmo anno, que a revolução de Dinamarca: poucos successos ha tão extraordinarios.

rios. Ao mesmo tempo que se negociava o Tratado dos Pyreneos, Carlos II., fugitivo, e sem recursos, tinha passado á Fontarabia, a fim de sollicitar a protecção de ambas as Coroas: mas não se dignárao nem de o ouvir, nem de fazer menção d'elle. Todas as esperanças tinha elle perdido, e chegava todavia ao termo das suas infelicidades.

Depois da abdicacão de Ricardo Cromwel, o Conselho militar, como fica dito em outro lugar, apoderou-se de hum authoridade absoluta. Este Conselho convocou o *Rump*, Parlamento fantastico, com o qual pretendia encobrir a sua tyrannia, e que foi em breve tempo annullado. Lambert fazia no Exercito, com o seu attrevimento, a mesma figura, que exaltára a Cromwel ao Poder Supremo. Mas o Corpo da Nação suspirava pelo restabelecimento da Monarquia. Hum grande homem formou o seu intento em segredo, e de repente o pôz em execucao.

O Conselho Militar tinha-se assenhoreado do governo.

Era Governador de Escoccia Jorge Monk, célebre General, virtuoso Cidadão, sábio, e prudente politico. Declarou-se este a favor do Parlamento cassado por Lambert, e com esta noticia pôe-se Inglaterra em movimento; alguns regimentos se soblevaõ contra o mesmo Exercito; o *Rump* se ajunta, dá ordens,

Manda Monk convocar hum Parlamento livre.

obedecem-lhe , e abandonado Lambert pelos seus soldados , não se pôde defender. Chega Monk , sem que ninguém penetre ainda as suas intenções. Mostra-se submisso ao Parlamento ; pois por ordem deste he que elle entra em Londres. Mas unindo-se com a Cidade contra esta odiosa , e desprezível Junta , argue-lhe aberrantemente os seus excessos. Sendo chamados outra vez os Membros n'outro tempo excluídos , e retirando-se os do *Rump* cobertos de ignominia , convoca-se hum Parlamento livre , que possa dar remedio ás infellicidades do Estado. Deste modo tudo se compõe felizmente , e não ha effusão de sangue.

Restabelecimento da Monarquia.

Apenas o Parlamento se ajunta , logo se apresenta hum Enviado do Rei , e entrega huma declaração , por meio da qual concede Carlos o perdão geral , sem outras excepções mais do que aquellas , que o Parlamento quizer regular ; promettendo de mais d'isso inteira liberdade de consciencia , e obrigando-se a pagar tudo quanto se dever ás tropas. Podiaõ-se entãõ estabelecer os direitos respectivos da Nação , e da Coroa : tudo assim o parecia exigir , depois de tão mortíferas discordias ; mas nada d'isto se fez. Julgou-se que as concessões de Carlos I. serviriaõ de limites á Real authoridade ;
ou

ou entregárao-se sem recato ao desejo de ter hum governo legitimo. Foi Carlos II. aclamado, e recebido com transportes de jubilo em 1660.

Este Principe, docil, amavel, illuminado, na idade de trinta annos, podia fazer com que o adorassem no Throno: a adversidade, mais propria para formar os Soberanos, do que outro qualquer ensino, tinha-lhe dado lições praticas, cujo uso não se conhece em meio da faustuoza molleza das Cortes. A sua clemencia salvou infinitos culpados, que o Parlamento pretendia exceptuar do perdão geral. Só Vane, e Lambert, furiosos Republicanos, forão excluidos do perdão geral com os Juizes parricidas, que tinham condemnado o ultimo Rei. O supplicio de onze pessoas he sufficiente para expiar tantos crimes. Estes criminosos assignalárao até o fim o seu fanatismo; pois sustentárao que tinhao seguido o impulso de Deos, e se julgárao martyres.

Consigna o Parlamento á Coroa de renda hum milhaõ e duzentas mil libras esterlinas. Pagão-se, e despedem-se as tropas. Deste perigoso Exercito conservaõ-se sómente cinco mil homens, e algumas guarnições: e he o primeiro Exercito sobistente, que tem havido na Monarquia. Se os Inglezes o considerão co-

Sóbe Carlos II. ao Throno.

Processo de alguns Republicanos.

Tudo se ordena á satisfação do Rei.

mo freio para a liberdade, não o devem elles attribuir ao exemplo de Cromwel? Restabeleceo Carlos o Episcopado na propria Escocia: porque o Parlamento Escocsez mostrou o mesmo consentimento, que o Parlamento de Inglaterra. Annulou-se a converção; condemnou-se aquillo mesmo, que parecia santo, e justo no tempo da República. Causa nenhuma era mais difficultosa, do que conservar hum justo equilibrio entre Seitas sempre inimigas, sempre obstinadas. Os Presbyterianos experimentárao em breve tempo rigores capazes de irritallos, e por consequente sobssistem as sementes de discórdias, de que nascerão fructos funestos.

Dous grandes defeitos de Carlos.

Dous grandes defeitos expunhaõ Carlos II. a infortúnios, ou a grandes dissabores: amava muito os prazeres, e não tinha economia. Este grande amor dos prazeres não se podia conciliar com a vigilancia do Governo: e depois disso que vicios não devia elle arraigar na Corte? A falta de economia era tanto mais perigosa, quanto os empregos da Coroa excediaõ ao rendimento, por muito liberal que pareceffe ao principio o Parlamento. Esta a razão porque o Rei em 1662, depois de ter consummido o dote de sua mulher, Catherina de Portugal, e duzentos mil escudos, que a França lhe tinha dado,

Carlos, por falta de economia, vendeu Dunkerque.

ven-

vendeo Dunkerque a Luiz XIV. por cinco milhões (a vinte feis livras déz soldos pelo marco de prata), quatro mil duzentos e quarenta reis. Toda Inglaterra murmurou da venda desta Praça, a pesar dos gastos immensos, que fazia a sua guarnição. França lucrou muito com esta aquisição.

Já Mazarino não existia naquelle tempo; pois tinha fallecido em 1661, Senhor do Estado, do mesmo modo que Richelieu o tinha sido, ostentando o mesmo fausto que elle, depois de ter principiado com modestia, e deixando a seus herdeiros hum prodigioso cabedal, pelo qual era justamente arguido. Tinha casado duas das suas sobrinhas (Martinozzi) com o Principe de Conti, e com o Duque de Modena. Outras cinco sobrinhas suas (Mancini) casáraõ, huma com o Marquez de Meillerai, que foi Duque de Mazarino; outra com o Conde de Soissons, da Casa de Saboya, Pai do famoso Principe Eugenio; a terceira com o Duque de Vendome, depois Cardeal; a quarta (com quem o Rei tinha tido vontade de casar), com o Condestavel Colonna; e a ultima com o Duque de Bouillon. Mancini, sobrinho do Ministro, era Duque de Nevers.

1661
Môrte de
Mazarino.

Estabele-
cimento
da sua fa-
milia.

Os Trata-
dos de paz
cõstituem
a sua glo-
ria.

Taõ grandes estabelecimentos não po-
diaõ sem dúvida deixar de parecer õne-
rosos á Nação. Mazarino, assim como Ri-
chellieu, não lhe fez taõ grande bem, pa-
ra que ella se congratulasse de o enrique-
cer assim a elle, como á sua familia.
Mas fora injustiça se lhe negassem os elo-
gios, que o mesmo Mazarino merece por
causa dos Tratados de Westphalia, e
dos Pyreneos. O titulo de pacificador he
taõ admiravel! as guerras extinctas por
meio deste tratado tinhaõ causado tanta
miseria, tantos incendios, tantas, e taõ
crueis mortandades!

Se são ne-
cessarios
grandes
talentos
para hum
Ministro.

“ Lêndo-se as Cartas do Cardeal Ma-
zarino, diz Voltaire, e as Memorias
do Cardeal de Retz, facilmente se co-
nhece que Retz tinha hum engenho
superior. Com tudo Mazarino foi po-
derosissimo, e Retz foi opprimido. Pa-
ra fazer hum Ministro poderoso, mui-
tas vezes não he necessario senão hum
espirito mediocre, bom fiso, e fortu-
na; mas para ser bom Ministro, he
necessario que a sua paixã dominante
seja o amor do bem público. Estas
reflexões parecem confirmar o que o Chan-
celler Oxenstiern escrevia a seu filho: *Por-
ventura não sabes quão pouca cousa he o se-
gredo de governar o mundo?* Com tudo
hum Sulli será sempre hum portento, e

todo aquelle, que segurar como elle o bem público, ainda que tenha qualquer outra paixão dominante, terá lugar entre os homens grandes.

C A P I T U L O VI.

Luiz XIV. faz-se respeitar entre os Estrangeiros, e florescer o seu Reino.

--- *Negocios da Europa até o anno de 1667.*

NÃO se esperava vêr a Luiz XIV. tomar conta do governo, depois da morte de hum Ministro, senhor absoluto do Reino. Mal educado, ignorante, inclinado aos prazeres, apartado dos negocios por causa da ambição de Mazarino, tendo apenas algumas idéas de governo; n'hum idade, em que as paixões dominão, e cegaão a maior parte dos homens; tanto mais susceptivel de fraquezas na idade de vinte e dous annos, quantas eraão as seducções da grandeza, a que tinha de oppôr-se, parece que elle devia imitar tantos Principes, os quaes deixaão reinar debaixo do seu mando todos os que por elles são empregados, e que reservando para si toda a lisonja, que cerca o

Thro-

1661
Luiz XIV.
parecia
pouco capaz de governar.

Throno, descanção n'outrem das suas penosas obrigações, que por desgraça he muito raro que as satisfacção como devem a respeito delles.

E todavia
governa.

Mas este Rei ainda moço era dotado de sentimentos altivos, ambiciosos, do amor da gloria, e do gosto do dominio. E posto que sujeito por habito a Mazariño, tinha soffrido o jugo com impaciencia occulta. Assim que se vio livre delle, logo declarou a sua resolução de governar per si mesmo, e executou-a. Se o Cardeal o tinha muitas vezes encaminhando mal, ao menos tinha-lhe inspirado conceito a respeito de Colbert, hum dos maiores homens de Estado, que o Reino tem tido. Fouquet, Superintendente dos Erarios, dissipador á custa do público, cahio em desgraça, e foi preso, depois de hum festa sumptuosa, que deo ao Rei em Vaux (hoje em dia Villars), casa de campo, que lhe tinha custado, segundo dizem, dezoito milhões d'aquelle tempo. Colbert, seu Successor, teve sómente o titulo de Inspector Geral, e os Erarios nas suas mãos chegarão a ser hum manancial de prosperidade, e esplendor.

Colbert,
Successor
de Fou-
quet nos
Erarios.

Defeitos
do Rei.

Tendo Luiz XIV. os melhores principios de moral, ou de politica, e idéas as mais justas da verdadeira gloria dos Soberanos, com os soccorros de Colbert,
te-

teria podido fazer da sua Monarquia o Estado mais florecente do mundo , e não lhe teria attrahido guerras muito menos gloriosas , do que prejudiciaes. Duas occasiões se offerecêrao ao principio , em que mostrou huma vaidade , ou altivez de máo agoiro : fez-se temer , mas aborrecer.

Huma disputa a respeito da precedencia , entre o seu Embaixador em Londres , e o de Hespanha , deo a primeira occasião. Tendo o Francez sido insultado em o meio da rua pelo Hespanhol , era necessaria huma reparação deste ultraje. Ameaça Luiz a seu sogro , Filippe IV. , de começar novamente a guerra , se elle não reconhecesse a superioridade da sua Coroa : o que era muito para hum pondonor. He por ventura o sangue dos Povos tão pouca cousa , que haja de deramar-se sem necessidade? Não podendo Filippe fazer outra cousa melhor , humilha-se : manda recolher , e castiga o seu Embaixador ; envia para Fonteneblau o Conde de Fuentes a declarar , na presença de todos os Ministros Estrangeiros , que os Ministros de Hespanha não concorrão mais com os de França. Com tudo elles tiverão depois a igualdade em Nimegue , e em Riswick.

Obriga
Luiz XIV.
Hespanha
a reconhe-
cer a supe-
rioridade
da Coroa.

1662
Negocio
do Duque
de Crequi
em Roma.

O segundo negocio foi tanto mais effrondoso, que interessava a Corte de Roma. O Duque de Crequi, Embaixador de Luiz XIV., comportava-se em Roma com certa altivez, que o constitua odioso. Os seus criados, seguindo o seu exemplo, julgavaõ ser-lhes permittido tudo; e alguns acomettersaõ os soldados da guarda Corfa, destinada principalmente para defender, e sustentar as execuções de justiça. Amotina-se esta soldadesca, atira ao coche da Embaixatriz, e mata hum dos seus pagens. Parte de Roma o Duque de Crequi, accusando o irmão do Papa Alexandre VII. (Chigi), como instigador dos homicidas, e o Rei pede huma satisfação proporcionada á injúria.

Humilia-
ção do Pa-
pa.

Em vaõ procura o Papa ganhar tempo, lisonjeando-se de abafar este negocio por meio da politica Romana. Chega-lhe a noticia de que as tropas Francezas estão em Italia para sitiarem Roma. Nenhuma Potencia se atreve a mover-se em seu favor: o Rei tem tomado Avinhaõ: as fulminações do Vaticano teriaõ servido sómente para augmentar o mal: tão mudadas estavaõ as opiniões, havia hum seculo. Vio-se Alexandre obrigado a humilhar-se muito mais do que Filippe IV., e em consequencia do Tratado de Piza, o Cardeal Chigi, seu sobrinho, veio co-

Tratado
de Piza em
1664.

mo Legado, dar a satisfação que Luiz requeria. Isto era de algum modo satisfazer por causa das despoticas violencias dos antigos Legados. Os Corsos foraõ expulsoz ; em memoria do successo se levantou em Roma huma pyramide : e de mais disso devia o Papa entregar Castro , e Ronciglione ao Duque de Parma , por huma quantia paga em oito annos, e dar ao Duque de Modena huma compensação por Comachio.

Estas vigorosas acções , cujos exemplos eraõ antecedentemente taõ raros , annunciavaõ o mesmo , que a Europa tinha para recear de hum Monarca imperioso , poderoso , moço , e em estado de executar as maiores empresas. Elle ampliava os seus intentos com o seu poder ; queria dominar , e buscava os meios para isso.

Carlos IV. , Duque de Lorena , por meio de hum Tratado incomprehensivel , verificado no Parlamento , tinha ultimamente eleito a Luiz XIV. herdeiro dos seus Estados , com a condição de que os Principes de sangue de Lorena seriaõ declarados Principes do sangue de França. Huma clauzula do assento no registo declarava , que a assignatura de todos os interessados seria necessaria : o que impedio o effeito do Tratado. Ou fosse por

A Europa
tinha tudo
que recear
de Luiz.

Tratado
singular cõ
o Duque
de Lorena.

no.

nova inconstancia de Carlos, ou por cautela, ou viveza de Luiz, marchou hum Exercito Francez para Lorena; e o Duque em virtude de hum novo Tratado abandonou a importante Cidade de Marsal. (1663.)

Trabalhos
de Dun-
kerque.

Trabalhava-se então em fazer de Dunkerque, comprada ao Rei de Inglaterra, hum Baluarte da França, hum porto formidavel para os Inglezes; trinta mil homens eraõ empregados nesta grande obra, que a fôrte das armas obrigará algum dia o mesmo Luiz XIV. a destruir.

Soccor-
ros conce-
didos a
Leopoldo
contra os
Turcos.

Ao mesmo tempo soccorria Luiz XIV. o Imperador Leopoldo contra os Turcos, que depois de ter invadido a Transilvania, e assolado a Moravia, ameaçavaõ a Hungria com huma invasão. Seis mil Francezes se uníraõ com as trópas Imperiaes, e contribuíraõ muito para a victoria de S. Gothardo junto ao rio Raab, em que os inimigos ficáraõ derrotados. Quanto mais elogios merecêraõ estes Francezes, tanto maior foi o temor de que a França não adquirisse muito poder em Alemanha. Além de que, desordenados os Erarios, requeriaõ pacificas vigilancias, e por conseguinte tratou Leopoldo com os vencidos huma paz, ou huma tregoa de vinte annos, e deixou o Principe de Transil.

silvania, seu tributario. (1664.) Tratado humilde para a Corte de Vienna.

Em quasi toda a Europa mostrava a sua grandeza. Alguns motivos tinha de queixar-se contra Hespanha. A politica o convidava a defender Portugal, acometido sempre por aquella Potencia. O Marechal de Schomberg guia para Portugal quatro mil homens, pagos na apparencia pelo Rei de Portugal, Affonso VI., filho do feliz D. Joaõ IV. Estas tropas constituem os Portuguezes bastantemente poderosos para vencer huma batalha decisiva em Estremoz, á qual se seguiu a de Villa-Viçosa, vencida tambem pelos mesmos Portuguezes em 1665. Des daquelle tempo ficou a Casa de Bragança firme no Throno, que se lhe disputava.

Soccorro
concedido
a Portugal
contra
Hespanha.

Huma nova guerra, ateadá entre Inglaterra, e Hollanda, devia interessar hum Monarca taõ attento nos movimentos da Europa, e taõ occupado em grandes designios. Os Inglezes, mais por ciu-me, do que por boas razões, rompêraõ com a República competidora do seu Commercio. Desejavaõ os Communs a guerra, Carlos II. a emprehendeo; e concedêraõ-lhe tal subsidio, como nunca já mais se tinha concedido, de quasi dous milhões e meio de livras esterlinas. Naõ podendo desviar a tormenta o primeiro Ministro dos

Guerra
entre In-
glaterra, e
Hollanda.

dos Estados da Provincia de Hollanda ; João de Wit , oppôz-lhe forças , e hum constancia respeitaveis. Cobrio-se o Oceano de náos de ambas as nações. A Armada Ingleza , capitaneada pelo Duque de York , era composta de cento e quatorze náos , e continha vinte dous mil homens. Esta Esquadra ficou victoriosa em 1665 ; mas João de Wit reparou em breve tempo esta infelicidade.

Luiz a fa-
vor dos
Hollande-
zes.
Marinha
de França.

Tinha-se Luiz declarado a favor da Hollanda. Colbert principiou a restabelecer , ou para melhor dizer a crear a Marinha , e o Duque de Beaufort mandava hum esquadra de quarenta velas. Não pode este ajuntar-se com os Hollandezes : os quaes tiverão não obstante alguma vantagem n'hum terrivel combate de quatro dias. Os Inglezes combatêrao , e vencêrao depois a Ruyter , que retirando-se com gloria , suspirava , e gemia por ter escapado a tantas balas. Conheceo Inglaterra logo que se arruinava inutilmente , e que a Hollanda por causa das suas riquezas , fructos da economia , podia sop-
portar mais dilatados esforços. Mais de cem mil homens tinhao morrido de peste em Londres ; onde tambem hum incendio consumio mais de treze mil casas ; porque a Cidade era quasi toda edificada de madeira. No meio de tantas e tão grandes

Calamida-
des em In-
glaterra.

des calamidades , affrouxou a raiva da guerra. Negociava-se em Breda ; e todavia Ruiter foi pôr fogo a algumas náos dentro do rio Tamisa. Finalmente concluiu-se a paz em 1667. Este Tratado de Breda assegura aos Inglezes a Nova York ; aos Holandezes a Illha de Poleron , nas Indias Orientaes , e a Acadia aos Francezes.

Tratado
de Breda.

Imputar aos que governão as infellicidades , de que elles são os menos responsaveis , he injustiça ordinaria do Povo , especialmente de hum Povo livre , e turbulento. Duarte Hyde , Conde de Clarendon , Chanceller de Inglaterra , Ministro illuminado , virtuoso , e incorruptivel n'hum Corte estragada , foi o objecto , e a victima do odio , porque esta guerra , intentada contra o seu proprio parecer , não tinha sido feliz. Encontrando Carlos II. em Clarendon a austeridade de hum homem sábio , e prudente , e não as condescendencias de hum lisongeiro , já não o amava , não gostava de o vêr , e tirou-lhe os sellos. Levantou se contra elle hum accusador no Parlamento. O principal artigo da accusação era a venda de Dunkerque : crime imaginario , se he que se não fizer hum crime de todo o conselho imprudente. Accrescentemos mais que este conselho era justificado por causa das

Clarendon injustamente sacrificado por Carlos II.

circunstancias. Banido Clarendon foi obrigado a abandonar Inglaterra, e estabeleceu-se em França, onde escreveu a Historia das ultimas guerras civis da sua Patria; Obra digna de immortalidade.

Vantagões
do gover-
no Francez
a respeito
do Inglez
d'aquelle
tempo.

Nada prova melhor as utilidades de hum governo permanente, e absoluto, quando este he dirigido ao bem público, o que he sem dúvida muito raro, do que o contraste da França com Inglaterra no tempo, a que temos chegado. El-Rei Carlos, por sensual e prodigo, punha-se motivado dos seus desperdicios dependente do Parlamento, cuja economia, e authoridade o opprimiaõ no que respeita ao bem, que podia fazer. Luiz XIV. aspirava a grandes cousas, dispunha de todos os meios de execuçaõ; e posto que empregasse muito na magnificencia, e prazeres, não deixava de fazer o seu Reino florecente. Tinha Clarendon aconselhado a venda de Dunkerque, por falta de recursos proporcionados ás necessidades da Coroa, e Colbert tinha enriquecido o Principe, e a Naçaõ, de modo que unisse o esplendor com o util. Talvez que Colbert excedesse a Sulli, se o Rei gostára menos da guerra, e da ostentaçaõ.

Restabe-
lece Col-
bert os
Erarios.

Os Erarios, depois de Henrique IV., se affracavaõ n'hum estado horroroso. Não se podiaõ restabelecer, senão castigando-se

os roubos , reformando se huma quantida-
 de de abusos authorisados , e embol-
 çando-se os rendeiros por preço infinito ,
 assim como tinhaõ comprado as suas ren-
 das. Estas novidades achavaõ obstaculos
 no Parlamento. O Rei fallava como Se-
 nhor , e fazia-se obedecer. Os excessos
 do partido da Critica o tinhaõ enojado
 contra hum Corpo de Magistratura , que ,
 excedendo algumas vezes dos justos limi-
 tes , dava motivo para esquecêrem os seus
 antigos serviços. Em 1665 tinha Luiz XIV.
 apparecido com botas calçadas , e com o
 açoite na mão , no Sanctuario da justiça ,
 a fim de romper huma Junta ; mas igno-
 rava entaõ o que o decóro prescreve ao
 Soberano. Em 1664 foi com a dignidade
 conveniente mandar assentar em o Regis-
 tro os seus Edictos. Cançado já de repre-
 sentações , prohibio em 1667 que não se
 lhe fizesse já mais alguma antes do as-
 sento no Registro. Cessáraõ as representa-
 ções , e se exerceo a Real authoridade
 do modo mais vigoroso , e prompto. Mas
 se esta mesma authoridade chegasse a
 tomar huma cousa por outra , a offender
 as Leis , e os Póvos , quem podia pre-
 caver o mal , levando a verdade aos pés
 do Throno ?

O Parla-
 mento
 obrigado a
 obedecer.

He certo que Colbert aliviou os Pó-
 vos , e augmentou consideravelmente a

Commer-
 cio flore-
 cente.

cobrança. A protecção concedida ao Commercio foi huma origem de riquezas para o Estado. Os pórtos de Dunkerque, e de Marselha declarados francos enchêrao-se de navios, e de fazendas. A Companhia das Indias, estabelecida em 1664, teve infinitos successos bons, para que se podessem antever os seus inconvenientes para o futuro. As manufacturas de espelhos, pannos finos, sedas preciosas, soberbas tapeçarias, se levantárao em pouco tempo com rapidos successos. A industria Franceza obrou maravilhas desde do instante, em que foi animada; e todas as Nações chegárao de algum modo a ser suas tributarias. A circulaçãõ se augmentou sensivelmente, e Colbert reduzio em 1665 a cinco por cento o juro, que Sulli reduzira a quatro por cento, e Richelieu a quatro, e meio. Alguns arrasoadores habéis pretendem hoje que mais valeria huma inteira liberdade.

Abusos q
Colbert
naõ pode
reformat.

Confórme o Author do seculo de Luiz XIV., “o Ministro Colbert naõ fez tudo
„ quanto podia fazer, e muito menos
„ o que queria. Os homens naõ eraõ en-
„ taõ mpito illuminados; e n’hum gran-
„ de Reino sempre ha grandes abusos. O
„ direito arbitrario da talha, a multipli-
„ cidade de direitos, as alfandegas de
„ Provincia em Provincia, que consti-
„ tuem

„ tuem huma parte da França estrangei-
„ ra para a outra parte, e ainda inimi-
„ ga, a desigualdade das medidas de hu-
„ ma para outra Cidade, e outras mui-
„ tas enfermidades do Corpo politico,
„ tudo isto ficou como d'antes. A maior Extracção
dos trigos.
„ culpa, que se argue a este Ministro,
„ he não ter ousado animar a extracção
„ dos trigos. Sendo florentes todos os
„ outros ramos da administração, não
„ pode Colbert dar remedio ao defeito
„ da principal.... Este erro, conhecido por
„ todos os Cidadãos capazes, não foi re-
„ parado por Ministro algum no espaço
„ de cem annos completos, até a Épo-
„ ca memoravel de 1764. „ (*Cap. 30.*)

Porque razão esta Época da liberda- Questões
a respeito
de seme-
lhante ob-
jecto.
de do Commercio dos trigos não foi fe-
liz até agora? Porque padecêrao tanto os
Póvos? Porque se prohibio depois a ex-
tracção? Por ventura deve-se isto atri-
buir ás más colheitas, ou a maneios di-
gnos de todo o castigo, ou a alguma im-
perfeição da Lei? He cousa que não me
pertence decidir. Mas o facto mostra que
as especulações mais admiraveis não cor-
respondem ao successo, menos que tu-
do não tenha sido antevisto, e a provi-
dencia assegurado o remedio a qualquer
inconveniente possível. Importa muito dis-
correr, e muito mais importa obrar bem.

Obras públicas.

Luiz XIV. , com huma boa administração , vio-se logo em estado , affim de infundir respeito ás Potencias Estrangeiras , como de aperfeiçoar tudo no seu Reino. Não só afformoseou a Capital , que foi calçada , e magnificamente illuminada ; mas tambem deo providencias para a segurança dos habitadores por meio de huma policia , de que não ha exemplo em outra qualquer parte. As estradas públicas , as obras uteis mudárao a face das Provincias. Em 1664 , se deo principio ao canal de Languedoc , pelo qual se ajuntão os dous mares separados por montanhas. Que linda cousa não he domar por este modo a natureza , e sujeitalla a felicidade de huma Nação !

A legislação rectificada , mas imperfeitamente.

Hum objecto mais importante , que todos os mais , era a administração da justiça. Em 1666 houve hum Conselho para reformar as Leis. A Ordenação civil appareceo em 1667. Seguirão-se successivamente o Codigo das aguas , e mattos , a Ordenação criminal , &c. Os duelos , severamente prohibidos , chegáao a ser cada vez mais raros : infinitos abusos funestos forão refreados. Se ainda ficou hum grande número de abusos , he porque huma legislação gothica , procedida de algum modo do acaso , das circumstancias , e da antiga barbaridade , quasi sem prin-

principios razoaveis , e uniformes , deveria ser antes fundida de novo inteiramente , se possível fosse , do que rectificada em alguns pontos particulares. Nenhuma obra humana requer tanto engenho , luzes , experiencias , sabedoria , e prudencia. As proprias Leis de Inglaterra ainda estão cheias de defeitos , que a liberdade não pode destruir.

Vários estabelecimentos proprios para avigorar a razão , e lhe sujeitar alguma das todas as preocupações , favoreciaõ as idéas do Legislador ; o qual tinha estabelecido em 1663 a Academia das Inscriptões , e Bellas-Letras. A Academia das Sciencias foi estabelecida em 1666. A Sociedade Real de Londres estava estabelecida , havia seis annos ; e o gosto das Bellas-Letras não permittio aos Francezes igualalla neste seculo , posto que tivessem alguns Fyficos, e Mathematicos estimaveis. Tenças , e gratificações concedidas aos Varões doutos , ainda estrangeiros , já faziaõ célebre com ênfaze a Luiz XIV. por toda a Europa.

Academias.

Recompensas literarias.

As musas , e as artes ornáraõ em breve tempo a sua Corte. As suas soberbas festas uníraõ os encantos do espirito a tudo o que se podia imaginar mais sumptuoso : attrahiaõ innumeraveis admiradores ; e os curiosos de cada Paiz pagavaõ lu-

Festas de Versalhes.

humas partes das festas , com o dinheiro que pelo Reino semeavaõ. A festa de Versalhes em 1664 foi a Época do Tartuffe, d'aquella Obra consummada de Moliere , que humas intrigas devotas se empenhou , mas em vão , por aniquilar. Racine , e Boileau não tardáraõ em mostrar os seus talentos : tudo excitava o engenho. Mas he necessario conceder que a adulação escuraceo algumas vezes o seu justo reconhecimento. Gostava Luiz de ser lisongeados com toda a delicadeza ; e esta foi humas arte cultivada com grande successo , e cujos fructos se convertêraõ em veneno.

Luiz lisongeados, não pôde deixar de cometer erros.

Admirado o Monarca, ou louvado em todas as suas empresas, acções, procedimentos, e idéas , não soube seguir o justo meio , em que teria sido verdadeiramente digno de tantos elogios. Versalhes absorvia as suas riquezas. A paixão da gloria , e das conquistas o exporá a mais enormes despesas. O mesmo Colbert não poderá contribuir para ellas , senão apartando-se dos principios da administração , em que assenta o bem do Estado.

É P O C A
D E L U I Z XIV.

L I V R O II.

*Des da guerra de 1667 até a de 1688,
depois da Liga de Augsburgo.*

C A P I T U L O I.

*Conquistas da Flandres , e do Franco-Con-
dado. --- Triplice alliança. --- Paz de
Aquisgran. --- Sitio de Candia
pelos Turcos.*

TINHA Filippe IV. , Rei de Hespanha, Filippe IV. tinha go-
vernado mal a Hes-
panha. falecido em 1665 : Príncipe , que tendo talentos , e virtudes , parecia abbreviar a ruina da sua Monarquia ; porque entregue aos prazeres , e á preguiça , governado pelos seus Ministros , ou pelos seus lison-geiros , sem obrar , nem vêr cousa alguma per si mesmo , inspirando huma mortal frouxidão aos seus vassallos , em vez de animar novamente o seu valor , e en-ge-

genho , não dando remedio a algum dos vicios do governo , e augmentando o seu número , os constituiu quasi incuraveis. E tendo D. Luiz de Haro , Ministro , e valido estimavel , falecido em 1661 , não foubraão achar quem substituisse o seu lugar , como elle.

Principios
do Reyna-
do de Car-
los II.

Carlos II. Principe de quatro annos , e de fraca saude , succede á Coroa de seu Pai. D. Joaõ , filho natural do Rei defuncto , o unico capaz de governar , he perseguido pela Rainha Regente , Maria Anna de Austria ; a qual tudo abandona ás preocupações de seu confessor o P. Nitard , Jesuita Alemão , a quem põe na frente do Conselho , depois de o ter nomeado Inquisidor Geral. Conhece-se a arrogancia deste Jesuita , pela resposta que deo a hum Grande , que lhe fallava com pouca sujeição : *Deveis respeitar-me , pois todos os dias tenho o vosso Deos nas minhas mãos , e a vossa Rainha aos meus pés.* Quão importante he aos Principes não confundir os segredos da sua consciencia com os negocios de Estado ! Com hum Ministro semelhante tudo deve necessariamente peiorar. Proveito he para os inimigos.

O Padre
Nitard se-
nhor do
governo.

Preten-
ções de
Luiz XIV.
a respeito
de Braban-
te.

Posto que o Tratado dos Pyreneos incluísse huma renunciação absoluta da Rainha de França , filha de Philippe IV. , a todos os seus direitos , e a todos os Estados de seu Pai,

Pai , renunciação renovada pelo seu contracto de casamento ; pretendia Luiz XIV. fazer reviver huma parte destes direitos , e segurar-se de huma parte desta vasta Successão. A Corte de Versalhes pretendia que Brabante devia pertencer a Maria Thereza , como filha primogenita do primeiro matrimonio , em virtude de huma *devolução* estabelecida nos Paizes Baixos , por meio da qual os filhos do primeiro matrimonio excluem os do segundo , ou varões ou femeas. Este direito tinha lugar nas successões particulares. E contemplava elle por ventura os Principes ? Por ventura subsistia depois de huma solemne renunciação ? Grande materia de litigio , o qual só as armas decidem.

Os Jurisconsultos , e os Theologos , consultados por ambas as Cortes , não deixáram de defender as duas contradicções. De huma , e outra parte se publicáram escritos , a fim de manifestar-se a justiça. Em hum dos escritos da Corte de França , se achão estas memoraveis palavras : *Ninguém diga que o Soberano não está sujeito ás Leis do seu Estado ; pois que a proposição contraria he huma verdade de direito das gentes , acometida algumas vezes pela lisonja , mas defendida sempre pelos bons Principes , como huma divindade tu-*

Escritos
de huma ,
e outra
parte.

Maxima
a respeito
da Sobera-
na autho-
ridade.

telar dos seus Estados. (Defensa dos direitos da Rainha.) Feliz a Monarquia, onde o Principe obedece com effeito ás Leis, e só por ellas governa!

Luiz muito disposto para a guerra.

Mas que Luiz, em extremo altivo com o seu poder, não tivesse a moderação, que devia regular o seu uso, e ambicioso de conquistas, e trofeos não anteviesse as tempestades, que os seus successos infallivelmente attrahiriaõ sobre o seu Reino, era grande infelicidade para a Europa, e ainda para a propria França. Mazarino, o tinha nutrido de idéas lisongeiras de engrandecer-se. O Marquez de Louvois, seu Ministro de guerra, ardia por distinguir-se em empresas favoraveis á sua propria ambição: unindo-se o interesse do Ministro com os desejos, e preocupações do Principe, facilmente se pôde alcançar qual seria o exito deste negocio.

Tratado secreto a respeito da divisaõ da Successão de Hespanha.

Nenhum irmão tinha o Rei de Hespanha. A sua Coroa parecia ao longe uma herança, que se havia disputar, e a politica he pouco escrupulosa. Falla Voltaire de hum Tratado secreto, hoje em dia depositado em o Louvre, em virtude do qual as Cortes de França, e Vienna concordáraõ já entre si n'uma divisaõ. O Imperador Leopoldo consentia que Luiz tomasse posse dos Paizes Baixos, com condição de que a Hespanha lhe pertenceria

ria por morte de Carlos II. Tomou extraordinarias precauções, para que ninguém tivesse noticia deste Tratado, cujo instrumento, sem copia, fechado n'hum caixão de metal, devia ter em seu poder o Graõ Duque de Toscana. Semelhantes segredos cedo, ou tarde se descobrem.

Excellentes tropas bem disciplinadas, imensos preparos, armazens na fronteira, dous Ministros capazes, e cheios de emulação, hum Turenne por General; estas as vantagens, com que Luiz XIV. marchava para hum conquista infallivel. Quasi que apenas apparece, toma logo Charleroi, Ath, Tournay, Furnes, Armentieres, Cortray, e Douay. Lille, que estava bem fortificada, e tinha hum guarnição de seis mil homens, só nove dias soffrta de sitio. Aconselhou Louvois que se pozessem guarnições nestas Praças, e o célebre Vauban as fortificou. O seu novo methodo de fortificações razas excedia a tudo quanto a arte do engenho tinha inventado.

Apenas o Rei tinha descansado das fadigas desta campanha, parte no rigor do Inverno a conquistar o Franco-Condado; Provincia, que dependia do governo de Flandres, ou para melhor dizer, que se governava, como hum especie de República, debaixo do dominio Hespanhol,

1667
Conquistas de Flandres.

1668
Conquista do Franco-Condado.

nhol, e era muito apaixonada pelos seus Soberanos ; porque estes a respeitavaõ, e não entendiaõ com os seus privilegios. O Principe de Condé, Governador de Borgonha, tinha proposto o plano da expedição, e Louvois, emulo de Turenne, aproveitou-se anciosamente deste plano. Empregáraõ-se algumas manobras secretas a fim de accelerar o successo das armas ; mas encontráraõ-se trahidores. E onde he que não se encontraõ por dinheiro ? Affenhorea-se Condé repentinamente de Besançon, e Salinas. O Rei acomette Dola, e a vence em quatro dias. Em três semanas foi conquistada toda a Provincia, no mez de Fevereiro. Besançon, que n'outro tempo fora Cidade imperial, tinha sido cedida á Hespanha em 1652, pela Cidade de Franckendhal.

Procedi-
mento do
Rei no Ex-
ercito.

Nestas duas conquistas mostrou El-Rei Luiz hum valor prudente, como o requeriaõ as conjuncturas. A sua presença animava muito as trópas. Os uniformes, que elle foi o primeiro que lhes deo, eraõ huma distincção util para os Regimentos. As recompensas distribuidas a tempo inspiravaõ a maior, e mais forte emulação. Mas o Monarca servia-se nos Exercitos da sua mesma ostentação ; e luxo: perigoso exemplo para o futuro. Os Generaes o deviaõ sem dúvida imitar ; os

Luxo ex-
cessivo.

fim.

simples officiaes imitar depois mais, ou menos os Generaes, e assim os mais á proporção. E quantos inconvenientes não se seguirião daqui?

A Corte de Madrid, que com o governo de hum Jesuita perdia tão ignominiosamente as suas Provincias, vio-se obrigada a reconhecer finalmente a independencia de Portugal, e acabou hum guerra de 26 annos, tão humilde para a Hespanha, como a das Provincias Unidas. Os Portuguezes tinhaõ privado ultimamente do Throno a D. Affonso VI., Principe fraco, e furioso. D. Pedro, seu irmão, o tinha substituido com o simples titulo de Regente, o qual casou com a Rainha, cujo casamento primeiro foi declarado nullo, com o pretexto de impotencia do Rei: e esta uniaõ foi authorizada pelo Papa. N'outros tempos haveria maiores difficuldades. Affonso, a quem declaráraõ impotente, tinha hum filho natural.

Hespanha reconhece a independencia de Portugal.

Affonso VI., o impotente, privado do Throno.

Com tudo os successos de Luiz XIV. atemorizavaõ as Nações. Inglaterra especialmente temia as suas consequencias; e Hollanda tremia por não ter já fronteira. Ambas estas Potencias, apenas reconciliadas, uníraõ-se por meio de hum tratado, que se concluiu quasi n'hum instante. O Cavalleiro Temple, Embaixador na Haya,

Triplex alliança a fim de suspender os intentos de Luiz XIV.

e o primeiro Ministro de Estado das Províncias Unidas Wit, eraõ superiores á Política vulgar, cheia de trapaças, e de artificios; pois tudo dirigiaõ para o bem commum. A triplice alliança, em que entrou tambem a Suecia, teve por seu objecto obrigar El-Rei Luiz a fazer a paz com a Hespanha, e a renunciar novamente os direitos da Rainha, conferindo humas partes das suas conquistas. Atreveo-se Wit a mandar assignar este Tratado pelos Estados geraes, sem esperar o consentimento das Províncias, e Cidades. Era este o caso, em que as demoras do Governo podiaõ chegar a ser funestas. *Fallaremos nisso d'aqui a seis semanas*, disse o Embaixador de França, a respeito do projecto da Liga. Taõ grandes eraõ as esperanças, que elle tinha de desfazer a Liga, antes que se completassem as formalidades ordinarias.

Procedimento de Wit.

Mortifica Van-Beuning a altivez do Rei.

O altivo conquistador suspende-se por si mesmo, propõe a paz, e dissimula a sua paixaõ. Vê a Van-Beuning, Burgmestre de Amsterdaõ, Republicano inflexivel, vir embatter de algum modo com a sua imperiosa altivez, e tratar com os seus Ministros sem receio, nem condescendencia. *Por ventura não vos fiaes na palavra do Rei?* perguntavaõ hum dia a este Holandez, e elle respondeo: *Ignoro o que o Rei*

Rei quer , mas confidero o que elle pôde.
 N'huma palavra as condições foraõ reguladas por Van-Beuning , e o Tratado assignado em Aquisgran. Ficou Luiz com a Flandres , entregou o Franco-Condado , confirmou o Tratado dos Pyreneos ; mas sempre resentido.

Tratado de Aquisgran.

Livre a Hespanha de huma guerra taõ perigosa , não ficou ainda tranquillã. A Regente , ou para melhor dizer , o seu P. Nitard maltratava o homem , que mais importava respeitar. Perseguido D. João de Austria , até o ultimo extremo , rebel-la-se , sobleva Aragaõ , e Catalunha , e obriga a Rainha a separar-se do Jesuita. Manda esta o P. Nitard para Roma por Embaixador , que chega a ser Cardeal. Dividio-se o governo entre a Regente , e o Principe. A orgulhosa incapacidade do Confessor tinha destruido a Monarquia : grande lição , de que taõ pouco se aproveitáraõ.

D. João de Austria soblevado pelo Padre Nitard.

Perde este Jesuita o seu lugar.

Hum terrivel flagello affolava ao mesmo tempo os Hespanhoes na America. Vários piratas sem leis , sem costumes , nem religião , avaliando em nada a vida em comparação da liberdade , intrepidos , e igualmente ferozes , conhecidos com o nome de *Bocaneiros* , ou *Aventureiros* , Inglezes , Francezes , confundidos huns com os outros , tinhaõ-se apoderado da Ilha de

Bocaneiros , ou piratas formidaveis para a Hespanha.

Tartaruga, visinha a S. Domingos. Estes piratas em simples canoas, acometiaõ, e tomavaõ embarcações consideraveis. Nada resistia ao seu desesperado impeto. O mortal odio, que elles tinhaõ jurado aos Hespanhoes, os constitua mais que homens para os offender. Seiscentos, ou quando muito mil aventureiros, capitaneados por hum Inglez, chamado Morgan, tentáraõ o ataque de Porto Bello, Cidade forte, defendida por huma boa guarnição, e que incluia immensas riquezas. Os piratas escaláraõ, e tomáraõ a fortaleza, e a Cidade foi resgatada por quasi hum milhaõ de patacas. (1669.) O seu attrevimento sempre foi em augmento, e delle se contaõ feitos heroicos. Mas não tendo estes piratas nem principios, nem prudencia, nem governo, e entregando-se a todos os excessos imaginaveis, não podiaõ por fim deixar de vir a ser dissipados, quando a Hespanha acordasse do seu ignominioso lethargo.

Sua em-
preza a ref-
peito de
Porto Bel-
o.

Prosperi-
dade da
França.

Depois do tratado de Aquisgran, continúa França a adquirir tanta força, como esplendor. O seu Commercio se dilata, assim como a sua marinha, e Colbert, e Louvois trabalhaõ á porfia pela gloria do Monarca. Este Reino excita igual admiração, e inveja nos Estrangeiros. Tendo João Cazimiro, Rei de Polónia

nia abdicado por afeição ao descampo, vem estabelecer em França a sua habitação. Concedem-lhe a rica Abbadia de São Germano, que poderia constituir felizes vinte Francezes. Tinha elle sido Jesuita, Cardeal, e só respirava as doçuras da sociedade, e Pariz era o centro dellas, onde reinavaõ os prazeres, e a urbanidade.

Hum Rei
de Polonia
vem ser
Abbate
em França.

Vemos dar tambem Luiz XIV. aos Principes Christãos hum exemplo glorioso, que nunca foi imitado. Sitiavaõ os Turcos Candia (a antiga Creta), huma das principaes possessões de Veneza. O Papa Clemente IX., e a Ordem de Malta tinhamão dado alguns soccorros, muito diminutos contra hum Imperio tão poderoso. Sete mil Francezes, commandados pelo Dúque de Beaufort, foraõ combater os Turcos. O Duque de Rouanois, depois Marechal da Feuillade, tinha já conduzido, á sua propria custa, mais de duzentos Cavalleiros: o heroísmo das Cruzadas parecia renascer, por hum objecto digno de o reanimar. Mas ou era muito tarde, ou não era bastante. Ficando os mais povos na inacção, estes soccorros não podiaõ deixar de retardar a tomada de Candia, reduzida ás ultimas extremidades. Nesta acção morreo o Duque de Beaufort; e depois de hum sitio de tres annos capitulou se. Francisco Morosini, que de-

1669
Soccorros
mandados
para Can-
dia.

Candia he
tomada
pelos Tur-
cos.

pois foi Doge de Veneza, Capitão General da armada, immortalizou o seu nome nesta guerra; e Montbrun, Francez, que mandava o exercito da República, participou a gloria do Veneziano. O Graõ Visir Cuprogli, distincto pelos seus talentos, usou dos parallelos nas trincheiras. Hum engenheiro Italiano foi o seu inventor; e foraõ entaõ os primeiros, que se guiraõ hum methodo geralmente adoptado como utilissimo.

C A P I T U L O II.

Guerra com Hollanda por causa de razões pessimas. --- Luiz XIV. a reduz a extremo em 1672. --- Movimentos da Europa contra Luiz XIV. --- Perde Luiz em breve tempo as suas conquistas.

Preende
Luiz ving-
gar-se dos
Hollande-
zes.

ESTAVA Luiz XIV. irritado por causa da triplice alliança, que tinha suspenso o curso das suas rapidas conquistas. Não podia Luiz perdoar esta alliança aos Hollandezes. Depois de os ter generosamente soccorrido, assim contra Inglaterra, como contra o Bispo de Munster, Bernardo de Gallen, Prelado guerreiro, e confiado, contemplava como attentado,

do, e injúria, os seus politicos esforços a fim de tolher-lhe a ambição. Em fim que-ria Luiz vingar-se, e conquistar.

Com o intento de subjugar a Hollan-
da, tomou todas as precauções que seriaõ
necessarias para a empresa mais attrevida.
Allianças, preparos de guerra, profundo
segredo, e actividade vigorosa, tudo pa-
recco segurar a execução.

Suas cau-
telas.

Importava principalmente acarear o
Rei de Inglaterra, e conseguiu-se. Tinha
Carlos II. fraca authoridade, e os Ingle-
zes estavaõ geralmente descontentes. Os
odios de Religiaõ, muito fortes ainda,
serviaõ de nutrir-lhe a sua inquietação.
Por huma parte, os Presbyterianos ve-
xados pelas Leis, murmuravaõ da perse-
guição, que este Principe não approvava;
por outra parte, os Anglicanos indigna-
vaõ-se por causa da tolerancia, com que
Carlos pretendia tolerar os Catholicos; e
o Duque de York, seu irmão, tendo
abraçado a Fé Romana, uniaõ-se as sei-
tas para acometter o Papismo. Como fal-
tava a economia, renasciaõ sempre as ne-
cessidades da Corte. O Parlamento, a fim
de subjugar a Coroa, concedia-lhe pou-
co, e tanto maior era a oppressão, que
Carlos experimentava, quanto era o gôf-
to, que tinha pela authoridade absoluta.
Cinco novos Ministros compunhaõ o seu
Con-

Situação
critica do
do Rei de
Inglaterra.

A *cabala*,
novo mi-
nistério.

Conselho, o qual se intitulou a *cabala*. O conceito, que elle fazia destes Ministros, procedia da conformidade, que elles tinham com as suas paixões. O projecto de unir-se com a França, de conservar por este modo poderosos soccorros, e de reinar depois com hum poder arbitrario, sahio provavelmente deste Conselho; systema totalmente confôrme com o genio do Duque-de York, que podia muito com o Rei.

1670
Carlos II.
entrado em
hum a Liga
por Luiz
XIV.

Taes eraõ as disposições da Corte de Londres, quando Luiz XIV. dispunha hum a negociação singular com ella. A Duqueza de Orleans, irmã de Carlos II. Princeza muito linda, e de grande siso, foi o negociador, de que elle se servio, e a fim de não causar suspeita alguma, faz hum a viagem pomposa a Dunkerque, e ás suas conquistas de Flandres. A Rainha, e todas as Princezas foraõ em sua companhia. A Duqueza de Orleans tem hum a razão plausivel para visitar seu irmão. Passa o Estreito: Carlos os vêm receber em Cantuaria: as festas, e os prazeres encobrem o segredo de Estado: conclue-se hum a tregoa contra Hollanda; e na volta, morre esta joven Princeza, sem que os negocios mudem de figura. Tinha ella deixado a Carlos hum a dama da sua comitiva, de quem este sempre viveo
apai-

apaixonado , e a fez Duqueza de Portsmouth. Esta era huma prisão mais para captivar aquelle Principe sensual , e imprudente. De quantas cousas não se serve a politica !

O Imperador Leopoldo tinha soblevado os Hungaros , violando os seus privilegios , e perseguindo por materia de Religião : dous defeitos que pareciaõ hereditarios na Casa de Austria , a pezar de tantas , e tão funestas experiências. Sob pretexto de huma conspiração , verdadeira , ou supposta , hia tomando todas as Praças de Hungria , e occupado com os seus proprios negocios , e não gostando dos Hollandezes , favoreceo as idéas da França. Affeguráraõ-se de todos os Principes d'Alemanha , excepto do Eleitor de Brandeburgo : tornáraõ a acarear a Suecia : não se temia a Hespanha , e se julgava já ser chegado o instante de subjugar huma República sem defeza.

Nenhuma razão sólida havia para acometer a Hollanda : tudo consistia em queixas , e pretextos. Huma medalha , em que Hollanda se louvava a si mesma de ter *segurado as Leis , apurado a Religião , soccorrido , defendido , e reconciliado os Monarcas , vingado a liberdade dos mares , e firmado a tranquillidade da Europa* : esta orgulhosa medalha , tal como se

O Imperador, Alemanha, e Suecia abandonão a Hollanda.

Pretextos para a guerra.

cunhou em todos os Paizes, talvez com menos fundamento, era hum dos agravos principaes, como se esta tivesse causado usurpações a respeito das Coroas. O seu cunho foi quebrado, e despedaçado pelos Hollandezes. Mas Luiz, e Carlos tinhaõ tomado a sua resolução, e declaráraõ a guerra.

Dous partidos na República.

A República para maior infelicidade sua estava dividida entre dous partidos. João de Wit, e Cornelio, seu irmão, seguidores sevéros da liberdade, tinhaõ feito excluir formalmente o Joven Principe de Orange, Guilherme III., da dignidade de Stathouder, abolida em 1650, depois da mórte de seu Pai, Guilherme II. Hum das próvas, de que estes illustres Cidadãos obravaõ com sentimentos patrioticos, he que o primeiro Ministro dos Estados das Provincias Unidas tinha dado ao Principe a melhor educação, a fim de o constituir capaz de servir o Estado em todas as circumstancias: conseguintemente este Ministro tinha-se exposto a ser hum dia victima sua, se Guilherme, tendo muito merecimento, se entregasse antes a ambição, ou a vingança, do que ao zelo Républicano. Este Principe, com vinte hum annos de idade, além das sublimes qualidades, que tinha, era dotado de huma ambição ardente, e confi-

de-

derada. Aspirava á dignidade dos seus antepassados, tinha hum partido numerozo; e a discordia intestina augmentava os perigos externos.

Estranhaõ a Joaõ de Wit o ter-se descuidado das trópas de terra, pondo toda a sua vigilancia na marinha. He certo que a Hollanda era tão fraca por huma parte, como tremenda pela outra. O mar parecia ser o seu elemento. Não antevendo o primeiro Ministro dos Estados das Provincias Unidas huma invasão repentina, tão pouco provavel, tinha-se entregue inteiramente aos objectos mais importantes para a sua República. Mas toda a segurança excessiva cedo, ou tarde chega a ser funesta. A segurança dos Estados consiste em antever os perigos possiveis, e estar prompto para tudo quanto poder acontecer.

Tinha Wit des-
prezado as
trópas de
terra.

Encaminha-se Luiz com todas as suas forças, e com os mais célebres Cabos, que tinha, contra aquelle pequeno Estado, que não lhe pode oppôr, senão pessimas trópas mercenarias, e passa o Rhin quasi sem perigo em 12 de Junho. Hia o rio baixo; a cavallaria teve pouco espaço para nadar; a artilharia atirava contra a praia; os dous regimentos, que a defendiaõ, brevemente desapparecêraõ, e a Infantaria passou tranquillamente com

1672
Passagem
do Rhin.

o Rei por huma ponte de barcos. Esta gentileza , celebrada como hum prodigio , era sem dúvida atrevida , e gloriosa ; mas a fama , e a lisonja accrescentarão-lhe hum esplendor , diminuido em muito pela imparcialidade da Historia.

Tres Provincias
conquistadas ao
principio.

Batalha de
Solebay.

Em menos de tres mezes , se conquistárao as Provincias de Utrecht , Overijssel , Gueldres , além de mais de quarenta Práças fortificadas. Amsterdaõ estava vendo o inimigo , quasi ás suas pórtas. Com tudo Ruyter combateo gloriosamente com as esquadras Ingleza , e Franceza , unidas perto de Solebay ; o Duque de York soffreo hum fogo tão terrivel , que se vio obrigado a mudar de não ; e posto que esta batalha naval , sem decidir nada , assim como outras muitas , defendesse a honra da bandeira Hollandeza , nem por isso a República se julgava menos perdida. Alguns soldados volantes apparecêraõ distantes huma legoa da Capital. Se o número delles fora maior , abrir-se-lhes-hiaõ as portas.

Hollanda
quasi para
acabar.

Na opiniaõ de Voltaire , de cujas palavras me sirvo neste lugar , para não perder nada de huma individuação interessante , “ as mais ricas familias , as mais
„ fervorosas a favor da liberdade , se dis-
„ punhaõ a fugir para os extremos do
„ mundo , e embarcar-se para Batavia.
„ Fez-

„ Fez-se o numeramento de todos os na-
„ vios , que podiaõ fazer esta viagem , e
„ o calculo de tudo quanto se podia em-
„ barcar. Achou-se que cincoenta mil fa-
„ milias podiaõ refugiar-se na sua nová
„ Pátria. Hollandá já não teria existido ,
„ senão no fim das Indias Orientaes : as
„ suas Provincias da Europa , que não
„ compraõ o trigo , senão com as suas
„ riquezas da Ásia , que não vivem se-
„ não do seu Commercio , e se assim se
„ pôde dizer , da sua liberdade , quasi
„ que de repente se teriaõ arruinado , e
„ despovoado. Amsterdam , que he o de-
„ posito , e o armazem da Europa , onde
„ duzentos mil homens cultivaõ o Com-
„ mercio , e as Artes , brevemente se con-
„ verteria n'humá vasta lagoa. Todas as
„ terras visinhas requerem gastos immen-
„ sos , e milhares de homens para levan-
„ tar os seus diques : todas ellas se te-
„ riaõ provavelmente visto faltas de ha-
„ bitadores , e juntamente de riquezas ,
„ e por fim ter-se-hiaõ sobmergido ; não
„ deixando a Luiz XIV. senão a deplo-
„ ravel gloria de ter destruido o mais sin-
„ gular , e admiravel monumento da
„ industria humana. „ E eis-aqui todavia
„ o que os Poetas , os Oradores , e talvez
„ os Historiadores teriaõ ornado com todas
„ as flores da lisonja a mais eloquente !

João

Pede Hol-
landa a
paz.

Condi-
ções into-
leraveis.

João de Wit, em situação tão hor-
rorosa, determina os Estados geraes a pe-
dir a paz, a pesar do Principe de Oran-
ge, feito General, e Almirante, sem lhe
dar parte no governo. Os seus Deputa-
dos implorão a clemencia do vencedor,
e são recebidos por Louvois com huma
altivez insultadora. Prescrevem-se condi-
ções intoleraveis. Pede-se toda a região
situada além do Rhin, e Praças no cen-
tro da República; o restabelecimento da
Religião Romana; huma embaixada ex-
traordinaria todos os annos, a fim de se
reconhecêrem devedores ao Rei da liber-
dade, &c. Soberbo Luiz com as suas vi-
ctorias, não antevia a inconstancia da for-
tuna, que o poderia algum dia reduzir a
humilhar-se perante aquelles mesmos, que
opprimia. Como o tratarão elles nesse ca-
so?

Desespera-
ção.

Mortan-
dade cruel
dos irmãos
de Wit.

Affim que os Deputados voltáraõ, af-
fim que se espalhou a noticia das condi-
ções, muda-se o terror em desesperação,
e a desesperação anima novamente o va-
lor Republicano. Esquecendo-se a plebe
furiosa dos serviços dos irmãos de Wit,
imputa-lhes as desditas presentes, mata-
os cruelmente, e os faz em quartos,
com aquella horrorosa raiva, de que se vê
por toda a parte algum exemplo. Mas os
Magistrados occupaõ-se no bem público,

como Cidadãos intrepidos, e virtuosos. Creado finalmente Stathouder, o Principe de Orange, he o recurso principal do Estado. *Tendo hum meio seguro*, diz o Principe, *para não vêr já mais a ruína da minha Pátria: morrerei na ultima trincheira.*

Guilherme Stathouder.

Para arredar o inimigo expõe-se a ser sobmergidos: rompem-se os diques do mar. Amsterdam, as Cidades, e os campos visinhos nadaão nas aguas. O amor da liberdade, e o odio da oppressão, fazem supportavel tudo quanto se pode soffrer em semelhante circumstância. Guilherme anima os Cidadãos, e lhes annuncia os soccorros da Europa, que elle efficazmente sollicita.

Rompem-se os diques a fim de se sobmergirem.

Com effeito, devia a Europa abrir os olhos a respeito da ambição activa de Luiz XIV. Viaõ-se ameaçados com as mesmas emprezas, que tinhaõ causado o temor, e o odio do poder Austriaco. Inglaterra gemia com o pernicioso systema do seu Rei, Carlos II.: o Eleitor de Brandeburgo declarou-se abertamente, prometteo vinte mil homens aos Hollandezes, e empenhou-se com o Imperador Leopoldo para lhes mandar vinte quatro mil. Dinamarca, e quasi toda a Alemanha entrãrão nesta Liga, e Hespanha seguiu em breve tempo o seu exemplo.

Move-se a Europa a favor da Hollanda.

Se

Erros do
conquista-
dor, que
segue hum
peffimo
conselho.

Se o Conquistador tivera acomettido a Capital, quando todos estavaõ nella opprimidos pelo terror ; se em vèz de espalhar as trópas pelas Praças conquistadas, como o seu Ministro Louvois o moveo a fazer, demolira as fortificações, conforme o parecer de Condé, e de Turenne, os quaes diziaõ, que para sôbjugar qualquer Paiz, deviaõ-se preferir os exercitos ás guarnições ; finalmente, senaõ tivera dado tempo á Hollanda para respirar, e ao Stathouder para obrar ; esta expedição teria sido menos infructuosa. Qualquer erro comettido ou na guerra, ou na politica, destroe muitas vèzes os projectos os mais bem dispostos. Razaõ porque os erros comettidos são huma das melhores lições da Historia.

— A tempestade, que se formava naõ impedio a Luiz XIV. de tomar em pessoa a Cidade de Maestricht : esta importante Praça abria-lhe a communicacão com as suas conquistas. Mas o General Montecuculli, demorado muito tempo nas margens do Rhin por Turenne, ajuntou-se finalmente com os Hollandezes. O Principe de Orange assenhoreou-se de Bonn ; exercitando a mais rigorosa disciplina, tinha formado soldados. Por outra parte, Louvois, Ministro desapiadado, mandou degradar ignominiosamente hum

1673
Principia
Luiz a per-
der as suas
vantagens.

Severida-
de injusta
de Lou-
vois.

hum bom official , que tinha rendido Naerden , depois de hum combate de cinco horas. Era Naerden a primeira Praça rendida. A caso imaginavaõ que hum exemplo injusto de severidade salvaria os outros , e que o Francez chegaria a ser invencivel por motivo do temor da ignominia , mais do que por causa do sentimento da honra? Este Official continuou a servir como voluntario , e fez com que o matassem no seguinte anno.

Com tantos inimigos para combater ; era impossivel conservar as tres Provincias conquistadas , as quaes foraõ resgatadas , e evacuadas. Que sentimentos deviaõ inspirar entaõ os monumentos da conquista , entre outros muitos o arco de triumpho da porta de S. Diniz ! Principiava Luiz a experimentar que a ambição he muito enganosa. Ruyter , em tres batalhas navaes , no mez de Junho de 1673 , teve a gloria de resistir ás forças maritimas de Inglaterra , e França , sem ser vencido ; &c. Hollanda mostrava-se tremenda no Oceano , como se aliás não tivera perdido cousa alguma.

Finalmente os Inglezes , cujo systema politico não se podia conciliar com o da Corte , indignados por servirem aos projectos perigosos de Luiz XIV. , inquietavaõ Carlos II. de modo que fizesse a paz ab-

Evacuão-
se as con-
quistas.

Os Ingle-
zes inquie-
taõ Carlos
II.

Juramen-
to de *test*.

Carlos faz
a paz com
Hollanda.

absolutamente necessaria. O Parlamento levantou-se contra huma declaração anti-ga de indulgencia, que suspendia as Leis penaes a respeito da Religião. O Rei rompeo com a sua propria mão o sello deste acto, e vio-se de mais disso obrigado a consentir no famoso juramento do *test*, por meio do qual a doutrina catholica da transubstanciação era formalmente proscri-ta. Todo o que servisse hum officio no Es-tado, devia dar aquelle juramento; e o Duque de York foi obrigado a largar o emprego de Almirante. Carlos, vendo a administração exposta á censura parlamen-taria, e não podendo esperar novos sub-sídios, deo-se pressa a fazer a paz em 1674. Hollanda prometteo-lhe huma quan-tia de quasi trezentas mil libras esterli-nas. Só elle se aproveitou desta guerra, que tinha sido hum grande peso para a Na-ção; e desculpou-se com Luiz, conservou as suas allianças com a França, em cujo serviço deixou tambem dez mil homens.

CAPITULO III.

Continua-se a guerra de Hollanda, que chega a ser quasi geral. --- Luiz XIV. iriunfante. --- Impõe as condições de paz em Nimegue em 1678.

HUMA guerra emprendida com tão pouca razão, e principiada com tanto vigor, e successo, podia vir a ser funesta para a França. De todos os seus alliados, não se achou em breve tempo, senão com a Suecia. O Imperador com huma grande parte do Imperio, a Hespanha, a Dinamarca eraõ seus inimigos, do mesmo modo que a Hollanda. Com tudo havia recursos infinitos, assim na authoridade do Rei, e capacidade dos Ministros, e Generaes, como no ardor da Nação acostumada á victoria, e nas riquezas que o Commercio, e a industria espalhavaõ por toda a parte. Tinha Luiz ainda de triunfar; mas os seus triunfos eraõ huma especie de peçonha lenta, que devia minar o corpo politico.

Partio Luiz para conquistar em pessoa segunda vez o Franco-Condado, que o Ministro Hespanhol quasi que abandonou. Affenhourea-se Luiz do Franco-Condado.

1674
Quasi to-
da a Euro-
pa contra
Luiz.

donava a si propria. Pretendêraõ , mas muito tarde mandar-lhe soccorro: os Suissos negáraõ a passagem , Besançon rendeo-se depois de nove dias de sitio , e toda a Provincia foi submettida dentro em seis semanas. O conquistador lhe confirmou os seus privilegios , sem desvanecer todavia a lembrança de hum governo mais brando , que o seu.

Motivos
de animo-
sidade em
Alemanha.

Tinha o Imperador Leopoldo mandado prender em Colonia , ao mesmo tempo que nella se faziaõ Tratados , o Conde de Furstemberg , por favorecer a Luiz XIV. Esta violencia , tanto mais indefculpavel , pois ainda não se tinha declarado o Corpo Germanico , augmentava a animosidade dos partidos , e não deixava esperanza alguma de paz. O Eleitor Palatino , a quem França fizera grandes serviços , ligou-se contra ella com o Imperador: outro motivo de odio , e vingança , e por isso se misturou a crueldade com as operações militares.

O Palatinado
affo-
lado por
Turenne.

Mandava Turenne nas margens do Rhin hum Exercito de vinte mil homens. Com pequenos Exercitos he que elle obrou sempre grandes cousas. Combate , e vence em Sintzhein os Imperiaes , capitaneados por aquelle velho Duque de Lorena , Carlos IV. , tantas vezes infeliz por causa da sua inconstancia , e despojado en-

entaõ dos seus Estados por huma nova infidelidade. Acomette o vencedor o Palatinado , onde assola , e reduz a cinzas duas Cidades, e vinte cinco aldeas, pois estas barbaridades eraõ ordenadas pelo Ministerio. Contà-se que tendo Turenne recebido hum cartel de desafio do Eleitor desesperado , respondêra que depois que tinha a honra de ser General dos Exercitos de França , não combatia , senão na frente de vinte mil homens.

Tinha Condé quarenta e cinco mil homens em Flandres , contra hum número muito superior. Acometteo o Principe de Orange em Senef perto de Mons , e teve três cavallos mortos debaixo de si. O campo de batalha ficou toldado , conforme a relação dos Curas , de vinte cinco mil mortos , posto que a victoria ficasse indecisa. Este campo de batalha deveria ser a escola dos Principes , que tem furor , e paixão pela guerra.

Quando a inhumanidade chegasse ao ponto de não sentir , nem chorar a multidão de victimas desconhecidas , chorar-se ha em breve tempo a perda de hum grande homem tal , como Turenne. As suas duas ultimas campanhas são o prodigio da sciencia militar , consagrada á defenfa do Estado. Mais de sessenta mil Imperiaes passáráõ o Rhin. Turenne só

Batalha
sanguinolenta , e
inutil de
Senef.

Ultimas
campanhas
de Turenne.

com a terça parte deste número , salva a Alsacia , e a Lorena , alcança muitas victorias , desbarata os inimigos , e obriga-os a passar novamente para Alemanha , seguindo sempre o seu génio ; contra as ordens do Ministerio.

1675
Encontra
Turenne .
na sua fren-
te o Gene-
ral Montecuculli.

Turenne
morto.

Passa Turenne tambem o Rhin. Oppozeraõ-lhe Montecuculli , General digno de ser seu emulo. Ambos elles por espaço de dous mezes fazem á porfia marchas , e acampamentos admiraveis , antevendo os projectos hum do outro , nunca sorprendidos , e aproveitando-se sempre da menor vantagem. Dispondo-se Turenne para huma batalha , e julgando chegar ao instante de vencer , foi morto com huma bala perto de Sasbach. A mesma bala leva o braço ao Marquez de Santo Hilario , que vêndo seu filho chorar amargamente lhe disse : *Naõ chores por mim , chora por aquelle grande homem.* Qualquer julgaria estar ouvindo hum Regulo. Os Francezes , capitaneados pelo Conde de Lorges , fazem huma retirada honorifica , e resistem aos esforços de Montecuculli : o qual porém entra pela Alsacia , e não passa novamente o Rhin , senão na presença do Principe de Condé. Esta foi a ultima campanha do Principe Francez , e do General Austriaco.

O Marechal de Crequi, tendo aco-
mettido temerariamente hum exercito su-
perior, que sitiava Treveres, foi venci-
do em Confarbrick. Instruido este Mare-
chal tanto pela experiencia, como pelo
infortunio, mostrou-se depois prudente,
e valeroso. Treveres, que Crequi foi o
quarto General que emprendeo aco-
metter, o vio resoluta a morrer antes,
do que a capitular. Hum cobarde, e in-
solente Official capitulou na brecha; a
guarnição sediciosa pretendeo obter vio-
lentemente o consentimento do Marechal,
o qual preferio antes cahir nas mãos do
inimigo. Resgatado Crequi da sua prisão,
fez duas campanhas (em 1677, e 1678)
nas quaes pareceo animado do mesmo es-
pirito de Turenne. O Duque moço de Lo-
rena, Carlos V., sobrinho, e herdeiro de
Carlos IV., tendo-se assenhoreado de Fi-
lipsburg, estando na frente de sessenta mil
homens, já mais o podeprehender,
nem acometter, e tão pouco entrar na
Lorena, nem impedillo de tomar Fribur-
go.

Campa-
nhas do
Marechal
de Crequi.

Se eu seguisse os successos da guerra,
e os quizesse pôr em ordem, segundo as
suas datas, não faria mais do que huma
gazeta esteril, e enfadonha. Por toda a
parte se encontraõ estes factos accumula-
dos, que se desdouraõ huns aos outros.

Confusão
nos succes-
sos milita-
res.

Re-

Receio dizer muito ácerca delles , ainda limitando-me aos mais notaveis. Procuremos pelo menos gravallos no espirito ; por alguma idéa , que sirva para a instrucção : que palavras sem idéas de nada servem.

Rebelião
em Sicilia
contra
Hespanha.

Ao mesmo tempo que Hespanha fazia a guerra a favor dos Hollandezes , seus inimigos antigos , o Governo Hespanhol era sempre o peor da Europa. A Sicilia , opprimida com o peso do despotismo , se sobleva em 1674 ; e a mesma Messina , até então fiel , dá exemplo para isso. Luiz XIV. he acclamado em Sicilia , depois de huma victoria naval alcançada pelos Francezes. Carlos II. , já maior em 1675 , chama D. João de Austria , perseguido desde do principio pela Rainha Regente. Porém , mal que D. João he chamado , cahe logo em desgraça , e Carlos entrega-se por conselho da Rainha a Valenzuela , poeta intrigante de humilde nascimento , exaltado já aos primeiros empregos da Corte. Este novo Ministro dá festas , comédias , diverte e corrompe o Povo ; dissipa os Erarios em pomposas vaidades , e despreza a administração , cujos primeiros principios ignora. O Padre Nitard não era mais indigno de governar.

Valenzuela, pessimo
Ministro
Hespanhol.

Ruyter, e
Duque de
na Sicilia.

Vê-se Hespanha reduzida a pedir socorro aos Hollandezes , para defender ou recuperar a Sicilia. Passa Ruyter ao Me-
di-

diterraneo com huma armada. Duquesne, seu emulo, o combate, e o vence duas vezes. Na segunda batalha perde Ruyter a vida, hum dos maiores homens do seu seculo, que de simples moço, chegára a ser Heróe, e o Defensor da sua Pátria. A fortuna de Duquesne tambem foi parto do seu merecimento. Acometteo ainda os inimigos, Hollandezes, e Hespanhoes: alcançou a victoria, e com tudo Messina foi evacuada dous annos depois, em 1678. Estes enormes esforços de Marinha, juntos com outras muitas despezas prejudiciaes, eraõ causa de Luiz XIV. não poder sustentar as suas emprezas. Além de que o Ministerio de Hespanha já não era o mesmo; pois Carlos II. tinha mandado sua Mãe para hum Convento, Valenzuela tinha sido desterrado para as Filippinas, e D. João chegou a ser o primeiro Ministro.

Messina
evacuada
em 1678.

Os maiores successos da França foraõ nos Paizes Baixos, para onde encaminhava principalmente as suas forças. Gostava Luiz da guerra dos sitios, porque não podia deixar de ser feliz o seu exito, com hum Louvois, e hum Vauban, com Exercitos tão bem providos, e tão tremendos. Tomou em pessoa Condé, Bouchain, Valenciana, Cambray, Gand, e Ipres. A tomada de Valenciana he notavel em re-

Conquistas de Luiz
em Flau-
des.

Tomada
de Valen-
ciana, mais
digna de
observa-
ção.

zaõ de huma gloriosa circumstancia. Contra o uso estabelecido , propõe Vauban acometter , alto dia ; prõva que deste modo poupar-se-ha mais o sangue do soldado , e será mais facil de surprehender o inimigo ; que os cobardes serão obrigados a obrar bem , e por conseguinte haverá menos perigo , e maior vantagem. Este parecer he preferido ao de cinco Marechaes , ao do mesmo Louvois , e foi justificado com o exito. O attrevimento dos soldados mosqueteiros , que se lançaõ rapidamente de huma para outra obra , que todavia procedem cautos , põe a Cidade na precisaõ de render-se antes , que o Rei saiba que estaõ apoderados dos exteriores , e fica a numerosa guarniçaõ prisioneira. Em semelhantes materias , o Francez não tem igual.

Despreaux
e Racine
historio-
grafos li-
songeiros.

Depois de voltar da sua brilhante campanha de 1677 , disse Luiz XIV. a Despreaux , e a Racine , seus historiografos ; *Sinto que não viesseis a esta ultima campanha ; tericis visto a guerra , e a vossa viagem seria breve.* (Era ainda o mez de Maio.) *Vossa Magestade* , respondeo Racine , *não nos deo tempo para mandar fazer os nossos vestidos.* Eis-aqui as delicadas li-fonjas , que agradavaõ ao conquistador , que o enchiaõ de fumos de gloria , e lhe escondiaõ aos olhos as futuras infelicias.

des. Dous grandes Poetas , eleitos para seus historiadores , teriaõ feito hum panegyrico da sua historia , se a tivessem composto como eraõ obrigados , assim pelo seu titulo , como pelas suas tenças ; quando ,naõ ter-se-hiaõ desmentido. Haverá por ventura quem creia que Despreaux , depois da sua Epistola a respeito da passagem do Rhin , poderia ter dado huma idéa justa da guerra de Hollanda?

Por muito capaz , e valeroso que fosse o Principe de Orange , sempre experimentou a superioridade das armas Francezas. Tinha este Principe levantado o sitio de Maestricht em 1676. Aqui he bem que se faça menção do dito de Calvo , intrepido Catalaõ , que era o Governador da Cidade : *Eu não entendo nada da defesa de huma Praça* , disse elle aos seus engenheiros ; *tudo o que sei he que não me quero render*. No seguinte anno , quiz Guilherme salvar Sant'Omer , sitiada pelo Duque de Orleans ; mas perdeu a batalha de Cassel , e a Cidade foi tomada. O Duque de Orleans perdeu hum cavallo , em que estava montado , e deo provas de valor , que não se podiaõ esperar dos seus affeminados costumes. Tal era a força do exemplo , e o impulso da gloria. O Rei , segundo contaõ , teve inveja do Duque. Pelo menos esta foi a ul-

O Principe de Orange infeliz na guerra.

O Principe de Orange vencido, e derrotado em Cassel pelo Duque de Orleans.

tima vez, que Luiz poz seu irmão á frente de hum Exercito.

Perdas da
Suecia.

Este Monarca em toda a parte ficava victorioso, ao mesmo tempo que os Suecos, seus alliados, perdiaõ o Principado de Verden, a Pomerania, e quasi tudo quanto possuiaõ em Alemanha. O Eleitor de Brandeburgo, e a Dinamarca despojavaõ huma Potencia, que tanto tempo opprimira o Imperio. Com tudo tratava-se em Nimegue. O interesse dividio os inimigos; e França impoz as condições de paz, que foi necessario acceitar.

Tratados
de Nime-
gue.

1673
Paz com
a Hollanda
separada-
mente.

Desanexaraõ-se os Hollandezes da confederaçaõ para sua particular utilidade. A guerra tinha-se ateado contra elles, e deixou-os quasi destruidos n'huma unica campanha; mas des de 1674, como soubessem arredalla das suas Provincias, já não a faziaõ, senaõ como auxiliares. Extraordinaria revoluçaõ! Não perdem nada. Restitue-se-lhes Maestricht, unica Praça que ficava a Luiz XIV. depois de tantas conquistas.

Batalha de
Mons de-
pois do
Tratado.

O ambicioso Principe de Orange, excessivamente opposto á paz, não ignorando que esta estava concluida, ou quasi para concluir-se, distingue-se neste lugar por hum modo odioso. Acomette com todas as suas trópas o Marechal de Luxemburgo perto de Mons. Este digno discipu-
lo

lo do grande Condé he sorprendado , mas não vencido: e fica de algum modo superior. A paz estava assignada havia quatro dias. Que fructo podia logo esperar de huma victoria? Como se havia de lavar do sangue, que prodigamente fazia correr? Por ventura o Genero Humano he o desenfado, de alguns illustres homicidas?

Affim que os Hollandezes , separando-se dos seus alliados , como em outro tempo nos Tratados de Westphalia , ficáraõ seguros de huma paz tão vantajosa , não se demorou Hespanha em concluilla, sem lhe dar algum cuidado o Imperio. Abandonou o Franco Condado , e quasi todas as Cidades conquistadas nos Paizes Baixos, Valenciana, Bouchain, Cambrai, Aire, Sant'Omer, Ipres, Menin, Cassel, Charlemot, &c. Nova prôva da fraqueza desta vasta Monarquia.

Foi necessario ainda algum tempo para se fazer o ajuste com o Imperio , porque a França queria que se entregasse tudo á Suecia: no que não queriaõ consentir os alliados do Nôrte. Mas porém o Imperador se desanexou delles , e fez o seu Tratado em 5 de Fevereiro de 1679, conforme ao de Munster, excepto que a França em lugar de Filipsburgo ficou com Friburgo. Correndo o mesmo anno, con-

Paz com Hespanha, que perdo muito.

Paz com o Imperador, com o Elitor de Brandeburgo, e con. Dinamarca.

cluí-

cluíraõ em fim o Eleitor de Brandeburgo, e a Dinamarca. Suecia ficou perdendo pouca cousa. O seu Rei, Carlos XI., ficou todavia taõ indignado por causa do que ficou perdendo, que conservou sempre huma paixãõ forte contra Luiz XIV., de quem esperava hum zelo mais generoso.

Erros da
França a
respeito da
Suecia,
sua alliada.

Tratando França, segundo o Abbade de Mably, dos interesses da Suecia, commetteo erros consideraveis. “ Primeira-
mente não devia tratar da sua paz com
o Imperador, sem concluir ao mesmo
tempo a paz do seu alliado; porque o
primeiro interesse de huma Potencia do-
minante, que faz a guerra com feliz suc-
cesso, he fazer respeitar, procurar,
e amar a sua alliança. Em segundo lu-
gar, depois de impôr Leis aos seus ini-
migos, devia antes renunciar as suas
utilidades proprias, do que permittir
que o seu alliado fosse obrigado a fa-
zer a menor cessãõ, pois não ha con-
quista alguma que seja equivalente á
reputaçãõ de ser generoso, e bom ami-
go. ” (*Droit public de l'Europe.*)

O Duque
de Lorena
fica voluntariamente
sem Esta-
do.

Em virtude do seu Tratado com Leopoldo, obrigava-se El-Rei Luiz a restabelecer o Duque de Lorena, reservando porém para si a conservação de Nanci, e as estradas públicas. O Duque preferio antes ficar sem estados, do que estar por se-

femelhantes condições. Veremos como seu filho Leopoldo, Pai do Imperador Francisco I., entra novamente em Lorena pelo Tratado de Ríswick.

Fim do Tomo oitavo.



S U M M A R I O

DAS MATERIAS DESTE OITAVO VOLUME.

DUODECIMA ÉPOCA.

H E N R I Q U E IV.

AS INFELICIDADES DA FRANÇA REPARADAS
POR HUM BOM REI.

*Des do anno de 1589 até o ministerio do
Cardeal de Richelieu em 1624.*

CAP. I. *Guerra de Henrique IV. contra os conspiradores. --- Abjura Henrique o Calvinismo, e a Liga se affrouxa.*

DIREITO de Henrique IV. á Coroa. Suas excellentes qualidades. Obstaculos da sua Religião. O Duque de Mayenna, Chéfe da Liga. Batalha de Arques; e d'Ivri. Bloqueio de Pariz. Excesso da Sorbona, do Parlamento, &c. Bondade do Rei para com os Parisienses. Pariz libertada por Alexandre Farneze. Triste situação de Henrique. Invasão do Duque de Saboya. Gregorio XIV. defende os conspiradores. Os Desasseis á força de attentados alcançam o castigo. Ruaõ sitiada por Henrique. Obriga o Duque de Parma a Henrique a levantar o sitio. Morte deste grande General. Bouchage, duas vezes Capuchinho. A Corte de Roma, e Philippe II. empenhaõ-se em fazer eleger hum Rei de França. Queixa-se Henrique que o impedem de

de converter-se. Henrique determiná-se repentinamente, e abjura o Calvinismo. Com tudo, o fanatismo ainda o persegue. Crime de João Chatel. Desterro dos Jesuitas. A razão, e o ridiculo empregados utilmente contra a Liga.

CAP. II. *Absolvição do Rei em Roma. --- Tratado de Vervins. --- Fim de Filippe II. --- Estado da Hespanha, e do Imperio.* 13

Henrique IV. absolvido finalmente por Clemente VIII. Com que condições. Os principaes da Liga, sujeitos depois de novos esforços. Henrique, fiel a todas as suas promessas. Successos da guerra com a Hespanha. Sujeição de Mercœur. Os Calvinistas inquietão o Rei. Edicto de Nantes. Filippe II. cansado de huma guerra prejudicial. Henrique trata separadamente. Paz de Vervins. Morte de Filippe II. Seu caracter. Sua tyrannia. Suas vastas emprezas, sem successo feliz. Como a Hespanha se acha arruinada pelos thesouros da America. A Hespanha declina sensivelmente no tempo de Filippe III. O ramo imperial frouxo no tempo de Rodolfo II. Gebhardo Eleitor de Colonia, Calvinista deposto. Clemente VIII. apropria-se de Ferrara, e Comaquio.

CAP. III. *Principia França a prosperar. --- Fim do reinado da Rainha Isabel. --- Seu governo sábio, e prudente.* 22

Sulli, digno Ministro de Henrique IV. Amores do Rei. Expõe-se o Ministro por zelo a huma desgraça. Guerra, e paz com o Duque de Saboya, usurpador de Saluce. O Marechal de Biron criminoso obtinado, castigado. Desgraça, e morte do Conde de Essex, valido de Isabel. Morte de Isabel. Nenhumas guerras civis no tempo do seu reinado. Grandeza, que se dava então á prerogativa. Tribunaes arbitrarios. Como Isabel suppria a medio-

diocridade dos subsidios. Isabel era todavia amada pelos seus vassallos. Seu projecto de abater a Casa de Austria. Os tres Reinos unidos no Reinado de Jacques I. Quanto adquirião os tres Reinos por meio da industria. Tratado a favor da Hollanda.

CAP. IV. Fim do Reinado de Henrique IV. --- Negocios de Veneza, Hollanda, e Hespanha 31

Diversas conspirações contra Henrique IV. Henrique IV. restabelece os Jesuitas no Reino, apezar de Sulli, e do Parlamento em que se podia temer esta sociedade. Turcos, Bispos, e Papas em disputas. A República de Veneza desavinda com Paulo V., por ter usado dos seus direitos. Interdicto sobre a República. Henrique IV., medianoiro. Negocios de Hollanda. Mauricio, Principe de Orange, defende a guerra contra a Hespanha. Famoso sitio de Ostende. Os Spinolas. Progressos admiraveis dos Hollandezes. Reconhece Philippe III. a sua independencia. Os Mouriscos desterrados de Hespanha. Insolente Decreto dos Inquisidores. Consequencias do Edicto contra os Mouriscos. Em lugar de os perder, os teriaõ podido converter. Projecto da *República Christã* por Henrique IV. Liga se Henrique contra a Casa de Austria. Meios, que Henrique tinha para ter feliz exito. Henrique IV. he assassinado por Ravillac.

CAP. V. Descripção do Governo de Henrique IV., e da administração de Sulli. 42

Estado horroroso da França no principio deste Reinado. Qualidades necessarias para o Rei. Henrique fazia-se adorar, e venerar pelas tropas. Mas tudo respirava a independencia. O que custou para grangear os sedicentos. Sulli, necessario para o governo. Desperdicios dos erarios. Pessimo systema,

ma , que se estabelece nesta Junta. Sulli , Superintendente. Quanta miseria pública acha Sulli. examina Sulli , e descobre todos os abusos. As tuas operações , e successos felices. Intrigas contra Sulli. O mesmo Rei contrariava algumas vezes as suas idéas. Seus principios , excessivos a respeito de certos objectos. A agricultura animada , ponto essencial. Manufacturas de seda. Causa da ruina dos Estados , conforme Sulli. Connexão mutua dos bons costumes , e das boas Leis. Poder do Principe annexo á felicidade do Povo. Projecto de reformar a justiça. Suppressão de empregos. Querria Henrique , manter a boa ordem , e a paz na Igreja. A rainha oppunh-o ainda infinitos obstáculos. A nobreza coarctada. Monumentos uteis deste Reinado. Nada faltou mais do que o tempo.

CAP. VI. *Desordens , tumultos , e guerras civis nos principios do Reinado de Luiz XIII.* 58

Depois da morte de Henrique IV. , tudo annuncia infellicidades. O Duque de Epernon no Parlamento. Edicto , pelo qual se differe a Regencia á Rainha. Concini , e sua mulher , poderosissimos. Conselho occulto. O systema do ultimo Reinado , destruido. Deixa Sulli a Corte. Sulli appareceu outra vez na Corte , onde foi escarnecido. Rebelião do Principe de Condé. Estados geraes , juntos em 1614. O Cléro , e a Corte oppõe-se a huma boa Lei. Representações do Parlamento mal recebidas. Nova rebelião de Condé. Este Principe he enganado , e preto. Luinez , valido , competidor de Concini , morto por mandado dos Grandes. Galigai , executada por feiticeira. Donde procedia a credulidade a respeito da magica , e Astrologia. Grande fortuna de Luinez. Guerra , e ajuste com a Rainha Mãe. Inquietados os Huguenotes , pretendem estabelecer huma República. Sião de Montobão. Morte de Luinez. Continuação da guerra. Os rebeldes recompensados.

CAP. VII. *Tumultos da doutrina de Arminio em Hollanda. --- Reinado de Jacques I. em Inglaterra. --- Fernando II. opprime o Eleitor Palatino, e ameaça a liberdade Germanica.* 68

As diffensões religiosas, mais fortes do que nunca. Arminio, e Gomar em Hollanda. Approveita-se Mauricio de Orange da disputa para perder Barneveldt. Perseguição pasmosa. Não deixão os Holandezes de engrandecer-se. Caracter de Jacques I. Rei de Inglaterra. Conjuração das polvoras. Vãs tentativas para restabelecer o Episcopado em Escocia. Jacques compromette a authoridade, a força de a querer ampliar. Não tendo Jacques economia, o Parlamento se anima. Somerset, e Buckingham. Praças entregues a Hollanda. Movimentos dos Protestantes do Imperio. Rodolfo II., despojado por seu irmão Mathias. Morte do Imperador. Soblevações dos Bohemios no Reinado de Mathias. Augmenta-se o mal, e se communica. Fernando II. succede a Mathias, seu primo. Fernando II., deposto pelos Bohemios. O Eleitor Palatino acceita imprudentemente esta Coroa. Perde Frederico a batalha de Praga. Acommette Fernando o Palatinado, e tudo destroe. Erros que Jacques I. comette. Os Communs chegam a ser mais atrevidos. O Eleitorado do Palatino conferido ao Duque de Baviera. O Conde de Tilly faz tremer Alemanha.

CAP. VIII. *Conjuração de Veneza. --- Observações a respeito da Hespanha,* 81

Filippe III. e o Duque de Lerma. Conjuração Hespanhola contra Veneza. Nobreza offerecida aos cultivadores. Morte de Philippe III. Philippe IV. governado por Olivares. Ordenação para dar remedio ás desgraças da Hespanha. Importa reflectir a respeito da ruina deste Reino. Obstaculos á sua povoação, especialmente da parte da Inquisição. Obstaculos á Agricultura, e ao Commercio interior.

rior. Sem Commercio interior, a Agricultura devia descahir. A decadencia da Agricultura traz consigo a das manufacturas. Desprezo, em que os Heipanhos tinham a charrua, as Artes, e os Offícios. As suas riquezas eraõ consequentemente para os estrangeiros. Ostentação da Corte, opulencia da Igreja; Estados muito remotos, e mal administrados. Despotismo, e ignorancia. A Hollanda prevalece a Hespanha.

DECIMA TERCEIRA ÉPOCA.

MINISTERIO DO CARDEAL DE RICHELIEU.

ABATIMENTO DA CASA DE AUSTRIA. --- O
PARLAMENTO DE INGLATERRA DÁ LEIS
A OSOBERANO.

*Des do anno de 1624 até o principio do
Reinado de Luiz XIV.*

CAP. I. *Primeiros annos do Ministerio de Richelieu.
--- Tomada da Rochella. --- Intrigas, e rebel-
liões.*

91

Idéa geral desta Epoca. Como Richelieu chega a alcançar o Ministerio. Grandes idéas politicas, mas nenhuma economica. Negociações para o casamento do Principe de Galles com hum Infante. Aliança de Inglaterra com a França. Morte de Jacques I. Bil notavel. Guerra de Valtelina. França acabou a guerra de Valtelina com vigor. Liga com Hollanda. Paz com os Huguenotes. Richelieu ul-

trajado , mas firme nos seus projectos. Buckingham arma Inglaterra a favor dos Huguenotes. Richelieu põe cerco á Cidade da Rochella. Sitio memoravel. Rende-se a Cidade no fim de onze mezes. Quão difficullosa foi esta conquista. Paz com os Calvinistas , que conservaõ a liberdade de Religião. Guerra de Mantua gloriosa para a França. Ambas as Rainhas se empenhaõ em perder Richelieu , mas inutilmente. Vinga-se Richelieu em Marillac , e na Rainha Mãi. Rebelião de Gastaõ. Montmorenci degollado.

CAP. II. *Rebelião dos Alemães contra Fernando II. por causa do seu despotismo. --- Estado do Nôrte. --- Gustavo Adolfo unido com a França. --- Successos desta guerra até 1635.* 103

Quão tremendo se tinha feito Fernando II. para Alemanha. Christina IV. declara-lhe por algum tempo a guerra. Mansfeld. Tilli , e walfstein. Paz com Dinamarca. Nôvos golpes do despotismo de Fernando. Edicto contra os Protestantes. Animaõ-se os Estados novamente a favor da liberdade. Execuções no Imperio. Dieta de Ratisbonna contrária ao Imperador. Descontentamento pelo Edicto de restituição. Depois de Gustavo Vaza nada de interessante no Nôrte. Erico , deposto em Suecia. João , Catholico , mas sem successo. Sigismundo , deposto por zelo de catholico. Carlos IX. Pai de Gustavo Adolfo. Revoluções na Russia. Muitos falsos Demetrios. Principios gloriosos de Gustavo Adolfo. Mouvos , que o decidem para a guerra contra Fernando. Tratado da França , e da Suecia. Grandes qualidades de Gustavo. Successo admiravel da primeira Campanha. Os Protestantes unidos com Gustavo Adolfo depois de rejeitarem a união. Segunda Campanha. Tilli , morto. Tinha Tilli escurecido a sua gloria em Magdeburgo. Rechassa walfstein os Succos. Batalha de Lutzen , em que morreo Gustavo. Gustavo amava a doutrina de Grocio. Festas ignominiosas pela morte des-

deste Heróe. Competencia do Eleitor de Saxonia, e de Oxenstiern. Conspiração, e morte de Walstein. Os Suecos vencidos, e derrotados em Nordlingue. Manda-lhes Richelieu tropas. Crime, que os Catholicos zelosos fazião desta guerra. Tratado de Praga entre o Eleitor de Saxonia, e o Imperador. Os Protestantes entraão no mesmo Tratado depois de grandes queixas. Cede França a Alsacia a Weimar. O Duque de Orleans unido com o Duque de Lorena. O Duque de Lorena castigado. Casamento de Gastão, annullado.

CAP. III. *Guerra da França com toda a Casa de Austria. --- Revoluções de Catalunha, e Portugal.* 119

Intento de acometter toda a Casa de Austria. Estava a Hespanha abatida pela Hollanda. Frederico Henrique Stathouder. Liga com os Hollandezes. Declaração de guerra a Hespanha. Ediçtos pecuniarios, que não são equivalentes á economia. Primeira Campanha, em que a França não tem successo feliz. Os Hespanhoes no Reino. Sitios de Dola, e de S. João de Lona. Intrigas contra Richelieu. Intrigas do Padre Caussino. Os Jesuitas suspeitos ao Cardeal. Continuação da guerra. Processo do Duque de Valetta. Morte de Fernando II. Eleição de Fernando III. Successos da guerra em Alemanha. Batalha de Rheinfeld. Frotas Hollandezas, victoriosas da Hespanha. Vexada a Catalunha facode o jugo Hespanhol. Perde Philippe IV. Portugal. O Duque de Bragança, Rei sem effusão de sangue. Comò esta noticia chega aos ouvidos de Philippe. Conspiração em Napoles. Tomada de Turin pelo Conde de Harcourt. Tomada de Arras. Viena salvada por Piccolomini. Tratados de má fé infructuosos. Alliança renovada entre França, e Suecia. Preliminares da paz de Westphalia. Torstenson, General Sueco.

CAP. IV. *Fim do Cardeal de Richelieu, e de Luiz XIII.*

131

O Cardeal de Richelieu abominado. Rebelliaõ do Conde de Soissons, &c. Nomea Richelieu Cinqmars para valido do Rei. Cinqmars se conjura para a perda do Ministro. Não se duvidou do successo; quando tudo se muda á satisfação de Richelieu. Processo de Cinqmars, e de Thou. Gastaõ, e o Duque de Bulhon pouco castigados. Dito do Rei, e do Ministro. Morte de Richelieu. Morte de Luiz XIII. Infelicidade, que a ambição traz consigo.

CAP. V. *Reinado de Carlos I. em Inglaterra, até a guerra do Parlamento.*

137

Idéa geral deste Reinado. A imprudencia de Jacques I., origem dos tumultos. Carlos I. indis põe o Parlamento. Procedimentos violentos, sustentados com frouxidaõ. Segundo Parlamento em que os Commons mostraõ maior attrevimento. Petição de direito, fatal para a prerogativa. Proibições para se pagar hum direito estabelecido. Annulla o Rei o Parlamento, do qual pretende livrar-se. Imposto dos navios. Processo de Hambden a este respeito. Fanatismo dos Puritanos. Carlos, Theologo obstinado, favoravel para o Episcopado, e governado por Laud de Cantuaria. Ceremonias de Laud, que o Rei pretende estabelecer em Escossia. A convenção, ou Liga dos Escossezes. Declara Carlos guerra aor Escossezes. Carlos convoca o Parlamento, e o annulla depois. Falsos procedimentos deste Principe. Quatro Parlamientos abolidos. Quinto Parlamento. Os Commons daõ as Leis. Processo do Conde de Strafford. Carlos abandona os sediciosos. Sorte de Laud. O Parlamento poderosissimo. Despede o Parlamento, e recompensa o Exercito de Escossia. Os Irlandezes fanaticos, e sediciosos. Os Irlandezes maraõ cruel-

cruelmente os Protestantes. Pede o Rei o soccorro do Parlamento contra estes rebeldes. Movimentos sediciosos dos Inglezes.

CAP. VI. *Guerra civil contra Carlos I. --- Morre Carlos n'hum cadaualso.* 150

Vai o Rei accusar em pessoa cinco Membros do Parlamento. O Rei he insultado. Dispõe o Parlamento dos postos militares. Manifestos antes da guerra civil. Moderação do Rei. Forças de ambos os partidos. Successos da guerra. Declara-se como fanaticos a favor do Parlamento. Tregoa com Irlanda. Parlamento de Oxford. Os Independentes. Cromwel distincto entre os independentes. Acto de renunciação de si mesmo, favoravel para a ambição de Cromwel. Refórma do Exercito. Carlos vencido em Naseby. Publicação-se as suas cartas para a Rainha. Entrega-se Carlos aos Escossez que o vendem. O Exercito livra o Rei, e sujeita o Parlamento. Cromwel medita a morte do Rey. Offerecimentos deste Principe rejeitados. Pretendem defender a Carlos, e são vencidos. O Parlamento reduzido por força aos Independentes. Processo de Carlos I. Declara-se que toda a authoridade consiste no Povo. O Rei perante os seus Juizes. Carlos he condemnado, e executado. Este Reinado he hum grande lição, assim para os Principes, como para os vassallos.

CAP. VII. *Observações a respeito do governo, e costumes; a Religião, e a Igreja; as Sciencias, e a Literatura.*

I. *Progresso do Governo Monarquico, particularmente em França.*

Seguir os progressos dos Governos. Particularmente a Monarquia Franceza. Este exame nada tem, que util não seja. Qual era a authoridade de Clovis. Terras do Dominio, distribuidas aos Officiaes.

ciaes. Juntas nacionaes ; influencia do Principe. Nenhuma justiça , e por conseguinte muitas violencias. Christianismo dos Francos , cheio de superstições. Confusão perigosa do sagrado com o profano. Causas de revolução , no tempo da primeira descendencia. Carlos Magno reforma o Estado. A sua ambição servio de obstaculo. Independencia do Clero depois de Carlos Magno. Usurpações dos Cavalleiros , e Governo feudal. Infellicidades , que resultão do Governo feudal. Fim da segunda descendencia. Hugo Capeto reunio á Coroa o Ducado de França. Herança da Corte. A Cruzada util para Filippe I. Estabelecimento das Communidades municipaes. Progresso da justiça Real. O direito Romano chega a ser utilissimo á Coroa. Poder legislativo , que S. Luiz tinha. Authoridade dos Jurisconsultos. Como os Jurisconsultos contribuem para o progresso da authoridade Real. Recepção do Terceiro Estado nos Estados Geraes. Diminuição do poder Ecclesiastico. Infellicidades do Rei João. Recupera Carlos V. a authoridade. A authoridade descahe no Governo de Carlos VI. , mas para exaltar-se em breve tempo. Exercito sobistente , e direito da talha perpetuo no Reinado de Carlos VII. Luiz XI. se constitue absoluto. Os seus Successores são verdadeiramente Monarcas. Nenhuns Estados Geraes no Reinado de Francisco I. Estabelece-se no Reinado de Henrique IV. Governo do Cardeal de Richelieu. Seus excessos de authoridade. Sementes de rebellião , que Richelieu deixa depois de si. Todas as Monarquias tiverão pouco mais , ou menos os mesmos grãos.

II. Governo dos Suíffos , e da Hollanda.

A tyrannia traz consigo a liberdade. Origem da Liga Helvetica. Felicidade dos Suíffos , fundada nos costumes. Os Suíffos não tem que temer. Aliados , e pacificos a pezar da differença de religião. Livraão-se os Suíffos da corrupção. A Hollanda

mudou de costumes. Vícios intrinsecos do seu Governo. Dignidade de Stathouder. Seus excessivos direitos. Os primeiros Stathouders foraõ Cidadãos. Revolução a respeito da dignidade de Stathouder. Os Hollandezes expostos por causa dos seus costumes. Vejamos as outras Républicas.

III. *Revoluções nos costumes.*

Influencia reciproca dos costumes , e governos. As Cruzadas deraõ principio a huma mudança de costumes , augmentada pela Cavallaria. Amor , grande movel da Cavallaria. Galanteios inspirados pelos Poetas. Os costumes civilitados pelas mulheres ; mas com infinitos inconvenientes. Corrupção procedida de Italia. Vícios da Corte. O fanatismo mantem a atrocidade dos antigos costumes. Pouco luxo ainda , e pouco estudo entre a Nobreza. O uso arraigado dos duelos servio sómente para os multiplicar. Era necessaria huma nova revolução nos costumes. A França era mais propria para esta revolução , do que o resto da Europa.

IV. *Declinação do poder da Corte de Roma.*

A Corte de Roma pouco formidável. Urbano VIII. tinha com tudo augmentado o Estado. Castro tomada aos Francezes. Richelieu differente , e reconciliado com o Papa. Preoccupações ultramontanas no Cléro de França. O Cardeal de Perron. Juramento dos Bispos a respeito do Concilio de Trento. Richer perseguido pelo Cardeal de Richelieu. Reflexão util para os escravos das preoccupações. Progresso , e decadencia das preoccupações de Religião. Bons Livros condemnados , por não serem do agrado de Roma. Contrariedade dos pareceres a respeito dos Livros , digna de reflexão. Occupa-se a Corte de Roma com titulos. Requerimento dos Cardeaes para a *Eminencia*. Disputa singular dos Capuchinhos com os outros Franciscanos. Bullas a este respeito.

V. *Theologia, Casuistas, Disputas funestas.*

Theologia Escolastica no tempo de Erasmo. Os Protestantes fazem renascer melhores estudos. Com tudo a pessima Theologia Escolastica se perpetuou. Donde procedêrao discordias funestas. Disputas violentas a respeito da Conceição immaculada. Os Jesuitas contra os Dominicanos. Systemas a respeito da Graça. Molina, e a sciencia media. Congregações de *Auxiliis*. Prognostico de Henriques Jesuita contra o Molinismo. Causa de Baio. Obstaculo dos Doutores de Louvain. O Livro de Jansenio renova a disputa. Denuncia-se a sua doutrina, e Innocencio X a condemna. As cinco proposições. Os Jansenistas abusaõ da authoridade. Os seus adversarios não eraõ dotados de prudencia. Theologia Moral. Como se ensinava antigamente a Moral Os Escolasticos a desfiguraõ. Por que razãõ se multiplicaõ os Casuistas. Distinção dos peccados em mortaes, e veniaes. Relaxação, fructo da doutrina dos Casuitas. Os Casuitas pozeraõ tudo em problema. Probabilismo. Moral dos Philosophos antigos mais pura. Perdem-se os Jesuitas nesta carreira. Cartas Provinciaes. Excessos dos Rigoristas. Infellicidades, que resultaõ da contrariedade das decisões. O espirito de disputa entre os proprios Missionarios. Quasi todas as disputas de Religião, originadas nos Claustros. Multiplicação das Ordens Religiosas no seculo décimo sexto.

VI. *Sciencias, e Literatura.*

Em que consistio muito tempo a Sciencia. A Philosophia não consistia senão em absurdos. Principio dos verdadeiros Philosophos. Francisco Bacon. Descartes. Seu Methodo. Seus erros. Gassendi. Galileo. O seu Telescopio, e os seus descobrimentos na Astronomia. Perseguições annexas á sciencia. Galileo perseguido pela Inquisição. Decreto memoravel dos Inquisidores. Este Decreto he hum boa lição. O Cardeal Bentivoglio a favor dos Phi-

Iosophos. Outros descobrimentos de Galileo. Torricelli. O Microscopio: o pelo do ar. Todas as Sciencias farão progressos. Pedantismo ainda muito commum. Serviços dos eruditos. Blondel, e os Jurisconsultos Francezes. Pessimo gosto em Italia, e Hespanha. Shakespear, e Milton. O Cardeal de Richelieu anima a litteratura. Balzac, e Voiture. Malherbe, Pedro Corneille. A lingua he quasi estabelecida. Preocupações sempre sobistentes. Processo de Urbano Grandier. As Bellas-Letras devião preceder ás Sciencias. Bellas Artes.

DECIMA QUARTA ÉPOCA.

L U I Z XIV.

L I V R O I.

Des da exaltação de Luiz XIV. em 1643, até a guerra de 1667.

CAP. I. *Continuação da guerra contra a Casa de Austria. --- Tratado de Westphalia em 1648.* 250

A Europa agitada com tumultos, e guerras. Anna de Austria, Regente em França. O Cardeal Mazarino, primeiro Ministro. As individuações militares infinitas, e superfluas. Ministerio de Hespanha. Entrão os Hespanhoes em França. O grande Condé vencedor em Rocroi. Toma Condé Thionville, e passa para Alemanha. Batalha de Friburgo. Outras expedições. Turenne, vencido em Mariendal. Batalha de Norlingue. Tomada de Dun-

Dunkerque. Batalha de Lens em 1648. Guerra em Italia, motivada pelos Barberinos. Philippe IV., opprimido com a guerra. Faz Philippe a paz com Hollanda, que abandona a França por politica. Soblevação em Napoles, e Sicilia. O Duque de Guiza, acclamado Doge. Pessimo successo da sua empreza. Os Napolitanos incapazes de liberdade. Negociações de westphalia. Interesses, que demoravaõ a sua conclusão. Campanha fatal para os Imperiaes. Tratado de Westphalia. Satisfações para França; Suecia; Brandeburgo; para os Duques de Meckelburgo; para os Duques de Hannover; para o Landgrave de Hesse-Cassel; para o Palatino, oitavo Eleitorado; para os Suissos, para os Estados do Imperio. Regulamento a respeito da Religião no Imperio. Governo público do Imperio. Roma, e Hespanha oppostas ao Tratado. França, e Suecia estabelecêraõ o Direito Germanico. O que contribue mais para o feliz successo. A liberdade Germanica pouco conhecida entre o Povo

CAP. II. *Guerra civil em França contra Mazarino. -- Continuação da guerra com Hespanha.* 268

Odio contra o Cardeal Mazarino. Pessimo estado dos Erarios. Emeri Superintendente. Edictos pecuniarios. Resolução de união annullada; e o Ministro ridiculizado. Occasião das trincheiras. O Coadjutor Chêfe de rebellião. A ridicularia, e galanteio na guerra civil. Príncipes presos. Mazarino desterrado pelo Parlamento. Volta Mazarino para o Reino, e a sua cabeça he posta a preço. Sentença contra o grande Condé. Condé, e Turenne hum contra o outro. Fim da Critica. Mazarino triunfante. Os *petitsmaitres*. Utilidades dos Hespanhoes no tempo da guerra civil. Arras salvada por Turenne. Tratado da França com Cromwel. Continuação da guerra. Batalha das Dunas vencida por Turenne, tomada de Dunkerque.

CAP. III. *Répubblica de Inglaterra no tempo de Cromwel.* 273

Diferença da guerra civil em França, e Inglaterra. Retrato de Cromwel. Sobjuga Cromwel os Irlandezes; depois os Escoczezes. Carlos II. em Escócia. Batalha de Dumber. Batalha de Worcester. Fugida do Rei. Cromwel General em Chêfe. República Ingleza. Auto de navegação. Guerra com Hollanda. Expulsa Cromwel o Parlamento. Outro Parlamento estabelecido, e annullado por Cromwel. Concedem-lhe o titulo de Protector. Novo Parlamento sobjugado. Cromwel opprimindo o Estado, o faz respeitar. Conquista da Jamaica. Blake, grande homem. Mazarino lisongea a Cromwel com baixeza. Parlamento favoravel. Cromwel recusa a Coroa. Pensamentos de Voltaire a este respeito. Inquietações, e morte do Protector. Singularidades deste homem extraordinario. Os Quakers fanaticos ao principio. Ricardo Cromwel pouco tempo Protector, e a sua abdicção. O Rump Parlamento fantastico. Estado infeliz de Inglaterra. Impostos no tempo de Cromwel. Deseja-se o restabelecimento da dignidade Real.

CAP. IV. *Reinado, e abdicção de Christina, Rainha de Suécia.* 293

Objectos do presente Capitulo. Principios do reinado de Christina. Grocio em França, e Suecia. Gostos de Christina, que não admittem demora na paz de Westphalia. A Corte cheia de Sábios. Morre Descartes nesta Corte. Os Suecos descontentes das fantesias da Rainha. Não quer Christina casar. Christina nomea o Conde Palatino para seu Successor. Michon, e Pimentel, validos de Christina. O aborrecimento a obriga a abdicar em 1654. Sua carta a Chanut, Embaixador de França. Outra carta ao grande Condé. Seus sentimentos pouco dignos de elogios. Sua partida, e sua abjuração. Ambas as suas viagens de França. Assassínio do

do seu Estribreiro-Mór. Ambas as suas viagens para Suecia. Christina pouco attendida em Roma.

CAP. V. *Paz dos Pyreneos em 1659, e de Oliva em 1660. --- Restauração da Monarquia Inglesa. --- Morte do Cardeal Mazarino.* 303

Interregno depois da morte de Fernando III. Luiz IV. hum dos pretendentes do Imperio. Eleição de Leopoldo. Alliança do Rhin. Tratados de paz com Hespanha. Mazarino, e Haro na Ilha dos Faixas. Tratado dos Pyreneos. Casamento da Infante, que terá grandes consequencias. Depois da morte de Carlos X., Tratado de Oliva. Poder absoluto, concedido ao Rei de Dinamarca Frederico III. Este poder empregado com prudencia. Revolução subita em Inglaterra. O Conselho militar tinha-se assenhoreado do governo. Manda Monk convocar hum Parlamento livre. Restabelecimento da Monarquia. Carlos II. sobe ao Throno. Processo de alguns Republicanos. Tudo se ordena á satisfação do Rei. Dous grandes defeitos de Carlos. Carlos, por falta de economia, vende Dunkerque. Morte de Mazarino. Estabelecimento da sua familia. Os Tratados de paz, constituem a sua gloria. Se são necessarios grandes talentos para hum Ministro.

CAP. VI. *Luiz XIV. faz-se respeitar entre os Estrangeiros, e florescer o seu Reino. --- Negocios da Europa até o anno de 1667.* 315

Luiz XIV. parecia pouco capaz de governar. E todavia governa. Colbert, Successor de Fouquet nos Erarios. Defeitos do Rei. Obriga Luiz. XIV Hespanha a reconhecer a superioridade da Coroa. Negocio do Duque de Crequi em Roma. Humiliação do Papa. Tratado de Pisa em 1664. A Europa tinha tudo que recear de Luiz. Tratado singular com o Duque de Lorena. Trabalhos de Dunkerque. Soccorros concedidos a Leopoldo contra

os Tureos. Soccorro concedido a Portugal contra Hespanha. Guerra entre Inglaterra, e Hollanda. Luiz a favor dos Hollandezes. Marinha de França. Calamidades em Inglaterra. Tratado de Breda. Clarendon injustamente sacrificado por Carlos II. Vantagens do Governo Francez a respeito do Inglez d'aquelle tempo. Restabelece Colbert os Erarios. O Parlamento obrigado a obedecer. Commercio florecente. Abusos, que Colbert não pode reformar. Extracção dos trigos. Questões a respeito de semelhante objecto. Obras públicas. A legislação rectificada, mas imperfeitamente. Academias. Recompensas literarias. Festas de Versalhes. Grandes poetas. Luiz lisonjeado não pode deixar de cometer erros.

É P O C A

D E L U I Z X I V .

L I V R O II.

*Des da guerra de 1667 até a de 1688,
depois da Liga de Augsburgo.*

CAP. I. *Conquistas de Flandres, e do Franco Condado. --- Triplíce alliança. --- Paz de Aquisgran. Sitio de Candia pelos Turcos.* 331

Filippe IV. tinha governado mal a Hespanha. Principios do Reinado de Carlos II. O Padre Nitard, senhor do Governo. Pretensões de Luiz XIV. a respeito de Brabante. Escritos de humia, e de outra parte. Maximas a respeito da soberana authoridade Luiz muito disposto para a guerra. Tratado secreto a respeito da divisaõ da successão de Hespanha. Conquistas de Flandres. Conquista do Francô-Condado. Procedimento do Rei no exercito. Luxo excessivo. Reconhece Hespanha a independencia d Portugal. Affonso VI., o Impotente, privado do Throno. Triplíce alliança, a fim de suspender os intentos de Luiz XIV. Procedimento atrevido de Wit. Van-Beuning mortifica a altivez do Rei. Tratado de Aquisgran. D. João de Austria soblevado pelo Padre Nitard. Perde este Jesuita o seu lugar. Bocaneiros, ou piratas formidaveis para Hespanha. Sua empresa a respeito de Porto Bello. Prosperidade da França. Hum Rei de Polonia vem ser Abbade em França. Soc-

corros mandados para Candia. Candia he tomada pelos Turcos.

CAP. II *Guerra com Hollanda motivada de razões pessimas. --- Luiz XIV. a reduz a extremo em 1672. --- Movimentos da Europa contra Luiz XIV. --- Perde Luiz em breve tempo as suas conquistas.* 342

Quer Luiz vingar-se dos Hollandezes. Suas cautelas. Situação critica do Rei de Inglaterra. A *cabala*, novo Ministerio. Carlos II. entrado em huma Liga por Luiz XIV. O Imperador, Alemanha, e Suecia abandonão a Hollanda. Pretextos para a guerra. Dous partidos na República. Tinha Wit desprezado as tropas de terra. Passagem do Rhin. Tres Provincias conquistadas ao principio. Batalha de Solebay. Hollanda a ponto de perecer. Pede Hollanda a paz. Condições intoleraveis. Desespèração. Mortande cruel dos irmãos de Wit. Guilherme Stathouder. Rompem-se os Diques a fim de se sobmergirem. Move-se a Europa a favor da Hollanda. Erros do conquistador, que segue hum pessimo conselho. Principia Luiz a perder as suas vantagens. Severidade injusta de Louvois. Evacuação-se as conquistas. Os Inglezes inquietão Carlos II. Juramento do Test. Faz Carlos a paz com Hollanda.

CAP. III. *Continua se a guerra de Hollanda, que chega a ser quasi geral. --- Luiz XIV. triunfante. Impõe as condições de paz em Nimegue em 1678.* 355

Quasi toda a Europa contra Luiz. Toma Luiz o Franco-Condado. Motivos de animosidade em Alemanha. O Palatinado assolado por Turenne. Batalha sanguinolenta, e inutil de Senef. Ultimas Campanhas de Turenne. Turenne encontra na sua frente o General Montecuculli. Morte de Turenne. Campanhas do Marechal de Crequi. Confusão

nos successos militares. Rebelião em Sicilia contra Hespanha. Valenzuela, pessimo Ministro Hespanhol. Ruyter, e Duquesne na Sicilia. Messina evacuada em 1678. Conquistas de Luiz em Flandes. Tomada de Valenciana, mais digna de observação. Despreaux, e Racine historiographos li-fonjeiros. O Principe de Orange infeliz na guerra. O mesmo Principe de Orange vencido, e derrotado em Cassel pelo Duque de Orleans. Perdas da Suecia. Tratados de Nimegue. Paz com a Hollanda separadamente. Batalha de Mons depois do Tratado. Paz com a Hespanha, que perde muito. Paz com o Imperador, com o Eleitor de Brandeburgo, e com Dinamarca. Erros da França a respeito da Suecia, sua alliada. O Duque de Lorena fica voluntariamente sem Estados.

Fim do Summario das materias do oitavo Volume.

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
V.8
C.1
ROBA

Not wanted in RB3C

